
O GAMBITO DA RAINHA
WALTER TEVIS
Sevado
CALCADO
Alma Wheatley
(3)per Day
Dr. Talbott
NETFLIX
UMA SÉRIE
ORIGINAL
NETFLIX



A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

O GAMBITO DA RAINHA



O Arqueiro

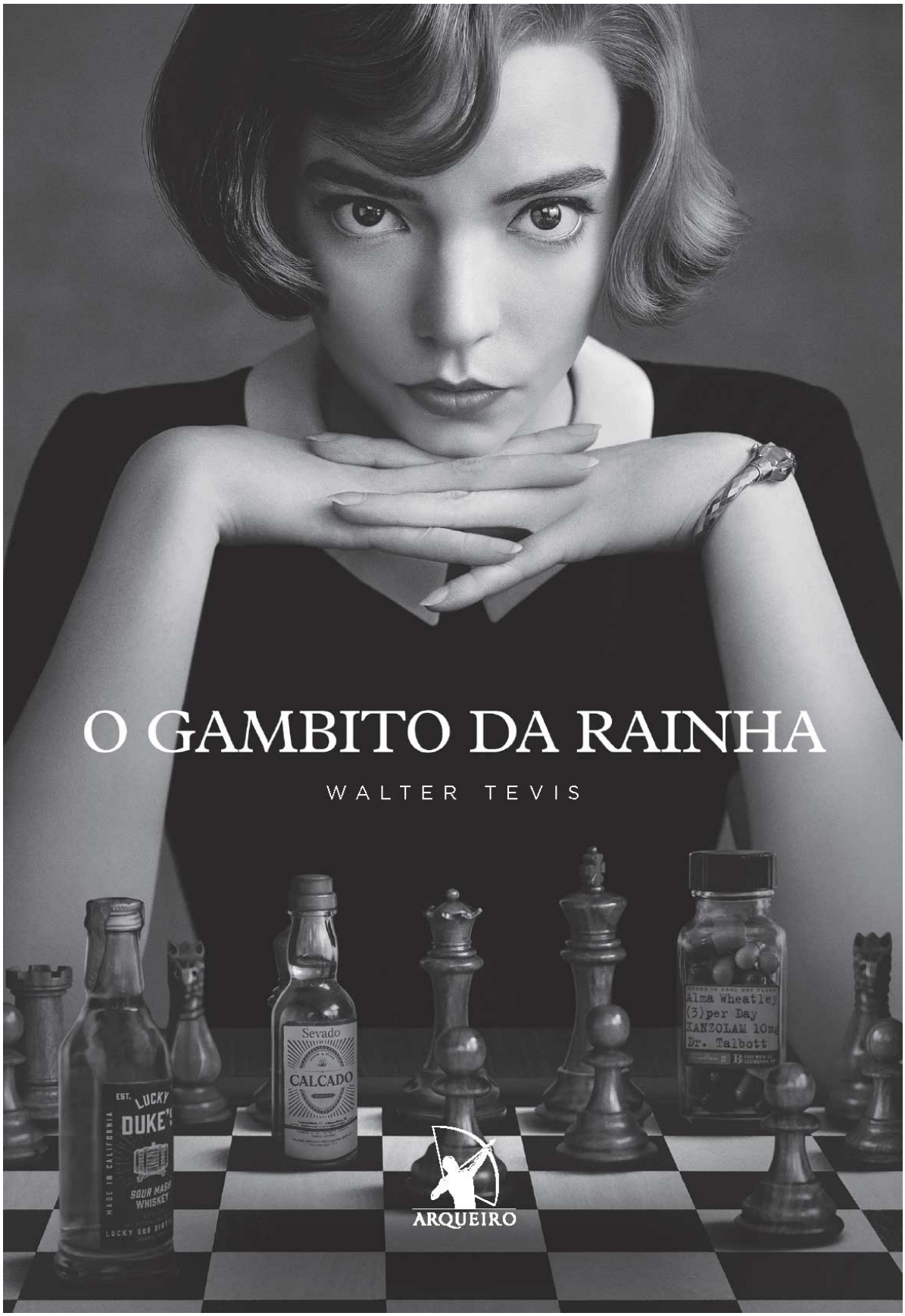
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.


O GAMBITO DA RAINHA
WALTER TEVIS
Sevado
CALCADO
Alma Wheatley
(3)per Day
KANZOLAM 10mg
Dr. Talbott
ARQUEIRO

Título original: *The Queen's Gambit*
Copyright © 1983, 2014 por Walter Tevis
Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicada mediante acordo com Susan Schulman: a Literary Agency, Nova York.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ivanir Calado

preparo de originais: Rafaella Lemos

revisão: Juliana Souza e Suelen Lopes

diagramação: Miriam Lerner | Equatorium Design

imagem de capa: © Netflix 2021. Uso autorizado.

adaptação de capa: Natali Nabekura

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T334g

Tevis, Walter, 1928-1984
O gambito da rainha [recurso eletrônico] / Walter Tevis; [tradução de Ivanir Calado]. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2021.
recurso digital

Tradução de: The queen's gambit
Formato: ebook
Requisitos do sistema: autoexecutável
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5565-167-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Calado, Ivanir. II. Título.

21-70791

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Eleanora

SUMÁRIO

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Catorze

Para que as torres altíssimas sejam queimadas
E os homens se lembrem desse rosto,
Mova-se com suavidade, se mover-se for preciso
Neste local solitário.
Ela – parte mulher, três partes criança – pensa
Que ninguém olha; seus pés
Ensaiam uma dança
Aprendida nas ruas.
Como uma mosca de pernas longas sobre o riacho
Sua mente se move sobre o silêncio.

– W. B. Yeats, "Mosca de pernas longas"

NOTA DO AUTOR

Há anos o magnífico xadrez dos Grandes Mestres Robert Fischer, Boris Spassky e Anatoly Karpov é uma fonte de prazer para jogadores como eu. Como *O Gambito da Rainha* é uma obra de ficção, pareceu prudente omiti-los da lista de personagens, mesmo que apenas para impedir contradições em relação aos registros.

Gostaria de agradecer a Joe Ancrile, Fairfield Hoban e Stuart Morden, todos excelentes jogadores, que me ajudaram com livros, revistas e regras de torneios. E tive a sorte de receber o auxílio caloroso e diligente do Mestre Nacional Bruce Pandolfini, que fez a revisão do texto e me ajudou a evitar os erros relativos a esse jogo em que ele tem um desempenho tão invejável.

NOTA DO EDITOR

Em respeito à escolha do autor, esta edição manteve a notação descritiva para representar as posições e jogadas de xadrez, conforme sua publicação original.



UM

Beth soube da morte de sua mãe por uma mulher com uma prancheta. No dia seguinte, sua fotografia saiu no *Herald-Leader*. Tirada na varanda da casa cinza na Maplewood Drive, a imagem mostrava Beth num vestido de algodão simples. Mesmo nessa época ela era notadamente sem graça. A legenda abaixo da imagem dizia: "Deixada órfã pelo engavetamento de ontem na New Circle Road, Elizabeth Harmon prenuncia um futuro conturbado. Elizabeth, de 8 anos, perdeu sua família depois do acidente que matou duas pessoas e feriu outras. Na ocasião, a menina estava sozinha em casa e ficou sabendo do ocorrido pouco antes de a foto ser tirada. As autoridades dizem que ela será amparada."

• • •

No Lar Methuen, em Mount Sterling, Kentucky, lhe davam um tranquilizante duas vezes ao dia. Faziam o mesmo com todas as outras crianças, para "equilibrar o temperamento". O temperamento de Beth era razoável – até onde dava para ver

–, mas ela gostava de ganhar o comprimidinho. Ele afrouxava alguma coisa lá no fundo do estômago e a ajudava a entorpecer as horas tensas no orfanato.

O Sr. Fergussen entregava os comprimidos num copinho de papel. Junto com o verde, que equilibrava o temperamento, havia um laranja e um marrom, para desenvolver um corpo forte. As crianças precisavam fazer fila para tomá-los.

A garota mais alta era a negra, Jolene. Tinha 12 anos. No segundo dia, Beth ficou atrás dela na Fila da Vitamina e Jolene se virou para olhá-la de cima, carrancuda.

– Você é órfã de verdade ou é bastarda?

Beth não soube o que responder. Estava com medo. As duas permaneciam no final da fila e ela deveria continuar ali até chegarem à janelinha no balcão onde ficava o Sr. Fergussen. Beth tinha ouvido a mãe chamar seu pai de bastardo, mas não sabia o que isso significava. Jolene perguntou:

– Qual é o seu nome, garota?

– Beth.

– Sua mãe morreu? E cadê seu pai?

Beth a encarou. As palavras "mãe" e "morreu" eram insuportáveis. Queria ir embora, mas não havia para onde fugir.

– Seus pais – continuou Jolene numa voz que não era desprovida de solidariedade –, eles morreram?

Beth não conseguiu encontrar nada para dizer ou fazer. Ficou na fila, aterrorizada, esperando os comprimidos.

• • •

– Vocês são todos uns chupa-paus egoístas!

Foi Ralph, na ala dos garotos, que gritou isso. Ela escutou porque estava na biblioteca, e lá havia uma janela virada para o lado dos garotos. Beth não tinha a menor ideia do que era um "chupa-pau". Mas, pelo tom, soube que iriam lavar a boca dele com sabão. Tinham feito isso com ela por causa de "merda" – e sua mãe falava "merda" o tempo todo.

• • •

O barbeiro a fez sentar-se absolutamente imóvel na cadeira.

– Se você se mexer, pode ficar sem a orelha.

Não havia nada de jovial na voz dele. Beth ficou o mais quieta que podia, mas era impossível permanecer completamente imóvel. Ele demorou uma eternidade para cortar o cabelo dela com a mesma franja que todas as outras usavam. Ela tentou se ocupar pensando naquela expressão: "chupa-pau." Só conseguia imaginar um pássaro, como um pica-pau. Mas achou que não era isso.

• • •

O zelador era mais gordo de um lado do que do outro. Seu nome era Shaibel. Sr. Shaibel. Um dia ela foi mandada ao porão para limpar os apagadores de giz batendo-os uns nos outros, e o encontrou sentado num banquinho de metal perto da caldeira, franzindo a testa para um tabuleiro de damas verde e branco. Só que onde deveriam estar as rodelas, havia umas coisinhas de plástico com formatos engraçados. Algumas eram maiores do que outras. Havia mais das pequenas. O zelador levantou os olhos para ela. Beth foi embora em silêncio.

Na sexta-feira todo mundo comia peixe, sendo católico ou não. Ele vinha em quadrados empanados com uma crosta de farinha de rosca escura, marrom e seca, cobertos com um molho grosso cor de laranja, parecido com um molho francês comprado pronto. O molho era doce e horrível, mas o peixe por baixo era pior. O gosto quase a fazia engasgar. Mas era preciso comer tudo, caso contrário a Sra. Deardorff ficaria sabendo e você não seria adotada.

Algumas crianças eram adotadas logo de cara. Uma menina de 6 anos chamada Alice tinha chegado um mês depois de Beth e fora levada três semanas mais tarde por umas pessoas bonitas com sotaque. Elas atravessaram a ala no dia em que vieram buscar Alice. Beth quis abraçá-las porque elas pareciam felizes, mas se virou quando olharam para ela. Outras crianças estavam ali havia muito tempo e sabiam que nunca iriam embora. Se intitulavam "condenadas". Beth se perguntou se ela seria uma condenada.

• • •

A Educação Física era ruim, e jogar vôlei era pior que tudo. Beth nunca

conseguia bater na bola do jeito certo. Ou lhe dava um tapa violento ou a empurrava com os dedos rígidos. Uma vez machucou o dedo tão sério que ele ficou inchado depois. A maioria das garotas ria e gritava quando jogava, mas Beth nunca fazia isso.

Jolene era, de longe, a melhor jogadora. Não só porque era mais velha e mais alta; ela sempre sabia exatamente o que fazer, e quando a bola vinha alta por cima da rede, conseguia se colocar embaixo dela sem ter de gritar para as outras ficarem fora do caminho. Em seguida saltava e dava uma cortada com um movimento longo e suave do braço. O time de Jolene sempre ganhava.

Na semana seguinte, depois de Beth machucar o dedo, Jolene a deteve no final da aula enquanto todas as outras corriam para os chuveiros. Ela disse:

– Deixa eu te mostrar uma coisa.

Em seguida levantou as mãos com os dedos compridos abertos e ligeiramente flexionados.

– Faz assim. – Ela dobrou os cotovelos e elevou as mãos suavemente, envolvendo uma bola imaginária. – Tenta.

Beth tentou, a princípio sem jeito. Jolene mostrou de novo, rindo. Beth tentou mais algumas vezes e se saiu melhor. Então Jolene jogou a bola e fez Beth pegá-la com as pontas dos dedos. Depois de algumas vezes, ficou fácil.

– Agora treina, tá bem? – disse Jolene antes de ir correndo para o chuveiro.

Beth treinou ao longo da semana seguinte, e depois disso não se incomodou mais com o vôlei. Não ficou boa, mas não teve mais medo de jogar.

• • •

Toda terça-feira, depois da aula de Aritmética, a Srta. Graham mandava Beth ir lá embaixo limpar os apagadores. Isso era considerado um privilégio, e Beth era a melhor aluna da turma, mesmo sendo a mais nova. Não gostava do porão. Cheirava a mofo, e ela tinha medo do Sr. Shaibel. Mas queria saber mais sobre o jogo que ele jogava sozinho naquele tabuleiro.

Um dia ela foi lá e parou perto dele, esperando que ele movesse uma peça. A que ele estava tocando tinha uma cabeça de cavalo em cima de um pequeno pedestal. Depois de um segundo, ele levantou os olhos com a testa franzida de irritação.

– O que você *quer*, criança?

Ela normalmente fugia de qualquer contato humano, especialmente com adultos, mas dessa vez não recuou.

– Que jogo é esse?

Ele a encarou.

– Você deveria estar lá em cima, com as outras.

Ela olhou para ele sem se abalar; alguma coisa naquele homem e na determinação com que jogava seu jogo misterioso a ajudou a se agarrar firme ao que queria.

– Não quero ficar com as outras. Quero saber que jogo é esse que o senhor está jogando.

Ele a fitou com mais atenção. Depois deu de ombros.

– Se chama xadrez.

• • •

Uma lâmpada solitária pendia de um fio preto entre o Sr. Shaibel e a caldeira. Beth tomava cuidado para não deixar a sombra de sua cabeça cobrir o tabuleiro. Era uma manhã de domingo. As crianças estavam lá em cima na biblioteca, na catequese, e ela havia levantado a mão pedindo para ir ao banheiro. Fazia dez minutos que estava ali, olhando o zelador jogar xadrez. Nenhum dos dois tinha falado nada, mas ele parecia aceitar sua presença.

O homem olhava as peças durante alguns minutos, imóvel, como se as odiasse, depois estendia a mão por cima da barriga, pegava uma delas com as pontas dos dedos, segurava-a por um momento como se estivesse com um rato morto pendurado pelo rabo, e a colocava em outro lugar. Sem erguer os olhos para Beth.

A menina ficava ali de pé com a sombra preta de sua cabeça no piso de concreto, observando o tabuleiro sem afastar o olhar, atenta a cada jogada.

• • •

Beth tinha aprendido a guardar os tranquilizantes até a noite. Isso a ajudava a dormir. Quando o Sr. Fergussen lhe entregava a pílula comprida, ela a colocava

na boca, embaixo da língua, tomava um gole do suco de laranja enlatado que vinha junto e engolia. Quando o Sr. Fergussen passava para a próxima criança, Beth a tirava da boca e a enfiava no bolso da bata. O comprimido tinha um revestimento duro e não amolecia no tempo em que ficava embaixo da língua.

Nos primeiros dois meses, tinha dormido muito pouco. Ela tentava, deitada imóvel, os olhos fechados com força. Mas ouvia as garotas nas outras camas tossindo, se virando ou murmurando. Às vezes uma plantonista passava pelo corredor e a sombra cruzava sua cama. Ela via, mesmo de olhos fechados. Um telefone distante tocava ou alguém dava descarga no banheiro. Mas o pior de tudo era quando escutava vozes conversando na mesa no final do corredor. Não importava que a plantonista falasse baixinho com a funcionária noturna, não importava quanto fosse delicada, Beth ficava imediatamente tensa e totalmente acordada. Seu estômago se contraía, ela sentia gosto de vinagre na boca e dormir estaria fora de questão pelo resto da noite.

Agora ela se aninhava na cama, permitindo-se sentir a tensão no estômago com certo entusiasmo, sabendo que logo iria passar. Aguardava no escuro, sozinha, monitorando as sensações, esperando a agitação chegar ao ápice. Então engolia as duas pílulas e se recostava até a tranquilidade começar a se espalhar pelo seu corpo como as ondas de um mar morno.

• • •

– O senhor me ensina?

O Sr. Shaibel não disse nada. Ele nem sequer moveu a cabeça demonstrando ter ouvido. Vozes distantes lá em cima cantavam "Bringing in the Sheaves", um hino devocional.

Beth esperou por vários minutos. Sua voz quase falhou com o esforço das palavras, mas ela as empurrou para fora mesmo assim:

– Quero aprender a jogar xadrez.

O Sr. Shaibel estendeu a mão gorda até uma das peças pretas maiores, pegou-a habilmente pela cabeça e a pousou numa casa do outro lado do tabuleiro. Recolheu a mão de volta e cruzou os braços. Continuou sem olhar para Beth.

– Não jogo com desconhecidos.

A frieza na voz teve o efeito de um tapa na cara. Beth se virou e foi embora,

subindo a escada com aquele gosto ruim na boca.

– Não sou uma desconhecida – disse a ele dois dias depois. – Eu moro aqui. – Atrás de sua cabeça uma mariposa pequena girava ao redor da solitária lâmpada, e a sombra pálida atravessava o tabuleiro a intervalos regulares. – O senhor pode me ensinar. Eu já sei um pouco, só de ficar olhando.

– Meninas não jogam xadrez.

A voz do Sr. Shaibel era fria.

Ela tomou coragem e deu um passo mais para perto, apontando para uma das peças cilíndricas sem tocá-la. Em sua imaginação, já tinha lhe dado um nome: canhão.

– Essa aí anda para a frente e para trás, para um lado e para o outro. Até o final, se tiver espaço.

O Sr. Shaibel ficou um tempo calado. Depois apontou para a que parecia ter um limão cortado em cima.

– E essa?

O coração de Beth deu um pulo.

– Nas diagonais.

• • •

Era possível economizar os comprimidos tomando só um à noite e guardando o outro. Beth colocava os que restavam no estojo de sua escova de dente, onde ninguém nunca iria olhar. Só precisava se certificar de secar a escova o máximo possível com uma toalha de papel depois de usar. Ou então de não usar a escova e limpar os dentes esfregando o dedo neles.

Naquela noite, pela primeira vez tomou três pílulas, uma depois da outra. Pequenos calafrios correram pelos cabelos em sua nuca; ela tinha descoberto uma coisa importante. Beth deixou o brilho se espalhar por todo o corpo, deitada em sua cama com o pijama azul desbotado, no pior lugar da ala das meninas, perto da porta do corredor e em frente ao banheiro. Alguma coisa em sua vida estava solucionada: conhecia as peças de xadrez e sabia como elas se moviam e capturavam. Também sabia como sentir aquele alívio no estômago e nas juntas tensas dos braços e das pernas com os comprimidos que o orfanato lhe dava.

• • •

– Certo, criança. Podemos jogar xadrez agora. Eu jogo com as brancas – disse o Sr. Shaibel.

Ela estava com os apagadores. A aula de Aritmética havia terminado e faltavam dez minutos para a de Geografia.

– Não tenho muito tempo.

Beth havia aprendido o movimento de todas as peças no domingo anterior, durante a hora da catequese. Contanto que respondesse à chamada no início, ninguém dava pela falta dela, pois um grupo de meninas vinha do Lar das Crianças, do outro lado da cidade. Mas com a aula de Geografia era outra história. Ela morria de medo do Sr. Schell, mesmo sendo a melhor da turma.

A voz do zelador era fria:

– É agora ou nunca.

– Tenho aula de Geografia...

– Agora ou nunca.

Beth pensou por apenas um segundo antes de se decidir. Tinha visto um velho caixote de leite atrás da caldeira. Arrastou-o até o outro lado do tabuleiro, sentou-se e disse:

– Jogue.

Ele a derrotou em quatro lances, com o que ela mais tarde descobriria se chamar Mate do Pastor. Foi rápido, mas não o suficiente para impedi-la de chegar 15 minutos atrasada à aula de Geografia. Disse que estava no banheiro.

Parado junto à mesa com as mãos nos quadris, o Sr. Schell perguntou à turma:

– Alguma das senhoritas viu esta senhorita no banheiro feminino?

Houve risinhos baixos. Nenhuma mão se levantou, nem mesmo a de Jolene, e Beth já tinha mentido para ajudá-la duas vezes.

– E quantas das senhoritas estiveram no banheiro feminino antes da aula?

Houve mais risinhos e três mãos se levantaram.

– E alguma viu Beth lá? Lavando as mãozinhas, talvez?

Não houve resposta. O Sr. Schell se virou de volta para o quadro, onde estivera listando os produtos exportados pela Argentina, e acrescentou a palavra

“prata”. Por um momento Beth achou que a situação estivesse resolvida. Mas então ele disse, ainda de costas para a turma:

– Cinco deméritos.

Com dez deméritos, você apanhava no traseiro com uma tira de couro. Beth só havia sentido a tira em sua imaginação – que se expandiu por um momento numa imagem de dor e fogo em suas partes macias. Ela levou a mão ao coração, tateando a parte de baixo do bolso em busca do comprimido daquela manhã. Seu medo se reduziu perceptivelmente. Visualizou o estojo da escova de dente, o comprido recipiente retangular de plástico; tinha mais quatro comprimidos lá dentro, na gaveta da mesinha de cabeceira metálica ao lado de sua cama.

Naquela noite ficou deitada de barriga para cima. Ainda não tinha tomado o comprimido que estava em sua mão. Ouviu os ruídos noturnos e notou que eles pareciam mais altos à medida que seus olhos se acostumavam à escuridão. No final do corredor o Sr. Byrne começou a falar com a Sra. Holland, junto à mesa. O corpo de Beth se retesou ao ouvir aquele som. Ela piscou, olhou para o teto escuro lá em cima e se forçou a enxergar o tabuleiro de xadrez com as casas verdes e brancas. Colocou as peças em suas casas iniciais: torre, cavalo, bispo, dama, rei e a fileira de peões à frente. Então moveu o peão do rei das brancas para a quarta fileira. Em seguida avançou o peão do rei das pretas para a frente. Ela conseguia! Era simples. Foi em frente, começando a repassar a partida que havia perdido.

Levou o cavalo do Sr. Shaibel para a terceira fileira. Ele ficou ali, nítido em sua mente, no tabuleiro verde e branco do teto do dormitório.

Os barulhos já haviam se reduzido a um fundo branco, harmonioso, e Beth ficou deitada na cama, feliz, jogando xadrez.

• • •

No domingo seguinte ela bloqueou o Mate do Pastor com seu cavalo do rei. Tinha repassado o jogo na mente uma centena de vezes até a raiva e a humilhação cederem espaço, deixando as peças e o tabuleiro nítidos em sua visão noturna. Quando foi jogar com o Sr. Shaibel no domingo, já estava tudo resolvido, e ela moveu o cavalo como se estivesse num sonho. Beth adorou a sensação de segurar a peça, a cabeça minúscula do cavalo em sua mão. Quando o

colocou de volta no tabuleiro, o zelador fez uma cara feia. Ele pegou sua dama pela cabeça e deu xeque no rei dela. Mas Beth também estava preparada para isso; tinha visto essa jogada na cama, na noite anterior.

Ele precisou de catorze lances para encurralar a dama de Beth. Ela tentou continuar jogando sem a dama, ignorando a perda mortal. Mas ele segurou sua mão, impedindo que ela tocasse o peão que estava prestes a mover.

– Agora você desiste – disse ele com dureza na voz.

– Desisto?

– Isso mesmo, criança. Quando perde a dama desse jeito, você desiste.

Beth o encarou sem compreender. Ele soltou sua mão, pegou o rei preto e o deitou no tabuleiro. A peça rolou para a frente e para trás por um momento antes de ficar imóvel.

– *Não*.

– Sim. Você desistiu do jogo.

Ela queria acertá-lo com alguma coisa.

– O senhor não me disse isso nas regras.

– Não é regra. É espírito esportivo.

Agora ela sabia o que ele queria dizer, mas não gostou.

– Quero terminar – insistiu, pegando o rei e colocando-o de volta no lugar.

– Não.

– O senhor tem que terminar.

Ele ergueu as sobrancelhas e se levantou. Beth nunca o tinha visto de pé no porão – só nos corredores, varrendo, ou nas salas de aula quando lavava os quadros-negros. Agora ele precisava se encurvar um pouco para não bater com a cabeça nos caibros do teto baixo.

– Não – disse ele. – Você perdeu.

Não era justo. Ela não queria saber de espírito esportivo nenhum. Queria jogar e ganhar. Queria ganhar mais do que tudo que já havia desejado. Ela disse duas palavras que nunca havia pronunciado desde a morte da mãe:

– Por favor.

– O jogo acabou.

Ela o encarou furiosa.

– Seu chupa-p...

Ele deixou os braços caírem ao lado do corpo e disse devagar:

– Não tem mais xadrez nenhum. Saia daqui.

Se ela ao menos fosse maior... Mas não era. Beth se levantou e foi andando para a escada enquanto o zelador a observava em silêncio.

• • •

Na terça-feira, quando foi pelo corredor em direção ao porão carregando os apagadores, Beth encontrou a porta trancada. Empurrou-a duas vezes com o quadril, mas ela nem se mexeu. Bateu, a princípio baixinho, depois alto, mas não ouviu nada do outro lado. Foi horrível. Ela sabia que ele estava lá, sentado diante do tabuleiro, que só estava com raiva por causa da última vez, mas não podia fazer nada. Quando ela levou os apagadores de volta, a Srta. Graham não notou que eles não tinham sido limpos nem que Beth havia retornado mais cedo que de costume.

Na quinta-feira Beth teve certeza de que seria a mesma coisa, mas não. A porta estava aberta e, quando ela desceu, o Sr. Shaibel agiu como se nada tivesse acontecido. As peças estavam arrumadas. Ela limpou os apagadores rapidamente e se sentou diante do tabuleiro. Ele já tinha movido o peão do rei. Beth avançou seu peão do rei, movendo-o duas casas à frente. Dessa vez não cometeria erro nenhum.

Ele respondeu rapidamente à sua jogada e ela fez sua jogada de imediato. Nenhum dos dois disse nada, e continuaram fazendo os lances. Beth podia sentir a tensão, e gostou.

No 20º lance, o Sr. Shaibel avançou um cavalo quando não deveria. Beth conseguiu colocar um peão na sexta horizontal. Ele voltou com o cavalo. Foi um lance desperdiçado e ela sentiu empolgação ao vê-lo fazer isso. Trocou seu bispo pelo cavalo. Então, na jogada seguinte, avançou novamente o peão. Ele iria se tornar uma dama no próximo lance.

O Sr. Shaibel ficou olhando para a peça, depois estendeu a mão com raiva e tombou o próprio rei. Nenhum dos dois disse nada. Era a primeira vitória dela. Toda a tensão havia sumido, e o que Beth sentiu por dentro foi a coisa mais maravilhosa que já havia experimentado na vida.

• • •

Beth descobriu que podia faltar ao almoço nos domingos que ninguém notava. Isso lhe dava três horas com o Sr. Shaibel, até ele ir para casa às duas e meia. Nenhum dos dois dizia nada. Ele sempre jogava de brancas, fazendo o primeiro lance, e ela de pretas. Beth havia pensado em questionar isso, mas decidiu não falar nada.

Num domingo, depois de um jogo que ele tinha conseguido vencer por pouco, o Sr. Shaibel disse:

– Você deveria aprender a Defesa Siciliana.

– O que é isso? – perguntou Beth, irritada.

Ainda estava mordida com a derrota. Tinha vencido duas partidas na semana anterior.

– Quando as brancas movem o peão para a casa quatro do rei, as pretas fazem isso. – Ele estendeu a mão e avançou o peão branco duas casas, seu primeiro lance que quase nunca mudava. Em seguida pegou o peão que ficava na frente do bispo da dama preta e o avançou duas casas em direção ao centro. Era a primeira vez que mostrava algo assim.

– E depois? – perguntou ela.

Ele pegou o cavalo do rei e o colocou abaixo e à direita do peão.

– Cavalo 3BR.

– O que é 3BR?

– Três Bispo do Rei. A casa onde acabei de colocar o cavalo.

– As casas têm nome?

O Sr. Shaibel assentiu, impassível. Beth sentiu que ele não queria lhe dar nem mesmo essa informação.

– Se você jogar bem, elas têm nome.

Beth se inclinou para a frente.

– Me mostre.

Ele a olhou de cima.

– Não. Agora não.

Isso a deixou furiosa. Ela entendia que as pessoas gostassem de guardar segredos. Ela guardava os seus. Mesmo assim Beth quis se debruçar por cima do tabuleiro e dar um tapa na cara dele, obrigá-lo a contar. Respirou fundo.

– Isso é a Defesa Siciliana?

Ele pareceu aliviado por ela ter deixado de lado o assunto dos nomes das

casas.

– Tem mais – continuou ele, mostrando os lances principais e algumas variantes, mas sem usar os nomes das casas.

Ele mostrou a variante Levenfish e a variante Najdorf e lhe disse para repassá-las. Ela fez isso sem um único erro.

Mas depois, quando foram jogar uma partida de verdade, ele avançou o peão da dama, e Beth viu imediatamente que o que ele tinha acabado de ensinar seria inútil nessa situação. Ela o encarou furiosa por cima do tabuleiro, sentindo que, se tivesse uma faca, seria capaz de apunhalá-lo. Depois olhou de volta para o tabuleiro e avançou seu peão da dama, decidida a derrotá-lo.

Ele moveu o peão que ficava ao lado do peão da dama, na frente do bispo. Fazia isso com frequência.

– Essa é uma daquelas coisas? Como a Defesa Siciliana?

– Aberturas – respondeu ele sem olhar para ela, ainda encarando o tabuleiro.

– É?

Ele deu de ombros.

– O Gambito da Dama.

Ela se sentiu melhor. Tinha aprendido mais uma coisa com ele. Decidiu não tomar o peão oferecido, deixar a tensão no tabuleiro. Gostava disso. Gostava do poder das peças, exercido ao longo das fileiras e diagonais. No meio do jogo, quando havia peças por todo lado, as forças se entrecruzando no tabuleiro a alvoroçavam. Avançou seu cavalo do rei, sentindo o poder dele se espalhar.

Em vinte lances tinha tomado as duas torres do Sr. Shaibel e ele desistiu.

Beth rolou na cama, pôs um travesseiro sobre a cabeça para bloquear a luz que vinha do corredor, por baixo da porta, e começou a pensar em como seria possível usar um bispo e uma torre juntos para dar um xeque repentino ao rei. Se movesse o bispo, o rei ficaria em xeque e o bispo estaria livre para fazer o que quisesse no lance seguinte – até mesmo tomar a dama. Ficou deitada um bom tempo, entusiasmada com esse ataque poderoso. Depois tirou o travesseiro de cima da cabeça, se virou de barriga para cima, criou o tabuleiro no teto e repassou todas as partidas que jogara com o Sr. Shaibel, uma de cada vez. Viu duas ocasiões nas quais poderia ter criado a situação de torre e bispo que tinha acabado de inventar. Numa delas poderia tê-la forçado com um ataque duplo, e na outra provavelmente poderia tê-la criado furtivamente. Repassou

mentalmente as duas partidas com os novos lances e ganhou ambas. Sorriu feliz consigo mesma e caiu no sono.

• • •

A professora de Aritmética encarregou outro aluno da limpeza dos apagadores, dizendo que Beth precisava de um descanso. Não era justo, porque ela ainda só tirava 10 em Aritmética, mas Beth não podia fazer nada. Quando o menininho ruivo saía com os apagadores, ela ficava sentada na sala, fazendo suas adições e subtrações sem sentido, com a mão trêmula. A cada dia queria mais desesperadamente jogar xadrez.

Na terça e na quarta-feira ela tomou só um comprimido e guardou o outro. Na quinta conseguiu dormir depois de jogar xadrez na própria mente durante cerca de uma hora e guardou as duas pílulas do dia. Fez o mesmo na sexta. No sábado inteiro, enquanto fazia o serviço na cozinha do refeitório, e à tarde, durante o filme cristão na biblioteca e a Palestra de Desenvolvimento Pessoal antes do jantar, era capaz de sentir um brilhinho sempre que desejava, sabendo que tinha seis comprimidos no estojo da escova de dente.

Naquela noite, depois do apagar das luzes, tomou todos, um por um, e esperou. A sensação, quando veio, foi deliciosa – uma espécie de doçura tranquila na barriga e um afrouxamento nas partes tensas do corpo. Manteve-se acordada o máximo que pôde para desfrutar o calor dentro dela, a profunda felicidade química.

No domingo, quando o Sr. Shaibel perguntou por onde ela andara, Beth ficou surpresa por ele se importar.

– Não me deixaram sair da sala.

Ele assentiu. O tabuleiro estava arrumado e, para sua surpresa, ela viu que as peças brancas estavam viradas para o seu lado e o caixote de leite já estava na posição.

– Sou eu que faço a primeira jogada?

– É. De agora em diante a gente se reveza. É como o jogo deve ser.

Ela se sentou e moveu o peão do rei. Sem dizer nada, o Sr. Shaibel moveu seu peão do bispo da dama. Beth não tinha esquecido os lances. Jamais esquecia. Ele jogou a variante Levenfish; ela ficou de olho no domínio do bispo dele sobre a

grande diagonal, o modo como a peça estava só esperando para dar o bote. E encontrou um modo de neutralizá-lo no 17º lance: conseguiu trocar seu bispo, mais fraco, por ele. Depois avançou com o cavalo, levou a torre para o ataque e deu xeque-mate em dez jogadas.

Tinha sido simples: apenas uma questão de manter os olhos abertos e visualizar os rumos que o jogo poderia tomar.

O xeque-mate pegou o Sr. Shaibel de surpresa; ela apanhou o rei na última fileira, estendendo o braço até o outro lado do tabuleiro e colocando a torre na casa de mate.

– Mate – disse ela sem se abalar.

Nesse dia o Sr. Shaibel estava diferente. Não fez a cara feia que sempre fazia quando ela o derrotava.

– Vou lhe ensinar notação de xadrez.

Ela elevou o olhar para ele.

– Os nomes das casas. Vou ensinar agora.

Ela piscou.

– Então eu já sou boa?

Ele ia dizer alguma coisa, mas se deteve e em vez disso perguntou:

– Quantos anos você tem, criança?

– Oito.

– Oito anos. – Ele se inclinou para a frente, até onde sua pança enorme permitia. – Para dizer a verdade, você é extraordinária.

Ela não entendeu o que ele queria dizer.

– Com licença. – O Sr. Shaibel se abaixou para pegar no chão uma garrafinha quase vazia. Depois inclinou a cabeça para trás e tomou um gole.

– Isso é uísque? – perguntou Beth.

– É, criança. E não conte a ninguém.

– Não vou contar – disse ela. – Me ensina a notação de xadrez.

Ele pôs a garrafa de volta no chão. Beth a acompanhou por um momento com os olhos, imaginando como seria o gosto do uísque e qual seria a sensação ao beber. Depois voltou o olhar e a atenção para o tabuleiro com as 32 peças, cada qual exercendo sua força silenciosa.

• • •

Foi acordada em algum momento no meio da noite. Havia alguém sentado na beirada da cama. Beth ficou rígida.

– Calminha – sussurrou Jolene. – Sou só eu.

Beth não falou nada; ficou deitada, imóvel, esperando.

– Pensei que você podia gostar de experimentar uma coisa divertida. – Jolene enfiou a mão embaixo do lençol e a colocou delicadamente na barriga de Beth. Ela estava virada para cima. A mão ficou ali e o corpo de Beth continuou rígido.

– Não precisa ficar tensa – sussurrou Jolene. – Não vai doer nada. – Ela deu um risinho baixo. – Só estou com tesão. Sabe o que é tesão?

Beth não sabia.

– É só relaxar. Vou esfregar um pouquinho. Vai ser bom, se você deixar.

Beth virou a cabeça para a porta do corredor. Estava fechada. A luz, como sempre, entrava por baixo. Dava para escutar vozes distantes, na mesa.

A mão de Jolene foi se movendo para baixo. Beth balançou a cabeça.

– Não... – sussurrou.

– Shhh. – A mão de Jolene desceu mais e um dedo começou a esfregar para cima e para baixo. Não doeu, mas algo em Beth resistia. Ela sentiu que estava suando. – Ah, merda – disse Jolene. – Aposto que está gostoso. – Ela se contorceu, chegando mais perto, e pegou a mão de Beth com a sua mão livre, puxando-a. – Toca em mim também.

Beth deixou a mão frouxa. Jolene guiou-a por baixo da camisola até os dedos roçarem num lugar quente e úmido.

– Anda, agora, aperta um pouquinho – sussurrou Jolene.

A intensidade naquela voz sussurrando dava medo. Beth obedeceu e apertou com mais força.

– Anda, meu bem – murmurou Jolene –, mexe para cima e para baixo. Assim.

Ela começou a mover o dedo em Beth. Era aterrorizante. Beth esfregou Jolene algumas vezes, se esforçando, concentrando-se em simplesmente fazer aquilo. Seu rosto estava molhado de suor e a mão livre apertava o lençol, espremendo-o com toda a força.

Então o rosto de Jolene estava encostado no de Beth e o braço em volta do seu peito.

– Mais rápido – sussurrou Jolene. – *Mais rápido.*

– Não! – disse Beth em voz alta, aterrorizada. – *Não, não quero.*

E puxou a mão de volta.

– Filha da puta – xingou Jolene em voz alta.

Passos rápidos vieram pelo corredor e a porta se abriu. A luz jorrou para dentro. Era uma funcionária da noite, que Beth não conhecia. A mulher ficou parada por um longo minuto. Tudo estava silencioso. Jolene tinha ido embora. Beth não se atreveu a se mexer para ver se ela teria voltado para a própria cama. Por fim a mulher saiu. Beth viu a silhueta do corpo de Jolene de volta na cama. Ela tinha três comprimidos na gaveta; tomou todos os três. Depois se deitou de barriga para cima e esperou o gosto ruim ir embora.

No dia seguinte, no refeitório, estava num estado deplorável por não ter dormido.

– Você é a garota branca mais feia *de todos os tempos* – disse Jolene num sussurro teatral. Tinha chegado perto de Beth na fila para as caixinhas de cereal. – Seu nariz é feio, sua cara é feia e sua pele parece lixa. Sua puta branquela lixenta.

Jolene continuou andando, de cabeça erguida, até os ovos mexidos.

Beth não disse nada. Sabia que era verdade.

• • •

Rei, cavalo, peão. As tensões no tabuleiro eram capazes de entortá-lo. Então *paf!* A dama caiu. As torres na borda do tabuleiro, a princípio encurraladas, mas a postos, criando pressão e depois removendo a pressão num único movimento. Na aula de Ciências, a Srta. Hadley tinha falado sobre ímãs, sobre "linhas de força". Beth, quase dormindo de tédio, acordou de repente. Linhas de força: bispos nas diagonais; torres nas colunas e nas fileiras.

As carteiras na sala de aula podiam ser como as casas do tabuleiro. Se o garoto ruivo chamado Ralph fosse um cavalo, ela poderia pegá-lo e movê-lo duas carteiras à frente e uma ao lado, colocando-o na carteira vazia ao lado de Denise. Isso daria um xeque em Bertrand, sentado na primeira fila e que, ela decidiu, era o rei. Sorriu ao pensar nisso. Fazia mais de uma semana que Jolene e ela não se falavam, e Beth não se permitiu chorar. Agora tinha quase 9 anos e não precisava

de Jolene. Não importava como se sentisse com relação a isso. Não precisava de Jolene.

• • •

– Aqui – disse o Sr. Shaibel, e lhe entregou alguma coisa num saco de papel pardo.

Era meio-dia de domingo. Ela abriu o saco. Dentro havia um livro grosso, em brochura: *Aberturas modernas do xadrez*.

Incrédula, Beth começou a virar as páginas. O livro estava cheio de longas colunas verticais de notações de xadrez. Havia pequenos diagramas de tabuleiros e títulos de capítulos como "Aberturas do Peão da Dama" e "Sistemas de Defesa Índia". Ela levantou os olhos.

Ele estava de cara feia.

– É o melhor livro para você – afirmou. – Vai ensinar o que você quer saber.

Ela não disse nada, apenas se sentou em seu caixote de leite diante do tabuleiro, segurando o livro com força no colo, e esperou para jogar.

• • •

A aula de Inglês era a mais enfadonha, com a voz lenta do Sr. Espero e os poetas com nomes como John Greenleaf Whittier e William Cullen Bryant. "Onde o orvalho caindo,/Enquanto reluzem os céus com os últimos passos do dia..." Era idiota. E ele lia cada palavra em voz alta, com cuidado.

Beth mantinha o *Aberturas modernas do xadrez* embaixo da mesa enquanto o Sr. Espero lia. Repassava as variantes, uma de cada vez, jogando-as em sua cabeça. No terceiro dia, as notações – P4R, C3BR – já saltavam para sua mente rápida como se fossem peças sólidas em casas de verdade. Enxergava tudo com facilidade; não precisava de tabuleiro. Podia ficar ali, com o *Aberturas modernas do xadrez* no colo, sobre a saia de sarja azul pregueada do Lar Methuen, e enquanto o Sr. Espero falava sem parar sobre o engrandecimento do espírito que a grande poesia proporcionava ou lia em voz alta versos como "Àquele que por amor à natureza/comunga com suas formas visíveis, ela fala em linguagem variada", os lances das partidas de xadrez se encaixavam no lugar diante de seus

olhos semicerrados. No final do livro havia continuações, chegando por vezes ao final de alguns jogos clássicos, a desistências no 27º lance ou empates no 40º. E Beth havia aprendido a guiar as peças ao longo de todo esse balé, às vezes prendendo o fôlego diante da elegância de uma combinação, de um sacrifício ou do equilíbrio contido de forças numa posição. E sua mente sempre estava na vitória ou no potencial para a vitória.

– "Para suas mais alegres horas ela tem uma voz animada,/um sorriso e uma eloquência de beleza..." – leu o Sr. Espero enquanto a mente de Beth dançava, maravilhada com o rococó geométrico do xadrez, fascinada, extasiada, afogando-se nas permutações grandiosas à medida que se abriam para sua alma e sua alma se abria para elas.

• • •

– *Branquela lixenta!* – sibilou Jolene enquanto saíam da aula de História.

– *Crioula* – Beth sibilou de volta.

Jolene parou e se virou para encará-la.

• • •

No sábado seguinte, Beth tomou seis comprimidos e se entregou à sua doce química, mantendo uma das mãos na barriga e a outra na xoxota. Essa palavra ela conhecia. Era uma das poucas coisas que sua mãe tinha lhe ensinado antes de bater com o Chevy.

– Se enxugue – dizia a mãe no banheiro. – Não deixe de enxugar a xoxota.

Beth moveu os dedos para cima e para baixo, como Jolene tinha feito. Não era gostoso. Pelo menos não para ela. Tirou a mão e caiu de volta na tranquilidade mental das pílulas. Talvez fosse nova demais. Jolene era quatro anos mais velha e tinha pelos crespos crescendo lá. Beth havia sentido.

• • •

– Bom dia, branquela lixenta – disse Jolene baixinho. Seu rosto estava tranquilo.

– Jolene.

Jolene se aproximou. Não havia ninguém por perto, só as duas. Estavam no vestiário depois da aula de Educação Física.

– O que você quer?

– Quero saber o que é um "chupa-pau".

Jolene a encarou por um momento. Depois caiu na gargalhada.

– Merda – disse. – Você sabe o que é "pau"?

– Acho que não.

– É o que os garotos têm. Tem na parte de trás do livro de saúde. Parecido com um polegar.

Beth confirmou com a cabeça. Conhecia a figura.

– Bom, querida – disse Jolene, séria –, tem garotas que gostam de chupar aquele polegar.

Beth pensou nisso.

– Não é por lá que eles fazem xixi?

– Acho que eles devem limpar.

Beth se afastou, chocada. E ainda estava perplexa. Tinha ouvido falar de assassinos e torturadores – em casa tinha visto um garoto vizinho espancar o cachorro com um porrete até ele perder os sentidos –, mas não entendia como alguém poderia fazer aquilo que Jolene tinha falado.

• • •

No domingo seguinte, Beth ganhou cinco partidas, uma depois da outra. Já fazia três meses que vinha jogando com o Sr. Shaibel e sabia que ele não podia mais vencê-la. Nem uma vez. Previa cada golpe, cada ameaça que ele conhecia. O homem não conseguia de jeito nenhum confundi-la com seus cavalos, manter uma peça numa casa perigosa ou colocá-la em apuros cravando uma peça importante. Ela era capaz de ver antes o que ele estava tramando e impedi-lo enquanto continuava a montar seu ataque.

Quando terminaram, o Sr. Shaibel perguntou:

– Você tem 8 anos?

– Faço 9 em novembro.

Ele assentiu.

– Você vem aqui no próximo domingo?

– Venho.

– Bom. Não deixe de vir.

No domingo seguinte havia outro homem no porão com o Sr. Shaibel. Era magro e usava camisa listrada e gravata.

– Este é o Sr. Ganz, do clube de xadrez – disse o Sr. Shaibel.

– Clube de xadrez? – repetiu Beth, olhando-o de cima a baixo.

Ele era um pouco parecido com o Sr. Schell, embora estivesse sorrindo.

– Nós jogamos num clube – contou o Sr. Shaibel.

– E eu sou treinador do time do Colégio Duncan.

Ela nunca tinha ouvido falar dessa escola.

– Quer jogar uma partida comigo? – perguntou o Sr. Ganz.

Em vez de responder, Beth sentou-se no caixote de leite. Havia uma cadeira dobrável ao lado do tabuleiro. O Sr. Shaibel acomodou seu corpo pesado nela e o Sr. Ganz se sentou no banquinho. Ele estendeu a mão num movimento rápido e nervoso e pegou dois peões: um branco e um preto. Envolveu-os com as mãos, embaralhou-os por um momento e depois estendeu os braços para Beth, com os punhos fechados.

– Escolha uma das mãos – disse o Sr. Shaibel.

– Por quê?

– Você joga com a cor que tirar.

– Ah. – Ela estendeu o braço e mal tocou na mão esquerda do Sr. Ganz. – Essa.

Ele a abriu. O peão preto estava na palma.

– Sinto muito – disse ele, sorrindo.

O sorriso dele a deixou desconfortável.

O tabuleiro já estava com as pretas viradas para Beth. O Sr. Ganz colocou os peões de volta nas casas, jogou peão quatro do rei e Beth relaxou. Tinha aprendido todas as linhas de Siciliana do livro. Ela avançou o peão do bispo da dama para sua quarta casa. Quando ele desenvolveu o cavalo, ela decidiu usar a Najdorf.

Mas o Sr. Ganz era esperto demais para isso. Ele jogava melhor do que o Sr. Shaibel. Mesmo assim, depois de meia dúzia de lances, Beth soube que seria fácil

vencê-lo e partiu para cima, calma e implacável, obrigando-o a desistir depois de 23 lances.

Ele deitou seu rei de lado no tabuleiro.

– Você certamente conhece o jogo, mocinha. Vocês têm um time aqui?

Ela olhou para ele, sem entender.

– As outras meninas. Elas têm um clube de xadrez?

– Não.

– Então onde você joga?

– Aqui embaixo.

– O Sr. Shaibel disse que vocês jogaram algumas partidas aos domingos. O que você faz entre um domingo e outro?

– Nada.

– Mas como você treina?

Ela não queria contar que jogava xadrez na própria mente enquanto estava na sala de aula e na cama à noite. Para distraí-lo, disse:

– Quer jogar outra?

Ele riu.

– Está bem. É sua vez com as brancas.

Ela o derrotou com mais facilidade ainda, usando a Abertura Réti. O livro a considerava um sistema "hipermoderno"; ela gostava de como essa abertura usava o bispo do rei. Depois de 20 lances, deteve o Sr. Ganz para lhe mostrar que tinha xeque-mate em três jogadas. Ele demorou meio minuto para enxergar. Balançou a cabeça, incrédulo, e tombou seu rei.

– Você é espantosa. Nunca vi nada assim. – Em seguida se levantou e foi até a caldeira, onde Beth havia notado uma pequena sacola de compras. – Agora preciso ir. Mas trouxe um presente para você – disse, antes de lhe entregar a sacola.

Ela olhou lá dentro, torcendo para ver outro livro de xadrez. Havia alguma coisa embrulhada em papel de seda.

– Desembrulhe – pediu o Sr. Ganz, sorrindo.

Ela pegou o objeto e tirou o papel enrolado frouxamente. Era uma boneca cor-de-rosa com um vestido estampado azul, cabelo louro e boca franzida. Beth segurou-a por um momento, olhando-a.

– E então? – quis saber o Sr. Ganz.

– Quer jogar outra partida? – perguntou Beth, segurando a boneca pelo braço.

– Preciso ir – disse o Sr. Ganz. – Talvez eu volte na semana que vem.

Ela assentiu.

Havia uma grande lata de óleo usada como lixeira no final do corredor. Ao passar por ela indo para o filme da tarde de domingo, Beth jogou a boneca lá dentro.

• • •

Durante a aula de Saúde ela encontrou a figura na parte de trás do livro. Numa página havia uma mulher e na outra um homem. Eram silhuetas simples, sem sombreado. Os dois estavam de pé com os braços ao lado do corpo e as palmas das mãos viradas para fora. No V embaixo da barriga lisa, a mulher tinha apenas uma linha vertical. O homem não tinha essa linha ou, se tinha, não dava para ver. O que ele tinha parecia uma bolsa pequena com uma coisa meio redonda pendurada na frente. Jolene disse que era igual a um polegar. Era o pau dele.

O professor, o Sr. Hume, estava dizendo que era preciso comer verduras pelo menos uma vez por dia. Ele começou a escrever o nome das verduras no quadro. Do lado de fora da grande janela à esquerda de Beth, as camélias cor-de-rosa estavam começando a florescer. Ela examinou o desenho do homem nu, tentando em vão encontrar algum segredo.

• • •

O Sr. Ganz voltou no domingo seguinte, trazendo seu próprio tabuleiro de xadrez. O tabuleiro tinha casas pretas e brancas e as peças estavam numa caixa de madeira forrada de feltro vermelho. Eram feitas de madeira lustrosa; Beth podia enxergar os veios nas brancas. Enquanto o Sr. Ganz as arrumava, ela estendeu a mão e levantou um dos cavalos. Era mais pesado do que os que ela usava e tinha um círculo de feltro verde embaixo. Ela nunca havia pensado em possuir coisas, mas queria esse jogo de xadrez.

O Sr. Shaibel tinha arrumado seu tabuleiro no lugar de sempre e pegou outro caixote de leite para o do Sr. Ganz. Agora os dois tabuleiros estavam lado a lado,

separados por uns 30 centímetros. Era um dia de sol e a luz forte entrava pela janela, filtrada pelos arbustos baixos no passeio ao lado do prédio. Ninguém falou nada enquanto as peças eram arrumadas. O Sr. Ganz pegou delicadamente o cavalo na mão de Beth e o colocou em sua casa original.

– Pensamos se você poderia jogar com nós dois – disse ele.

– Ao mesmo tempo?

Ele assentiu.

O caixote de leite de Beth tinha sido posto entre os dois tabuleiros. Ela jogaria as duas partidas de brancas, e em ambas começou com peão quatro do rei.

O Sr. Shaibel respondeu com a Siciliana; o Sr. Ganz jogou peão quatro do rei. Ela nem precisou parar para pensar nas continuações. Fez as duas jogadas e olhou pela janela.

Derrotou os dois sem esforço. O Sr. Ganz arrumou as peças e eles recomeçaram. Dessa vez Beth jogou peão quatro da dama nos dois tabuleiros e seguiu com peão quatro bispo da dama: o Gambito da Dama. Sentia-se profundamente relaxada, quase num sonho. Havia tomado sete tranquilizantes por volta da meia-noite, e parte do langor ainda permanecia.

Lá pelo meio das partidas, estava olhando pela janela, para um arbusto com botões cor-de-rosa, quando escutou a voz do Sr. Ganz dizendo:

– Beth, eu movi meu bispo para a casa cinco do bispo.

E ela respondeu como que num sonho:

– Cavalo 5R.

O arbusto parecia brilhar ao sol de primavera.

– Bispo quatro do cavalo – disse o Sr. Ganz.

– Dama quatro da dama – respondeu Beth, ainda sem olhar.

– Cavalo três bispo da dama – disse o Sr. Shaibel com a voz rouca.

– Bispo cinco do cavalo.

Os olhos de Beth continuavam voltados para os botões cor-de-rosa.

– Peão três do cavalo.

O Sr. Ganz tinha uma estranha suavidade na voz.

– Dama quatro da torre, xeque – disse Beth.

Ela ouviu o Sr. Ganz inspirar bruscamente. Depois de um segundo ele disse:

– Rei um do bispo.

– É mate em três – disse Beth sem se virar. – O primeiro xeque é com o

cavalo. O rei tem as duas casas pretas, e o bispo dá o xeque. Depois o cavalo dá o mate.

O Sr. Ganz soltou o ar lentamente.

– Meu Deus! – disse.



DOIS

Estavam assistindo ao filme do sábado à tarde quando o Sr. Fergussen veio para levá-la à sala da Sra. Deardorff. Era um filme sobre etiqueta à mesa, chamado *Como agir durante o jantar*, por isso ela não se importou de sair. Mas estava com medo. Será que tinham descoberto que ela nunca ia à catequese? Que guardava comprimidos? Suas pernas tremiam e havia uma sensação esquisita em seus joelhos à medida que o Sr. Fergussen, com sua calça branca e a camiseta branca, a conduzia ao longo do corredor comprido, no linóleo verde com rachaduras pretas. Os grossos sapatos marrons de Beth rangiam no piso e ela franzia os olhos sob as intensas luzes fluorescentes. O dia anterior tinha sido seu aniversário. Ninguém se dera conta disso. O Sr. Fergussen, como sempre, não dizia nada: andava apressadamente pelo corredor à frente dela. Diante da porta com o painel de vidro fosco e as palavras helen deardorff – superintendente, ele parou. Beth empurrou a porta e entrou.

Uma secretária de blusa branca lhe disse para ir até a sala dos fundos. A Sra. Deardorff a estava esperando. Beth empurrou a grande porta de madeira e

entrou. Na poltrona vermelha estava o Sr. Ganz, usando um terno marrom. A Sra. Deardorff permanecia sentada atrás de uma mesa. Ela olhou para Beth por cima dos óculos de aro de tartaruga. O Sr. Ganz sorriu com certo acanhamento e meio que se levantou da cadeira quando ela entrou. Depois sentou-se de novo, sem jeito.

– Elizabeth – disse a Sra. Deardorff.

Beth havia fechado a porta ao entrar e estava a cerca de um metro dela. Olhou para a Sra. Deardorff.

– Elizabeth, o Sr. Ganz me disse que você é... – ela ajeitou os óculos no nariz – ... uma criança prodígio. – A Sra. Deardorff olhou-a por um momento, como se o esperado fosse que Beth negasse. – Ele nos fez um pedido inusitado. Ele gostaria que você fosse levada ao colégio secundário na...

Ela olhou de novo para o Sr. Ganz.

– Na quinta-feira – completou ele.

– Na quinta-feira. À tarde. Ele afirma que você é uma jogadora de xadrez fenomenal. Gostaria que você jogasse no clube de xadrez.

Beth não disse nada. Ainda estava morrendo de medo.

O Sr. Ganz pigarreou.

– Temos doze membros, e eu gostaria que você jogasse com eles.

– E então? – perguntou a Sra. Deardorff. – Você gostaria de ir? Isso pode ser combinado como uma excursão escolar. – Ela deu um sorriso para o Sr. Ganz e assumiu um tom soturno: – Gostamos de dar às nossas meninas uma chance de ter experiências no mundo lá fora.

Era a primeira vez que Beth ouvia falar nisso; não conhecia ninguém que já tivesse saído para onde quer que fosse.

– Sim – respondeu Beth. – Eu gostaria.

– Bom – disse a Sra. Deardorff. – Então está combinado. O Sr. Ganz e uma das garotas do colégio vêm buscar você depois do almoço na quinta--feira.

O Sr. Ganz se levantou para sair e Beth começou a ir atrás dele, mas a Sra. Deardorff a chamou de volta.

– Elizabeth – disse quando estavam sozinhas. – O Sr. Ganz me informou que você tem jogado xadrez com o nosso zelador. – Beth não sabia ao certo o que dizer. – Com o Sr. Shaibel.

– Sim, senhora.

– Isso é muito irregular, Elizabeth. Você foi ao porão?

Por um momento ela pensou em mentir. Mas seria fácil demais para a Sra. Deardorff descobrir a verdade.

– Sim, senhora – repetiu.

Beth esperava uma reação de raiva, mas a voz da Sra. Deardorff saiu surpreendentemente relaxada.

– Não podemos permitir isso, Elizabeth. Por mais que o Lar Methuen acredite na excelência, não podemos permitir que você jogue xadrez no porão.

Beth sentiu um aperto no estômago.

– Acredito que haja tabuleiros de xadrez no armário de jogos. Vou mandar o Fergussen ver isso.

Um telefone começou a tocar na outra sala e uma luzinha no aparelho começou a piscar.

– Isso é tudo, Elizabeth. Tenha bons modos no colégio secundário e certifique-se de estar com as unhas limpas.

• • •

Nos quadrinhos do Major Hoople, o major fazia parte do Clube da Coruja. Era um lugar onde os homens se sentavam em poltronas grandes e antigas, tomavam cerveja e falavam do presidente Eisenhower e de quanto suas esposas gastavam com chapéus. O Major Hoople tinha uma barriga enorme, como a do Sr. Shaibel. Quando estava no Clube da Coruja com uma garrafa de cerveja escura nas mãos, suas palavras saíam da boca com pequenas bolhas. Ele dizia coisas como "Rarrumf" e "Homessa!" num balão acima das bolhas. Aquilo era um "clube". Era como a sala de leitura da biblioteca no Lar Methuen. Talvez ela jogasse com as doze pessoas numa sala assim.

Não tinha contado a ninguém. Nem mesmo a Jolene. Ficou deitada na cama depois de as luzes se apagarem, pensando, com um tremor de expectativa no estômago. Será que conseguiria jogar tantas partidas ao mesmo tempo? Rolou de barriga para cima e tateou, nervosa, o bolso do pijama. Havia dois comprimidos ali. Faltavam seis dias para a quinta-feira. Talvez o Sr. Ganz quisesse dizer que ela disputaria uma partida, depois outra, se é que era assim que se fazia.

Tinha procurado o significado de "fenomenal". O dicionário dizia:

"extraordinário; excepcional; notável". Repetiu essas palavras em silêncio: "extraordinário; excepcional; notável". Elas viraram música em sua cabeça.

Tentou visualizar doze tabuleiros de xadrez ao mesmo tempo, enfileirados no teto. Só quatro ou cinco ficaram realmente nítidos. Escolheu as peças pretas para si e deu as brancas para "eles", depois fez com que "eles" jogassem peão quatro do rei e respondeu com a Siciliana. Descobriu que conseguia jogar cinco partidas ao mesmo tempo, concentrando-se em uma de cada vez enquanto as outras quatro esperavam sua atenção.

Escutou uma voz dizer junto à mesa no fim do corredor:

– Que horas são?

E outra responder:

– Duas e vinte.

Sua mãe costumava chamar isso de "alta madrugada". Beth continuou jogando xadrez, cinco jogos imaginários ao mesmo tempo. Tinha se esquecido das pílulas no bolso.

Na manhã seguinte, o Sr. Fergussen lhe entregou o copinho de papel, como sempre, mas quando ela espiou dentro havia duas pílulas cor de laranja, de vitamina, e nada mais. Beth olhou de volta para ele, atrás da janelinha da farmácia.

– É só isso – disse ele. – Próxima.

Ela não se mexeu, apesar de a menina de trás empurrá-la.

– Cadê as verdes?

– Vocês não vão tomar mais.

Beth ficou nas pontas dos pés e olhou por cima do balcão. Ali, atrás do Sr. Fergussen, estava um vidro enorme, com pílulas verdes quase até a metade. Devia haver centenas delas, como minúsculas jujubas.

– Elas estão ali – disse, e apontou.

– Nós vamos nos livrar delas. É uma lei nova. Nada de tranquilizantes para as crianças.

– É a *minha* vez – disse Gladys, às suas costas.

Beth não se mexeu. Abriu a boca para falar, mas nada saiu.

– É a minha vez de pegar as vitaminas – insistiu Gladys, mais alto.

• • •

Havia noites em que ela ficava tão envolvida com o xadrez que dormia sem comprimidos. Esta não era uma delas. Não conseguia pensar em xadrez. Tinha três comprimidos no estojo da escova de dente, e só. Várias vezes decidira tomar um deles, mas depois mudara de ideia.

• • •

– Ouvi dizer que você vai se *exibir* – disse Jolene. E riu, mais para si mesma do que para Beth. – Vai jogar xadrez na frente das pessoas.

– Quem te contou?

Elas estavam no vestiário depois do vôlei. Os seios de Jolene, que um ano antes não existiam, sacolejaram embaixo da blusa de Educação Física.

– Eu sei das coisas, criança. Não é aquele negócio igual a damas, mas que as peças pulam feito umas doidas? O meu tio Hubert jogava.

– A Sra. Deardorff contou a você?

– Nunca chego perto daquela dona. – Jolene sorriu, confiante. – Foi o Fergussen. Ele me disse que você ia ao colégio secundário, no centro. Depois de amanhã.

Beth a encarou, incrédula. Os funcionários não trocavam confidências com os órfãos.

– Fergussen...?

Jolene se inclinou para perto e falou séria:

– Eu e ele somos amigos às vezes. Não quero você falando disso para ninguém, escutou?

Beth assentiu.

Jolene se afastou e foi enxugar o cabelo com a toalha branca da aula de Educação Física. Depois do vôlei sempre dava para esticar o tempo, tomando banho e se vestindo, antes de ir para a sala de estudos.

Beth pensou numa coisa. Depois de um momento falou baixo:

– Jolene.

– Hum.

– O Fergussen dá pílulas verdes a você? Pílulas a mais?

Jolene olhou para ela com dureza. Depois sua expressão se suavizou.

– Não, querida. Eu queria que ele me desse. Mas todo o estado está pegando

no pé deles por causa do que estavam fazendo com as pílulas.

– Elas ainda estão lá. No vidro grande.

– É? Não notei. – Jolene continuou olhando para Beth. – Mas notei que você anda irritada. Está com sintomas de abstinência?

Beth tinha tomado seu último comprimido na noite anterior.

– Não sei.

– Presta atenção. Nos próximos dias vai ter um monte de órfãos nervosos por aqui.

Ela terminou de enxugar o cabelo e se espreguiçou. Com a luz que vinha de trás, os cabelos crespos e os olhos grandes, Jolene era linda. Beth se sentia feia, sentada no banco ao lado dela. Pálida, pequena e feia. Estava morrendo de medo de ir para a cama à noite sem os comprimidos. Nas últimas duas noites tinha dormido apenas duas ou três horas. Seus olhos pareciam cheios de areia, e a nuca, mesmo depois do banho, estava sempre suada. Ficou pensando naquele vidro grande atrás de Fergussen, com pílulas verdes até quase a metade – o suficiente para encher cem vezes o estojo de sua escova de dente.

• • •

A ida ao colégio secundário era seu primeiro passeio de carro desde que tinha ido para o Lar Methuen. Isso fora catorze meses antes. Quase quinze. Sua mãe tinha morrido num carro, um preto como esse, com uma peça do volante enfiada no olho. A mulher da prancheta tinha contado, enquanto Beth olhava a verruga na bochecha dela sem dizer nada. Sem sentir nada também. A mãe dela havia falecido, dissera. O enterro seria dali a três dias. O caixão estaria fechado. Beth sabia o que era um caixão; Drácula dormia num caixão. Seu pai tinha falecido no ano anterior por causa de uma "vida desregrada", segundo sua mãe.

Beth estava sentada no banco de trás do carro com uma garota grande e encabulada chamada Shirley, que era do clube de xadrez. O Sr. Ganz dirigia. Havia um nó, tenso como arame, no estômago de Beth. Ela apertava um joelho contra o outro e olhava direto para a frente, para a nuca do Sr. Ganz com seu colarinho listrado e os carros e ônibus passando para lá e para cá do lado de fora do para-brisa.

Shirley tentou puxar assunto.

– Você joga o Gambito do Rei?

Beth assentiu, mas estava com medo de falar. Não tinha dormido nada à noite e tinha dormido muito pouco nos dias anteriores. Na noite da véspera tinha ouvido Fergussen conversando e rindo com a moça da Recepção; sua gargalhada pesada rolara pelo corredor e passara por baixo da porta, chegando ao dormitório onde ela estava, rígida como aço, na cama.

Mas algo havia acontecido: algo inesperado. Quando estava prestes a sair com o Sr. Ganz, Jolene veio correndo, deu um dos seus olhares marotos para ele e disse:

– Posso falar com ela só um segundo?

O Sr. Ganz disse que tudo bem. Jolene puxou Beth de lado de um jeito atabalhoado e lhe entregou três comprimidos verdes.

– Aqui, querida – disse. – Dá para ver que você precisa disso.

Então Jolene agradeceu ao Sr. Ganz e foi para a sala de aula, com o livro de Geografia embaixo do braço fino.

Mas não houvera chance de tomar os comprimidos. Beth estava com eles no bolso agora, porém sentia medo. Sua boca estava seca. Sabia que poderia tomá-los e provavelmente ninguém iria notar. Mas estava apavorada. Iam chegar logo. Sua cabeça estava girando.

O carro parou num semáforo. Do outro lado do cruzamento havia um posto de gasolina com uma grande placa azul. Beth pigarreou.

– Preciso ir ao banheiro.

– Vamos chegar em dez minutos – disse o Sr. Ganz.

Beth balançou a cabeça com firmeza.

– Não dá para esperar.

O Sr. Ganz deu de ombros. Quando a luz do semáforo mudou, ele atravessou o cruzamento e entrou no posto. Beth foi ao banheiro que dizia DAMAS e trancou a porta. Era um lugar imundo, com manchas nos ladrilhos brancos e uma pia lascada. Abriu a torneira de água fria por um momento e colocou os comprimidos na boca. Pegou água com a mão em concha e bebeu, para ajudá-los a descer. Já se sentia melhor.

• • •

Era uma sala de aula grande, com três quadros-negros na parede do fundo. No quadro do meio, em grandes letras de giz branco, estava escrito BEM-VINDA, BETH HARMON!, e na parede acima havia fotos coloridas do presidente Eisenhower e do vice-presidente Nixon. A maioria das carteiras comuns tinha sido tirada da sala e enfileirada no corredor do lado de fora; as outras haviam sido empurradas juntas para o fundo. Três mesas dobráveis tinham sido arrumadas formando um U no centro da sala, e em cada uma delas havia quatro tabuleiros de papel verde e bege, com peças de plástico. Havia cadeiras de metal dentro do U, viradas para as peças pretas, mas não havia cadeiras diante das brancas.

Fazia vinte minutos que tinham parado no posto de gasolina, e ela não estava mais tremendo, porém seus olhos ardiam e suas juntas estavam doloridas. Usava a saia pregueada azul-marinho e a blusa branca com *METHUEN* escrito em letras vermelhas no bolso.

Não havia ninguém na sala quando entraram; o Sr. Ganz destrancara a porta com uma chave tirada do bolso. Depois de um minuto um sinal tocou, houve som de passos e alguns gritos no corredor, e os alunos começaram a entrar. Na maioria garotos. Garotos grandes, do tamanho de homens; eram do último ano. Usavam suéteres e andavam com postura relaxada, as mãos no bolso. Por um momento Beth imaginou onde iria se sentar. Mas não poderia ficar sentada se fosse jogar com todos ao mesmo tempo; precisaria andar de um tabuleiro a outro para fazer os lances.

– Ei, Allan. Toma cuidado, hein! – gritou um garoto para outro, apontando o polegar na direção de Beth.

De repente ela se viu como uma pessoa pequena e sem importância – uma menina órfã sem atrativos, de cabelos castanhos, com roupas institucionais sem graça. Tinha facilmente metade do tamanho daqueles estudantes tão à vontade e insolentes, com suas vozes altas e seus suéteres de cores fortes. Sentiu-se impotente e tola. Mas então olhou de novo para os tabuleiros com as peças arrumadas no padrão familiar e os sentimentos desagradáveis foram diminuindo. Podia estar deslocada naquele colégio secundário, mas não estava deslocada naqueles doze tabuleiros.

– Sentem-se e fiquem em silêncio, por favor – falou o Sr. Ganz com autoridade surpreendente. – Charles Levy vai ficar com o Tabuleiro Um, já que é

nosso melhor jogador. O resto pode se sentar onde quiser. Ninguém pode falar durante o jogo.

De repente todo mundo ficou em silêncio e todos começaram a olhar para Beth. Ela olhou de volta para eles, sem piscar, e sentiu um ódio sombrio como a noite crescendo dentro de si.

Virou-se para o Sr. Ganz.

– Começo agora?

– No Tabuleiro Um.

– Depois vou para o próximo?

– Isso mesmo.

Beth percebeu que ele nem a havia apresentado à turma. Foi até o primeiro tabuleiro, o que tinha Charles Levy sentado atrás das peças pretas. Estendeu a mão, pegou o peão do rei e o colocou na quarta fileira.

Era surpreendente como jogavam mal. Todos. Nos primeiros jogos da sua vida Beth havia entendido mais do que eles. Deixavam peões atrasados por todo lado e as peças ficavam escancaradas à mercê de garfos. Alguns tentavam ataques grosseiros de mate. Ela os repelia como se fossem moscas. Movia-se rapidamente de um tabuleiro a outro, o estômago calmo e a mão firme. Diante de cada tabuleiro, bastava uma olhada de um segundo para ler a posição e ver o que precisava fazer. Suas respostas eram rápidas, seguras e mortais. Charles Levy supostamente era o melhor entre eles: em doze lances Beth havia neutralizado as peças dele sem deixar saída. Depois de mais seis jogadas, deu mate na última fileira, com uma combinação de cavalo e torre.

Sua mente estava luminosa e a alma cantava nos doces lances do xadrez. A sala cheirava a pó de giz e seus sapatos rangiam à medida que ela se movia pelas filas de jogadores. A sala estava silenciosa; Beth sentia sua própria presença centrada ali, pequena, sólida e no controle. Lá fora pássaros cantavam, mas ela não escutava. Lá dentro, alguns estudantes a encaravam. Garotos vinham do corredor e se enfileiravam junto à parede dos fundos para assistir à menina sem graça do orfanato na periferia da cidade indo de jogador em jogador com a energia de um César no campo de batalha, uma Pavlova sob as luzes do palco. Havia umas doze pessoas assistindo. Algumas davam risinhos e bocejavam, mas outras conseguiam sentir a energia na sala, a presença de algo que jamais, na longa história daquela velha e cansada sala de aula, fora sentido ali.

No fundo, o que ela fazia era de uma trivialidade chocante, mas a energia de sua mente espantosa estalava na sala para aqueles que sabiam escutar. Seus lances ardiam com essa energia. Depois de uma hora e meia Beth havia derrotado todos sem um único movimento em falso ou desperdiçado.

Ela parou e olhou ao redor. Peças capturadas se amontoavam ao lado de cada tabuleiro. Alguns alunos a olhavam, mas a maioria evitava seus olhos. Houve aplausos esparsos. Beth sentiu as bochechas queimando; alguma coisa nela se estendia desesperadamente em direção aos tabuleiros, com suas posições mortas. Agora não restava nada. Ela era apenas uma menininha outra vez, sem poder.

O Sr. Ganz lhe deu de presente uma caixa de um quilo de chocolate Whitman e a levou para o carro. Shirley entrou sem dizer uma palavra, tendo o cuidado de não encostar em Beth no banco de trás. Eles voltaram em silêncio para o Lar Methuen.

A sala de estudos às cinco da tarde foi insuportável. Beth tentou jogar xadrez na própria mente, mas pela primeira vez isso parecia algo desbotado e sem sentido depois da tarde no colégio secundário. Tentou ler um pouco sobre Geografia, já que haveria uma prova no dia seguinte, mas o livro grande praticamente só tinha figuras, e as figuras significavam pouco para ela. Jolene não estava na sala e ela se sentia desesperada para vê-la, para perguntar se havia mais algum comprimido. De vez em quando tocava o bolso da blusa com a palma da mão, numa espécie de esperança supersticiosa de sentir a pequena superfície dura de uma pílula. Mas não havia nada ali.

Jolene estava no jantar, comendo macarrão, quando Beth entrou e apanhou sua bandeja. Foi até a mesa de Jolene antes de pegar a comida. Havia outra garota negra com ela. Samantha. Ela era nova. Estavam conversando.

Beth foi direto até elas e perguntou a Jolene:

– Você tem mais?

Jolene franziu a testa e balançou a cabeça. Depois disse:

– Como foi a exibição? Tudo bem?

– Bem. Não tem nem unzinho?

– Querida – disse Jolene virando o rosto –, não quero saber disso.

• • •

O filme da tarde de sábado na biblioteca era *O manto sagrado*. Tinha Victor Mature e era religioso; todos os funcionários estavam lá, sentados com atenção numa fila especial nos fundos, perto do trêmulo projetor. Beth manteve os olhos quase fechados durante a primeira meia hora; estavam vermelhos e doloridos. Não tinha dormido nada na quinta-feira à noite e na sexta tinha cochilado apenas uma hora, mais ou menos. Havia um nó em seu estômago, e ela sentia um gosto de vinagre na boca. Estava com o corpo curvado para a frente na cadeira dobrável, com a mão no bolso da saia, sentindo a chave de fenda que havia posto ali de manhã. Tinha entrado na oficina de carpintaria dos garotos depois do café da manhã e pegado numa bancada. Ninguém viu. Apertou-a até os dedos doerem, respirou fundo, levantou-se e foi de fininho até a porta. O Sr. Fergussen estava sentado ali, de inspetor.

– Banheiro – sussurrou Beth.

O Sr. Fergussen assentiu, os olhos fixos em Victor Mature de peito nu na arena.

Ela caminhou com determinação pelo corredor estreito, pelos pontos ondulados no linóleo, passando pelo banheiro das meninas e indo até a sala de uso geral com suas revistas *Christian Endeavour*, suas coletâneas de *Reader's Digest* e, na parede oposta, a janela com cadeado do balcão, onde estava escrito FARMÁCIA.

Havia uns banquinhos de madeira na sala; ela pegou um deles. Não havia ninguém por perto. Beth ouvia os gritos dos gladiadores vindo do filme na biblioteca e nada mais, exceto os próprios passos. Eles pareciam muito ruidosos.

Beth colocou um banquinho diante da janela e subiu nele. Com isso seu rosto ficou na altura do cadeado e do fecho, na parte de cima. A janela propriamente dita, feita de vidro fosco com tela de arame, tinha moldura de madeira pintada com uma grossa camada de esmalte branco. Ela examinou os parafusos que seguravam o fecho pintado. Havia tinta nas fendas. Franziu a testa e seu coração começou a bater mais rápido.

Nas raras ocasiões em que estava em casa – e sóbrio –, seu pai gostava de fazer pequenos reparos. A casa era velha, ficava numa parte mais pobre da cidade, e havia grossas camadas de tinta na madeira. Beth, com 5 e 6 anos, tinha ajudado o pai a tirar as antigas placas dos interruptores e das tomadas usando uma chave de fenda grande. Ela era boa nisso e o pai a elogiava.

– Você aprende muito rápido, docinho – dizia.

Nunca se sentira tão feliz. Mas quando havia tinta nas fendas dos parafusos ele dizia:

– Deixe o papai ajeitar isso para você.

E fazia alguma coisa para preparar a cabeça do parafuso, de modo que ela só precisava encaixar a chave de fenda e girar. Mas o que ele fazia para tirar a tinta? E para que lado ela deveria girar a chave? Por um momento quase caiu no choro, com uma súbita sensação de inadequação. Os gritos vindos da arena do filme aumentaram até se tornarem um rugido e o volume da música aumentou junto. Ela poderia descer do banco, voltar e se sentar outra vez na biblioteca.

Mas, se fizesse isso, continuaria a se sentir como estava agora. À noite teria que ficar deitada na cama com a luz que vinha por baixo da porta na cara, com os sons do corredor nos ouvidos e o gosto ruim na boca. E não haveria alívio, nenhum conforto para seu corpo. Pegou o cabo da chave de fenda e bateu na cabeça dos dois parafusos grandes. Não aconteceu nada. Trincou os dentes e pensou. Depois assentiu, séria, segurou a chave de fenda de outro jeito e, usando o cantinho da lâmina, começou a raspar a tinta. Era o que seu pai fazia. Forçou com as duas mãos, mantendo os pés firmes no banco, e empurrou ao longo da fenda. Um pouco da tinta saiu, expondo o latão do parafuso. Continuou empurrando com o canto afiado e mais tinta se soltou. Então um grande bloco de tinta caiu e a fenda ficou exposta.

Pegou a chave de fenda com a mão direita, colocou a lâmina com cuidado na fenda e girou – para a esquerda, como seu pai tinha ensinado. Agora lembrava. Era boa em lembrar das coisas. Torceu com o máximo de força possível. Nada aconteceu. Afastou a chave da fenda, segurou-a com as duas mãos e recolocou a lâmina no lugar. Depois encolheu os ombros e fez força até sentir uma fisgada nas mãos. E de repente alguma coisa guinchou e o parafuso se afrouxou. Continuou torcendo até conseguir tirá-lo com o dedo e colocá-lo no bolso da blusa. Depois passou para o outro parafuso. A parte do fecho em que estava trabalhando deveria estar presa com quatro parafusos – um em cada canto –, mas só havia dois. Ela tinha notado isso nos dias anteriores, assim como verificara todos os dias, na Hora da Vitamina, se os comprimidos verdes continuavam no vidro grande.

Pôs o outro parafuso no bolso e a extremidade do fecho se soltou sozinha,

com o grande cadeado ainda preso. A outra parte permaneceu sustentada pelos parafusos que a prendiam no batente da janela. Beth não tinha demorado muito para entender que só seria preciso retirar uma parte do fecho, e não as duas metades, como havia parecido de início.

Abriu a janela, inclinando-se para trás para deixá-la passar à sua frente, e enfiou a cabeça lá dentro. A lâmpada estava apagada, mas dava para ver a silhueta do vidro grande. Enfiou os braços pela abertura, ficando nas pontas dos pés, e se empurrou para a frente o máximo que pôde. Isso colocou sua barriga no parapeito. Ela começou a se contorcer e seus pés se ergueram do banco. O parapeito era levemente afiado e parecia cortá-la. Ignorou isso e continuou se contorcendo, metodicamente, avançando centímetro a centímetro. Sentiu e ouviu a blusa se rasgando. Ignorou-a; tinha outra no armário e poderia se trocar.

Agora suas mãos tocavam a superfície fria e lisa de uma mesa de metal. Era a mesa branca e estreita na qual o Sr. Fergussen se encostava quando dava os remédios a elas. Puxou-se para a frente de novo e seu peso passou para as mãos. Havia algumas caixas ali. Ela as empurrou de lado, abrindo espaço. Agora era mais fácil se mover. Deixou o peso do corpo cair para a frente, com o parapeito ainda embaixo dos quadris, até que ele raspou a parte superior das pernas e ela pôde se soltar em cima da mesa, girando no último segundo para não cair. Estava lá dentro! Respirou fundo algumas vezes e desceu. Havia luz suficiente para enxergar. Foi até a parede oposta e parou, diante do vidro pouco iluminado. Ele tinha uma tampa de vidro. Beth levantou-a e a pousou na mesa em silêncio. Depois enfiou lentamente as duas mãos no vidro. As pontas dos dedos tocaram a superfície lisa de dezenas de comprimidos, centenas deles. Enfiou as mãos mais fundo, enterrando-as até os pulsos. Respirou fundo e prendeu o fôlego por um longo tempo. Por fim deu um suspiro e tirou a mão direita cheia de comprimidos. Não contou, simplesmente os colocou na boca e foi engolindo, até todos descerem.

Então enfiou três punhados de comprimidos no bolso da saia. Na parede à direita da janela, havia um suporte com copos de papel. Conseguiu alcançá-lo ficando nas pontas dos pés e se esticando. Pegou quatro copos. Na noite anterior tinha se decidido por esse número. Levou-os empilhados até a mesa onde estava o vidro com os comprimidos. O nível tinha baixado até quase a metade do que

havia antes. O problema parecia insolúvel. Ela precisaria esperar e ver o que aconteceria.

Deixando os copos, foi até a porta que o Sr. Fergussen usava quando ia trabalhar na farmácia. Sairia por ali, destrancando-a por dentro, e faria duas viagens para carregar os comprimidos até a mesinha de cabeceira metálica ao lado da cama. Tinha uma caixa de lenços de papel quase vazia para colocá-los. Esticaria alguns lenços por cima e colocaria a caixa na parte de baixo da mesinha de cabeceira esmaltada, embaixo das calcinhas e meias limpas.

Mas a porta não queria abrir. Estava seriamente trancada. Examinou a maçaneta e o trinco, tateando com cuidado. Havia uma sensação densa, pesada, no fundo da garganta enquanto ela fazia isso, e seus braços estavam dormentes, como os braços de um defunto. O que tinha suspeitado quando a porta não abriu era verdade: era preciso ter uma chave, mesmo por dentro. E não dava para sair de volta pela janelinha levando quatro copos de papel cheios de tranquilizantes.

Ficou alarmada. Sentiriam sua falta no filme. Fergussen sairia para procurá-la. O projetor iria quebrar e todas as crianças seriam mandadas para a sala de uso geral, monitoradas por Fergussen, e ela estaria ali. Porém, mais profundamente do que isso, se sentia presa: a mesma sensação horrível, de fazer parar o coração, que sentira ao ser tirada de casa e colocada nessa instituição, obrigada a dormir numa ala com vinte estranhas e durante toda a noite ouvir barulhos que, de certa forma, eram tão ruins quanto os gritos em casa, quando o pai e a mãe estavam lá – os gritos vindos da cozinha muito iluminada. Beth dormia na sala de jantar, numa cama dobrável. Nessas ocasiões também se sentia presa e seus braços ficavam dormentes. Havia um espaço grande por baixo da porta que separava a cozinha da sala de jantar; a luz passava por baixo, junto com a gritaria.

Ela agarrou a maçaneta e ficou parada por um longo tempo, com a respiração curta. Então seu coração começou a bater quase normalmente outra vez e a sensação voltou aos braços e às mãos. Poderia sair pela janela. Estava com o bolso cheio de comprimidos. Poderia colocar os copos de papel na mesa branca perto da janela e, quando estivesse de novo no banco lá fora, esticar o braço e pegá-los, um de cada vez. Conseguia visualizar tudo isso, como numa posição de xadrez.

Levou os copos até a mesa. Tinha começado a sentir uma calma imensa, como a que sentira aquele dia no colégio secundário, quando sabia que era

invencível. Ao pousar o quarto copo, virou-se e olhou de novo para o vidro. Fergussen saberia que os comprimidos tinham sido roubados. Não dava para esconder. Às vezes seu pai dizia: "Perdido por um, perdido por mil."

Levou o vidro até a mesa, derramou o conteúdo dos copos lá dentro, deu um passo atrás e verificou. Seria simples se inclinar do lado de fora e pegar o vidro. Também sabia onde poderia escondê-lo: na prateleira de um armário de vassouras sem uso, no banheiro das meninas. Havia um velho balde de ferro galvanizado que não era usado nunca; o vidro caberia nele. No armário também havia uma escada baixa e ela poderia usá-la com segurança porque era possível trancar a porta do banheiro das meninas por dentro. Assim, se houvesse uma busca pelos comprimidos desaparecidos, mesmo que os encontrassem, não poderiam ligá-los a ela. Só pegaria uns poucos de cada vez e não contaria a ninguém – nem a Jolene.

Os comprimidos que tinha tomado alguns minutos antes estavam começando a alcançar sua mente. Todo o nervosismo havia desaparecido. Com clara determinação, ela subiu na mesa branca do Sr. Fergussen, pôs a cabeça para fora da janela e olhou ao redor na sala ainda vazia. O vidro de comprimidos estava a alguns centímetros do seu joelho esquerdo. Ela se retorceu de costas, passando pela janela até chegar ao banco. De pé em cima dele, sentiu-se calma, poderosa e no controle da própria vida.

Inclinou-se à frente, como num sonho, e pegou o vidro pela borda com ambas as mãos. Um agradável relaxamento havia se espalhado pelo seu corpo. Deixou-se amolecer, olhando fixo para as profundezas de pílulas verdes. Uma música imponente vinha do filme na biblioteca. Seus dedos dos pés ainda estavam no banquinho e o corpo, dobrado frouxamente sobre o parapeito da janela; não sentia mais sua borda afiada. Parecia uma boneca de pano flácida. À medida que seus olhos perdiam o foco, o verde se tornou um borrão brilhante e luminoso.

– *Elizabeth!* – A voz parecia vir de um lugar dentro da sua cabeça. – *Elizabeth!*

Beth piscou. Era uma voz de mulher, rude, como a de sua mãe. Não olhou em volta. Seus dedos e polegares na borda do vidro tinham se afrouxado. Apertou-os uns contra os outros e pegou o vidro. Sentiu que se movia em câmera lenta, como num filme em que alguém cai de um cavalo num rodeio e você vê a

pessoa flutuar suavemente até o chão, como se aquilo não fosse doer nem um pouco. Levantou o vidro com ambas as mãos e se virou. A parte de baixo do vidro bateu no parapeito da janela com um tinido oco, seus pulsos se torceram, o vidro se soltou das suas mãos e explodiu na beirada do banco aos seus pés. Os cacos, misturados com centenas de bolinhas verdes, cascatearam no piso de linóleo. Pedaços de vidro captaram a luz como diamantes falsos e ficaram caídos, estremecendo, enquanto os comprimidos verdes rolavam como uma cachoeira brilhante na direção da Sra. Deardorff. A Sra. Deardorff estava parada a pouco mais de um metro dela, repetindo "Elizabeth!", de novo e de novo. Depois do que pareceu um longo tempo, os comprimidos pararam de se mover.

Atrás da Sra. Deardorff estava o Sr. Fergussen, com sua calça e a camiseta brancas. Ao lado dele vinha o Sr. Schell, e logo atrás, apinhadas para ver o que havia acontecido, as outras crianças, algumas ainda piscando por causa do filme que tinha acabado de terminar. Todo mundo na sala olhava para ela, no alto de seu minipalco, o banquinho, as mãos separadas por uns 30 centímetros como se ainda segurassem o vidro.

Fergussen foi com ela no carro marrom do orfanato e a carregou para dentro do hospital, para a salinha onde as luzes eram fortes, e eles a fizeram engolir um tubo de borracha cinza. Foi fácil. Nada importava. Beth ainda podia ver o montinho de comprimidos verdes no vidro. Coisas estranhas estavam acontecendo dentro dela, mas não importava. Beth caiu no sono e só acordou por um momento quando alguém enfiou uma agulha hipodérmica em seu braço. Não soube quanto tempo ficou ali, mas não passou a noite. Fergussen a levou de volta. Estava sentada no banco da frente agora, acordada e despreocupada. O hospital ficava no campus, onde Fergussen era estudante de pós-graduação; ele apontou para o prédio de psicologia enquanto passavam.

– É ali que eu estudo – disse.

Ela apenas assentiu. Visualizou Fergussen como estudante, fazendo provas de verdadeiro ou falso e levantando a mão quando queria sair da sala. Nunca havia gostado dele antes, e o considerava apenas um dos outros.

– Meu Deus, garota – falou ele. – Achei que a Deardorff fosse *explodir*.

Ela olhou as árvores passando do lado de fora da janela do carro.

– Quantos você tomou? Vinte?

– Não contei.

Ele gargalhou.

– Aproveite – disse ele. – Amanhã vai ser abstinência total.

• • •

No Lar Methuen, Beth foi direto para a cama e dormiu profundamente por doze horas. De manhã depois do café, de volta a seu jeito distante de sempre, Fergussen disse para ela ir à sala da Sra. Deardorff. Por incrível que parecesse, Beth não estava com medo. O efeito dos comprimidos havia passado, mas ela se sentia descansada e calma. Enquanto se vestia, fez uma descoberta extraordinária. No fundo do bolso da saia de sarja havia 23 tranquilizantes. Precisou tirar a escova do estojo para caberem todos.

A Sra. Deardorff a deixou esperando quase uma hora. Beth não se importou. Leu na *National Geographic* sobre uma tribo de indígenas que moravam em buracos em penhascos. Pessoas de pele morena com cabelo preto e dentes ruins. Nas fotos havia crianças por toda parte, frequentemente aconchegadas com os mais velhos. Era tudo muito estranho; ela nunca havia sido muito tocada pelos mais velhos, a não ser para ser castigada. Não se permitiu pensar na grossa correia de amolar lâminas da Sra. Deardorff. Se Deardorff fosse usá-la, Beth aguentaria. De algum modo sentiu que o que tinha sido apanhada fazendo era de uma magnitude que ia além dos castigos comuns. E, mais ainda, tinha consciência da cumplicidade do orfanato, que havia dado a ela e a todas as outras crianças comprimidos que as deixavam menos inquietas, mais fáceis de controlar.

• • •

A Sra. Deardorff não a convidou a se sentar. O Sr. Schell estava sentado no sofazinho de chita azul e na poltrona vermelha estava a Srta. Lonsdale. A Srta. Lonsdale era encarregada da catequese. Antes de começar a sair de fininho para jogar xadrez nos domingos, Beth tinha ouvido algumas palestras dela. Eram sobre o serviço cristão e como a dança e o comunismo eram ruins, assim como outras coisas sobre as quais a Srta. Lonsdale não era muito específica.

– Discutimos seu caso durante uma hora, Elizabeth – disse a Sra. Deardorff.

Seus olhos, fixos em Beth, eram frios e perigosos.

Beth olhava sem dizer nada. Sentia que estava acontecendo alguma coisa parecida com o xadrez. No xadrez a pessoa não revelava qual seria seu próximo lance.

– Seu comportamento foi um choque profundo para todos nós. Nada... – por um momento os músculos nas laterais da mandíbula da Sra. Deardorff se destacaram como cabos de aço – *nada* na história do Lar Methuen foi tão deplorável. Isso não deve acontecer de novo.

O Sr. Schell disse:

– Estamos terrivelmente decepcionados...

– Não consigo dormir sem os comprimidos – confessou Beth.

Houve um silêncio de choque. Ninguém esperava que ela falasse. Então a Sra. Deardorff disse:

– Um motivo a mais para você não tomá-los.

Mas havia algo estranho na sua voz, como se ela estivesse com medo.

– Vocês não deviam ter dado isso à gente, para começo de conversa.

– *Não vou admitir que uma criança me responda assim!* – reagiu a Sra. Deardorff. Em seguida se levantou e se inclinou para Beth por cima da mesa. – Se falar assim comigo de novo, você vai se arrepender.

A respiração ficou presa na garganta de Beth. O corpo da Sra. Deardorff era enorme. Beth recuou como se tivesse tocado em alguma coisa incandescente.

A Sra. Deardorff sentou-se de volta e ajeitou os óculos.

– Seus privilégios de biblioteca e playground foram suspensos. Você não vai assistir aos filmes de sábado e vai para a cama às oito horas em ponto. Entendeu?

Beth assentiu.

– *Responda.*

– Entendi.

– Você vai chegar à catequese trinta minutos antes e será responsável pela arrumação das cadeiras. Se falhar de algum modo, a Srta. Lonsdale foi instruída a me informar. Se você for vista sussurrando com outra criança durante a catequese ou em qualquer outra aula, receberá automaticamente dez deméritos. – A Sra. Deardorff fez uma pausa. – Você entende o significado de dez deméritos?

Beth assentiu.

– Responda.

– Entendo.

– Elizabeth, a Srta. Lonsdale me informou que você costuma se ausentar da catequese por longos períodos. Isso vai acabar. Nos domingos você permanecerá na catequese durante todos os noventa minutos. Vai escrever um resumo de cada palestra dominical e deixá-lo na minha mesa na manhã de segunda-feira. – A Sra. Deardorff se inclinou para trás na cadeira e cruzou as mãos no colo. – E, Elizabeth...

Beth a encarou com cuidado.

– Sim, senhora?

A Sra. Deardorff deu um sorriso sinistro.

– Nada de xadrez.

• • •

Na manhã seguinte, Beth foi para a Fila da Vitamina depois do café. Podia ver que o fecho tinha sido recolocado na janela e que dessa vez havia parafusos nos quatro buracos de cada lado do cadeado.

Quando chegou à janela, Fergussen olhou-a e riu, perguntando:

– Quer se servir?

Ela balançou a cabeça e estendeu a mão para os comprimidos de vitamina. Ele os entregou e disse:

– Vá com calma, Harmon.

Sua voz estava agradável; ela nunca o tinha ouvido falar assim na Hora da Vitamina.

• • •

A Srta. Lonsdale não foi muito má. Parecia sem graça por Beth precisar se apresentar a ela às nove e meia e lhe mostrou, nervosa, como desdobrar e arrumar as cadeiras, ajudando-a nas duas primeiras filas. Beth conseguia fazer isso com facilidade, mas era muito ruim ouvir a Srta. Lonsdale falar sobre o comunismo ateu e o modo como estava se espalhando pelos Estados Unidos. Beth estava com sono e não tivera tempo de terminar o café da manhã. Mas

precisava prestar atenção para escrever o relatório. Ouviu a Srta. Lonsdale falar, daquele jeito muito sério, que todos precisavam ter cuidado, que o comunismo era como uma doença capaz de infectar a gente. Para Beth não estava claro o que era o comunismo. Era uma coisa em que pessoas malvadas em outros países acreditavam, como ser nazista e torturar milhões de judeus.

Se a Sra. Deardorff não houvesse contado ao Sr. Shaibel, ele estaria esperando por ela. Beth queria ir lá para jogar xadrez, tentar o Gambito do Rei contra ele. Talvez o Sr. Ganz voltasse com alguém do clube de xadrez para jogar com ela. Ela se permitiu pensar nisso apenas por um momento e seu coração começou a se encher. Queria fugir. Sentiu os olhos ardendo.

Piscou, balançou a cabeça e continuou escutando a Srta. Lonsdale, que agora estava falando da Rússia, um lugar terrível.

• • •

– Você deveria ter se *visto* – disse Jolene. – Em cima daquele banquinho. Flutuando, e a Deardorff berrando com você.

– Foi uma sensação esquisita.

– Porra, aposto que sim. Aposto que a sensação foi *boa*. – Jolene se inclinou um pouco mais para perto. – Quantos você tomou, afinal?

– Trinta.

Jolene a encarou.

– *Ca-ce-te!*

• • •

Era difícil dormir sem os comprimidos, mas não impossível. Beth guardou os poucos que tinha para emergências e decidiu que, se precisasse ficar acordada por várias horas toda noite, passaria o tempo aprendendo a Defesa Siciliana. Havia 57 páginas impressas sobre a Siciliana no *Aberturas modernas do xadrez*, com 170 linhas diferentes partindo de P4BD. Beth memorizava e repassava todas mentalmente. Quando isso terminasse e ela conhecesse todas as variantes, poderia passar para a Pirć, a Nimzowitsch e a Ruy López. O *Aberturas modernas do xadrez* era um livro grosso, denso. Ela ficaria bem.

Um dia, ao sair da aula de Geografia, viu o Sr. Shaibel no fim do corredor comprido. Ele estava com um balde de metal com rodinhas e passava pano no chão. Todos os alunos iam na direção oposta, para a porta que levava ao pátio do recreio. Ela foi até ele, parando onde o chão estava molhado. Ficou imóvel cerca de um minuto até que ele levantou o olhar para ela.

– Desculpe – disse ela. – Eles não me deixam mais jogar.

O homem franziu a testa e assentiu, mas não falou nada.

– Estou de castigo. Eu... – Beth olhou para o rosto dele. A expressão não revelava coisa nenhuma. – Eu queria poder jogar mais com o senhor.

Ele a olhou por um momento como se fosse falar alguma coisa. Mas em vez disso voltou os olhos para o chão, curvou ligeiramente o corpo gordo e voltou a passar o pano. De repente Beth sentiu um gosto azedo na boca. Virou-se e voltou pelo corredor.

• • •

Jolene disse que sempre aconteciam adoções na época do Natal. No ano depois que proibiram Beth de jogar xadrez houve duas, no início de dezembro. As duas meninas eram bonitas, pensou Beth.

– As duas eram brancas – disse Jolene em voz alta.

As duas camas ficaram vazias por um tempo. Até que certa manhã, antes do café, Fergussen entrou na ala das meninas. Algumas deram risinhos ao vê-lo ali, com o pesado molho de chaves no cinto. Ele foi até Beth, que estava calçando as meias. Faltava pouco para seu décimo aniversário. Ela calçou a segunda meia e olhou para ele.

Fergussen franziu a testa.

– Temos um lugar novo para você, Harmon. Venha comigo.

Ela atravessou o dormitório com ele, até a parede oposta. Uma das camas vazias ficava ali, embaixo da janela. Era um pouco maior do que as outras e tinha mais espaço em volta.

– Pode colocar suas coisas na mesinha de cabeceira. – Fergussen a encarou por um momento. – Aqui vai ser melhor.

Beth ficou parada, maravilhada. Era a melhor cama do dormitório. O homem

estava anotando alguma coisa numa prancheta. Ela tocou o antebraço dele com as pontas dos dedos, onde cresciam pelos escuros, acima do relógio.

– Obrigada.



TRÊS

– Estou vendo que você vai fazer 13 anos daqui a dois meses, Elizabeth – disse a Sra. Deardorff.

– Sim, senhora.

Beth estava sentada na cadeira de espaldar reto, diante da mesa da Sra. Deardorff. Fergussen tinha ido pegá-la na sala de estudos. Eram onze da manhã. Fazia mais de três anos que Beth não entrava nessa sala.

De repente a mulher sentada no sofá disse com animação forçada:

– Doze anos é uma idade maravilhosa!

A mulher usava um cardigã azul sobre um vestido de seda. Seria bonita, não fosse todo o ruge, o batom e o jeito nervoso com que articulava a boca ao falar. O homem sentado junto dela usava um terno de tweed cinza com colete.

– Elizabeth se sai muito bem em todos os trabalhos escolares – continuou a Sra. Deardorff. – É a melhor da turma em Leitura e Aritmética.

– Que bom! – exclamou a mulher. – Eu era muito cabeça de vento em

Aritmética. – Ela abriu um sorriso luminoso para Beth. – Sou a Sra. Wheatley – acrescentou num tom confidencial.

O homem pigarreou e não disse nada. Parecia desejar estar em outro lugar.

Beth assentiu depois do comentário da mulher, mas não conseguiu pensar em nada para dizer. Por que a haviam levado ali?

A Sra. Deardorff continuou falando sobre o desempenho escolar de Beth enquanto a mulher de cardigã azul prestava atenção, fascinada. Ela não falou sobre os comprimidos verdes nem sobre o xadrez; sua voz parecia tomada de uma aprovação distante. Quando terminou, houve um silêncio desconfortável durante um tempo. Então o homem pigarreou de novo, remexeu o peso do corpo, inquieto, e olhou para Beth como se estivesse espiando por cima da cabeça dela.

– Eles chamam você de Elizabeth? – Parecia haver uma bolha de ar em sua garganta. – Ou Betty?

Ela o encarou.

– Beth. Me chama de Beth.

Nas semanas seguintes ela se esqueceu da visita à sala da Sra. Deardorff e se ocupou dos trabalhos escolares e da leitura. Tinha encontrado uma coleção de livros para meninas e lia sempre que tinha uma oportunidade – nas salas de estudos, à noite na cama, nas tardes de domingo. Eram sobre as aventuras da garota mais velha de uma família grande e bagunçada. Seis meses antes o Lar Methuen tinha ganhado um aparelho de TV para a sala de estar, e ele era ligado durante uma hora todas as noites. Mas Beth descobriu que preferia as aventuras de Ellen Forbes a *I Love Lucy* e *Gunsmoke*. Ficava sentada na cama, sozinha no dormitório, e lia até as luzes se apagarem. Ninguém a incomodava.

Uma noite, em meados de setembro, estava sozinha lendo quando Fergussen entrou.

– Você não deveria estar arrumando suas coisas? – perguntou ele.

Ela fechou o livro, usando o polegar para marcar a página.

– Por quê?

– Não contaram a você?

– Contaram o quê?

– Você foi adotada. Virão pegá-la depois do café da manhã.

Beth simplesmente ficou sentada na beirada da cama, olhando a camiseta

branca e ampla de Fergussen.

• • •

– Jolene – chamou ela. – Não estou achando meu livro.

– Que livro? – perguntou Jolene, sonolenta.

Faltava pouco para apagarem as luzes.

– *Aberturas modernas do xadrez*, de capa vermelha. Eu deixo sempre na minha mesinha.

Jolene balançou a cabeça.

– Não faço a mínima ideia.

Fazia semanas que Beth não olhava o livro, mas se lembrava perfeitamente de tê-lo posto no fundo da segunda gaveta. Ao seu lado, na cama, havia uma valise de náilon marrom. Dentro estavam seus três vestidos e quatro conjuntos de roupa de baixo, a escova de dente, o pente, uma barra de sabonete Dial, duas presilhas de cabelo e alguns lenços de algodão simples. Tinha procurado o livro na biblioteca, mas ele não estava lá. Não havia mais onde procurar. Fazia três anos que não jogava uma partida de xadrez, a não ser na própria mente, mas o *Aberturas modernas do xadrez* era a única coisa que possuía e com a qual se importava.

Franziu os olhos para Jolene.

– Você não viu o livro, viu?

Por um momento Jolene pareceu zangada.

– Olha bem quem você está acusando. Um livro daqueles não tem nenhuma serventia para mim. – Em seguida sua voz se suavizou. – Ouvi dizer que você vai embora.

– É.

Jolene riu.

– Qual é o problema? Não quer ir?

– Não sei.

Jolene se enfiou embaixo do lençol e o puxou até os ombros.

– Só diga "Sim, senhor" e "Sim, senhora" e vai ficar tudo bem. Diga que você agradece por ter um lar cristão como o deles e talvez coloquem uma televisão no seu quarto.

Havia algo de estranho no modo como Jolene falava.

– Jolene, sinto muito.

– Sente muito o quê?

– Sinto muito você não ter sido adotada.

Jolene fungou.

– Merda, eu estou muito bem aqui.

Em seguida virou para o outro lado e se encolheu na cama. Beth começou a estender a mão para tocá-la, mas nesse momento a Srta. Furth parou junto à porta e disse:

– Apagando as luzes, meninas!

Beth voltou para a sua cama pela última vez.

No dia seguinte, a Sra. Deardorff foi com eles até o estacionamento e parou junto ao carro enquanto o Sr. Wheatley entrava no banco do motorista e a Sra. Wheatley e Beth ocupavam o de trás.

– Seja uma boa menina, Elizabeth – disse a Sra. Deardorff.

Beth assentiu e, ao fazer isso, viu que havia alguém atrás da Sra. Deardorff, na varanda do prédio da administração. Era o Sr. Shaibel. Ele estava com as mãos nos bolsos do macacão, olhando para o carro. Ela sentiu vontade de sair e ir até ele, mas a Sra. Deardorff estava no caminho, por isso Beth se recostou no banco. A Sra. Wheatley começou a falar e o Sr. Wheatley ligou o carro.

Enquanto partiam, Beth se virou no banco e acenou para ele pela janela de trás, mas ele não fez nada em resposta. Ela não teve certeza se ele a tinha visto ou não.

• • •

– Você deveria ter visto a cara deles – disse a Sra. Wheatley. Ela estava usando o mesmo cardigã azul, mas dessa vez com um vestido cinza-claro por baixo e as meias de náilon estavam enroladas até os tornozelos. – Olharam todos os meus armários e até inspecionaram a geladeira. Deu para ver imediatamente que ficaram impressionados com as minhas provisões. Coma mais um pouco da caçarola de atum. Adoro ver uma criança comendo.

Beth pôs mais um pouco no prato. O problema era que a comida estava salgada demais, mas não disse nada sobre isso. Era sua primeira refeição na casa

dos Wheatleys. O Sr. Wheatley já havia partido para Denver, a negócios, e ficaria várias semanas fora. Havia uma foto dele no piano vertical, perto da janela da sala de estar, fechada com cortinas grossas. Na sala, a TV estava ligada, sem ninguém para assistir. Uma voz masculina e grave fazia propaganda de analgésico.

O Sr. Wheatley tinha levado as duas até Lexington em silêncio e em seguida fora imediatamente para o andar de cima. Descera alguns minutos depois com uma mala, beijara a Sra. Wheatley distraidamente no rosto, acenara uma despedida para Beth e saíra.

– Eles queriam saber tudo sobre nós. Quanto o Allston ganha por mês. Por que não temos filhos. Até indagaram... – a Sra. Wheatley se curvou por cima do Pyrex e falou num sussurro teatral: – até perguntaram se eu já fiz tratamento psiquiátrico. – Ela se inclinou para trás e soltou o ar. – Dá para imaginar? Dá para imaginar?

– Não, senhora – respondeu Beth, preenchendo o silêncio súbito.

Em seguida pegou mais uma garfada de atum e tomou um gole d'água para acompanhar.

– Eles são *meticulosos*. Mas, você sabe, acho que é necessário.

Ela não havia tocado em nada que estava em seu prato. Nas duas horas desde a chegada, a Sra. Wheatley tinha passado o tempo pulando de qualquer cadeira em que estivesse sentada e indo verificar o fogão, ajeitando uma das gravuras de Rosa Bonheur nas paredes ou esvaziando seu cinzeiro. Falava quase constantemente enquanto Beth dizia um ocasional "Sim, senhora" ou "Não, senhora". Beth ainda não tinha sido levada ao seu quarto; a valise de náilon marrom estava junto à porta da frente, perto do revisteiro atulhado, onde a havia deixado às dez e meia da manhã.

– Só Deus sabe – estava dizendo a Sra. Wheatley. – Deus sabe que eles precisam ser meticulosos com as pessoas a quem entregam as crianças. Não podemos deixar que qualquer patife fique com a responsabilidade de criar uma criança.

Beth pousou seu garfo com cuidado.

– Posso ir ao banheiro, por favor?

– Ora, certamente. – A Sra. Wheatley apontou para a sala com o garfo.

Estivera segurando o garfo durante todo o almoço, mesmo não comendo nada. – É a porta branca à esquerda do sofá.

Beth se levantou, espremeu-se ao passar pelo piano que praticamente ocupava toda a pequena sala de jantar, foi até a sala de estar, passou pelo atravancamento composto pela mesinha de centro, as mesas de abajures e a imensa TV de jacarandá, agora transmitindo um filme de drama da tarde. Caminhou cuidadosamente pelo tapete felpudo Orion e entrou no banheiro. Era um banheiro minúsculo decorado totalmente em azul-esverdeado – a mesma cor do cardigã da Sra. Wheatley. Tinha um tapete azul, toalhas de mão azuis e a tampa da privada azul. Beth levantou a tampa da privada, vomitou o atum dentro e deu descarga.

• • •

Quando chegaram ao topo da escada a Sra. Wheatley parou por um momento, encostando o quadril no balaústre e ofegando. Depois deu alguns passos pelo corredor atapetado e empurrou uma porta com dramaticidade:

– Este será o seu quarto – disse.

Como era uma casa pequena, Beth tinha imaginado um quarto minúsculo, mas ao entrar ficou sem fôlego. Era enorme. O piso era pintado de cinza, com um tapete oval cor-de-rosa ao lado da cama de casal. Nunca tivera um quarto só seu. Ficou parada segurando a valise e olhou em volta. Havia uma cômoda e uma escrivaninha de madeira alaranjada combinando, com um abajur cor-de-rosa em cima e uma colcha de chenile rosa na cama enorme.

– Você não faz *ideia* de como é difícil encontrar bons móveis de carvalho – disse a Sra. Wheatley. – Mas acho que me saí muito bem, modéstia à parte.

Beth praticamente não escutava. Esse quarto era *seu*. Olhou a porta pintada com uma grossa camada de tinta branca; havia uma chave nela, embaixo da maçaneta. Poderia trancar a porta e ninguém entraria.

A Sra. Wheatley mostrou o banheiro no fim do corredor e depois a deixou sozinha para desfazer a mala, fechando a porta ao sair. Beth pousou a mala no chão e andou pelo quarto, parando apenas brevemente para olhar através de cada janela para a rua ladeada de árvores. Havia um armário maior que o da sua mãe e uma mesinha de cabeceira ao lado da cama, com uma pequena luminária. Era

um quarto lindo. Se ao menos Jolene pudesse ver! Por um momento sentiu vontade de chorar por Jolene. Queria que ela estivesse ali, andando pelo quarto com ela enquanto olhavam todos os móveis e depois penduravam as roupas no armário.

No carro, a Sra. Wheatley tinha dito como eles estavam felizes por terem encontrado uma criança mais velha. Beth havia pensado: então por que não adotaram Jolene? Mas não disse nada. Olhou o Sr. Wheatley com seu queixo trincado, sério, e as duas mãos pálidas no volante, depois para a Sra. Wheatley, e soube que eles jamais teriam adotado Jolene.

Sentou-se na cama e afastou a lembrança. Era uma cama maravilhosamente macia, com um aroma limpo e fresco. Curvou-se, tirou os sapatos e se deitou, esticando-se naquela vastidão confortável, virando a cabeça, feliz, para olhar a porta fechada que deixava o quarto todinho para ela.

Naquela noite, ficou várias horas acordada, não querendo dormir imediatamente. Havia um poste do lado de fora da janela, mas do lado de dentro havia cortinas boas, grossas, que Beth poderia puxar para bloquear a luz. Antes de dar boa-noite, a Sra. Wheatley tinha mostrado seu quarto a Beth. Ficava do outro lado do corredor e era exatamente do mesmo tamanho do de Beth, mas tinha uma televisão, poltronas com capas e colcha azul na cama.

– Na verdade é um sótão remodelado – contou a Sra. Wheatley.

Deitada na cama, Beth ouviu o som distante da Sra. Wheatley tossindo e mais tarde ouviu os pés descalços dela indo pelo corredor até o banheiro. Mas não se importou. Sua porta estava trancada. Ninguém poderia abri-la e deixar a luz bater em seu rosto. A Sra. Wheatley estava sozinha no quarto dela e não haveria sons de conversas ou discussões – apenas música e vozes baixas, sintéticas, vindas da televisão. Seria maravilhoso ter Jolene ali, mas nesse caso o quarto não seria só seu, ela não poderia ficar deitada sozinha nessa cama gigantesca, esticada no meio dela, tendo os lençóis frescos e agora o silêncio só para si.

• • •

Na segunda-feira, Beth foi para a escola. A Sra. Wheatley a levou de táxi, mesmo ficando a cerca de um quilômetro. Beth entrou no sétimo ano. A escola era bem parecida com a daquela outra cidade, onde tinha feito a exibição de xadrez, e ela

sabia que suas roupas não eram boas, mas ninguém prestou muita atenção. Alguns dos outros alunos a olharam por um minuto quando a professora a apresentou à turma, mas foi só isso. Ela recebeu os livros e o horário. Pelos livros e pelo que os professores falavam na aula, Beth soube que seria fácil. Encolheu-se um pouco ouvindo o barulho alto nos corredores, entre as aulas, e ficou sem jeito algumas vezes, quando os outros alunos olhavam para ela, mas não foi difícil. Sentiu que poderia enfrentar qualquer coisa naquela escola pública ensolarada e barulhenta.

Na hora do almoço, tentou sentar-se sozinha no refeitório com seu sanduíche de presunto e a caixa de leite, mas outra garota ocupou o lugar diante dela. Durante um tempo nenhuma das duas falou nada. A outra menina era sem graça, como Beth.

Quando estava na metade do sanduíche, Beth olhou para ela.

– Essa escola tem um clube de xadrez? – perguntou.

A outra menina levantou os olhos, espantada.

– O quê?

– Tem um clube de xadrez aqui? Eu quero participar.

– Ah. Acho que não tem nada assim. Você pode fazer teste para líder de torcida júnior.

Beth terminou seu sanduíche.

• • •

– Você passa mesmo muito tempo estudando – disse a Sra. Wheatley. – Não tem nenhuma distração?

Na verdade Beth não estava estudando; estava lendo um romance da biblioteca da escola, sentada na poltrona em seu quarto, perto da janela. A Sra. Wheatley batera à porta e depois entrara, usando um roupão de chenile rosa e chinelos de cetim rosa. Aproximou-se e se sentou na beirada da cama, sorrindo distraidamente, como se estivesse pensando em alguma outra coisa. Já fazia uma semana que Beth morava com ela, e notou que a Sra. Wheatley ficava frequentemente assim.

– Eu jogava xadrez.

A Sra. Wheatley piscou.

– Xadrez?

– Eu gosto muito.

A Sra. Wheatley balançou a cabeça como se quisesse tirar alguma coisa do cabelo.

– Ah, *xadrez*! O jogo dos reis. Que ótimo.

– A senhora joga?

– Ah, Deus, não! – A Sra. Wheatley deu um riso autodepreciativo. – Não tenho cabeça para isso. Mas meu pai jogava. Meu pai era cirurgião, era muito refinado. Acredito que ele era um ótimo jogador de xadrez.

– Será que eu poderia jogar com ele?

– Infelizmente, não. Meu pai faleceu há anos.

– Há alguém com quem eu possa jogar?

– Jogar xadrez? Não faço ideia. – A Sra. Wheatley a encarou por um momento. – Não é um jogo para garotos?

– Garotas também jogam.

– Que bom! – comentou a Sra. Wheatley, mas obviamente estava a quilômetros de distância.

• • •

A Sra. Wheatley passou dois dias limpando a casa para a Srta. Farley e, na manhã da visita, mandou Beth escovar o cabelo três vezes.

Quando a Srta. Farley entrou, foi seguida por um homem alto usando uma jaqueta de time de futebol americano. Beth ficou chocada ao ver que era Fergussen. Ele parecia ligeiramente constrangido.

– Oi, Harmon – disse ele. – Eu me convidei para vir junto.

Ele entrou na sala de estar da Sra. Wheatley e ficou parado com as mãos no bolso.

A Srta. Farley tinha diversos formulários e uma lista de verificação. Queria saber sobre a alimentação de Beth, os trabalhos escolares e que planos tinham para o verão. A Sra. Wheatley foi quem mais falou. Beth podia vê-la ficar mais expansiva a cada pergunta.

– Você não faz ideia de como Beth se adaptou maravilhosamente ao ambiente

escolar – elogiou a Sra. Wheatley. – Os professores ficaram imensamente impressionados com o desempenho dela...

Beth não conseguia se lembrar de nenhuma conversa entre a Sra. Wheatley e os professores da escola, mas não disse nada.

– Eu esperava ver o Sr. Wheatley também – disse a Srta. Farley. – Ele vai chegar logo?

A Sra. Wheatley sorriu.

– Allston ligou mais cedo dizendo que lamentava profundamente, mas não poderia vir. Ele tem trabalhado demais. – Ela olhou para Beth, ainda sorrindo. – Allston é um provedor maravilhoso.

– Ele consegue passar bastante tempo com Beth? – perguntou a Srta. Farley.

– Ora, *claro*! – respondeu a Sra. Wheatley. – Allston é um pai maravilhoso para ela.

Chocada, Beth olhou para as próprias mãos. Nem Jolene conseguia mentir tão bem. Por um momento, ela própria havia acreditado naquilo, na imagem de um Allston Wheatley solícito, paterno – um Allston Wheatley que não existia para além das palavras da Sra. Wheatley. Mas então se lembrou do verdadeiro, sério, distante e silencioso. E não houvera telefonema nenhum.

Durante a hora em que estavam ali, Fergussen não disse quase nada. Quando se levantaram para sair, ele estendeu a mão para Beth e o coração dela ficou apertado.

– Foi bom ver você, Harmon.

Beth apertou a mão dele, desejando que, de algum modo, ele pudesse ficar lá com ela.

• • •

Alguns dias depois a Sra. Wheatley a levou ao centro da cidade para comprar roupas. Quando o ônibus parou na esquina, Beth entrou sem hesitar, mesmo sendo a primeira vez que entrava num ônibus. Era um sábado quente de outono, Beth estava desconfortável com a saia de lã do Lar Methuen e mal podia esperar para ganhar uma nova. Começou a contar os quarteirões até o centro.

Saíram na 17ª esquina. A Sra. Wheatley segurou sua mão, mesmo que não fosse necessário, e andou com ela por alguns metros de uma calçada

movimentada até a porta giratória da loja de departamentos Ben Snyder's. Eram dez da manhã e os corredores estavam cheios de mulheres carregando bolsas grandes e escuras e sacolas de compras. A Sra. Wheatley caminhava pela multidão com a segurança de uma especialista. Beth foi atrás.

Antes de procurarem alguma coisa para vestir, a Sra. Wheatley a levou pela escada larga até o subsolo, onde passaram vinte minutos, junto a um balcão em que havia uma pequena placa dizendo GUARDANAPOS COM DEFEITO, reunindo seis guardanapos azuis da pilha multicolorida e rejeitando dezenas de outros. Beth esperou enquanto a Sra. Wheatley arrumava o conjunto hipnotizada numa espécie de tentativa e erro e depois decidia que realmente não precisava de guardanapos. Foram então para outro balcão onde estava escrito SALDO DE LIVROS. A Sra. Wheatley leu os títulos de muitos livros de 39 centavos, pegou vários e folheou, mas não comprou nenhum.

Por fim pegaram a escada rolante de volta ao andar principal. Ali pararam num balcão de perfumes para que a Sra. Wheatley pudesse borrifar *Evening in Paris* em um pulso e *Emeraude* no outro.

– Certo, querida – disse finalmente a Sra. Wheatley. – Vamos ao quarto andar. – Ela sorriu para Beth. – Roupas para senhoritas prontas para vestir.

Entre o terceiro e o quarto andar Beth olhou para trás e viu uma placa num balcão dizendo LIVROS E JOGOS. Perto da placa, num balcão com tampo de vidro, havia três jogos de xadrez.

– Xadrez! – exclamou, puxando a manga da blusa da Sra. Wheatley.

– O que foi? – perguntou a Sra. Wheatley, notadamente incomodada.

– Eles vendem jogos de xadrez. Podemos voltar?

– Não precisa falar tão *alto*. Na volta a gente passa por lá.

Mas isso não aconteceu. A Sra. Wheatley passou o resto da manhã fazendo Beth experimentar casacos vendidos com desconto e se virar para mostrar a altura da bainha, depois ir até perto da janela para que ela visse o tecido à "luz natural", finalmente comprando um e insistindo que descessem de elevador.

– Não vamos olhar os jogos de xadrez? – perguntou Beth, mas a Sra. Wheatley não respondeu.

Os pés de Beth doíam e ela estava suando. Não gostou do casaco que estava carregando numa caixa de papelão. Era do mesmo azul-esverdeado do suéter

onipresente da Sra. Wheatley e não era do seu tamanho. Beth não sabia muito sobre roupas, mas dava para ver que essa loja vendia peças baratas.

Quando o elevador parou no terceiro andar, Beth começou a lembrá-la dos jogos de xadrez, mas a porta se fechou e as duas desceram até o térreo. A Sra. Wheatley pegou a mão de Beth e atravessou a rua com ela até o ponto de ônibus, reclamando da dificuldade de encontrar qualquer coisa hoje em dia.

– Mas, afinal de contas – disse filosoficamente enquanto o ônibus chegava à esquina –, conseguimos o que viemos comprar.

Na semana seguinte, na aula de Inglês, algumas garotas estavam conversando atrás de Beth antes de a professora entrar.

– Você comprou esse sapato na Ben Snyder's ou algo assim? – perguntou uma delas.

– Eu não entraria na Ben Snyder's nem morta – disse a outra, rindo.

• • •

Beth caminhava todas as manhãs até a escola, passando por ruas sombreadas, cheias de casas silenciosas com árvores nos gramados. Outros estudantes iam pelo mesmo caminho e Beth reconhecia alguns, mas sempre ia sozinha. Tinha se matriculado com duas semanas de atraso no período de outono, e depois da quarta semana começaram as provas. Na terça-feira ela não tinha provas de manhã e deveria ir para a sala de estudos. Em vez disso, pegou o ônibus para o centro da cidade, levando seu caderno e os 40 centavos que tinha poupado dos 25 que ganhava toda semana. Estava com as moedas contadas quando entrou no ônibus.

Os jogos de xadrez ainda estavam no balcão, mas de perto deu para ver que não eram muito bons. Quando pegou a dama branca, Beth ficou surpresa ao ver como era leve. Virou-a. Era oca e feita de plástico. Colocou-a de volta enquanto a vendedora se aproximava e dizia:

– Em que posso ajudar?

– A senhora tem o *Aberturas modernas do xadrez*?

– Temos xadrez, damas e gamão. E uma variedade de jogos infantis.

– É um livro sobre xadrez.

– O departamento de livros é do outro lado do corredor.

Beth foi até as estantes e começou a procurar. Não havia nada sobre xadrez. Também não havia nenhum vendedor a quem perguntar. Voltou para a mulher atrás do balcão e precisou esperar um bom tempo para conseguir atrair a atenção dela.

– Estou tentando encontrar um livro de xadrez – disse.

– Nós não vendemos livros neste departamento – respondeu a mulher já se virando de novo.

– Tem alguma livraria aqui perto? – perguntou Beth rapidamente.

– Tente na Morris's.

Ela foi até uma pilha de caixas e começou a arrumá-las.

– Onde fica?

A mulher não disse nada.

– Onde fica a Morris's, senhora? – perguntou Beth mais alto.

A mulher se virou e a olhou furiosa.

– Na Upper Street.

– Onde fica a Upper Street?

A mulher a encarou um momento como se fosse gritar. Depois seu rosto relaxou e ela disse:

– Dois quarteirões subindo a Main.

Beth desceu pela escada rolante.

• • •

A Morris's ficava numa esquina, perto de uma farmácia. Beth empurrou a porta e se viu num salão com mais livros do que já tinha visto em toda a sua vida. Havia um homem careca sentado num banco atrás de um balcão, fumando um cigarro e lendo. Beth foi até ele.

– O senhor tem o *Aberturas modernas do xadrez*?

O homem afastou o olhar do livro e a espiou por cima dos óculos.

– É um pedido estranho – disse ele em voz agradável.

– O senhor tem?

– Acho que sim.

Ele se levantou do banco e foi até os fundos da loja. Um minuto depois

voltou, trazendo o livro. Era o mesmo livro grosso com a mesma capa vermelha. Beth perdeu o fôlego ao vê-lo.

– Aí está – disse o homem, entregando-lhe o livro.

Ela pegou o volume e abriu na parte sobre a Defesa Siciliana. Era bom ver de novo os nomes das variantes; Levenfish, Dragão, Najdorf. Em sua cabeça, eram como feitiços, ou nomes de santos.

Depois de um tempo, ouviu o homem falando:

– Você leva o xadrez tão a sério assim?

– Levo.

Ele sorriu.

– Achei que esse livro era só para Grandes Mestres.

Beth hesitou.

– O que é um Grande Mestre?

– Um jogador genial. Como o Capablanca, só que isso foi há muito tempo. Hoje em dia há outros, mas não sei o nome deles.

Beth nunca tinha visto ninguém como esse homem. Ele era muito tranquilo e falava como se ela fosse outro adulto. Fergussen era o mais próximo disso, mas às vezes ele era muito formal.

– Quanto custa o livro? – perguntou ela.

– É caro. É 5,95.

Ela temera que fosse algo assim. Descontando a passagem da volta ela só tinha 10 centavos. Estendeu o livro para ele e disse:

– Obrigada. Não tenho como pagar.

– Sinto muito. Pode colocá-lo no balcão.

Ela o colocou lá.

– O senhor tem outros livros de xadrez?

– Claro. Na seção de Jogos e Esportes. Vá dar uma olhada.

No fundo da loja havia uma estante inteira com títulos como *Paul Morphy e a era de ouro do xadrez; Armadilhas vencedoras do xadrez; Como melhorar seu xadrez; Estratégias aperfeiçoadas do xadrez*. Ela pegou um chamado *Ataque e contra-ataque no xadrez* e começou a ler os jogos, visualizando-os na própria mente sem olhar os diagramas. Ficou parada um longo tempo enquanto alguns fregueses entravam e saíam da livraria. Ninguém a incomodou. Leu uma partida após a outra e se surpreendeu em algumas delas com lances espantosos –

sacrifícios da dama e mates sufocados. Havia 60 jogos e cada um tinha um título no topo da página, como "V. Smyslov – I. Rudakavsky: Moscou 1945" ou "A. Rubinstein – O. Duras: Viena 1908". Nesse, as brancas promoveram um peão a dama no 36º lance ameaçando um xeque descoberto.

Beth olhou a capa do livro. Era menor do que o *Aberturas modernas do xadrez* e havia um adesivo dizendo que o preço era 2,95. Começou a lê-lo sistematicamente. O relógio na parede da livraria indicava dez e meia. Precisaria sair dali a uma hora para chegar à escola a tempo da prova de História. O vendedor não estava prestando atenção nela, absorto em sua própria leitura. Beth começou a se concentrar, e às onze e meia tinha memorizado 12 partidas.

No ônibus de volta à escola, começou a repassá-las na cabeça. Por trás de alguns lances – não os glamorosos como os sacrifícios de dama, mas às vezes apenas com o avanço de um peão –, podia ver sutilezas que faziam seus pelos da nuca se arrepiarem.

Chegou cinco minutos atrasada para a prova, mas ninguém pareceu se importar, e de qualquer modo ela terminou antes de todo mundo. Nos vinte minutos até o fim do período, repassou "P. Keres – A. Tarnowski: Helsinki 1952". Era a Abertura Ruy López, em que as brancas posicionavam o bispo de um modo que, Beth podia ver, fazia um ataque indireto ao peão do rei preto. Na 35ª jogada, as brancas levaram a torre à sétima casa do cavalo de um modo chocante que quase fez Beth gritar na carteira.

• • •

O Colégio Fairfield tinha clubes sociais que se reuniam uma hora depois das aulas e às vezes no primeiro período nas sextas-feiras. Havia o Apple Pi Club, o Sub Debs e o Girls Around Town. Eram como as irmandades universitárias, e a pessoa precisava ser indicada por alguém para entrar. As garotas do Apple Pi eram do oitavo e do nono ano; a maioria usava suéteres de caxemira de cores vibrantes e sapatos bicolores elegantemente gastos, com meias xadrez. Algumas moravam no campo e tinham cavalos. Puros-sangues. Garotas assim nunca olhavam para ela nos corredores; estavam sempre sorrindo para outra pessoa. Os suéteres delas eram de um amarelo luminoso, azul profundo ou verde pastel. As meias subiam até logo abaixo dos joelhos e eram feitas de lã inglesa 100% virgem.

Às vezes, quando Beth se olhava no espelho do banheiro feminino entre as aulas e via o cabelo castanho liso, os ombros estreitos e o rosto redondo com olhos castanhos sem graça e sardas no nariz, sentia o velho gosto de vinagre na boca. As garotas que faziam parte dos clubes usavam sombra nos olhos e batom; Beth não usava maquiagem e seu cabelo ainda caía sobre a testa, numa franja. Não ocorria a ela nem a ninguém que pudesse ser indicada para algum clube.

• • •

– Esta semana vamos começar a estudar o Binômio de Newton – disse a Sra. MacArthur. – Alguém sabe o que é um binômio?

Na fila de trás, Beth levantou a mão. Era a primeira vez que fazia isso.

– Sim? – falou a Sra. MacArthur.

Beth se levantou, sentindo-se envergonhada de repente.

– Um binômio é uma expressão matemática contendo dois termos. – Ela havia estudado isso no ano anterior, no Lar Methuen. – X mais Y é um binômio.

– *Muito bem* – elogiou a Sra. MacArthur.

A garota sentada à frente de Beth se chamava Margaret; tinha cabelos louros luminosos e usava um suéter de caxemira num tom de lavanda pálido, caro. Quando Beth se sentou, e cabeça loura se virou ligeiramente para ela.

– *Crânio!* – sibilou Margaret. – *Crânio de bosta!*

• • •

Nos corredores Beth ficava sempre sozinha; mal lhe ocorria que houvesse outro modo de estar. A maioria das garotas andava em pares ou trios, mas ela não andava com ninguém.

Numa tarde, quando estava saindo da biblioteca, ela levou um susto com o som de gargalhadas distantes, olhou para o fim do corredor e viu, cercada por um halo do sol da tarde, as costas de uma garota negra e alta. Duas garotas mais baixas estavam perto dela, junto ao bebedouro, olhando para seu rosto enquanto ela ria. Suas feições não estavam nítidas, e a luz por trás delas fez Beth franzir os olhos. A garota mais alta se virou ligeiramente e o coração de Beth quase parou

com a inclinação familiar da cabeça. Deu uma dúzia de passos rápidos pelo corredor, na direção delas.

Mas não era Jolene. Beth parou de repente e se virou para o outro lado. As três garotas se afastaram do bebedouro e saíram ruidosas pela porta da frente do prédio. Beth ficou um longo tempo olhando na direção delas.

• • •

– Será que você poderia ir ao Bradley comprar cigarro para mim? – perguntou a Sra. Wheatley. – Acho que estou resfriada.

– Sim, senhora.

Era uma tarde de sábado e Beth segurava um romance no colo, sem lê-lo. Estava repassando um jogo entre P. Morphy e alguém chamado simplesmente de "Grande Mestre". Havia algo curioso no 18º lance de Morphy, cavalo cinco do bispo. Era um bom ataque, mas Beth sentiu que Morphy poderia ser mais destrutivo com a torre da dama.

– Vou mandar um bilhete, já que você é meio novinha para fumar.

– Sim, senhora.

– Três maços de Chesterfields.

– Sim, senhora.

Ela havia ido lá apenas uma vez, com a Sra. Wheatley. A mulher lhe deu um bilhete escrito a lápis e 1,20 dólar. Beth entregou o bilhete ao Sr. Bradley no balcão. Havia um comprido mostruário de revistas atrás dela. Quando pegou os cigarros, ela se virou e começou a olhar. A foto do senador Kennedy estava na capa da *Time* e da *Newsweek*: ele ia concorrer à presidência e provavelmente não ganharia porque era católico.

Havia uma fileira de revistas femininas e todos os rostos nas capas eram parecidos com os de Margaret, Sue Ann e as outras do Apple Pi. Os cabelos brilhavam; os lábios eram carnudos e vermelhos.

Beth tinha decidido sair quando algo atraiu seu olhar. No canto inferior direito, onde ficavam as revistas sobre fotografia, banhos de sol e faça você mesmo, havia uma capa com a foto de uma peça de xadrez. Ela foi até lá e a pegou. Na capa estava o título, *Revista do Xadrez*, e o preço. Ela a abriu. Era repleta de jogos e fotografias de pessoas jogando xadrez. Havia um artigo

chamado "O Gambito do Rei reabilitado" e outro chamado "Jogadas brilhantes de Morphy". Beth tinha acabado de repassar um dos jogos de Morphy! Seu coração começou a bater mais depressa. Continuou folheando. Havia um artigo sobre o xadrez na Rússia. E a coisa que ficava sempre aparecendo era a palavra "torneio". Havia toda uma seção chamada "Vida de torneio". Ela não sabia que existiam torneios de xadrez. Pensava que xadrez era apenas uma coisa que a pessoa fazia, assim como a Sra. Wheatley gostava de tapetes e montava quebra-cabeças.

– Mocinha – disse o Sr. Bradley –, você precisa comprar a revista ou colocá-la de volta.

Ela se virou, com um susto.

– Será que eu posso só...?

– Leia a placa.

À sua frente havia um aviso escrito à mão: SE QUISER LER – COMPRE. Mas Beth só tinha 15 centavos. Alguns dias antes, a Sra. Wheatley havia dito que ela precisaria ficar um tempo sem mesada; elas estavam com pouco dinheiro e o Sr. Wheatley ia demorar no Oeste. Beth recolocou a revista no lugar e saiu da loja.

Na metade do quarteirão, ela parou, pensou por um momento e voltou. Havia uma pilha de jornais no balcão, perto do cotovelo do Sr. Bradley. Ela lhe entregou uma moeda de 10 centavos e pegou um. O Sr. Bradley estava ocupado com uma mulher que comprava remédios. Beth foi até o final do mostruário de revistas com o jornal embaixo do braço e esperou.

Depois de alguns minutos o Sr. Bradley disse:

– Temos em três quantidades.

Ela o ouviu indo até os fundos da loja com a mulher atrás. Beth pegou o exemplar da *Revista do Xadrez* e o enfiou no meio do jornal.

Do lado de fora, ao sol, caminhou um quarteirão com o jornal embaixo do braço. Na primeira esquina, parou, pegou a revista e a enfiou no cós da saia, cobrindo-a com o suéter azul-esverdeado de lã reprocessada comprado na Ben Snyder's. Puxou o suéter por cima da revista e jogou o jornal na lata de lixo da esquina.

Caminhando para casa com a revista dobrada e grudada na barriga lisa, pensou de novo naquela jogada de torre que Morphy não tinha feito. A revista dizia que Morphy talvez fosse "o jogador mais brilhante na história do jogo". A

torre poderia ir para a casa sete do bispo, e era melhor as pretas não a capturarem com seu cavalo porque... Ela parou na metade do quarteirão. Um cachorro latia em algum lugar e, do outro lado da rua, num gramado bem aparado, dois meninos brincavam de pique, gritando. Depois que o segundo peão fosse para a casa cinco do cavalo do rei, a torre restante poderia passar, e se o jogador das pretas tomasse o peão, o bispo poderia dar um descoberto, e se não tomasse...

Fechou os olhos. Se ele não o capturasse, Morphy poderia forçar mate em dois lances, começando com o sacrifício do bispo dando xeque. Se ele o *capturasse*, o peão branco iria avançar de novo, e então o bispo iria para o outro lado, e não haveria nada que as pretas pudessem fazer. *Era isso.* Um dos meninos do outro lado da rua começou a chorar. *Não havia nada que as pretas pudessem fazer.* O jogo terminaria em 29 lances, no máximo. Como estava no livro, Paul Morphy tinha precisado de 36 jogadas para vencer. Ele não tinha visto o lance com a torre. *Mas ela, sim*.

Lá em cima o sol brilhava num céu azul límpido. O cachorro continuava a latir. A criança berrava. Beth caminhou lentamente para casa e repassou o jogo. Sua mente estava lúcida como um diamante perfeito e deslumbrante.

• • •

– Allston deveria ter voltado há semanas – disse a Sra. Wheatley.

Estava sentada na cama com uma revista de palavras cruzadas ao seu lado e um pequeno aparelho de TV na cômoda, ligado sem som. Beth tinha acabado de lhe trazer uma xícara de café instantâneo da cozinha. A Sra. Wheatley estava usando seu roupão cor-de-rosa e tinha o rosto coberto de pó de arroz.

– Ele vai voltar logo?

Na verdade Beth não queria conversar com a Sra. Wheatley; queria voltar à *Revista do Xadrez.*

– Ele está inevitavelmente retido.

Beth assentiu. Depois disse:

– Eu gostaria de arranjar um emprego para depois da escola.

A Sra. Wheatley piscou para ela.

– Um emprego?

– Talvez eu possa trabalhar numa loja ou lavar pratos em algum lugar.

A Sra. Wheatley a encarou por um longo tempo antes de dizer:

– Com 13 anos? – Em seguida assoou o nariz em silêncio num lenço de papel e o dobrou. – Eu achava que você tinha tudo de que precisava.

– Eu gostaria de ganhar algum dinheiro.

– Para comprar roupas, imagino.

Beth não disse nada.

– As únicas meninas da sua idade que trabalham são as de cor.

O modo como ela disse "de cor" fez Beth decidir não tocar mais no assunto.

Entrar para a Federação de Xadrez dos Estados Unidos, a USFC, custava seis dólares. Mais quatro dólares garantiriam uma assinatura da revista. Havia algo mais interessante ainda: na seção chamada "Vida de torneio", havia regiões numeradas; inclusive uma para Ohio, Illinois, Tennessee e Kentucky, e embaixo dela um item anunciava: "Campeonato Estadual do Kentucky, final de semana de Ação de Graças, Auditório do Colégio Henry Clay, Lexington, Sexta, Sábado e Domingo." E embaixo estava escrito: "185 dólares em prêmios. Inscrição: 5 dólares. Apenas sócios da USFC."

Custaria seis dólares para entrar para a federação e cinco para participar do torneio. O ônibus que ia pela Main passava pelo Colégio Henry Clay; ficava a onze quarteirões da Janwell Drive. Faltavam cinco semanas para o feriado de Ação de Graças.

• • •

– Alguém pode repetir? – perguntou a Sra. MacArthur.

Beth levantou a mão.

– Beth?

Ela se levantou.

– Em qualquer triângulo retângulo, o quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos.

E sentou-se.

Margaret deu um risinho e se inclinou para Gordon, que se sentava ao lado dela e às vezes segurava sua mão.

– Isso é que é um crânio! – sussurrou em voz baixa, de menininha, radiante

de desprezo.

Gordon gargalhou. Beth olhou para as folhas de outono do lado de fora da janela.

• • •

– Não sei para onde vai o dinheiro! – disse a Sra. Wheatley. – Só comprei umas bobaginhas este mês e minhas economias foram dizimadas. Dizimadas. – Ela se deixou cair na poltrona forrada de chita e virou o rosto para o teto, com os olhos arregalados, como se esperasse a queda de uma guilhotina. – Paguei as contas de luz e de telefone e fiz compras simples no mercado, nada de mais. Não comprei creme para o café da manhã, não comprei nadinha para mim mesma, não fui ao cinema nem ao bazar da igreja metodista, e no entanto só restam sete dólares. Eu deveria ter pelo menos vinte. – Ela colocou as notas de um dólar amassadas na mesa ao lado, tendo-as tirado da bolsa alguns instantes antes. – Só temos isso até o fim de outubro. Mal vai dar para comprar aveia e pescoços de frango.

– O Lar Methuen não manda um cheque para a senhora?

A Sra. Wheatley baixou o olhar do teto e encarou Beth.

– No primeiro ano – disse em tom monocórdio. – Como se eu não precisasse de todo o dinheiro só para manter você.

Beth sabia que não era verdade. O cheque era de setenta dólares, e a Sra. Wheatley não gastava tanto assim com ela.

– Nós precisamos de vinte dólares para viver razoavelmente até o dia primeiro – sentenciou a Sra. Wheatley. – Tenho treze dólares a menos. – Ela virou os olhos rapidamente para o teto e depois olhou de novo para Beth. – Vou ter de registrar melhor os gastos.

– Talvez seja a inflação – retorquiu Beth, com alguma verdade.

Ela só havia tirado seis dólares, para a inscrição na federação.

– Talvez seja.

A Sra. Wheatley parecia mais calma.

O problema eram os cinco dólares para a inscrição no torneio. Na sala de estudos, no dia seguinte ao sermão da Sra. Wheatley sobre o dinheiro, Beth pegou uma folha do caderno de redação e escreveu uma carta para o Sr. Shaibel, Zelador, Lar Methuen, Mount Sterling, Kentucky:

Caro Sr. Shaibel.

Haverá um torneio de xadrez aqui. O primeiro prêmio é de cem dólares e o segundo, de cinquenta dólares. Tem outros prêmios também. A inscrição custa cinco dólares e eu não tenho isso.

Se o senhor me mandar o dinheiro eu pago de volta dez dólares se ganhar algum prêmio.

Atenciosamente,
Elizabeth Harmon

Na manhã seguinte, pegou um envelope e um selo na mesa atulhada da sala de estar enquanto a Sra. Wheatley ainda estava na cama. Pôs a carta na caixa de correio a caminho da escola.

Em novembro, pegou mais um dólar na bolsa da Sra. Wheatley. Fazia uma semana que tinha escrito para o Sr. Shaibel e não recebera resposta. Dessa vez, com parte do dinheiro comprou o novo exemplar da *Revista do Xadrez*. Encontrou vários jogos que poderia melhorar – um deles de um jovem Grande Mestre chamado Benny Watts. Benny Watts era o campeão dos Estados Unidos.

• • •

A Sra. Wheatley parecia viver resfriada.

– Tenho propensão aos vírus – dizia. – Ou eles a mim.

Ela lhe entregou uma receita para levar ao Bradley e dez centavos para Beth tomar uma Coca.

O Sr. Bradley lhe lançou um olhar estranho quando ela entrou, mas não disse nada. Ela lhe entregou a receita e ele foi para os fundos da loja. Beth cuidadosamente evitou ficar perto das revistas. Quando tinha pegado a *Revista do Xadrez* no mês anterior, aquele era o único exemplar. Ele deve ter notado imediatamente.

O homem trouxe de volta um frasco de plástico com uma etiqueta datilografada. Pousou-o no balcão enquanto pegava um saco de papel branco. Beth olhou para o frasco. Os comprimidos eram compridos e de um verde vivo.

• • •

– É o meu remédio para a tranquilidade – disse a Sra. Wheatley. – McAndrews

decidiu que eu preciso de tranquilidade.

– Quem é McAndrews?

– O Dr. McAndrews – respondeu a Sra. Wheatley, desatarraxando a tampa. – Meu médico. – Ela pegou dois comprimidos. – Pode me trazer um copo d'água, querida?

– Sim, senhora.

Enquanto Beth ia ao banheiro pegar a água, a Sra. Wheatley suspirou e disse:

– Por que eles só enchem esses frascos até a metade?

• • •

No exemplar de novembro havia 22 jogos de um torneio de convidados em Moscou. Os jogadores tinham nomes como Botvinnik, Petrosian e Laev; pareciam personagens de contos de fadas. Havia uma foto mostrando dois deles curvados sobre um tabuleiro, de cabelos escuros e lábios contraídos. Usavam ternos pretos. Fora de foco, atrás deles, havia uma enorme plateia.

Num jogo entre Petrosian e alguém chamado Benkowitz, nas semifinais, Beth viu uma decisão ruim de Petrosian. Ele começou um ataque com peões, mas não deveria ter feito isso. Havia um comentário de um Grande Mestre que gostou dos lances com os peões, mas Beth enxergou mais profundamente. Como Petrosian podia ter avaliado mal? Por que o americano não tinha visto a fraqueza? Eles deviam ter passado um tempo enorme examinando a posição, já que a revista dizia que o jogo demorou cinco horas.

• • •

Margaret só fechou a porta de seu armário no vestiário, mas não girou o botão da combinação para trancá-lo. As duas estavam em baias de chuveiros lado a lado, e Beth podia ver os seios consideráveis de Margaret, parecendo cones sólidos. O peito de Beth ainda parecia o de um garoto, e seus pelos pubianos tinham apenas começado a aparecer. Margaret ignorava Beth e cantarolava enquanto se ensaboava. Beth saiu e se enrolou numa toalha. Ainda molhada, voltou para a sala dos armários. Não havia mais ninguém ali.

Beth enxugou as mãos rapidamente e sem fazer barulho soltou o fecho do

armário de Margaret. Seu cabelo pingava nas mãos, mas isso não importava; havia água em toda parte, depois da aula de Educação Física dos garotos. Beth abriu a porta do armário, devagar para ela não ranger. Seu coração batia como um animalzinho dentro do peito.

Era uma bela bolsa marrom, de couro verdadeiro. Beth enxugou as mãos de novo e tirou-a da prateleira, ouvindo com atenção. Havia risos e gritos das garotas nos chuveiros, e nada mais. Tinha se certificado de ser a primeira a chegar, pegando o chuveiro mais perto da porta e saíra rapidamente. Ninguém teria acabado ainda. Abriu a bolsa.

Havia cartões-postais coloridos, um batom parecendo novo, um pente de tartaruga e um elegante lenço de linho. Beth enfiou a mão direita, passando por tudo isso. No fundo, presas com um prendedor de prata, havia notas de dinheiro. Puxou-as. Duas de cinco. Hesitou por um momento e pegou as duas, junto com o prendedor. Pôs a bolsa de volta e recolocou o fecho do armário.

Tinha deixado a porta de seu armário fechada, mas não trancada. Abriu-a e enfiou as notas de cinco com o prendedor dentro do livro de Álgebra. Depois trancou o armário, voltou para os chuveiros e ficou se lavando até que todas as garotas saíssem.

Quando todo mundo já tinha ido embora, Beth ainda estava se vestindo. Margaret não tinha aberto a bolsa. Beth suspirou fundo, como a Sra. Wheatley. Seu coração continuava batendo forte. Tirou o prendedor de dinheiro de dentro do livro de Álgebra e o empurrou para baixo do armário que Margaret havia usado. O prendedor poderia ter caído da bolsa de Margaret e qualquer pessoa poderia ter pegado o dinheiro. Dobrou as notas e as colocou dentro do sapato. Depois pegou sua bolsa de plástico azul, abriu-a e enfiou a mão no bolsinho onde guardava o espelho. Pegou dois comprimidos verdes, colocou-os na boca, foi até a pia e os engoliu bebendo água num copo de papel.

Naquela noite, o jantar foi macarrão com almôndegas enlatadas e gelatina de sobremesa. Enquanto Beth lavava a louça, a Sra. Wheatley estava na sala aumentando o volume da TV e de repente disse:

– Ah, esqueci.

Beth continuou lavando a panela de macarrão e um minuto depois a Sra. Wheatley apareceu segurando um envelope.

– Chegou isso para você – prosseguiu, e voltou para o noticiário *Huntley-*

Brinkley Report.

Era um envelope manchado e endereçado a lápis. Beth enxugou as mãos e o abriu; dentro havia cinco notas de um dólar e nenhuma mensagem. Ficou parada junto à pia por um longo tempo, segurando as notas.

• • •

Um frasco de cinquenta comprimidos custava quatro dólares. O rótulo dizia: "Três refis." Beth pagou com quatro notas de um dólar. Voltou para casa rapidamente e colocou a receita de volta na mesa da Sra. Wheatley.



QUATRO

Uma mesa tinha sido posta na entrada do ginásio e dois homens de camisa branca estavam sentados atrás dela. Atrás deles havia fileiras de mesas compridas, com tabuleiros de xadrez verdes e brancos. A sala estava cheia de pessoas conversando e algumas jogando; a maioria era de homens jovens ou garotos. Beth viu uma mulher e nenhuma pessoa de cor. Preso na mesa mais próxima do homem da esquerda havia um cartaz que dizia: inscrições. Beth foi até ele com seus cinco dólares.

– Você tem relógio? – perguntou o homem.

– Não.

– Temos um sistema de compartilhamento de relógios – disse ele. – Se o seu oponente não tiver um, volte à mesa. O jogo começa daqui a vinte minutos. Qual é a sua pontuação?

– Não tenho pontuação.

– Já jogou em algum torneio?

– Não.

O homem apontou para o dinheiro de Beth.

– Tem certeza que quer fazer isso?

– Tenho.

– Não temos categoria feminina.

Ela apenas o encarou.

– Vou colocar você na categoria de Iniciantes.

– Não – disse Beth. – Não sou iniciante.

O outro rapaz estivera olhando os dois.

– Se você é uma jogadora sem pontuação, irá para os iniciantes, junto com as pessoas que estão abaixo de 1600.

Beth havia prestado pouca atenção nas pontuações na *Revista do Xadrez*, mas sabia que os Mestres tinham pelo menos 2200.

– Qual é o prêmio para os iniciantes?

– Vinte.

– E na outra categoria?

– O primeiro prêmio na geral é cem.

– É contra alguma regra eu entrar na geral?

Ele balançou a cabeça.

– Não existe regra, exatamente, mas...

– Então me coloque nela.

Beth mostrou as notas.

O homem deu de ombros e entregou um cartão para Beth preencher.

– Tem três caras com pontuação acima de 1800. Beltik deve aparecer, e ele é o campeão estadual. Vão acabar com você.

Beth pegou uma esferográfica e começou a preencher o cartão com seu nome e endereço. Na lacuna que dizia "Pontuação", colocou um grande zero. Devolveu o cartão.

Começaram com vinte minutos de atraso. Houve uma demora para formar os pares. Quando estavam colocando os nomes no quadro, Beth perguntou ao homem ao lado se isso era feito aleatoriamente.

– De jeito nenhum – respondeu ele. – Na primeira rodada eles organizam pelas pontuações. Depois disso vencedores jogam contra vencedores e perdedores contra perdedores.

Quando seu cartão foi finalmente colocado, dizia "Harmon – sem pont. –

Pretas". Estava embaixo de um que dizia "Packer – sem pont. – Brancas". Os dois cartões estavam ao lado do número 27. Eram os últimos da lista.

Ela foi até o tabuleiro 27 e se sentou do lado das peças pretas. Era o último tabuleiro na mesa mais distante.

Sentada ao seu lado estava uma mulher com cerca de 30 anos. Depois de um minuto chegaram mais duas mulheres. Uma tinha cerca de 20 anos e a outra era a oponente de Beth – uma estudante secundarista alta e corpulenta. Beth olhou a vastidão de mesas onde jogadores que estavam se acomodando ou já sentados começavam a jogar; todos eram homens, na maioria jovens. Havia quatro jogadoras no torneio e todas estavam amontoadas no final, jogando umas contra as outras.

A oponente de Beth sentou-se meio desajeitada, colocou seu relógio de xadrez, com dois mostradores, ao lado do tabuleiro e estendeu a mão.

– Sou Annete Packer – disse.

Sua mão era grande e úmida.

– Sou Beth Harmon. Não entendo nada de relógios de xadrez.

Annete pareceu aliviada por ter algo a explicar.

– O mostrador do relógio mais perto de você mede o seu tempo para a partida. Cada jogador tem noventa minutos. Depois de fazer o lance, você aperta o botão em cima, ele para o seu relógio e inicia o do oponente. Há as setas, umas bandeirinhas vermelhas em cima do número doze de cada mostrador; a sua vai cair quando os noventa minutos terminarem. Se acontecer isso, você perdeu.

Beth assentiu. Parecia muito tempo para ela; nunca tinha dedicado mais de vinte minutos a um jogo de xadrez. Havia uma folha de papel pautado junto de cada jogador, para registrar os lances.

– Pode acionar meu relógio agora – instruiu Annette.

– Por que eles colocaram todas as garotas juntas?

Annette ergueu as sobrancelhas.

– Não deveriam fazer isso. Mas, se vencer, eles colocam você contra jogadores melhores.

Beth apertou o botão e o relógio de Annette começou a tiquetaquear. Annette pegou seu peão do rei, um tanto nervosa, e o moveu para a casa quatro do rei.

– Ah – disse ela. – É peça tocada, peça jogada, você sabe.

– O quê?

– Não encoste na peça, a não ser que vá jogá-la. Se você tocar nela, precisa movê-la para algum lugar.

– Certo – assentiu Beth. – Você não aperta o seu botão agora?

– Desculpe.

Annette apertou seu botão. O relógio de Beth começou a tiquetaquear. Ela estendeu a mão com firmeza e levou o peão do bispo da dama para a quarta casa. A Defesa Siciliana. Apertou o botão e pôs os cotovelos na mesa, dos dois lados do tabuleiro, como os russos nas fotos.

Começou a atacar no 8º lance. No 10º tinha tomado um bispo de Annette e no 17º, a dama. Annette ainda nem tinha rocado, não havia feito a jogada combinada de torre e rei que coloca o monarca em segurança. Ela estendeu a mão e tombou seu rei quando Beth capturou sua dama.

– Essa foi rápida – comentou.

Parecia aliviada por ter perdido. Beth olhou os mostradores do relógio. Annette tinha usado trinta minutos e Beth, sete. Esperar Annette fazer as jogadas tinha sido o único problema.

A partida seguinte só aconteceria às onze horas. Beth tinha registrado o jogo com Annette em sua planilha e circulado seu nome como vencedora. Foi à mesa da frente e pôs a folha no cesto que dizia VENCEDORES. Era a primeira folha ali. Um rapaz que parecia estudante universitário chegou enquanto ela estava se afastando e colocou sua folha. Beth já havia notado que a maioria das pessoas ali não era bonita. Muitas tinham cabelo oleoso e pele ruim; algumas eram gordas e pareciam nervosas. Mas esse era alto, anguloso e parecia tranquilo, tinha rosto franco e bonito. Ele assentiu amigavelmente para Beth, reconhecendo-a como outra jogadora rápida, e ela assentiu de volta.

Começou a andar pelo salão, em silêncio, olhando alguns jogos. Outra dupla terminou e o vencedor foi até a mesa da frente entregar a planilha. Beth não viu nenhuma posição que parecesse interessante. No tabuleiro sete, perto da porta da sala, as pretas tinham a chance de capturar uma torre com uma combinação de dois lances, e ela esperou que o homem movesse o bispo. Mas quando chegou a hora, ele simplesmente trocou peões no centro. Não tinha visto a combinação.

As mesas começavam com o Tabuleiro Três, e não com o Um. Ela olhou em volta, para as filas de cabeças curvadas sobre os tabuleiros, e para a categoria de Iniciantes do outro lado do ginásio. Jogadores se levantavam das cadeiras à

medida que as partidas iam terminando. No outro lado do salão havia uma porta que ela não tinha notado antes. Acima uma placa dizia Tabuleiros Principais. Beth foi até lá.

Era uma sala pequena, não muito maior do que a sala de estar da Sra. Wheatley. Havia duas mesas separadas, com uma partida em cada. As mesas estavam no centro da sala e uma corda de veludo preta, presa em balaústres de madeira, impedia que os espectadores chegassem muito perto dos jogadores. Quatro ou cinco pessoas assistiam aos jogos em silêncio, a maioria em volta do Tabuleiro Um, à esquerda de Beth. O jogador alto e bonito era uma delas.

No Tabuleiro Um havia dois homens sentados no que parecia ser um estado de concentração absoluta. O relógio entre eles era diferente do que Beth tinha visto; era maior e mais robusto. Um deles era gordo e meio careca, com um ar sombrio como os russos nas fotos, e usava um terno escuro como os dos russos. O outro era muito mais novo e usava um suéter cinza por cima de uma camisa branca. Ele desabotoou os punhos da camisa e puxou as mangas até os cotovelos, um braço de cada vez, sem afastar o olhar do tabuleiro. Algo se agitou no estômago de Beth. Ali a coisa era para valer. Ela prendeu o fôlego e examinou a posição no tabuleiro. Demorou alguns instantes para penetrá-la; era equilibrada e difícil, como alguns dos jogos de campeonatos na *Revista do Xadrez*. Sabia que o próximo lance era das pretas, porque o indicador do relógio dele estava se movendo, e assim que viu que o movimento necessário era cavalo cinco do bispo, o homem mais velho estendeu a mão e levou seu cavalo para a casa cinco do bispo.

Agora o homem bonito estava encostado na parede. Beth foi até ele e sussurrou:

– Quem são eles?

– Beltik e Cullen. Beltik é o campeão estadual.

– Qual é qual?

O homem alto levou um dedo aos lábios. Depois disse baixinho:

– Beltik é o mais novo.

Isso era surpresa. O campeão estadual do Kentucky devia ter mais ou menos a idade de Fergussen.

– Ele é Grande Mestre?

– Está trabalhando para isso. É Mestre há anos.

– Ah.

– Leva tempo. Você precisa jogar contra Grandes Mestres.

– Quanto tempo?

Um homem na frente deles, perto das cordas de veludo, se virou e olhou para ela com raiva. O homem alto balançou a cabeça, franzindo os lábios para pedir silêncio. Beth voltou às cordas e assistiu à partida. Outras pessoas entraram e a sala começou a se encher. Beth guardou seu lugar na frente.

Havia muita tensão no centro do tabuleiro. Beth o examinou durante vários minutos, tentando decidir o que faria se fosse sua vez de jogar; mas não tinha certeza. Era a vez de Cullen. Ela esperou pelo que pareceu um tempo enorme. Ele ficou ali, com a testa apoiada nos punhos fechados, os joelhos juntos embaixo da mesa, imóvel. Beltik se recostou na cadeira e bocejou, divertindo-se ao olhar para a careca de Cullen, à sua frente. Beth pôde ver que os dentes dele eram ruins, com manchas escuras e vários espaços vazios, e que seu pescoço não estava bem barbeado.

Finalmente Cullen jogou. Trocou cavalos no centro. Houve várias jogadas rápidas e a tensão diminuiu, com cada jogador cedendo um cavalo e um bispo nas trocas. Quando chegou sua vez de jogar de novo, Cullen olhou para Beltik e disse:

– Empate?

– De jeito nenhum.

Beltik estudou o tabuleiro com impaciência, franziu o rosto de um modo engraçado, bateu um punho na palma da outra mão e moveu sua torre para a sétima horizontal. Beth gostou do lance e gostou de como Beltik pegava suas peças com firmeza e as colocava de volta com um floreio gracioso.

Depois de mais cinco jogadas Cullen desistiu. Estava com dois peões a menos, seu bispo restante estava preso na última fileira e o tempo em seu relógio logo iria terminar. Ele tombou o rei com uma espécie de desdém elegante, estendeu a mão, apertou rapidamente a de Beltik, levantou-se e passou por cima da corda, esbarrando em Beth antes de sair da sala. Beltik se levantou e se espreguiçou. Beth olhou para ele junto ao tabuleiro com o rei tombado, e algo dentro dela se expandiu de entusiasmo. Sentiu arrepios nos braços e nas pernas.

O jogo seguinte de Beth foi com um homem pequeno e peludo chamado Cooke; a pontuação dele era 1520. Ela anotou isso no topo da folha do Tabuleiro

Treze: “Harmon – Sem pont.: Cooke – 1520”. Foi sua vez de jogar com as brancas. Jogou peão quatro da dama e apertou o botão no relógio de Cooke. Ele respondeu imediatamente com peão quatro da dama. Parecia uma pilha de nervos e seu olhar ficava vagando pelo salão ao redor. Não conseguia ficar parado na cadeira.

Beth jogou depressa também, se contagiando um pouco com a impaciência dele. Em cinco minutos os dois já tinham desenvolvido suas peças e Cooke começou um ataque pela ala da dama. Ela decidiu ignorar isso e avançou um cavalo. Ele moveu um peão apressadamente e ela viu, com surpresa, que não poderia tomá-lo sem correr o risco de levar um desagradável ataque duplo. Hesitou. Cooke era bastante bom. A pontuação de 1500 devia significar alguma coisa, afinal de contas. Ele era melhor do que o Sr. Shaibel ou o Sr. Ganz, e parecia meio assustador com sua impaciência. Ela deslizou sua torre para a casa original do bispo, colocando-a abaixo do peão que avançava.

Cooke a surpreendeu. Pegou seu bispo da dama e tomou um dos peões perto do rei dela, dando xeque e sacrificando a peça. Beth encarou o tabuleiro, subitamente indecisa por um momento. O que ele estava aprontando? E então viu. Se ela capturasse a peça, ele daria xeque de novo com o cavalo e tomaria um bispo. Com isso ele ganharia um peão e deixaria o rei dela exposto. O estômago de Beth ficou tenso por um momento; não gostava de ser surpreendida. Levou um minuto para descobrir o que fazer. Moveu o rei, mas não tomou o bispo.

Cooke avançou o cavalo de qualquer modo. Beth trocou os peões do outro lado e abriu o caminho para sua torre. Cooke continuou importunando seu rei. Agora ela percebera que realmente não haveria perigo se não caísse no blefe dele. Moveu a torre e em seguida alinhou-a com a dama. Gostou do arranjo; em sua imaginação pareciam dois canhões, enfileirados e prontos para disparar.

Em três lances já podia dispará-los. Cooke parecia obcecado com as manobras contra seu rei e cego para o que Beth realmente estava fazendo. As jogadas dele eram interessantes, mas ela viu que não tinham solidez porque ele não compreendia o tabuleiro como um todo. Se ela estivesse jogando apenas para evitar o xeque-mate, ele estaria ganho no 4º lance depois do primeiro xeque com o bispo. Mas ela o pegou no terceiro. Sentiu o sangue subir pelo rosto ao ver um modo de disparar sua torre. Pegou a dama e a levou até a última fileira, oferecendo-a à torre preta que estava ali, sem ter sido movida ainda. Cooke

parou de se remexer por um momento e olhou para o rosto dela. Ela o olhou de volta. Então ele examinou a posição, e examinou. Por fim estendeu a mão e tomou a dama de Beth com a torre.

Algo em Beth queria pular e gritar. Mas ela se conteve, estendeu a mão, moveu o bispo uma casa e disse baixinho:

– Xeque.

Cooke começou a mover seu rei e parou. De repente viu o que iria acontecer: perderia a dama e também a torre com a qual tinha acabado de fazer a captura. Olhou para Beth. Ela estava impassível. Cooke voltou a atenção para o tabuleiro e o examinou por vários minutos, remexendo-se na cadeira e fazendo cara feia. Depois olhou de volta para Beth e disse:

– Empate?

Beth balançou a cabeça.

Cooke fez uma careta.

– Você me pegou. Desisto. – Ele se levantou e lhe estendeu a mão. – Não vi mesmo que isso ia acontecer.

Seu sorriso era surpreendentemente caloroso.

– Obrigada.

Beth apertou a mão dele.

Pararam para o almoço, e Beth comprou um sanduíche e um copo de leite numa lanchonete perto da escola; comeu sozinha junto ao balcão e saiu.

Sua terceira partida foi contra um homem mais velho que usava um suéter sem mangas. Chamava-se Kaplan e tinha pontuação de 1694. Ela jogou com as pretas, usou a Defesa Nimzo-Índia e o derrotou em 34 lances. Poderia ter feito isso mais rapidamente, mas ele era hábil em se defender – ainda que com as brancas o jogador devesse estar no ataque. Quando Kaplan desistiu, ela havia exposto o rei dele, estava prestes a capturar um bispo e tinha dois peões passados, com o caminho livre. Ele parecia atordoado. Alguns outros jogadores haviam se reunido em volta para olhar.

Eram três e meia quando terminaram. Kaplan tinha jogado com uma lentidão enlouquecedora, e Beth havia se levantado da mesa durante várias jogadas, para gastar energia andando. Quando levou a folha de pontuação à mesa com um círculo em volta do seu nome, a maioria dos outros jogos já tinha terminado e o torneio seria interrompido para o jantar. Haveria uma partida às

oito da noite e mais três no sábado. A final seria na manhã de domingo, às onze horas.

Beth foi ao banheiro feminino e lavou o rosto e as mãos; era surpreendente como sua pele parecia imunda depois de três jogos de xadrez. Olhou-se no espelho, sob as luzes fortes, e viu o que sempre tinha visto: o rosto redondo e desinteressante e o cabelo sem cor. Mas havia algo diferente. As bochechas estavam rosadas e seus olhos pareciam mais vivos do que nunca. Pela primeira vez na vida gostou do que viu no espelho.

De volta, perto da mesa da frente, os dois rapazes que a haviam inscrito estavam colocando um aviso no quadro. Alguns jogadores se reuniam em volta, entre eles o homem bonito. Ela foi até lá. Em cima, escrita com pincel atômico, estava a palavra INVICTOS. Havia quatro nomes na lista. O último era HARMON: ela prendeu o fôlego um momento ao vê-lo. E, no topo da lista, estava o nome BELTIK.

– Você é Harmon, não é? – perguntou o bonitão.

– Sou.

– Continue assim, garota – disse ele, sorrindo.

Nesse momento o rapaz que tinha tentado colocá-la na categoria de Iniciantes gritou da mesa:

– Harmon!

Ela se virou.

– Parece que você estava certa, hein, Harmon.

• • •

Quando Beth entrou, a Sra. Wheatley estava comendo um jantar desses que vêm congelados – carne de panela com purê de batata – diante da TV. Estava passando *Bat Masterson* num volume muito alto.

– O seu está no forno – disse a Sra. Wheatley.

Ela estava na poltrona de chita com o prato de alumínio no colo, as meias enroladas para baixo até a parte de cima dos sapatos pretos de salto alto.

Durante o comercial, enquanto Beth comia as cenouras de sua refeição, a Sra. Wheatley perguntou:

– Como você se saiu, querida?

– Venci três jogos.

– Que bom – disse a Sra. Wheatley, sem afastar os olhos do cavalheiro idoso que contava sobre o alívio que tinha obtido com o leite de magnésia Haley's.

• • •

Naquela noite, Beth ocupou o Tabuleiro Seis contra um rapaz de aparência modesta chamado Klein. A pontuação dele era 1794. Alguns jogos publicados na *Revista do Xadrez* eram de jogadores com pontuação menor do que essa.

Beth estava jogando de brancas e começou com peão quatro do rei, torcendo para caírem numa Siciliana. Conhecia a Siciliana melhor do que qualquer outra coisa. Mas Klein jogou peão quatro do rei e em seguida fez fianqueto com o bispo do rei, colocando-o no canto, na frente de seu rei no roque. Ela não teve certeza, mas achou que era o tipo de abertura que se chama "Irregular".

No meio-jogo as coisas ficaram complexas. Beth não sabia direito o que fazer e decidiu recuar um bispo. Pôs o indicador na peça e imediatamente viu que era melhor jogar peão quatro da dama. Estendeu a mão para o peão da dama.

– Desculpe – disse Klein. – Peça tocada, peça jogada.

Ela o encarou.

– Você tem que mover o bispo.

Beth pôde ver, no rosto dele, que Klein estava adorando dizer isso. Provavelmente tinha visto o que ela poderia fazer se movesse o peão.

Ela deu de ombros e tentou fingir que não estava preocupada, mas por dentro havia algo que nunca tinha sentido numa partida de xadrez. Estava com medo. Moveu o bispo para a casa quatro do bispo, recostou na cadeira e cruzou as mãos no colo. Havia um nó em seu estômago. Deveria ter movido o peão.

Olhou o rosto de Klein enquanto ele examinava o tabuleiro. Depois de um momento viu um risinho malicioso. Ele moveu o peão da dama para a quinta casa, apertou o botão do relógio sem demora e cruzou os braços.

Ele ia capturar um dos bispos dela. E de repente o medo de Beth foi substituído pela raiva. Ela se inclinou sobre o tabuleiro e apoiou as bochechas nas palmas das mãos, analisando atentamente.

Beth demorou quase dez minutos, mas encontrou a jogada. Fez o lance e se recostou na cadeira.

Klein mal pareceu notar. Tomou o bispo, como ela esperava. Beth avançou o peão da torre da dama lá do outro lado do tabuleiro. Klein grunhiu ligeiramente, mas agiu rápido, avançando o peão da dama outra vez. Beth avançou seu cavalo, defendendo a casa à frente do peão e, mais importante, atacando a torre de Klein. Ele moveu a torre. Dentro do estômago de Beth alguma coisa estava começando a se desenrolar. Sua visão parecia extremamente aguçada, como se ela pudesse ler as letras miúdas do outro lado do salão. Moveu o cavalo, atacando a torre outra vez.

Klein olhou para ela, irritado. Examinou o tabuleiro e moveu a torre para a casa que, três lances antes, Beth soube que ele ocuparia. Ela moveu sua dama para a casa cinco do cavalo, bem diante do rei encastelado de Klein.

Parecendo ainda irritado e seguro de si, Klein trouxe um cavalo para defender. Beth pegou sua dama, o rosto ruborizado, e tomou o peão que estava na frente do rei, sacrificando a dama.

Ele olhou e tomou a dama. Não havia outra jogada que pudesse fazer para sair do xeque.

Beth moveu seu bispo e deu outro xeque. Klein interpôs o peão, como ela sabia que ele faria.

– É mate em duas jogadas – disse ela, baixinho.

Klein a encarou, furioso.

– Como assim?

A voz de Beth continuou baixa.

– A torre vem para o próximo xeque e então o cavalo dá mate.

Ele fechou a cara.

– Minha dama...

– Sua dama vai ficar cravada depois que o rei se mover.

Ele olhou de volta para o tabuleiro e examinou a posição.

– Merda!

Não tombou o rei nem ofereceu a Beth um aperto de mão. Levantou-se da mesa e foi embora, enfiando as mãos no bolso.

Beth pegou seu lápis e fez um círculo em volta de HARMON em sua planilha.

Quando saiu, às dez horas, havia três nomes na lista de INVICTOS. HARMON ainda era o último. BELTIK continuava no topo.

Em seu quarto, naquela noite, não conseguia dormir porque continuava

repassando as partidas de novo e de novo em sua cabeça, muito depois de ter parado de sentir prazer com aquilo.

Depois de muitas horas assim, levantou-se da cama com seu pijama azul e foi até a janela. Afastou a cortina e olhou as árvores recém-desnudas à luz do poste e as casas às escuras além delas. A rua estava silenciosa e vazia. Havia uma nesga de lua parcialmente escondida pelas nuvens. O ar estava gelado.

Tinha aprendido a não acreditar em Deus durante a catequese no Lar Methuen, e nunca rezava. Mas agora falou baixinho: *Por favor, Deus, me deixe jogar com Beltik e dar um xeque-mate nele.*

Na gaveta da escrivaninha, dentro do estojo da escova de dente, tinha 17 comprimidos verdes. E havia mais alguns numa caixinha na prateleira do armário. Mais cedo havia pensado em tomar dois para ajudar a dormir. Mas não fez isso. Voltou para a cama, agora exausta e com a mente vazia, e dormiu profundamente.

• • •

Na manhã de sábado esperava jogar com alguém que tivesse pontuação acima de 1800. O homem da inscrição tinha dito que havia três jogadores assim. Mas, na formação dos pares, ela aparecia de pretas contra alguém chamado Townes, que tinha pontuação de 1724. Era uma pontuação mais baixa do que a do seu adversário na noite anterior. Foi até a mesa e perguntou sobre isso.

– São as regras, Harmon – disse o homem de camisa branca. – Considere-se com sorte.

– Quero jogar com os melhores.

– Antes disso você precisa ter pontuação.

– Como eu consigo a pontuação?

– Jogando trinta partidas em torneios da USFC e esperando quatro meses. É assim que se consegue uma pontuação.

– É tempo demais.

O homem se inclinou para ela.

– Quantos anos você tem, Harmon?

– Treze.

– Você é a mais nova aqui. Pode esperar para ganhar sua pontuação.

Beth ficou furiosa.

– Quero jogar contra o Beltik.

O outro homem na mesa disse:

– Se você ganhar os próximos três jogos, querida. E se Beltik também ganhar.

– Vou ganhar – afirmou Beth.

– Não vai, não, Harmon – contrapôs o rapaz. – Vai ter que jogar primeiro contra Sizemore e Goldmann, e não tem como derrotar os dois.

– Caramba! Sizemore e Goldmann... – disse o outro. – O cara com quem você vai jogar agora é subestimado. É o primeiro tabuleiro no time da universidade e no mês passado ficou em quinto em Las Vegas. Não se deixe enganar pela pontuação dele.

– O que tem em Las Vegas? – perguntou Beth.

– O Aberto dos Estados Unidos.

• • •

Beth foi até o Tabuleiro Quatro. O homem sentado atrás das peças brancas estava sorrindo quando ela chegou. Era o alto e bonito. Beth ficou meio balançada ao vê-lo. Ele parecia um ator de cinema.

– Oi, Harmon – disse ele, estendendo a mão. – Parece que estamos nos perseguindo.

Ela apertou a mão grande dele, meio sem jeito, e se sentou. Houve uma pausa longa antes de ele dizer:

– Quer acionar o meu relógio?

– Desculpe. – Ela estendeu a mão para acioná-lo, quase o derrubou, mas pegou a tempo. – Desculpe – repetiu, a voz quase inaudível.

Apertou o botão e o relógio dele começou a tiquetaquear. Olhou para o tabuleiro, as bochechas queimando.

Ele jogou peão quatro do rei e ela respondeu com a Siciliana. Ele continuou as jogadas convencionais e ela seguiu com a variante Dragão. Os dois trocaram peões no centro. Aos poucos Beth recuperou a compostura, jogando aqueles lances mecânicos, e olhou para ele, do outro lado do tabuleiro. Estava atento às peças, com as sobrancelhas franzidas. Mesmo fazendo cara feia e com o cabelo ligeiramente desgrenhado, ele era bonito. Sentiu algo esquisito na barriga

enquanto olhava para ele, com os ombros largos, a pele clara e a testa franzida em concentração.

Ele a surpreendeu avançando a dama. Era um lance ousado. Beth o examinou por um tempo e viu que não havia nenhuma fraqueza na jogada. Avançou sua própria dama. Ele moveu um cavalo para a quinta fileira e Beth moveu um cavalo para a quinta fileira também. Ele deu xeque com um bispo e ela defendeu com um peão. Ele recuou o bispo. Agora ela se sentia leve e seus dedos eram ágeis com as peças. Os dois jogadores começaram a se mover rapidamente mas com tranquilidade. Ela deu um xeque não ameaçador ao rei dele, ele se afastou cuidadosamente e começou a avançar os peões. Ela interrompeu o avanço habilmente com uma cravada e depois tentou um golpe com uma torre na ala da dama. Ele não se deixou enganar e, sorrindo, removeu a cravada. No lance seguinte, continuou os avanços com os peões. Beth recuou, escondendo seu rei num roque na ala da dama. Ela se sentia expansiva de certa forma e se divertia, mas seu rosto permanecia sério. Os dois continuaram a dança.

Ela ficou um pouco triste quando finalmente descobriu como derrotá-lo. Foi depois do 19º lance, e Beth sentiu que resistia à medida que as jogadas se desenrolavam em sua mente, odiando abandonar o balé agradável que os dois dançavam. Mas ali estava: em quatro lances ele perderia uma torre ou coisa pior. Ela hesitou e fez o primeiro lance da sequência.

Ele só viu o que estava acontecendo dois lances depois, quando franziu a testa de súbito e disse:

– Meu Deus, Harmon, vou perder uma torre!

Beth adorou a voz dele; adorou o modo como ele tinha falado. Ele balançou a cabeça, fingindo embaraço; ela adorou isso.

Alguns jogadores que tinham terminado suas partidas mais cedo estavam reunidos em volta do tabuleiro, e dois sussurravam sobre a manobra de Beth.

Townes continuou jogando por mais cinco lances, e Beth sentiu uma pena genuína quando ele desistiu, tombando o rei e dizendo:

– Caramba! – Mas ele se levantou, espreguiçou-se e sorriu para ela. – Você é uma tremenda enxadrista, Harmon. Quantos anos você tem?

– Treze.

Ele assobiou.

– Onde você estuda?

– No Fairfield.

– É. Sei onde é.

Ele era ainda mais bonito do que um ator de cinema.

Uma hora depois, Beth foi posta com Goldmann no Tabuleiro Três. Entrou no salão do torneio exatamente às onze horas e as pessoas pararam de falar quando ela passou. Todo mundo olhou para ela. Beth ouviu alguém sussurrando: "Treze anos, porra", e imediatamente lhe veio o pensamento, junto com a sensação exultante que a voz sussurrada havia lhe dado: *Eu poderia ter feito isso aos 8.*

Goldmann era durão, silencioso e lento. Era um homem baixo e gordo, jogava as peças pretas como um general rabugento especialista em defesa. Durante a primeira hora conseguiu escapar de tudo que Beth tentava. Todas as peças estavam protegidas; parecia que havia o dobro de peões para protegê-las.

Beth ficava inquieta durante as longas esperas pelas jogadas dele. A certa altura, depois de ter avançado um bispo, ela se levantou e foi ao banheiro. Algo estava doendo em seu abdômen, e ela se sentia meio fraca. Lavou o rosto com água fria e o enxugou com uma toalha de papel. Enquanto estava saindo, Packer, a garota com quem havia jogado a primeira partida, entrou. Packer pareceu feliz em vê-la.

– Você está ganhando todas, não é? – disse ela.

– Até agora – respondeu Beth, sentindo outra fisgada na barriga.

– Ouvi dizer que você está jogando contra o Goldmann.

– É. Preciso voltar.

– Claro, claro – disse Packer. – Acabe com ele, está bem? Simplesmente acabe.

De repente Beth sorriu.

– Está bem.

Ao voltar, viu que Goldmann tinha jogado e seu relógio estava tiquetaqueando. Ele permanecia sentado ali, com o terno preto, parecendo entediado. Beth se sentia revigorada e pronta. Sentou-se e tirou tudo do pensamento, a não ser as 64 casas à sua frente. Depois de um minuto, viu que, se atacasse ao mesmo tempo nos dois flancos, como Morphy fazia às vezes, Goldmann teria dificuldade para jogar com segurança. Jogou peão quatro torre da dama.

Deu certo. Depois de cinco lances tinha deixado o rei um pouquinho exposto, e depois de mais três já estava na jugular dele. Não prestava atenção no próprio Goldmann, nos espectadores, na sensação na base de seu abdômen ou ao suor brotando em sua testa. Jogava somente contra o tabuleiro, cujas linhas de força estavam gravadas para ela na superfície: os pequenos campos teimosos para os peões, o campo de ação enorme para a dama, as gradações intermediárias. Logo antes de o tempo no relógio dele se esgotar, Beth deu xeque-mate.

Quando circulou seu nome na planilha, ela olhou de novo para a pontuação de Goldmann. 1997. As pessoas estavam aplaudindo.

Foi direto ao banheiro feminino e descobriu que tinha ficado menstruada. Por um momento, olhando o vermelho na água do vaso, sentiu que algo catastrófico havia acontecido. Teria sangrado na cadeira do Tabuleiro Três? Será que as pessoas estariam olhando as manchas do seu sangue? Mas percebeu, aliviada, que a calcinha de algodão estava só um pouquinho suja. Pensou abruptamente em Jolene. Se não fosse por ela, não teria ideia do que estava acontecendo. Ninguém mais havia dito uma única palavra sobre isso – certamente não a Sra. Wheatley. Beth sentiu um carinho súbito por Jolene, lembrando que ela também havia lhe contado o que fazer "numa emergência". Beth começou a puxar uma tira comprida de papel higiênico e a dobrá-la num retângulo bem apertado. A dor em seu abdômen havia diminuído. Estava menstruando e tinha acabado de derrotar Goldmann: 1997. Colocou o papel dobrado por dentro da calcinha, puxou-a para cima bem apertada, ajeitou a saia e voltou confiante para a arena de jogo.

• • •

Beth já tinha visto Sizemore; era um homem pequeno, feio, de rosto fino, que fumava sem parar. Alguém havia lhe dito que, antes de Beltik, ele era o campeão estadual. Beth jogaria com ele no Tabuleiro Dois na sala que tinha a placa TABULEIROS PRINCIPAIS.

Sizemore ainda não estava lá, mas ao lado dela, no Tabuleiro Um, Beltik estava virado na sua direção. Beth olhou para ele e em seguida desviou o rosto. Faltavam alguns minutos para as três horas. As luzes nessa sala menor – lâmpadas à mostra embaixo de um cesto protetor de metal – pareciam mais

fortes do que as do salão, mais fortes do que de manhã, e por um momento a claridade no piso envernizado, com linhas vermelhas pintadas, era ofuscante.

Sizemore entrou, penteando o cabelo de um jeito nervoso e rápido. Um cigarro pendia de seus lábios finos. Enquanto ele puxava a cadeira, Beth ficou muito tensa.

– Pronta? – perguntou Sizemore, mal-humorado, enfiando o pente no bolso da camisa.

– Estou.

Beth acionou o relógio dele.

Ele jogou peão quatro do rei, em seguida tirou o pente e começou a mordê-lo, como as pessoas fazem com a borracha na ponta dos lápis. Beth jogou peão quatro bispo da dama.

No meio-jogo, Sizemore começou a pentear o cabelo depois de cada jogada. Praticamente nunca olhava para Beth e se concentrava no tabuleiro, às vezes se remexendo na cadeira enquanto partia e repartia o cabelo. O jogo estava equilibrado e não havia fraquezas em nenhum dos lados. Não havia nada a fazer, a não ser encontrar as melhores casas para seus cavalos e bispos e esperar. Depois de um tempo, uma grande plateia começou a se juntar ao redor das cordas. De vez em quando Beth olhava as pessoas. Havia mais gente assistindo ao seu jogo do que ao de Beltik. Continuou olhando o tabuleiro, esperando algo se abrir. A certa altura, quando levantou os olhos, viu Annette Packer no fundo. Packer sorriu e Beth assentiu para ela.

No tabuleiro, Sizemore levou um cavalo para a casa cinco da dama, colocando-o no melhor lugar possível. Beth franziu a testa; não havia como removê-lo dali. As peças estavam muito juntas no centro do tabuleiro e, por um momento, ela perdeu a percepção delas. Sentia pontadas ocasionais no abdômen. Podia sentir o grosso bolo de papel entre as coxas. Ajeitou-se na cadeira e franziu os olhos na direção do tabuleiro. Isso não era bom. Sizemore estava se esgueirando para cima dela. Olhou o rosto dele. O homem tinha guardado o pente e estava examinando as peças com ar satisfeito. Beth se inclinou por cima da mesa, afundando os punhos nas bochechas, e tentou penetrar a posição. Algumas pessoas na plateia sussurravam. Com um esforço, afastou as distrações da mente. Era hora de contra-atacar. Se movesse o cavalo à esquerda... Não. Se abrisse a grande diagonal para seu bispo branco... *Isso*. Avançou o peão e a força

do bispo triplicou. A imagem começou a ficar clara. Ela se recostou na cadeira e respirou fundo.

Nos cinco lances seguintes, Sizemore continuou avançando as peças. Mas Beth, vendo os limites do que ele podia fazer com ela, mantinha a atenção no canto esquerdo do lado oposto do tabuleiro, na ala da dama de Sizemore; quando chegou a hora, passou com seu bispo entre as peças amontoadas ali, colocando-o na casa dois do cavalo dele. No lugar onde o bispo estava agora, duas peças poderiam capturá-lo. Mas, se qualquer uma delas fizesse isso, Sizemore estaria encrencado.

Beth olhou para ele. Sizemore estava com o pente outra vez e o passava pelo cabelo. Seu relógio tiquetaqueava.

Ele demorou quinze minutos para jogar, e quando fez seu lance, foi um choque. Sizemore capturou o bispo com sua torre. Ele não sabia que era tolice tirar a torre da última fileira? Será que não enxergava isso? Beth olhou de volta para o tabuleiro, verificou de novo a posição e avançou com sua dama.

Ele só percebeu após duas jogadas, e sua posição desmoronou. Ainda estava segurando o pente seis lances depois, quando ela colocou o peão passado na sexta horizontal. Ele posicionou a torre na frente do peão. Ela a atacou com o bispo. Sizemore se levantou, pôs o pente no bolso, baixou a mão até o tabuleiro e tombou seu rei de lado.

– Você venceu – disse num tom sombrio.

Os aplausos foram estrondosos.

Depois de entregar a planilha, ela esperou enquanto o rapaz a verificava, fazia uma marca numa lista, se levantava e ia até o quadro de avisos. Tirou as tachinhas do cartão onde estava escrito SIZEMORE e jogou o cartão numa lixeira de metal verde. Depois tirou as tachinhas do cartão de baixo e o colocou onde o de Sizemore estivera. Agora a lista dos INVICTOS tinha: BELTIK, HARMON.

Quando ela estava indo para o banheiro feminino Beltik saiu da sala dos "Tabuleiros Principais", caminhando rápido e com segurança, parecendo muito satisfeito consigo mesmo. Levava a pequena planilha para o cesto dos vencedores. Não pareceu ver Beth.

Ela foi até a porta da sala dos "Tabuleiros Principais" e Townes estava parado ali. Havia rugas de cansaço no rosto dele. Ele era parecido com Rock Hudson, a não ser pela exaustão.

– Bom trabalho, Harmon.

– Sinto muito você ter perdido.

– É. De volta à prancheta de desenho. – Em seguida, assentindo para onde Beltik estava parado junto à mesa da frente com um pequeno grupo de pessoas em volta, disse: – Ele é um matador, Harmon. Um matador de verdade.

Beth olhou para o rosto dele.

– Você precisa descansar.

Ele sorriu.

– O que eu preciso, Harmon, é de um pouco do seu talento.

Enquanto ela passava pela mesa da frente, Beltik deu um passo em sua direção e disse:

– Amanhã.

• • •

Quando Beth entrou na sala, logo antes do jantar, a Sra. Wheatley parecia pálida e estranha. Estava sentada na poltrona de chita, o rosto inchado. Em seu colo havia um cartão-postal colorido.

– Comecei a menstruar – contou Beth.

A Sra. Wheatley piscou.

– Que bom – disse, parecendo falar de uma distância enorme.

– Vou precisar de uns absorventes, ou algo assim.

Por um momento a Sra. Wheatley pareceu desconcertada. Depois se animou.

– Sem dúvida isso é um marco importante para você. Por que não vai até o meu quarto e olha na gaveta de cima da cômoda? Pegue o que precisar.

– Obrigada.

Beth foi para a escada.

– E, querida, traga aquele frasquinho de comprimidos verdes que está ao lado da minha cama.

Quando voltou, Beth deu os comprimidos à Sra. Wheatley. Ela tinha meio copo de cerveja ao lado; pegou dois comprimidos e os engoliu com a cerveja.

– Minha tranquilidade precisa ser renovada – disse.

– Tem alguma coisa errada? – perguntou Beth.

– Não sou Aristóteles, mas poderia ser interpretada como errada, sim. Recebi

uma mensagem do Sr. Wheatley.

– O que ele disse?

– O Sr. Wheatley está retido indefinidamente no sudoeste. No sudoeste do país.

– Ah.

– Entre Denver e Butte.

Beth sentou-se no sofá.

– Aristóteles era um filósofo moral – disse a Sra. Wheatley. – E eu sou uma dona de casa, pelo menos *era* uma dona de casa.

– Eles não podem me mandar de volta se a senhora não tiver marido?

– Você foi direto ao ponto. – A Sra. Wheatley tomou outro gole de cerveja. – Não farão isso se nós mentirmos.

– Isso é fácil.

– Você é uma alma boa, Beth – disse a Sra. Wheatley, terminando a cerveja. – Por que não esquenta as duas refeições de frango que estão no congelador? Ponha o forno em duzentos graus.

Beth estava com dois absorventes na mão direita.

– Não sei como colocar isso.

A Sra. Wheatley se empertigou na poltrona.

– Não sou mais uma esposa – sentenciou –, a não ser por uma ficção legal. Acho que posso aprender a ser mãe. Eu lhe mostro, se você prometer nunca chegar perto de Denver.

• • •

Durante a noite, Beth acordou com a chuva no telhado e batidas intermitentes nos vidros da janela. Estivera sonhando com água, que nadava tranquilamente num mar calmo. Pôs um travesseiro em cima da cabeça e se encolheu de lado, tentando voltar a dormir. Mas não conseguia. A chuva era barulhenta. E enquanto ela continuava a cair, o triste langor do sonho foi substituído pela imagem de um tabuleiro de xadrez cheio de peças que exigiam sua atenção, exigiam a clareza da sua inteligência.

Eram duas da madrugada e ela não voltou a dormir pelo resto da noite. Ainda chovia quando desceu, às sete. O quintal dos fundos, do lado de fora da

janela da cozinha, parecia um pântano com montinhos de grama quase morta se projetando como ilhas. Beth não sabia direito como fritar ovos, mas decidiu que podia cozinhar alguns. Pegou dois na geladeira, encheu uma panela d'água e pôs no fogo. Iria jogar peão quatro do rei contra ele e esperar pela Siciliana. Cozinhou os ovos por cinco minutos e os colocou na água fria. Podia ver o rosto de Beltik – jovem, arrogante e inteligente. Seus olhos eram pequenos e pretos. Quando ele tinha se aproximado no dia anterior, no momento em que Beth ia embora, alguma parte dela achou que ele iria lhe bater.

Os ovos ficaram perfeitos; ela os abriu com uma faca, colocou-os numa xícara e comeu com sal e manteiga. Seus olhos estavam granulosos por baixo das pálpebras. A partida final começaria às onze horas; eram sete e vinte. Desejou ter um exemplar do *Aberturas modernas do xadrez*, para olhar as variantes da Siciliana. Alguns outros jogadores no torneio carregavam exemplares gastos do livro embaixo do braço.

Apenas garoava quando saiu de casa às dez horas. A Sra. Wheatley ainda estava no andar de cima, dormindo. Antes de sair, Beth foi ao banheiro e verificou o cinto sanitário que a Sra. Wheatley tinha lhe dado para usar e o grosso absorvente branco. Estava tudo certo. Calçou as galochas, vestiu o casaco azul, pegou o guarda-chuva da Sra. Wheatley no armário e saiu.

• • •

Já tinha notado que as peças do Tabuleiro Um eram diferentes. Eram de madeira sólida, como as do Sr. Ganz, e não de plástico oco como as dos outros tabuleiros do torneio. Quando passou pela mesa na sala vazia às dez e meia, estendeu a mão e pegou o rei branco. Era agradavelmente pesado, com peso de chumbo e feltro verde embaixo. Colocou a peça em sua respectiva casa, passou de volta por cima da corda de veludo e foi até o banheiro feminino. Lavou o rosto pela terceira vez naquele dia, apertou o cinto sanitário, penteou a franja e voltou ao ginásio. A maioria dos jogadores tinha chegado. Enfiou as mãos nos bolsos da saia para que ninguém visse que estavam tremendo.

Às onze horas estava pronta diante das peças brancas do Tabuleiro Um. Os Tabuleiros Dois e Três já haviam começado. Sizemore estava no Dois. Ela não reconheceu os outros.

Dez minutos se passaram, e Beltik não tinha aparecido. O diretor do torneio, de camisa branca, passou por cima da corda e parou ao lado de Beth por um momento.

– Ainda não apareceu? – perguntou baixinho.

Beth balançou a cabeça.

– Faça seu lance e acione o relógio – sussurrou o diretor. – Você deveria ter feito isso às onze horas.

Isso a irritou. Ninguém tinha lhe dito. Moveu o peão para a casa quatro do rei e acionou o relógio de Beltik.

Passaram-se mais dez minutos até ele chegar. O estômago de Beth doía e seus olhos ardiam. Beltik tinha uma aparência casual e relaxada, usando uma camisa de um vermelho vivo e calça de veludo cotelê marrom.

– Desculpe – disse em voz normal. – Tomei uma xícara de café a mais.

Os outros jogadores o olharam com irritação. Beth não disse nada.

Ainda de pé, Beltik abriu um botão da camisa e estendeu a mão.

– Harry Beltik – apresentou-se. – Qual é o seu nome?

Ele devia saber qual era o nome dela.

– Sou Beth Harmon.

Beth apertou a mão dele, mas evitou seus olhos.

Ele se sentou diante das peças pretas, esfregou as mãos rapidamente e moveu seu peão do rei para a terceira casa. Apertou o relógio de Beth sem demora.

A Defesa Francesa. Ela nunca a havia jogado. Não gostava da cara daquilo. A coisa a fazer era jogar peão quatro da dama. Mas o que aconteceria se ele fizesse a mesma coisa? Deveria trocar peões ou avançar um deles? Ou desenvolver seu cavalo? Franziu os olhos e balançou a cabeça; era difícil visualizar como ficaria o tabuleiro depois dos lances. Olhou de novo, esfregou os olhos e jogou peão quatro da dama. Quando estendeu a mão para apertar o relógio, hesitou. Teria cometido um erro? Mas agora era tarde demais. Apertou o botão rapidamente. E quando ele fez clique, Beltik pegou imediatamente seu peão da dama, colocou na casa quatro da dama e deu um tapa no botão do relógio.

Ainda que fosse difícil enxergar com sua clareza habitual, ela não tinha perdido a noção do que deveria fazer na abertura. Desenvolveu os cavalos e se envolveu por um tempo em uma luta pelas casas centrais. Mas Beltik, movendo-se rapidamente, abocanhou um dos seus peões e ela viu que não poderia capturar

o peão com o qual ele tinha feito isso. Tentou desconsiderar a vantagem que havia concedido e continuou jogando. Tirou as peças da fileira de trás e rocou. Olhou para Beltik por cima do tabuleiro. Ele parecia completamente à vontade; estava olhando o jogo que acontecia ao lado. Beth sentiu um nó no estômago; não conseguia ficar confortável na cadeira. Por algum tempo o amontoado de peças e peões no centro do tabuleiro parecia não ter padrão algum, não fazer sentido.

Seu relógio tiquetaqueava. Beth inclinou a cabeça para olhar o mostrador; 25 minutos haviam se passado e ela estava com um peão a menos. E Beltik tinha usado apenas 22 minutos no total, incluindo o tempo que tinha desperdiçado com o atraso. Havia um zumbido em seus ouvidos, e a luz forte da sala fazia seus olhos doerem. Beltik estava recostado na cadeira com os braços estendidos, bocejando, mostrando as partes pretas na base dos dentes.

Ela encontrou o que parecia uma boa casa para seu cavalo, estendeu a mão e então parou. A jogada seria terrível; alguma coisa precisava ser feita com relação à dama dele antes que ele a colocasse na coluna da torre e estivesse pronto para ameaçar. Beth precisava se proteger e atacar ao mesmo tempo, e não conseguia ver como. As peças à sua frente simplesmente estavam ali, paradas. Ela deveria ter tomado um comprimido verde na noite anterior, para dormir.

Então viu um lance que parecia sensato e o fez rapidamente. Trouxe um cavalo de volta para perto do rei, protegendo-se contra a dama de Beltik.

Ele levantou as sobrancelhas de um modo quase imperceptível e, no mesmo instante, capturou um peão do outro lado do tabuleiro. De repente havia uma diagonal aberta para o bispo dele. O bispo estava apontado para o cavalo com o qual ela havia desperdiçado tempo trazendo-o para trás, e Beth havia perdido mais um peão. No canto da boca de Beltik havia um sorrisinho malicioso. Ela desviou o olhar rapidamente, com medo.

Precisava fazer alguma coisa. Ele estaria em cima do seu rei em quatro ou cinco lances. Precisava se concentrar, enxergar com clareza. Mas quando olhava para o tabuleiro tudo estava denso, emaranhado, complicado, perigoso. Então pensou em algo que poderia fazer. Com o relógio ainda correndo, levantou-se, passou por cima da corda e atravessou o pequeno grupo de espectadores silenciosos até chegar à área principal do ginásio, indo até o banheiro feminino. Não havia ninguém lá. Foi até uma pia, lavou o rosto com água fria, molhou um

punhado de toalhas de papel e as segurou por um tempo junto à nuca. Depois de jogá-las fora foi até um cubículo e, sentada, verificou seu absorvente. Tudo bem. Ficou sentada, relaxando, deixando a mente se esvaziar. Seus cotovelos estavam apoiados nos joelhos, a cabeça abaixada.

Com força de vontade, fez com que o jogo no Tabuleiro Um aparecesse à sua frente. Ali estava. No mesmo instante pôde ver que era difícil, mas não tanto quanto alguns jogos que tinha memorizado do livro da Morris's. As peças à sua frente, em sua imaginação, estavam nítidas e perfeitamente em foco.

Ficou ali, sem se preocupar com o tempo, até conseguir penetrar o jogo e entendê-lo. Então se levantou, lavou o rosto de novo e voltou ao ginásio. Tinha encontrado sua jogada.

Havia mais pessoas do que antes na sala dos "Tabuleiros Principais"; à medida que os jogos terminavam, elas iam assistir às finais. Passou por elas, pulou por cima da corda e se sentou. Suas mãos estavam perfeitamente firmes e não sentia qualquer desconforto no estômago ou nos olhos. Estendeu a mão e fez sua jogada; apertou o relógio com firmeza.

Beltik examinou a jogada por alguns minutos e tomou o cavalo dela com o bispo, como Beth sabia que ele faria. Ela não retomou; trouxe um bispo para atacar uma das torres dele. O homem moveu a torre, apertou o botão do relógio, se recostou na cadeira e respirou fundo.

– Não vai funcionar – disse Beth. – Não preciso tomar a dama.

– Jogue – retrucou Beltik.

– Vou dar xeque primeiro com o bispo...

– *Jogue!*

Ela assentiu e deu xeque com o bispo. Com o relógio tiquetaqueando, Beltik rapidamente tirou seu rei e apertou o botão. Então Beth fez o que planejara o tempo todo. Moveu sua dama, que desabou com força ao lado do rei, sacrificando-a. Beltik olhou-a, atônito. Ela o encarou de volta. Ele deu de ombros, tomou a dama e parou seu relógio, batendo nele com a base da peça capturada.

Beth avançou seu outro bispo da fileira de trás até o centro do tabuleiro e disse:

– Xeque. Mate no próximo lance.

Beltik olhou para a peça por um instante e falou:

– Puta que pariu!

Então se levantou.

– A torre dá mate – disse Beth.

– Puta que pariu.

A multidão que agora enchia a sala começou a aplaudir. Beltik, ainda de cara feia, estendeu a mão e Beth a apertou.



CINCO

Estavam quase fechando quando ela chegou ao caixa. Tinha precisado esperar o ônibus depois da escola. E de novo na baldeação na Main. E esse era o segundo banco.

O dia inteiro tinha carregado o cheque dobrado dentro do bolso da blusa, por baixo do suéter. Estava na sua mão quando o homem na fila à sua frente pegou seus rolos de moedas, os enfiou no bolso do sobretudo e deixou livre para ela o espaço diante do guichê. Ela pôs a mão no mármore frio, segurando o cheque e ficando nas pontas dos pés, para conseguir ver o rosto do caixa.

– Eu gostaria de abrir uma conta – disse.

O homem olhou o cheque.

– Quantos anos você tem, senhorita?

– Treze.

– Sinto muito. Você vai precisar de um dos pais ou um responsável.

Beth pôs o cheque de volta no bolso da blusa e saiu.

Em casa, a Sra. Wheatley tinha quatro garrafas vazias de cerveja Pabst Blue

Ribbon na mesinha perto da poltrona. A TV estava desligada. Beth havia pegado o jornal da tarde na varanda da frente e o desdobrou enquanto entrava na sala.

– Como foi a escola, querida?

A voz da Sra. Wheatley estava fraca e distante.

– Tudo bem.

Enquanto colocava o jornal na banqueta de plástico verde perto do sofá, Beth viu com silenciosa perplexidade que sua foto estava impressa na primeira página, na parte de baixo. Perto do topo estava o rosto de Nikita Khrushchev. E embaixo, da largura de uma coluna, seu rosto sério sob uma manchete: PRODÍGIO LOCAL VENCE TORNEIO DE XADREZ. Abaixo, em letras menores e em negrito: MENINA DE DOZE ANOS SURPREENDE ESPECIALISTAS. Beth se lembrou do homem tirando uma foto sua antes de lhe darem o troféu e o cheque. Ela havia dito a ele que tinha 13 anos.

Curvou-se, lendo o jornal:

> O mundo do xadrez no Kentucky ficou perplexo neste fim de semana com o talento de uma menina da cidade, que triunfou sobre jogadores experientes e ganhou o Campeonato Estadual do Kentucky. Elizabeth Harmon, aluna do sétimo ano do Colégio Fairfield, demonstrou "um domínio do jogo inigualado por qualquer mulher", segundo Harry Beltik, a quem a Srta. Harmon derrotou na disputa pela coroa do estado.

Beth fez uma careta; odiou a foto. Ela mostrava com clareza demais as sardas e o nariz pequeno.

– Quero abrir uma conta num banco – disse.

– Uma conta num banco?

– A senhora precisa ir comigo.

– Mas, querida, com *o quê* você abriria uma conta num banco?

Beth enfiou a mão no bolso da blusa, pegou o cheque e o entregou a ela. A Sra. Wheatley se endireitou na poltrona e segurou o cheque como se fosse um Manuscrito do Mar Morto. Ficou em silêncio por um momento, lendo. Depois disse baixinho:

– Cem dólares.

– Preciso de um dos pais ou um responsável. No banco.

– Cem dólares – repetiu a Sra. Wheatley. – Então você ganhou?

– Ganhei. No cheque está dizendo: "Primeiro Lugar".

– Estou *vendo*. Eu não tinha a menor ideia de que as pessoas ganhavam dinheiro jogando xadrez.

– Alguns torneios têm prêmios maiores do que esse.

– Meu Deus!

A Sra. Wheatley ainda olhava fixamente para o cheque.

– Podemos ir ao banco amanhã, depois da aula.

– Certamente.

No dia seguinte, quando entraram na sala depois de irem ao banco, havia um exemplar da *Revista do Xadrez* no banquinho diante do sofá. A Sra. Wheatley pendurou seu casaco no armário do corredor e pegou a revista, dizendo:

– Enquanto você estava na escola fiquei folheando isso. Vi que há um grande torneio em Cincinnati na segunda semana de dezembro. O primeiro prêmio é de quinhentos dólares.

Beth a observou longamente.

– É época de aulas – disse. – E Cincinnati fica bem longe daqui.

– A viagem no ônibus Greyhound leva só duas horas. Tomei a liberdade de telefonar.

– E a escola?

– Posso escrever um bilhete pedindo licença médica, dizendo que você teve mono.

– Mono?

– Mononucleose. É a coisa mais comum na sua faixa de idade, segundo o *Ladie's Home Journal.*

Beth continuou olhando para ela, tentando não deixar a perplexidade aparecer em seu rosto. A desonestidade da Sra. Wheatley parecia combinar com a sua – em todos os sentidos.

– Onde a gente vai se hospedar?

– No hotel Gibson, num quarto duplo, a 22 dólares a noite. Os bilhetes do Greyhound custam 11,80, cada. E, claro, há o custo da comida. Calculei tudo. Mesmo se você ganhar o segundo ou o terceiro prêmio, haverá lucro.

Beth tinha vinte dólares em dinheiro e um talão de dez cheques em sua bolsa de plástico.

– Preciso comprar uns livros de xadrez – disse.

– Mas é claro – concordou a Sra. Wheatley, sorrindo. – E, se você fizer um

cheque de 23,60, eu compro as passagens de ônibus amanhã.

• • •

Depois de comprar o *Aberturas modernas do xadrez* e um livro sobre finais na Morris's, Beth atravessou a rua até a loja de departamentos Purcell's. Pelo modo como as garotas falavam na escola, sabia que a Purcell's era melhor do que a Ben Snyder's. Encontrou o que queria no quarto andar: um jogo de xadrez de madeira, quase idêntico ao do Sr. Ganz, com cavalos esculpidos à mão, peões grandes, substanciais, e torres gordas e sólidas. Ficou um tempo indecisa com relação ao tabuleiro e quase comprou um de madeira, antes de se decidir por um de tecido, dobrável, com quadrados verdes e bege. Seria mais fácil de transportar do que o outro.

De volta em casa, esvaziou a escrivaninha, pôs o tabuleiro em cima e arrumou as peças. Empilhou os novos livros de xadrez de um lado, e do outro pôs o alto troféu prateado em formato de rei. Acendeu a luminária e se sentou, simplesmente olhando as peças, o modo como as curvas captavam a luz. Ficou sentada pelo que pareceu um longo tempo, a mente silenciosa. Depois pegou o *Aberturas modernas do xadrez*. Dessa vez começou pelo início.

• • •

Ela nunca tinha visto nada parecido com o hotel Gibson. O tamanho e a agitação, os lustres luminosos no saguão, o grosso carpete vermelho, as flores. Até as três portas giratórias e o porteiro uniformizado que ficava ao lado delas eram impressionantes. Beth e a Sra. Wheatley foram da estação de ônibus até a frente do hotel carregando as malas novas. A Sra. Wheatley se recusou a entregar a sua ao porteiro. Carregou-a até o balcão da recepção e registrou as duas, imperturbável sob o olhar que o recepcionista lançou a elas.

No quarto, Beth começou a relaxar. Havia duas janelas grandes dando para a Fourth Street com o tráfego da hora do rush. Lá fora o dia estava límpido e frio. Lá dentro, elas tinham um quarto com carpete grosso, um grande banheiro branco, toalhas vermelhas e fofas e um espelho gigantesco cobrindo uma parede.

Havia uma TV em cores na cômoda e uma colcha de um vermelho vivo em cada cama.

A Sra. Wheatley estava inspecionando o quarto, verificando as gavetas da cômoda, ligando e desligando a TV, alisando uma ruga na colcha da cama.

– Bom, eu pedi um quarto agradável e acredito que eles me atenderam – disse, e se sentou na poltrona vitoriana de espaldar alto perto da sua cama como se tivesse morado a vida inteira no hotel Gibson.

O torneio seria no mezanino do Salão Taft; Beth só precisaria pegar o elevador. A Sra. Wheatley encontrou uma lanchonete mais adiante na rua, onde comeram ovos com bacon para o café da manhã, depois ela voltou para a cama com um exemplar do *Enquirer* de Cincinnati e um maço de Chesterfields enquanto Beth descia para se inscrever no torneio. Beth ainda não tinha pontuação, mas dessa vez um homem à mesa sabia quem ela era; não tentaram colocá-la na categoria de Iniciantes. Haveria dois jogos por dia e o controle de tempo seria 120/40, o que significava que a pessoa tinha duas horas para fazer quarenta jogadas.

Enquanto estava se inscrevendo, Beth escutou uma voz grossa vindo por uma das portas duplas abertas que davam para o Salão Taft, onde aconteceriam os jogos. Ao olhar para lá, ela viu parte do grande salão de baile, com uma longa fileira de mesas vazias e alguns homens andando.

Quando entrou, avistou um homem estranho esparramado num sofá, com as botas pretas pousadas numa mesinha de centro. Ele estava dizendo:

– ... e a torre chega à sétima horizontal. Aquela torre era uma espinha na garganta, meu chapa. Ele deu uma olhada e pagou. – O homem apoiou a cabeça no encosto do sofá e deu uma gargalhada alta, num tom grave de barítono. – Vinte pratas.

Como estava cedo, só havia meia dúzia de pessoas no salão e não havia ninguém nas longas fileiras de mesas com tabuleiros de papel. Todo mundo estava escutando o homem falar. Ele devia ter uns 25 anos e parecia um pirata. Usava jeans sujos, blusa de gola rulê preta e um gorro de lã preto que descia até as grossas sobrancelhas. Tinha um bigode preto e grosso e evidentemente precisava fazer a barba; as costas das suas mãos eram bronzeadas e pareciam arranhadas.

– A Defesa Caro-Kann – disse rindo. – Uma tremenda decepção.

– O que há de errado com a Caro-Kann? – perguntou um rapaz bem arrumado, com suéter de lã de camelo.

– Um monte de peões e nenhuma esperança. – Ele pôs as pernas no chão e se endireitou no assento. Na mesa havia um tabuleiro de xadrez bege e verde, manchado e velho, com peças de madeira gastas. A cabeça do rei preto havia caído e estava presa com um pedaço de fita adesiva suja. – Vou mostrar – disse o homem, trazendo o tabuleiro para perto de si. Agora Beth estava ao lado. Era a única menina no salão. O homem estendeu a mão para o tabuleiro e, com delicadeza surpreendente, pegou o peão do rei branco com as pontas dos dedos e o largou delicadamente na casa quatro do rei. Depois pegou o peão do bispo da dama e o largou na casa três do bispo da dama, colocou o peão da dama branco na quarta fileira e fez o mesmo com o das pretas. Em seguida levantou os olhos para as pessoas em volta. Agora todas estavam prestando atenção.

– A Caro-Kann. Certo?

Beth conhecia esses lances, mas nunca os tinha visto sendo jogados. Esperava que em seguida o homem movesse o cavalo da dama branco, e ele fez isso. Depois fez o peão preto capturar o branco e tomou o peão que tinha feito a captura com o cavalo branco. Jogou o cavalo do rei preto para três do bispo e desenvolveu o outro cavalo branco. Beth se lembrava dessa jogada. Olhando-a agora, parecia boba. Pegou-se falando:

– Eu tomaria o cavalo – disse baixinho.

O homem olhou para ela e elevou as sobrancelhas.

– Você não é aquela garota do Kentucky... a que destruiu o Harry Beltik?

– Sou. Se o senhor tomar o cavalo, vai dobrar os peões dele...

– Grande coisa – desdenhou o homem. – Um monte de peões e nenhuma esperança. Eis como ganhar de pretas.

Ele não tomou o cavalo e em seguida moveu o peão preto para a casa quatro do rei. Depois continuou mostrando os lances de uma partida, embaralhando as peças no tabuleiro com uma agilidade casual, ocasionalmente apontando uma ou outra armadilha potencial. O jogo foi se acirrando até se tornar uma fuga equilibrada no centro. Era como um vídeo passando quadro a quadro na TV, em que uma hastezinha verde-clara salta da terra, cresce, incha e explode numa peônia ou numa rosa.

Algumas outras pessoas tinham entrado na sala e estavam assistindo. Beth

sentia um novo tipo de empolgação com aquela demonstração, com o conhecimento, a clareza e a audácia do homem de gorro preto. Ele começou a trocar peças no centro, tirando as capturadas com as pontas dos dedos como se fossem moscas mortas e mantendo uma lábia macia que apontava necessidades e fraquezas, armadilhas e pontos fortes. A certa altura, quando precisou estender a mão por cima do tabuleiro até a última fileira para tirar uma torre de sua casa original, Beth ficou pasma ao vê-lo esticar o corpo e notar que ele tinha uma faca na cintura. O cabo de couro e metal se projetava acima do cinto. Ele era tão parecido com alguém saído de *A Ilha do Tesouro* que a faca não parecia nem um pouco fora de lugar. Nesse momento ele parou o movimento e disse:

– Agora olhem isso.

E levou a torre preta para a casa quatro do rei, pousando-a com um floreio silencioso. Em seguida cruzou os braços.

– O que as brancas fazem aqui? – perguntou, olhando em volta.

Beth avaliou o tabuleiro. Havia armadilhas em toda parte para as brancas. Um dos homens que observava disse:

– Dama toma peão?

O homem de gorro balançou a cabeça, sorrindo.

– Torre para oito do rei, xeque. E a dama cai.

Beth tinha percebido. Tudo parecia terminado para as peças brancas e ela ia dizer isso quando outro homem falou:

– Isso é Mieses-Reshevsky. Da década de 1930.

O homem olhou para ele.

– Isso mesmo. Margate, 1935.

– As brancas jogaram torre um da dama – disse o primeiro homem.

– Certo – concordou o outro. – O que mais ele tinha?

Em seguida fez a jogada e continuou. Agora ficara claro que as brancas estavam perdendo. Houve algumas trocas rápidas e depois um final que por um momento pareceu que seria lento, mas as pretas fizeram um sacrifício espantoso de um peão passado e abruptamente a configuração de promoção dos peões deixou claro que as pretas teriam uma dama duas jogadas antes das brancas. Era um jogo impressionante, como alguns dos melhores que Beth havia aprendido nos livros.

O homem se levantou, tirou o gorro e se espreguiçou. Olhou para Beth por

um momento.

– Reshevsky jogava assim quando tinha a sua idade, menininha. Era mais novo, até.

• • •

De volta ao quarto, a Sra. Wheatley ainda estava lendo o *Enquirer*. Ela olhou por cima dos óculos de leitura quando Beth entrou.

– Já terminou? – perguntou ela.

– Já.

– Como foi?

– Ganhei.

A Sra. Wheatley deu um sorriso caloroso.

– Querida, você é um tesouro.

• • •

A Sra. Wheatley tinha visto o anúncio de uma liquidação na Shillito's – uma loja de departamentos a alguns quarteirões do hotel Gibson. Como faltavam quatro horas para a próxima partida de Beth, elas foram até lá, embaixo da neve fina que caía, e a Sra. Wheatley batia perna no subsolo até que Beth disse:

– Eu gostaria de olhar uns suéteres.

– Que tipo de suéter, querida?

– De caxemira.

A Sra. Wheatley elevou as sobrancelhas.

– Caxemira? Tem certeza de que podemos comprar?

– Tenho.

Beth encontrou um suéter cinza-claro em liquidação por 24 dólares, que coube perfeitamente. Olhando-se no espelho alto, tentou se imaginar participando do Clube Apple Pi, como Margaret; mas o rosto ainda era o de Beth, redondo e sardento, com cabelo liso e castanho. Deu de ombros e comprou o suéter com um cheque de viagem. A caminho da Shillito's tinham passado por uma pequena sapataria elegante com sapatos bicolores na vitrine. Beth levou a Sra. Wheatley até lá e comprou um par. Em seguida comprou meias xadrez para

usar com eles. A etiqueta dizia "100% lã. Feitas na Inglaterra". Na volta para o hotel, com um vento que soprava minúsculos flocos de neve contra ela, Beth ficava olhando os sapatos novos e as meias xadrez de cano longo. Gostava da sensação, gostava do aperto da lã quente nas panturrilhas e gostava da aparência delas: meias chamativas e caras com sapatos marrons e brancos. Toda hora olhava para baixo.

• • •

Naquela tarde jogou contra um homem de meia-idade, de Ohio, cuja pontuação era 1910. Jogou a Siciliana e o obrigou a desistir depois de uma hora e meia. Sua mente estava mais cristalina do que nunca e ela conseguiu usar algumas coisas que aprendera nas últimas semanas estudando seu novo livro do Mestre russo Boleslavski.

Quando entregou sua planilha, Sizemore estava parado junto à mesa. Viu alguns outros rostos familiares do outro torneio, e foi bom vê-los, mas realmente só queria ver um jogador: Townes. Procurou várias vezes, mas não o encontrou.

De volta ao quarto naquela noite, a Sra. Wheatley assistiu *A Família Buscapé* e *Dick Van Dyke Show* enquanto Beth montava e repassava seus dois jogos, procurando pontos fracos nos lances. Não havia nenhum. Depois pegou o livro de Reuben Fine sobre finais e começou a estudar. A parte final das partidas no xadrez tinha um sentimento próprio; era como uma disputa totalmente diferente, quando restavam uma ou duas peças de cada lado e a questão se resumia a promover um peão a dama. Podia ser algo dolorosamente sutil; não existia possibilidade do tipo de ataque violento que Beth adorava.

Mas ficou entediada com Reuben Fine. Depois de um tempo fechou o livro e foi para a cama. Tinha dois comprimidinhos verdes no bolso do pijama e os tomou depois de apagar as luzes. Não queria correr o risco de não dormir.

O segundo dia foi tão fácil quanto o primeiro, apesar de Beth enfrentar jogadores mais fortes. Tinha demorado um tempo para clarear a cabeça do efeito dos comprimidos, mas, quando começou a jogar, sua mente já estava aguçada. Chegou a manusear as peças com confiança, pegando-as e pousando-as com serenidade.

Nesse torneio não havia uma sala dos "Tabuleiros Principais". O Tabuleiro

Um era apenas o primeiro da primeira mesa. Na segunda partida, Beth estava no Tabuleiro Seis e as pessoas se reuniam em volta enquanto ela forçava o Mestre a desistir depois de tomar uma das suas torres. Quando levantou os olhos durante os aplausos, Alma Wheatley estava no fundo do salão com um largo sorriso.

No último jogo, no Tabuleiro Um, Beth competia com um Mestre chamado Rudolph. Ele conseguiu começar a fazer trocas de peças no centro durante o meio-jogo e Beth ficou alarmada ao se pegar encurralada na direção de um final com uma torre, um cavalo e três peões. Rudolph tinha a mesma quantidade de peças, mas com um bispo no lugar do cavalo. Beth não gostou, e o bispo representava uma nítida vantagem. Mas conseguiu cravá-lo e trocar seu cavalo por ele, depois jogou com cuidado por uma hora e meia até que Rudolph cometeu um erro grosseiro e ela partiu para cima. Deu xeque com um peão, trocou torres e conseguiu um peão passado, com o rei protegendo. Rudolph pareceu furioso consigo mesmo e desistiu.

Os aplausos foram intensos. Beth olhou a multidão em volta da mesa. Perto dos fundos, em seu vestido azul, estava a Sra. Wheatley, batendo palmas com entusiasmo.

Na volta ao quarto, a Sra. Wheatley carregou o pesado troféu e Beth levou o cheque no bolso da blusa. A Sra. Wheatley tinha anotado tudo num papel timbrado do hotel que estava em cima da TV: 66 dólares por três noites no Gibson, mais 3,30 de impostos; 23,60 para o ônibus e o preço de cada refeição, incluindo gorjeta.

– Separei 12 dólares para nosso jantar de comemoração hoje à noite e dois dólares para um pequeno café da manhã. Com isso, nossas despesas totalizam 172,30 dólares.

– Sobram mais de trezentos dólares – disse Beth.

Ficaram em silêncio por um momento. Beth olhou para o papel, apesar de entendê-lo perfeitamente bem. Estava imaginando se deveria se oferecer para dividir o dinheiro com a Sra. Wheatley. Não queria fazer isso. Tinha ganhado sozinha.

A Sra. Wheatley rompeu o silêncio.

– Talvez você pudesse me dar dez por cento – disse em voz agradável. – Como comissão de empresária.

– São 32,77.

– No Methuen disseram que você era maravilhosa em matemática.

Beth assentiu.

– Está bem.

• • •

Comeram alguma coisa com vitela num restaurante italiano. A Sra. Wheatley pediu uma jarra de vinho tinto. Tomou o vinho e fumou Chesterfields durante a refeição. Beth gostou do pão e da manteiga gelada e clara. Também gostou do pequeno pé de laranja, carregado de frutas, junto do bar, não muito longe da mesa delas.

A Sra. Wheatley enxugou o queixo com o guardanapo quando terminou de tomar o vinho e acendeu um último cigarro.

– Beth, querida – disse. – Há um torneio em Houston no feriado de Natal, começando no dia 26. Acredito que é muito fácil viajar no dia de Natal, já que a maioria das pessoas fica em casa comendo pudim de ameixa ou sei lá.

– Eu vi.

Beth tinha lido o anúncio na *Revista do Xadrez* e queria muito ir. Mas Houston tinha parecido tremendamente longe para um prêmio de seiscentos dólares.

– Acho que podemos ir de avião para Houston – disse a Sra. Wheatley, animada. – Podemos aproveitar uns agradáveis dias de inverno ao sol.

Beth estava terminando seu spumoni.

– Está bem – respondeu. E depois, olhando para o sorvete. – Está bem, mãe.

• • •

O jantar de Natal foi peru aquecido no micro-ondas e servido no avião, com uma taça de champanhe de brinde para a Sra. Wheatley e um suco de laranja em lata para Beth. Foi o melhor Natal da vida dela. O avião sobrevoou o Kentucky coberto de neve e, no fim da viagem, circulou por cima do Golfo do México. Pousaram no ar quente, ao sol. Saindo do aeroporto, passaram por vários canteiros de obras, os grandes guindastes amarelos e as escavadeiras paradas perto de pilhas de vigas. Alguém tinha pendurado uma guirlanda em uma delas.

Uma semana antes de saírem de Lexington, um novo exemplar da *Revista do Xadrez* havia chegado pelo correio. Quando a abriu, Beth encontrou uma pequena foto sua com Beltik na parte de trás e a manchete: ALUNA DE UM COLÉGIO LOCAL TOMA O TÍTULO DO TORNEIO DO KENTUCKY DE UM MESTRE. A partida deles vinha impressa a seguir e o comentário dizia: "Os espectadores ficaram impressionados com o domínio juvenil sobre os mínimos detalhes da estratégia. Ela demonstra a segurança de jogadores com o dobro da sua idade." Beth leu duas vezes antes de mostrar à Sra. Wheatley. A Sra. Wheatley ficou extasiada; tinha lido em voz alta o artigo do jornal de Lexington e dito: "Maravilhoso!" Dessa vez leu em silêncio antes de dizer em voz baixa:

– Isso é reconhecimento *nacional*, querida.

A Sra. Wheatley tinha levado a revista e as duas passaram parte do tempo no avião marcando os torneios que Beth jogaria nos meses seguintes. Decidiram-se por um por mês. A Sra. Wheatley tinha medo de ficarem sem doenças para alegar e, como disse, sem "credibilidade" se escrevesse desculpas mais do que uma vez por mês. Beth ficou pensando se não deveriam pedir permissão de modo mais direto – afinal de contas, os garotos tinham direito de faltar às aulas para jogar basquete e futebol –, mas teve a sensatez de não dizer nada. A Sra. Wheatley parecia sentir um prazer enorme em fazer a coisa desse jeito. Era como uma conspiração.

Beth venceu em Houston sem dificuldade. Como disse a Sra. Wheatley, ela estava "realmente pegando o jeito". Foi forçada a um empate no terceiro jogo, mas venceu o último com uma combinação desconcertante, derrotando o campeão do Sudoeste, de 40 anos, como se ele fosse um iniciante. Ficaram mais dois dias "para tomar sol" e visitaram o Museu de Belas-Artes e o Jardim Zoológico. No dia seguinte ao torneio, a foto de Beth saiu no jornal, e dessa vez ela se sentiu bem ao vê-la. A matéria a chamava de *Wunderkind*, criança prodígio. A Sra. Wheatley comprou três exemplares, dizendo:

– Acho que vou começar a fazer um álbum de recortes.

• • •

Em janeiro, a Sra. Wheatley ligou para a escola, dizendo que Beth tinha tido uma recaída da mononucleose, e as duas foram a Charleston. Em fevereiro, foi Atlanta

e um resfriado; em março, Miami e uma gripe. Às vezes a Sra. Wheatley falava com a subdiretora e às vezes com a coordenadora das meninas. Ninguém questionava as justificativas. Era provável que alguns alunos soubessem sobre ela por jornais de fora da cidade ou algo assim, mas ninguém com autoridade dizia nada. Beth estudava xadrez por três horas todas as noites entre os torneios. Perdeu um jogo em Atlanta, mas mesmo assim ficou em primeiro lugar e permaneceu invicta nas outras duas cidades. Gostava de viajar com a Sra. Wheatley, que às vezes ficava confortavelmente de pilequinho com os martínis do avião. As duas conversavam e davam risadinhas. A Sra. Wheatley dizia coisas engraçadas sobre as aeromoças, com seus blazers muito bem passados e a maquiagem chamativa e artificial, ou comentava como alguns vizinhos em Lexington eram bobos. Era animada, discreta e divertida, e Beth ria um bocado; olhava as nuvens abaixo, pela janela, sentindo-se melhor do que nunca, até mesmo do que nas ocasiões no Lar Methuen, quando economizava os comprimidos verdes e tomava cinco ou seis de uma vez.

Passou a adorar hotéis, restaurantes e a empolgação de participar de um torneio e vencê-lo, avançando gradualmente, de jogo em jogo, e vendo a multidão ao redor da sua mesa aumentar a cada vitória. Agora, nos torneios, as pessoas sabiam quem ela era. Era sempre a mais nova e às vezes a única participante do sexo feminino. De volta à escola as coisas pareciam cada vez mais sem graça. Alguns outros alunos falavam sobre fazer faculdade depois do colégio e alguns tinham profissões em mente. Duas garotas que ela conhecia queriam ser enfermeiras. Beth nunca participava dessas conversas; ela já era o que queria ser. Mas não conversava com ninguém sobre as viagens nem sobre a reputação que estava criando nos torneios de xadrez.

Quando voltaram de Miami, em março, havia na correspondência um envelope da Federação de Xadrez. Era um novo cartão de sócia com sua pontuação: 1881. Tinham lhe dito que demoraria para a pontuação refletir sua verdadeira força; por enquanto ela estava satisfeita em finalmente ser uma jogadora com pontuação. Em pouco tempo esse número aumentaria. O próximo grande passo era se tornar Mestre, com 2200. Depois de 2000 eles chamavam a pessoa de Expert, o que não significava grande coisa. Ela gostava era de Grande Mestre Internacional; isso tinha peso.

• • •

Naquele verão foram a Nova York jogar no hotel Henry Hudson. Tinham desenvolvido um gosto por comida sofisticada – ainda que em casa comprassem principalmente refeições congeladas –, e em Nova York comeram em restaurantes franceses, pegando ônibus que atravessavam a cidade até o Le Bistro e o Cafe Argenteuil. A Sra. Wheatley tinha ido a um posto de gasolina em Lexington e comprado um *Guia de Viagens Mobil*. Escolhia os lugares com três estrelas ou mais e depois as duas os encontravam com o mapinha. Eram terrivelmente caros, mas nenhuma das duas dizia nada sobre o preço. Beth comia truta defumada, mas jamais peixe fresco; lembrava-se dos peixes que tinha que comer às sextas-feiras no Lar Methuen. Decidiu que no ano seguinte, na escola, estudaria Francês.

O único problema era que nas viagens tomava os comprimidos da receita da Sra. Wheatley, para ajudá-la a dormir à noite, e às vezes precisava de cerca de uma hora para a cabeça clarear de manhã. Como os jogos dos torneios jamais começavam antes das nove, ela se certificava de se levantar a tempo de tomar várias xícaras de café trazidas pelo serviço de quarto. A Sra. Wheatley não sabia dos comprimidos e não demonstrava qualquer preocupação com o apetite de Beth por café; tratava-a como uma adulta em todos os sentidos. Às vezes parecia que Beth era a mais velha das duas.

Beth adorou Nova York. Gostou de andar de ônibus e de pegar o metrô IRT, da sujeira e do barulho dos trens. Gostou de olhar vitrines e de ouvir as pessoas na rua falando iídiche ou espanhol. Não se incomodou com a sensação de perigo na cidade nem com o modo arrogante com que os táxis andavam ou com o brilho sujo da Times Square. Na última noite foram ao Radio City Music Hall e assistiram a *West Side Story* e às Rockettes. Sentada numa poltrona de veludo no alto do gigantesco teatro, Beth estava empolgadíssima.

• • •

Beth tinha esperado que o repórter da *Life* fosse alguém que fumava um cigarro atrás do outro e fosse parecido com Lloyd Nolan, mas a pessoa que estava à porta era uma mulher pequena, com cabelo grisalho e vestido escuro. Parecia mais

velha do que a Sra. Wheatley e andou pela sala com movimentos curtos e rápidos, verificando rapidamente os livros na estante e examinando algumas gravuras nas paredes. Depois começou a fazer perguntas. Seus modos eram agradáveis e diretos.

– Fiquei realmente impressionada, apesar de não jogar xadrez. – Ela sorriu. – Dizem que você é o máximo.

Beth ficou meio encabulada.

– Qual é a sensação? De ser uma garota no meio de todos aqueles homens?

– Não me incomodo.

– Não dá medo?

As duas estavam sentadas frente a frente. A Srta. Balke se inclinou para a frente, olhando Beth fixamente.

Beth balançou a cabeça. O fotógrafo chegou perto do sofá e começou a fazer medições com um fotômetro.

– Quando eu era pequena – disse a repórter –, nunca tive permissão para ser competitiva. Eu brincava de boneca.

O fotógrafo recuou e começou a examinar Beth através da máquina fotográfica. Ela se lembrou da boneca que o Sr. Ganz lhe deu.

– O xadrez nem sempre é "competitivo" – rebateu.

– Mas você joga para ganhar.

Beth queria dizer alguma coisa sobre como o xadrez era lindo às vezes, mas olhou o rosto penetrante e inquisitivo da Srta. Balke e não conseguiu encontrar as palavras certas.

– Você tem namorado?

– Não. Tenho 14 anos.

O fotógrafo começou a tirar fotos.

A Srta. Balke tinha acendido um cigarro. Ela se inclinou para a frente e bateu as cinzas num cinzeiro da Sra. Wheatley.

– Você se interessa por rapazes? – perguntou.

Beth estava cada vez mais desconfortável. Queria falar sobre o aprendizado de xadrez, sobre os torneios que tinha vencido e pessoas como Morphy e Capablanca. Não gostava daquela mulher e não gostava das perguntas dela.

– Eu me interesso principalmente pelo xadrez.

A Srta. Balke deu um sorriso luminoso.

– Fale sobre isso. Diga como você aprendeu a jogar e quantos anos tinha.

Ela contou e a Srta. Balke tomou notas, mas Beth sentiu que ela não estava realmente interessada em nada daquilo. Enquanto falava descobriu que na verdade tinha muito pouco a dizer.

Na semana seguinte, durante a aula de Álgebra, Beth viu o garoto à sua frente entregar um exemplar da *Life* à garota ao lado. Os dois se viraram e olharam para ela como se nunca a tivessem visto. Depois das aulas o garoto, que nunca tinha falado com Beth, a deteve e perguntou se ela podia autografar a revista. Beth ficou chocada. Pegou o exemplar. E ali estava a matéria, ocupando uma página inteira. Havia uma foto sua olhando séria para o tabuleiro e outra do prédio principal do Lar Methuen. No topo da página, uma manchete dizia: UMA PEQUENA MOZART SURPREENDE O MUNDO DO XADREZ. Beth assinou seu nome com a esferográfica do garoto, apoiando a revista numa carteira vazia.

Quando chegou em casa, a Sra. Wheatley estava com a revista no colo. Ela começou a ler em voz alta:

– "Para algumas pessoas o xadrez é um passatempo, para outras é uma compulsão, até mesmo um vício. E de vez em quando surge um indivíduo com talento nato. Ocasionalmente surge um menino que nos deixa ofuscados com sua precocidade naquele que pode ser o jogo mais difícil que existe. Mas e se esse menino fosse uma menina: uma menina jovem, séria, de olhos castanhos, cabelos castanhos e vestido azul-escuro?

"Isso jamais havia acontecido, mas aconteceu há pouco tempo. Em Lexington, Kentucky, e em Cincinnati. Em Charleston, Atlanta, Miami e recentemente em Nova York. No mundo masculino dos principais torneios de xadrez surge uma garota de 14 anos com olhos brilhantes, intensos, do oitavo ano do Colégio Fairfield, em Lexington, Kentucky. Ela é calada e bem comportada. E tem sede de sangue..." É *maravilhoso*! – disse a Sra. Wheatley. – Continuo lendo?

– Fala do orfanato. – Beth tinha comprado seu próprio exemplar. – E tem uma das minhas partidas. Mas é principalmente sobre eu ser uma garota.

– Bom, você é.

– Isso não deveria ser tão importante. Eles não publicaram metade das coisas que eu contei. Não falaram do Sr. Shaibel. Não disseram nada sobre como eu jogo a Siciliana.

– Mas, Beth – disse a Sra. Wheatley –, isso torna você uma *celebridade*!

Beth olhou para ela, pensativa.

– Por ser uma garota, principalmente.

• • •

No dia seguinte, Margaret a deteve no corredor. Estava usando um casaco de lã de camelo e seus cabelos louros lhe caíam nos ombros; estava ainda mais linda do que um ano antes, quando Beth tirou os dez dólares da bolsa dela.

– As outras Apple Pi pediram para eu convidar você – falou Margaret respeitosamente. – Vamos ter uma festa de apresentação de candidatura sexta-feira à noite, na minha casa.

O Clube Apple Pi. Era muito estranho. Quando aceitou e pediu o endereço, Beth percebeu que era a primeira vez que falava com Margaret.

Naquela tarde, passou mais de uma hora experimentando vestidos na Purcell's antes de escolher um azul-marinho com gola branca simples, da linha mais cara da loja. Quando experimentou o vestido para a Sra. Wheatley ver, à noite, e disse que ia ao Clube Apple Pi, ela ficou visivelmente satisfeita.

– Você está parecendo uma debutante!

• • •

A madeira branca da sala de estar de Margaret brilhava lindamente e as pinturas nas paredes eram a óleo – na maioria de cavalos. Apesar de ser uma tarde amena de março, um fogo intenso ardia sob o console branco da lareira. Catorze garotas estavam sentadas em sofás brancos e poltronas coloridas de espaldar alto quando Beth chegou, usando seu vestido novo. A maioria das outras usava suéteres e saias.

– Foi realmente incrível encontrar um rosto do Colégio Fairfield na *Life* – disse uma delas. – Quase pirei!

Mas quando Beth começou a falar dos torneios, as garotas a interromperam perguntando sobre os rapazes que participavam. Eram bonitos? Você namorou algum? Quando Beth disse "Não sobra muito tempo para isso", elas mudaram de assunto.

Durante uma hora ou mais conversaram sobre garotos, namoros e roupas, passando imprevisivelmente de uma sofisticação tranquila para risinhos, enquanto Beth permanecia sentada na ponta de um sofá, sem jeito, segurando um copo de cristal com Coca-Cola, incapaz de pensar em alguma coisa para dizer. Então, às nove horas, Margaret ligou a TV enorme junto à lareira e todas ficaram em silêncio, a não ser por algum risinho ocasional, enquanto passava o "Filme da Semana".

Beth ficou sentada, sem participar das fofocas e dos risos durante os comerciais, até que o filme terminou às onze horas. Ficou atônita com a chatice da reunião. Esse era o clube de elite Apple Pi, que tinha parecido tão importante quando ela começou a estudar em Lexington. E era isso que elas faziam em suas festas sofisticadas: assistiam a um filme de Charles Bronson. A única interrupção na chatice foi quando uma garota chamada Felicia disse:

– Fico me perguntando se ele é tão bem dotado quanto parece.

Beth riu disso, mas foi a única coisa da qual riu.

Quando foi embora, depois das onze, ninguém insistiu para que ela ficasse e ninguém disse nada sobre sua entrada para o clube. Ela ficou aliviada ao pegar o táxi para casa. Quando chegou, passou uma hora no quarto com *O meio-jogo no xadrez*, de D. Luchenko, traduzido do russo.

• • •

No torneio seguinte, a escola já sabia muito bem a verdade sobre ela, e dessa vez Beth não alegou nenhum problema de saúde. A Sra. Wheatley falou com a diretora e Beth foi dispensada das aulas. Nada foi dito sobre as doenças de mentira. Escreveram sobre ela no jornal da escola e as pessoas a apontavam nos corredores. O torneio foi em Kansas City. Depois da vitória de Beth, o diretor levou a menina e a Sra. Wheatley a um restaurante especializado em carnes e disse que se sentiam honrados por sua participação. Ele era um homem jovem e sério e tratou as duas com educação.

– Eu gostaria de jogar no Aberto dos Estados Unidos – disse Beth durante a sobremesa e o café.

– Claro – concordou ele. – Pode ser que você ganhe.

– Isso a levaria a jogar fora do país? – perguntou a Sra. Wheatley. – Na

Europa?

– Não há por que não – disse o rapaz. Seu nome era Nobile. Ele usava óculos grossos e ficava bebendo água com gelo. – Eles precisam saber sobre você antes de convidá-la.

– Se eu vencer o Aberto, eles vão me conhecer?

– Claro. Benny Watts sempre joga na Europa agora que conquistou seu título internacional.

– O valor do prêmio é bom? – perguntou a Sra. Wheatley, acendendo um cigarro.

– Acho que é, sim.

– E a Rússia? – perguntou Beth.

Nobile a encarou por um minuto, como se ela estivesse sugerindo algo ilícito.

– A Rússia é a morte – disse finalmente. – Lá eles comem americanos no café da manhã.

– Não, *falando sério...* – começou a Sra. Wheatley.

– É verdade – insistiu Nobile. – Não creio que tenha havido um americano em condições de enfrentar os russos nos últimos vinte anos. É como o balé. Eles *pagam* às pessoas para jogar xadrez.

Beth pensou naquelas fotos da *Revista do Xadrez*, os homens com rostos sérios, curvados sobre tabuleiros – Borgov e Tal, Laev e Shapkin, de cara feia, usando ternos escuros. O xadrez na Rússia era algo bem diferente do xadrez nos Estados Unidos. Por fim ela perguntou:

– Como faço para jogar no Aberto dos Estados Unidos?

– Basta mandar o valor da inscrição – respondeu Nobile. – É como qualquer outro torneio, só que a concorrência é mais dura.

• • •

Ela mandou o valor da inscrição, mas naquele ano não jogou no Aberto dos Estados Unidos. A Sra. Wheatley contraiu um vírus que a manteve na cama por duas semanas. E Beth, que tinha acabado de fazer 15 anos, não quis ir sozinha. Fez o máximo para esconder, mas ficou furiosa com Alma Wheatley por ter ficado doente e consigo mesma por ter medo de viajar para Los Angeles. O Aberto não era tão importante quanto o Campeonato dos Estados Unidos, mas

estava na hora de começar a jogar em eventos que não fossem escolhidos simplesmente pelo valor do prêmio. Havia um mundinho fechado de torneios como o Campeonato dos Estados Unidos e o Merriwether Invitational, do qual ela sabia por conversas entreouvidas e por matérias na *Revista do Xadrez*. Estava na hora de entrar nele – e depois no xadrez internacional. Às vezes Beth se visualizava como aquilo que desejava ser: uma mulher realmente profissional e a melhor jogadora de xadrez do mundo. Viajando sozinha, confiante, de primeira classe, alta, vestida com perfeição, bonita e cheia de segurança: uma espécie de Jolene branca. Frequentemente dizia a si mesma que mandaria um cartão ou uma carta para Jolene, mas nunca mandava. Em vez disso, ficava se observando no espelho do banheiro, procurando sinais da mulher segura e linda que desejava se tornar.

Aos 16 anos, tinha ficado mais alta e sua aparência havia melhorado, tinha aprendido a cortar o cabelo de um modo que mostrava seus olhos e lhe dava alguma vantagem, mas ainda parecia uma colegial. Agora jogava em torneios a cada seis semanas, mais ou menos – em estados como Illinois e Tennessee, e às vezes em Nova York. Ainda escolhiam os que pagavam o suficiente para garantir um lucro depois das despesas das duas. Sua conta bancária crescia, e esse era um prazer considerável, mas de algum modo sua carreira parecia estagnada. E ela já estava velha demais para ser chamada de prodígio.



SEIS

Ainda que o Aberto dos Estados Unidos estivesse acontecendo em Las Vegas, as outras pessoas no hotel Mariposa pareciam não saber disso. No salão principal, os jogadores nas mesas de dados, de roleta e de vinte e um usavam suéteres coloridos de malha dupla e camisas; faziam tudo em silêncio. Do outro lado do cassino ficava o café do hotel. Na véspera do torneio, Beth caminhou por um corredor entre os jogadores de dados, onde praticamente só se ouviam as batidas das fichas de cerâmica e dos dados no feltro. No café, ocupou um banco junto ao balcão, virou-se para olhar os reservados, na maioria vazios, e viu um rapaz bonito curvado sobre uma xícara de café, sozinho. Era Townes, de Lexington.

Ela se levantou e foi até lá.

– Olá – disse.

Ele ergueu os olhos e piscou, sem reconhecê-la a princípio. Depois disse:

– Harmon! Meu Deus!

– Posso me sentar?

– Claro. Eu deveria ter reconhecido você. Você estava na lista.

– Na lista?

– Na lista do torneio. Eu não vou jogar. A *Revista do Xadrez* me mandou para escrever a matéria. – Ele a encarou. – Eu poderia escrever sobre você. Para o *Herald-Leader*.

– De Lexington?

– É isso aí. Você cresceu um bocado, Harmon. Vi a matéria na *Life*. – Ele a observou com atenção. – Você até ficou bonita.

Beth ficou sem jeito e não soube o que dizer. Tudo em Las Vegas era estranho. Na mesa de cada reservado havia um abajur com uma base de vidro cheia de líquido roxo que borbulhava e fazia redemoinhos embaixo da cúpula cor-de-rosa. A garçonete que entregou os cardápios vestia uma minissaia preta e meia arrastão, mas tinha rosto de professora de Geometria. Townes estava bonito, sorridente, vestindo um suéter escuro com uma camisa listrada aberta no colarinho. Ela escolheu o Mariposa Special: panquecas, ovos mexidos com pimenta e café à vontade.

– Eu poderia escrever meia página sobre você para o jornal de domingo – dizia Townes.

As panquecas e os ovos chegaram. Beth comeu e tomou duas xícaras de café.

– Estou com uma máquina fotográfica no quarto. – Townes hesitou. – Tenho tabuleiros de xadrez também. Quer jogar?

Ela deu de ombros.

– Tudo bem. Vamos lá.

– Fantástico!

O sorriso dele era deslumbrante.

As cortinas estavam abertas, com vista para o estacionamento. A cama era gigantesca e estava desfeita. Parecia encher o quarto. Havia três tabuleiros de xadrez arrumados: um numa mesa perto da janela, um na cômoda e o terceiro no banheiro, ao lado da pia. Townes fez Beth posar junto à janela e bateu um rolo de filme com ela sentada junto ao tabuleiro, movendo as peças. Era difícil não olhá-lo enquanto ele ficava andando para lá e para cá. Quando ele chegou perto, segurando um pequeno fotômetro perto do seu rosto, Beth se pegou perdendo o fôlego com a sensação de calor vinda do corpo dele. Seu coração batia rápido, e

quando ela estendeu a mão para mover uma torre, viu que estava com os dedos tremendo.

Ele tirou a última foto e começou a rebobinar o filme.

– Alguma dessas deve ter ficado boa – disse. Em seguida pôs a máquina na mesinha de cabeceira. – Vamos jogar xadrez.

Ela o encarou.

– Não sei qual é o seu primeiro nome.

– Todo mundo me chama de Townes. Talvez seja por isso que eu chamo você de Harmon. Em vez de Elizabeth.

Ela começou a arrumar as peças no tabuleiro.

– É Beth.

– Prefiro chamar você de Harmon.

– Vamos jogar *skittles*. Pode ficar com as brancas.

Skittles era xadrez rápido, sem tempo para nada muito complexo. Ele pegou seu relógio de xadrez na cômoda e o ajustou com cinco minutos para cada um.

– Eu deveria dar três a você – disse.

– Vá em frente.

Beth não olhou para ele. Desejou que Townes simplesmente viesse e a tocasse, talvez no braço, ou que pusesse a mão no seu rosto. Ele parecia tremendamente sofisticado e seu sorriso era descontraído. Não podia estar pensando nela como ela pensava nele. Mas Jolene tinha dito: "Todos pensam nisso, querida. Só pensam nisso." E estavam sozinhos no quarto dele, com a cama king-size. Em Las Vegas.

Quando ele pôs o relógio ao lado do tabuleiro, ela viu que os dois tinham a mesma quantidade de tempo. Não queria jogar esse jogo. Queria fazer amor. Apertou o botão do seu lado e o relógio dele começou a tiquetaquear. Ele moveu o peão para quatro do rei e apertou o botão. Ela prendeu o fôlego por um momento e começou a jogar xadrez.

• • •

Quando Beth voltou ao quarto, a Sra. Wheatley estava sentada na cama, fumando um cigarro e parecendo triste.

– Onde você estava, querida? – perguntou.

Sua voz saiu baixa e tinha um pouco da mesma tensão de quando ela falava sobre o Sr. Wheatley.

– Jogando xadrez. Treinando.

Havia um exemplar da *Revista do Xadrez* em cima da TV. Beth a pegou e abriu na página de créditos. O nome dele não estava entre os dos editores, mas embaixo, sob o título "Correspondentes", havia três nomes. O terceiro era D. L. Townes. Ela ainda não sabia qual era o primeiro nome dele.

Depois de um momento a Sra. Wheatley disse:

– Pode pegar uma lata de cerveja para mim? Na cômoda.

Beth se levantou. Havia cinco latas de Pabst numa bandeja marrom, do tipo que o serviço de quarto usava, e um pacote de batata chips pela metade.

– Por que não toma uma? – perguntou a Sra. Wheatley.

Beth pegou duas latas e sentiu seu toque metálico e gelado.

– Está bem.

Entregou-as à Sra. Wheatley e pegou um copo limpo para ela própria, no banheiro.

Quando Beth entregou o copo, a Sra. Wheatley disse:

– Acho que você nunca tomou uma cerveja.

– Tenho 16 anos.

– Bom... – A Sra. Wheatley franziu a testa. Puxou a argola da lata de cerveja com um pequeno estalo e encheu habilmente o copo de Beth, até o colarinho branco chegar acima da borda. – Aqui – disse como se estivesse oferecendo um remédio.

Beth tomou um gole. Nunca havia bebido cerveja, mas o gosto era parecido com o que esperava, como se sempre tivesse sabido como seria. Tentou não fazer careta e engoliu quase metade. A Sra. Wheatley estendeu a mão, ainda na cama, e serviu o resto. Beth tomou outro gole. O líquido ardeu ligeiramente na garganta, mas depois ela sentiu um calor no estômago. Seu rosto ficou vermelho – como se ela estivesse ruborizando. Terminou o copo.

– Meu Deus – disse a Sra. Wheatley. – Não beba tão depressa.

– Quero outra.

Beth estava pensando em Townes, na aparência dele depois de terminarem de jogar, quando ela se levantou para sair. Ele tinha sorrido e pegado a mão dela. Simplesmente segurar a mão dele naquele curto espaço de tempo provocou em

seu rosto a mesma sensação causada pela cerveja. Tinha vencido sete partidas rápidas. Agora apertava o copo e, por um momento, quis jogá-lo no chão com toda a força e vê-lo se estilhaçar. Em vez disso, atravessou o quarto, pegou outra lata de cerveja, colocou o dedo na argola e a abriu.

– Você realmente não deveria... – disse a Sra. Wheatley. Beth encheu o copo. – Bom… – A Sra. Wheatley pareceu resignada. – Se vai fazer isso, me deixe tomar uma, também. Só não quero que você passe mal...

Beth bateu com o ombro no portal quando entrou no banheiro e mal conseguiu chegar a tempo ao vaso sanitário. Seu nariz ardeu horrivelmente quando vomitou. Depois de terminar, ficou junto ao vaso por um tempo e começou a chorar. Mas mesmo enquanto estava chorando soube que tinha feito uma descoberta com aquelas três latas de cerveja, uma descoberta tão importante quanto a que fizera aos 8 anos, economizando os comprimidos e tomando todos de uma vez só. Com os comprimidos havia uma longa espera antes de aquela sensação chegar ao estômago e afrouxar a tensão. A cerveja dava o mesmo barato, mas praticamente sem nenhuma espera.

– Chega de cerveja, querida – disse a Sra. Wheatley quando Beth voltou ao quarto. – Agora só quando você fizer 18 anos.

• • •

O salão de baile fora arrumado para setenta jogadores, e a primeira partida de Beth foi no Tabuleiro Nove contra um homenzinho de Oklahoma. Ela o derrotou como se estivesse num sonho, em 24 lances. Naquela tarde, no Tabuleiro Quatro, esmagou as defesas de um rapaz sério de Nova York, jogando o Gambito do Rei e sacrificando o bispo como Paul Morphy tinha feito.

Benny Watts tinha 20 e poucos anos, mas parecia quase tão jovem quanto Beth. E não era muito mais alto do que ela. Beth o viu de vez em quando durante o torneio. Benny começou no Tabuleiro Um e ficou ali; as pessoas diziam que ele era o melhor jogador americano desde Morphy. Beth parou ao lado dele uma vez, junto à máquina de Coca-Cola, mas os dois não se falaram. Ele estava conversando com outro jogador e sorrindo um bocado; os dois discutiam amigavelmente as virtudes da Defesa Semieslava. Beth havia estudado a Semieslava alguns dias antes e tinha um bocado de coisas a dizer, mas ficou

calada, pegou sua Coca e se afastou. Ouvindo os dois, tinha sentido algo desagradável e familiar: a sensação de que o xadrez era um jogo entre homens e de que ela ficava de fora. Odiava essa sensação.

Watts estava usando uma camisa branca com o colarinho aberto e as mangas dobradas. Seu rosto era ao mesmo tempo alegre e malicioso. Com o cabelo louro liso, ele parecia tão americano quanto Huckleberry Finn, e no entanto havia algo em seus olhos que dizia que não se podia confiar nele. Watts também tinha sido uma criança prodígio. E isso, além do fato de ser campeão, deixava Beth desconfortável. Lembrou-se de ter visto, num livro de jogos de Watts, uma partida empatada contra Borstmann, e do título: "Copenhague: 1948". Isso significava que na época Benny estava com 8 anos – a idade em que Beth jogava com o Sr. Shaibel no porão. No meio daquele livro havia uma foto dele aos 13 anos, de pé, solene, junto a uma mesa comprida diante de um grupo de aspirantes da Marinha sentados diante de tabuleiros de xadrez; ele havia jogado contra os 23 homens em Annapolis, sem perder uma única partida.

Quando ela voltou com sua garrafa de Coca vazia, ele ainda estava junto à máquina e olhou para ela.

– Ei – disse cordialmente –, você é Beth Harmon.

Ela pôs a garrafa na caixa.

– Sou.

– Vi a matéria na *Life*. O jogo que eles publicaram foi bem bonito.

Era a partida contra Beltik.

– Obrigada.

– Sou Benny Watts.

– Eu sei.

– Mas você não deveria ter rocado – disse ele, sorrindo.

Ela o encarou.

– Eu precisava tirar a torre.

– Poderia ter perdido o seu peão do rei.

Beth não tinha certeza do que ele estava falando. Lembrava-se bem do jogo e o havia repassado na cabeça algumas vezes, sem encontrar nada de errado. Seria possível que ele tivesse memorizado os lances a partir da publicação na *Life* e encontrado um ponto fraco? Ou estaria apenas querendo se mostrar? Parada, visualizou a posição depois do roque; o peão do rei parecia bem na opinião dela.

– Acho que não.

– Ele joga bispo na casa cinco do bispo e você precisa sair da cravada.

– Espere um minuto.

– Não posso – disse Benny. – Preciso jogar uma partida adiada. Monte a posição e pense. Seu problema é o cavalo da dama dele.

De repente ela estava com raiva.

– Não preciso montar a posição para pensar.

– Meu Deus! – exclamou ele, se afastando.

Ele já tinha ido embora, e Beth ficou parada junto à máquina de Coca-Cola durante vários minutos, repassando a partida. E então ela viu. Havia um tabuleiro vazio numa mesa ali perto; ela montou a posição antes do roque, só para ter certeza, mas sentiu um nó no estômago. Beltik poderia ter feito a cravada, e então o cavalo da dama dele se tornaria uma ameaça. Ela precisaria sair da cravada e depois se proteger contra um garfo daquela porcaria de cavalo. Depois disso ele teria uma ameaça com a torre e, bingo, lá iria seu peão. Poderia ter sido crucial. Mas o pior era: ela não tinha visto. E Benny Watts, só de ler a revista *Life*, uma matéria sobre uma jogadora de quem ele não sabia nada, tinha percebido. Ela estava de pé junto ao tabuleiro; mordeu o lábio, estendeu a mão e tombou o rei. Tinha sentido tanto orgulho ao encontrar um erro num jogo de Morphy quando estava no sétimo ano! Agora haviam feito a mesma coisa com ela, e ela não gostou. Nem um pouco.

Estava sentada atrás das peças brancas do Tabuleiro Um quando Watts entrou. Quando ele apertou sua mão, disse em voz baixa:

– Cavalo cinco do cavalo. Certo?

– É – respondeu ela entre os dentes.

Um flash espocou. Beth jogou seu peão da dama na casa quatro da dama.

Jogou o Gambito da Dama contra ele e no meio-jogo sentiu, consternada, que isso tinha sido um erro. O Gambito da Dama podia levar a posições complicadas, e esta era absurda. Havia meia dúzia de ameaças de cada lado. E o que a deixava nervosa, que a fazia estender a mão para uma peça várias vezes, parar antes de tocá-la e recuar, era que não confiava em si mesma. Não confiava que fosse capaz de enxergar tudo que Benny Watts conseguia ver. Ele jogava com uma precisão calma e agradável, pegando as peças com leveza e colocando-as de volta sem fazer barulho, às vezes sorrindo para si mesmo. Cada jogada dele

parecia sólida como uma rocha. O maior ponto forte de Beth era o ataque rápido, e ela não conseguia encontrar um modo de atacar. No 16º lance já estava furiosa consigo mesma por ter jogado o gambito para começo de conversa.

Devia haver umas quarenta pessoas amontoadas em volta da mesa de madeira especialmente grande. Havia uma cortina de veludo marrom atrás deles, com os nomes HARMON e WATTS presos com alfinetes. A sensação horrível, por trás da raiva e do medo, era a de que ela era a jogadora mais fraca: que Benny Watts sabia mais de xadrez do que ela e jogava melhor. Era um sentimento novo e parecia atá-la e restringi-la como nunca tinha sido atada e restringida desde a última vez que fora chamada à sala da Sra. Deardorff. Por um momento olhou a multidão ao redor da mesa, tentando encontrar a Sra. Wheatley, mas ela não estava ali. Virou-se de volta para o tabuleiro e olhou brevemente para Benny. Ele sorriu, sereno, como se estivesse lhe oferecendo uma bebida, e não uma posição de xadrez capaz de rachar o crânio. Beth pousou os cotovelos na mesa, apoiou as bochechas nos punhos fechados e começou a se concentrar.

Depois de um momento lhe veio um pensamento simples: não estou jogando contra Benny Watts; estou jogando xadrez. Olhou para ele de novo. Os olhos de Benny estavam observando o tabuleiro. Ele não pode fazer nenhuma jogada enquanto eu não fizer. Só pode mover uma peça de cada vez. Beth olhou de volta para o tabuleiro e começou a pensar nas consequências de uma troca, a visualizar onde os peões estariam se as peças que atulhavam o centro fossem trocadas. Se tomasse o cavalo do rei dele com seu bispo e ele retomasse com o peão da dama... Não era bom. Ela poderia avançar o cavalo e forçar uma troca. Isso era melhor. Ela piscou e começou a relaxar, fazendo e refazendo na cabeça as relações entre peões, procurando um modo de forçar uma vantagem. Agora não havia nada à sua frente, apenas as 64 casas e a arquitetura móvel dos peões – um horizonte recortado de peões imaginários, pretos e brancos, que fluía e mudava de forma à medida que ela experimentava uma variação depois da outra, ramificação após ramificação da árvore do jogo, que crescia a partir de cada conjunto de lances. Uma ramificação começou a parecer melhor do que as outras. Acompanhou-a por várias jogadas até as possibilidades que brotavam dela, guardando na mente todo o conjunto de posições imaginárias, até que encontrou uma que tinha o que ela desejava.

Suspirou e se endireitou na cadeira. Quando tirou o rosto dos punhos, suas

bochechas estavam doloridas e os ombros, rígidos. Olhou seu relógio. Quarenta minutos haviam se passado. Watts estava bocejando. Ela estendeu a mão e fez o lance, avançando um cavalo de um modo que forçaria a primeira troca. Pareceu bastante inócua. Depois apertou o relógio.

Watts observou o tabuleiro por meio minuto e começou a troca. Por um momento ela sentiu um pânico no estômago: será que ele conseguia ver o que ela estava planejando? Tão rápido assim? Tentou afastar a ideia e tomou a peça oferecida. Ele tomou outra, como ela havia planejado. Ela tomou uma. Watts estendeu a mão para tomar de novo, mas hesitou. *Anda, toma!*, ordenou ela em silêncio. Mas ele tirou a mão. Se Benny havia enxergado o que ela estava planejando, ainda havia tempo para escapar. Beth mordeu o lábio. Ele estava observando o tabuleiro com atenção. Iria perceber. O tique-taque do relógio estava muito alto. O coração de Beth batia com tanta força que por um momento ela teve medo de Watts ouvi-lo, de saber que ela estava em pânico e...

Mas ele não ouviu. Aceitou a troca, como ela havia planejado. Beth olhou para o rosto de Benny, quase incrédula. Agora era tarde demais para ele. Watts apertou o botão que fazia seu relógio parar e acionava o dela.

Beth levou o peão para a casa cinco da torre. Imediatamente Benny se enrijeceu na cadeira – quase imperceptivelmente, mas Beth viu. Ele começou a avaliar a posição atentamente. Mas deve ter visto que acabaria ficando com peões dobrados; depois de dois ou três minutos ele deu de ombros e fez sua jogada. Beth fez a dela. Então, no lance seguinte, os peões dele ficaram dobrados e o nervosismo e a raiva a haviam abandonado. Estava partindo para a vitória. Iria martelar o ponto fraco dele. Adorou isso. Adorava atacar.

Benny olhou para ela por um momento, impassível. Depois estendeu a mão, pegou sua dama e fez algo surpreendente. Silenciosamente capturou o peão central dela. Seu peão protegido. O peão que estivera mantendo a dama em seu canto pela metade do jogo. Ele estava sacrificando a dama. Beth não conseguia acreditar.

Então ela viu o que isso significava e de repente sentiu seu estômago embrulhar. Como tinha deixado passar? Sem o peão, Beth estava aberta para um mate de torre e bispo por causa do bispo na diagonal aberta. Poderia se proteger recuando seu cavalo e avançando uma das torres, mas a defesa não iria durar porque – e agora via horrorizada – o cavalo dele, de aparência inocente,

impediria a fuga do rei dela. Era terrível. Era o tipo de coisa que ela fazia com os outros. Era o tipo de coisa que Paul Morphy fazia. E ela pensando em peões dobrados...

Não era obrigada a tomar a dama. O que aconteceria se não tomasse? Perderia o peão que ele havia acabado de tomar. A dama dele ficaria ali, no centro do tabuleiro. Pior, poderia vir até a coluna da sua torre do rei e pressionar seu roque. Quanto mais olhava, pior a coisa ficava. E isso a havia pegado completamente desprevenida. Apoiou os cotovelos na mesa e olhou a posição. Precisava de uma ameaça contrária, um lance que o fizesse parar.

Não havia nenhum. Passou meia hora estudando o tabuleiro e só descobriu que o lance de Benny era ainda melhor do que ela havia pensado.

Talvez pudesse se safar fazendo trocas se ele atacasse rápido demais. Encontrou um lance com uma torre e o fez. Se ele avançasse a dama agora, haveria uma chance de fazer trocas.

Ele não fez isso. Desenvolveu o outro bispo. Beth levou a torre até a segunda fileira. Depois ele levou a dama para a lateral, ameaçando mate em três lances. Ela precisou responder recuando seu cavalo para o canto. Ele continuou atacando, e com uma consternação impotente Beth viu um jogo perdido ficar cada vez mais nítido. Quando Benny tomou seu peão do bispo com o bispo, sacrificando-o, estava acabado. E ela soube que tinha acabado. Não havia o que fazer. Sentiu vontade de gritar, mas em vez disso tombou o rei de lado e se levantou da mesa. Suas pernas e as costas estavam rígidas e doloridas. Seu estômago estava embrulhado. Tudo que realmente precisava era de um empate, e não tinha conseguido nem mesmo isso. Benny já havia empatado duas vezes no torneio. Beth havia entrado no jogo com pontuação perfeita, e um empate lhe daria o título. Mas tinha partido para a vitória.

– Jogo duro – disse Benny, com a mão estendida.

Ela se obrigou a apertá-la. Pessoas aplaudiam. Os aplausos não eram para ela, e sim para Benny Watts.

À noite a sensação ainda estava lá, porém mais fraca. A Sra. Wheatley tentou consolá-la. O dinheiro do prêmio seria dividido. Ela e Benny seriam campeões, cada um com um pequeno troféu.

– Isso acontece o tempo todo – disse a Sra. Wheatley. – Eu pesquisei. O título do Aberto frequentemente é compartilhado.

– Eu não vi o que ele estava fazendo – falou Beth, revendo o lance em que a dama de Benny tomava seu peão. Era como encostar a língua num dente dolorido.

– Você não pode vencer todas, querida. Ninguém pode.

Beth a encarou.

– A senhora não sabe nada sobre xadrez.

– Sei como é perder.

– Aposto que sim – disse Beth, com o máximo de maldade que pôde. – Aposto que sim.

A Sra. Wheatley a encarou com ar pensativo por um momento.

– E agora você também sabe – afirmou baixinho.

• • •

Naquele inverno, as pessoas na rua às vezes se viravam para olhá-la por cima do ombro. Ela apareceu no *Morning Show* da emissora WLEX. A entrevistadora, uma mulher com cabelo cheio de laquê e óculos de gatinho, perguntou se Beth jogava bridge; Beth disse que não. Ela gostava de ser a campeã do Aberto de Xadrez dos Estados Unidos? Beth disse que era cocampeã. Beth estava sentada numa cadeira de diretor, com luzes fortes no rosto. Queria falar sobre xadrez, mas os modos da mulher, seu falso interesse, tornava isso difícil. Por fim, a mulher perguntou como ela se sentia com relação à ideia de que o xadrez era uma perda de tempo. Beth olhou para a mulher na outra cadeira e disse:

– Não mais do que o basquete.

Mas antes que pudesse continuar falando, o programa acabou. Ela estivera no ar durante seis minutos.

A matéria de uma página escrita por Townes saiu no suplemento dominical do *Herald-Leader* com uma foto que ele havia tirado junto à janela de seu quarto de hotel em Las Vegas. Beth gostou de se ver na foto, com a mão direita na dama branca e o rosto sereno, sério e inteligente. A Sra. Wheatley comprou cinco exemplares do jornal para seu álbum de recortes.

Agora Beth estava no segundo grau e havia um clube de xadrez, do qual ela não fazia parte. Os rapazes do clube ficavam atrapalhados por haver uma Mestra caminhando pelos corredores e a encaravam com uma espécie de espanto

constrangido quando ela passava. Uma vez um garoto do último ano a deteve e perguntou se algum dia ela jogaria uma partida simultânea no Clube de Xadrez. Ela jogaria contra trinta alunos ao mesmo tempo. Beth se lembrou daquela outra escola, perto do Lar Methuen, e de como a olharam depois.

– Sinto muito – disse. – Não tenho tempo.

O garoto era feio e parecia meio repulsivo; ela se sentiu feia e repulsiva só de falar com ele.

Passava cerca de uma hora à noite fazendo o dever de casa e só tirava nota máxima. Mas o dever de casa não significava nada para ela. O centro de sua vida eram as cinco ou seis horas diárias estudando xadrez. Foi matriculada como aluna especial na universidade para um curso de Russo, uma noite por semana. Era o único trabalho escolar no qual prestava atenção de verdade.



SETE

Beth fumou, tragou e prendeu a fumaça. Não era nada de mais. Entregou o baseado ao rapaz à direita e ele disse:

– Obrigado.

O rapaz estivera falando com Eileen sobre o Pato Donald. Estavam no apartamento de Eileen e Barbara, a um quarteirão da Main Street. Eileen é que tinha convidado Beth à festa depois da aula noturna.

– Só pode ser o Mel Blanc – estava dizendo Eileen. – Todos são o Mel Blanc.

Beth ainda estava prendendo a fumaça, esperando que aquilo a fizesse relaxar. Fazia meia hora que estava sentada com aqueles estudantes universitários e não tinha dito nada.

– Blanc faz o Frajola, mas não faz o Pato Donald – disse o rapaz com ar de certeza. Em seguida se virou para Beth. – Sou Tim. Você é a jogadora de xadrez.

Beth soltou a fumaça.

– Isso mesmo.

– É a campeã feminina dos Estados Unidos.

– Sou cocampeã do Aberto dos Estados Unidos.

– Desculpe. Deve ser uma tremenda viagem.

Ele era ruivo e magro. Beth o tinha visto sentado no meio da sala de aula e se lembrava da sua voz suave quando a turma recitava frases em russo, em uníssono.

– Você joga?

Beth não gostou da tensão na própria voz. Sentia-se deslocada. Deveria ir para casa ou ligar para a Sra. Wheatley.

Ele balançou a cabeça.

– É cerebral demais. Quer uma cerveja?

Ela não bebia uma cerveja desde Las Vegas, um ano antes.

– Tudo bem – respondeu e começou a se levantar.

– Eu pego.

Ele se levantou do tapete. Voltou com duas latas e lhe entregou uma. Beth tomou um longo gole. Durante a primeira hora a música estivera tão alta que era impossível conversar, mas quando o último disco acabou, ninguém pôs outro. O disco na vitrola junto à parede oposta ainda estava girando e ela podia ver as luzinhas vermelhas do amplificador. Torceu para que ninguém notasse e pusesse outro.

Tim se acomodou de novo ao seu lado, suspirando.

– Eu jogava Banco Imobiliário.

– Nunca joguei isso.

– Torna as pessoas escravas do capitalismo. Ainda sonho em ganhar uma grana preta.

Beth gargalhou. O baseado tinha voltado. Ela o segurou com as pontas dos dedos e tirou o que podia dele antes de passá-lo a Tim.

– Por que você está estudando russo, se é um escravo do capitalismo? – perguntou ela, tomando outro gole de cerveja.

– Você tem peitos legais – disse ele, e deu uma tragada. – Precisamos de outro baseado – anunciou ao resto do grupo. Em seguida se virou de volta para Beth. – Queria ler Dostoiévski no original.

Beth terminou a cerveja. Alguém apareceu com outro baseado e começou a passá-lo. Havia umas doze pessoas na sala. Tinham feito a primeira prova na turma da noite e depois Beth foi convidada para a festa. Com a cerveja, a

maconha e Tim, com quem era muito fácil conversar, ela se sentia melhor. Quando o baseado chegou de novo ela deu uma longa tragada, depois outra. Alguém colocou um disco. A música estava muito melhor, e agora o som alto não a incomodava.

De repente Beth ficou de pé.

– Preciso ligar para casa – disse.

– No quarto, passando pela cozinha.

Na cozinha, Beth abriu outra cerveja. Tomou uma longa golada, abriu a porta do quarto e tateou à procura de um interruptor. Não conseguiu encontrar. Havia uma caixa de fósforos no fogão, perto da frigideira. Beth levou-a para o quarto. Continuou sem achar um interruptor, mas na cômoda havia uma coleção de velas de vários formatos. Acendeu uma e sacudiu o fósforo. Olhou fixamente para a vela por um momento. Era um pênis de cera cor de lavanda com dois testículos lustrosos na base. O pavio saía da glande, e a maior parte dela já estava derretida. Beth ficou ligeiramente chocada.

O telefone ficava na mesinha de cabeceira junto à cama desfeita. Beth levou a vela, sentou-se na beirada da cama e discou.

A princípio a Sra. Wheatley ficou meio confusa; estava atordoada por causa da TV ou da cerveja.

– Pode ir dormir – disse Beth. – Estou com a chave.

– Você disse que estava numa festa com estudantes de faculdade? Da universidade?

– É.

– Bom, tenha cuidado com o que vai fumar, querida.

Havia uma sensação maravilhosa nos ombros e na nuca de Beth. Por um momento ela sentiu vontade de correr para casa e abraçar a Sra. Wheatley com força. Mas só disse:

– Está bem.

– Vejo você de manhã – despediu-se a Sra. Wheatley.

Beth ficou sentada na beirada da cama, escutando a música que vinha da sala, e terminou a cerveja. Praticamente nunca ouvia música e nunca tinha ido a um baile da escola. Se não considerasse a reunião da Apple Pi, essa era a primeira festa à qual ia. Na sala, a música terminou. Um instante depois Tim sentou-se ao

lado dela na cama. Pareceu algo perfeitamente natural, como a reação a um pedido que ela tivesse feito.

– Aqui, outra cerveja – disse ele.

Beth pegou-a e bebeu. Seus movimentos pareciam lentos e seguros.

– Meu Deus… – sussurrou Tim, fingindo alarme. – Que negócio roxo é esse queimando aí?

– Diga você.

• • •

Beth ficou em pânico por um momento quando ele a penetrou. Pareceu assustadoramente grande e ela se sentiu impotente, como se estivesse numa cadeira de dentista. Mas essa sensação não durou. Ele foi cuidadoso, e não doeu muito. Ela envolveu as costas dele com os braços, sentindo a aspereza do suéter grosso. Ele começou a se mover. Começou a apertar os seios dela por baixo da blusa.

– Não faça isso – pediu ela.

– Você que manda.

Ele continuou a se mexer para dentro e para fora. Agora ela mal conseguia sentir o pênis dele, mas tudo bem. Beth tinha 17 anos, e já era hora. Ele estava usando camisinha. A melhor parte tinha sido observá-lo colocando-a, brincar com isso. O que estavam fazendo era legal, e nem um pouco parecido com os livros e os filmes. Foder. Bom, pois é. Se ao menos ele fosse o Townes!

Depois ela caiu no sono, na cama. Não num abraço de amantes, nem mesmo tocando o homem com quem tinha acabado de fazer amor, mas esparramada e ainda vestida. Viu Tim soprar a vela e ouviu a porta se fechar com cuidado depois que ele saiu.

Quando acordou, Beth viu pelo rádio-relógio que eram quase dez da manhã. A luz do sol entrava pelas frestas das persianas. O ar tinha um cheiro rançoso. Suas pernas estavam pinicando por causa da saia de lã e a gola do suéter tinha apertado seu pescoço, que agora estava suando. Sentia uma fome atroz. Sentou-se por um minuto na beirada da cama, piscando. Por fim se levantou e abriu a porta da cozinha. Havia garrafas e latas de cerveja vazias em toda parte. O ar estava fedorento, fedendo a fumaça rançosa. Tinha um bilhete preso na porta da

geladeira com um ímã no formato da cabeça do Mickey Mouse. Dizia: "Todo mundo foi a Cincinatti assistir a um filme. Fique o tempo que quiser."

O banheiro era junto da sala. Depois de terminar de tomar banho e de se enxugar, Beth enrolou uma toalha na cabeça, voltou à cozinha e abriu a geladeira. Havia ovos numa embalagem de papelão, duas latas de Budweiser e um pouco de picles. Na prateleira da porta tinha um saquinho. Beth pegou-o. Dentro havia um baseado bem apertado. Ela pegou-o, colocou-o na boca e o acendeu com um fósforo. Tragou profundamente. Depois pegou quatro ovos e pôs para cozinhar. Nunca tinha sentido tanta fome. Limpou o apartamento de um modo organizado, como se estivesse jogando xadrez, pegando quatro grandes sacolas de compras para colocar todas as garrafas e guimbas e empilhando-as depois na varanda dos fundos. No meio da bagunça encontrou uma garrafa de vinho Ripple pela metade e duas latas de cerveja. Abriu uma cerveja e começou a passar aspirador de pó no tapete da sala.

Havia uma calça jeans pendurada numa cadeira no quarto. Quando terminou a limpeza, vestiu-a. Cabia perfeitamente. Encontrou uma camiseta branca numa gaveta e vestiu. Depois bebeu o resto da cerveja e abriu outra. Alguém tinha deixado um batom atrás do vaso sanitário. Foi ao banheiro e, olhando-se no espelho, pintou os lábios de vermelho cuidadosamente. Nunca tinha passado batom. Estava começando a se sentir muito bem.

• • •

A voz da Sra. Wheatley saiu fraca e ansiosa.

– Você podia ter *ligado*.

– Desculpe. Não queria acordar a senhora.

– Eu não iria me incomodar...

– De qualquer modo, estou bem. E vou a Cincinnati, assistir a um filme. Hoje à noite também não volto para casa.

Houve silêncio do outro lado da linha.

– Volto na segunda, depois da aula.

Finalmente a Sra. Wheatley disse:

– Você está com algum rapaz?

– Ontem à noite estive.

– Ah. – A voz da Sra. Wheatley pareceu distante. – *Beth...*

Beth gargalhou.

– Ora, por favor... Eu estou bem.

– Bom... – Ela ainda parecia séria, então sua voz ficou mais leve. – Acho que está tudo bem. É só que...

Beth sorriu.

– Não vou engravidar.

Ao meio-dia, pôs o restante dos ovos para ferver e ligou a vitrola. Na verdade nunca tinha ouvido música, mas agora ouvia. Dançou alguns passos no meio da sala, esperando os ovos. Não iria se permitir passar mal. Comeria com frequência e beberia uma cerveja – ou uma taça de vinho – a cada hora. Tinha feito amor na noite anterior e agora estava na hora de aprender a ficar bêbada. Estava sozinha e gostava disso. Era como tinha aprendido tudo de importante na vida.

Às quatro da tarde entrou na Larry's Package Store, a um quarteirão do apartamento, e comprou uma garrafa de vinho Ripple. Quando o homem a estava colocando na sacola, ela perguntou:

– O senhor tem um vinho parecido com esse, mas não tão doce?

– Todos os vinhos com refrigerante são iguais.

– E o tinto?

Às vezes a Sra. Wheatley pedia vinho tinto com o jantar, quando comiam fora.

– Tenho Gallo, Italian Swiss Colony, Paul Masson...

– Paul Masson – disse Beth. – Duas garrafas.

Naquela noite, às onze horas, conseguiu se despir com muito cuidado. Tinha encontrado um pijama e conseguiu vesti-lo e empilhar as roupas numa cadeira antes de ir para a cama e desmaiar.

De manhã ninguém tinha voltado. Fez ovos mexidos e comeu com duas torradas antes de tomar o primeiro copo de vinho. Era outro dia de sol. Na sala, encontrou "As quatro estações" de Vivaldi. Colocou o disco para tocar. Depois começou a beber a sério.

• • •

Na manhã de segunda-feira, Beth pegou um táxi até o Colégio Henry Clay e

chegou dez minutos antes da primeira aula. Tinha deixado o apartamento vazio e limpo; as donas ainda não tinham voltado de Cincinnati. A maioria dos amassados do suéter e da saia havia sumido depois de a roupa ficar pendurada o tempo todo, e Beth lavara as meias de lã. Na noite de domingo tinha bebido a segunda garrafa de vinho tinto e dormido profundamente durante dez horas. Agora, no táxi, sentia uma leve dor de cabeça e as mãos tremiam ligeiramente, mas do lado de fora da janela a manhã de maio estava primorosa, o verde das folhas novas nas árvores era delicado e fresco. Quando pagou e saiu do táxi, sentia-se leve e viva, pronta para ir em frente, terminar o colégio e dedicar toda a energia ao xadrez. Tinha 3 mil dólares na poupança; não era mais virgem e sabia beber.

Houve um silêncio de constrangimento quando ela chegou em casa depois das aulas. A Sra. Wheatley estava passando pano no chão da cozinha, usando um vestido azul, de ficar em casa. Beth se acomodou no sofá e pegou o livro de Reuben Fine sobre finais. Era um livro que ela odiava. Tinha visto uma lata de Pabst ao lado da pia, mas não queria cerveja. Era melhor não beber nada por um bom tempo. Tinha bebido o suficiente.

Quando a Sra. Wheatley terminou, encostou o esfregão na geladeira e foi até a sala.

– Vejo que está de volta – disse, a voz cuidadosamente neutra.

Beth olhou para ela.

– Me diverti um bocado – contou ela.

A Sra. Wheatley pareceu insegura com relação a que atitude tomar. Por fim se permitiu dar um pequeno sorriso. Foi surpreendentemente tímido, como de uma menininha.

– Bom – disse por fim. – O xadrez não é a única coisa na vida.

• • •

Beth se formou no colégio em junho e a Sra. Wheatley lhe deu um relógio Bulova. Na parte de trás estava gravado: *"Da mamãe, com amor."* Beth gostou disso, mas gostou mais da nova pontuação que chegou pelo correio: 2243. Na festa da escola, vários outros formandos lhe ofereceram bebida disfarçadamente, mas Beth recusou. Tomou ponche de frutas e voltou cedo para casa. Precisava

estudar; dali a duas semanas iria jogar seu primeiro torneio internacional na Cidade do México, e depois vinha o Campeonato dos Estados Unidos. Tinha sido convidada para o Remy-Vallon, em Paris, no fim do verão. As coisas estavam começando a acontecer.



OITO

Uma hora após o avião atravessar a fronteira, Beth estava absorta numa análise de estruturas de peões e a Sra. Wheatley bebia sua terceira garrafa de cerveja Corona.

– Beth – disse a Sra. Wheatley –, tenho uma confissão a fazer.

Beth pousou o livro, relutante.

A Sra. Wheatley parecia nervosa.

– Você sabe o que é um amigo por correspondência, querida?

– Alguém com quem a gente troca cartas.

– Isso mesmo! Quando eu estava no colégio, nossa turma de espanhol recebeu uma lista de rapazes no México que estavam estudando inglês. Eu escolhi um e mandei uma carta falando de mim. – A Sra. Wheatley deu um risinho. – O nome dele era Manuel. Nós nos correspondemos por um tempo enorme, até quando eu estava casada com o Allston. Nós trocamos fotos. – A Sra. Wheatley abriu a bolsa, remexeu lá dentro e pegou uma foto dobrada, que entregou a Beth. Era a foto de um homem de rosto estreito, surpreendentemente

pálido, com bigode fininho. Ela hesitou, e prosseguiu: – Manuel vai nos esperar no aeroporto.

Beth não tinha objeção quanto a isso; até poderia ser bom terem um amigo mexicano. Mas ficou incomodada com o jeito da Sra. Wheatley.

– A senhora já se encontrou com ele alguma vez?

– Nunca. – Ela se inclinou na poltrona e apertou o braço de Beth. – Sabe, estou bem animada.

Dava para ver que ela estava meio bêbada.

– Foi por isso que a senhora quis vir antes?

A Sra. Wheatley recuou de volta e ajeitou as mangas do cardigã azul.

– Eu diria que sim.

• • •

– *Sí, como no?* – disse a Sra. Wheatley. – E ele se veste tão bem! Abre a porta para mim e pede o jantar de um jeito tão lindo…

Ela estava vestindo a meia-calça enquanto falava, puxando-a ferozmente para passar pelos largos quadris.

Eles provavelmente estão trepando – a Sra. Wheatley e Manuel Córdoba y Serano. Beth não se permitiu imaginar a cena. Naquela noite, a Sra. Wheatley tinha voltado ao hotel mais ou menos às três da madrugada, e na noite anterior às duas e meia. Fingindo que dormia, Beth tinha sentido o fedor da mistura intensa de perfume e gim enquanto a Sra. Wheatley cambaleava pelo quarto, despindo-se e suspirando.

– A princípio achei que era por causa da altitude – disse a Sra. Wheatley. – Dois mil duzentos e quarenta metros. – Sentada no banquinho de latão da penteadeira, ela se apoiou num cotovelo e começou a passar ruge nas bochechas. – Isso deixa a pessoa nitidamente tonta. Mas agora acho que é a cultura. – Ela parou e se virou para Beth. – No México não existe o menor vestígio de ética protestante. Todos são católicos latinos e vivem no aqui e agora. – A Sra. Wheatley estivera lendo Alan Watts. – Acho que só vou tomar uma margarita antes de sair. Pode ligar pedindo uma, querida?

Em Lexington, às vezes a voz da Sra. Wheatley tinha um ar distante, como se ela estivesse falando de algum local solitário de uma infância interior. Aqui, na

Cidade do México, a voz era distante, mas o tom tinha uma alegria teatral, como se Alma Wheatley saboreasse uma euforia particular incomunicável. Isso deixava Beth inquieta. Por um momento quis dizer alguma coisa sobre o preço do serviço de quarto, que era caro mesmo em pesos, mas não falou nada. Pegou o telefone e discou o número seis. O homem respondeu em inglês. Ela pediu para ele mandar uma margarita e uma Coca grande para o 713.

– Você poderia ir assistir ao Folklórico – disse a Sra. Wheatley. – Pelo que eu soube, só os figurinos já valem o preço do ingresso.

– O torneio começa amanhã. Preciso me dedicar aos finais.

A Sra. Wheatley estava sentada na beirada da cama, admirando os próprios pés.

– Beth, querida – falou com voz sonhadora –, talvez você precise se dedicar a *você mesma*. Com certeza o xadrez não é a única coisa que existe.

– É o que eu sei fazer.

A Sra. Wheatley deu um suspiro longo.

– A experiência me ensinou que o que a gente sabe nem sempre é importante.

– O que é importante?

– Viver e crescer – disse a Sra. Wheatley com ar definitivo. – Viver a vida.

Beth quis perguntar: "Com um vendedorzinho mexicano de quinta?" Mas ficou calada. Não gostava do ciúme que estava sentindo.

– Beth – continuou a Sra. Wheatley numa voz cheia de sensatez. – Você não visitou o Museu de Belas-Artes nem o parque Chapultepec. O zoológico de lá é maravilhoso. Você comeu as refeições nesse quarto e passou todo o tempo com o nariz enfiado nos livros de xadrez. Não deveria simplesmente relaxar na véspera do torneio e pensar em algo que não seja xadrez?

Beth sentiu vontade de lhe dar um tapa. Se fosse a esses lugares precisaria ir com Manuel e ouvir suas histórias intermináveis. Ele vivia tocando os ombros ou as costas da Sra. Wheatley, perto demais dela, sorrindo de um jeito ansioso demais.

– Mãe, amanhã às dez horas eu jogo de pretas contra Octavio Marenco, campeão do Brasil. Isso significa que ele faz o primeiro lance. Ele tem 34 anos e é um Grande Mestre Internacional. Se eu perder, teremos que pagar por essa

viagem, por essa aventura, do nosso bolso. Se eu ganhar, vou jogar à tarde com alguém ainda melhor do que o Marenco. Preciso estudar meus finais.

– Querida, você é o que chamam de jogadora "intuitiva", não é?

A Sra. Wheatley nunca tinha discutido xadrez com ela.

– Já fui chamada assim, sim. Às vezes os lances me vêm de repente.

– Notei que os lances que eles mais aplaudem são os que você faz depressa. E há uma certa expressão no seu rosto.

Beth ficou espantada.

– Acho que a senhora tem razão.

– A intuição não vem dos livros. Acho que é porque você não gosta do Manuel.

– Manuel é legal, mas ele não vem *me* ver.

– Isso é irrelevante. Você precisa *relaxar*. Não existe no mundo nenhum jogador tão talentoso quanto você. Não faço a menor ideia de quais faculdades a pessoa usa para jogar xadrez, mas estou convencida de que relaxar só pode ajudar.

Beth não disse nada. Fazia dias que estava furiosa. Não gostava da Cidade do México nem desse enorme hotel de concreto com ladrilhos rachados e torneiras pingando. Não gostava da comida do hotel, mas não queria comer sozinha nos restaurantes. A Sra. Wheatley havia saído para almoçar e jantar todos os dias com Manuel, que tinha um Dodge verde e parecia estar sempre à disposição dela.

– Por que não almoça com a gente? – sugeriu a Sra. Wheatley. – Depois podemos deixar você aqui, para estudar.

Beth começou a responder, mas houve uma batida à porta. Era o serviço de quarto com a margarita da Sra. Wheatley. Beth assinou a conta enquanto a Sra. Wheatley tomava alguns goles, pensativa, e olhava a luz do sol através da janela.

– Ultimamente não tenho estado bem – disse a Sra. Wheatley, franzindo os olhos.

Beth olhou-a com frieza. A Sra. Wheatley estava pálida e obviamente acima do peso. Segurava a taça pela haste, com uma das mãos, enquanto a outra se balançava junto da cintura grossa. Havia algo profundamente patético nela, e o coração de Beth se suavizou.

– Não quero almoçar – disse. – Mas vocês podem me deixar no zoológico. Eu pego um táxi de volta.

A Sra. Wheatley mal pareceu ouvir, mas depois de um momento se virou para Beth, ainda segurando a taça do mesmo modo, e sorriu vagamente.

– Vai ser bom, querida.

• • •

Beth passou um tempo olhando as tartarugas de Galápagos – criaturas grandes e pesadas em permanente câmera lenta. Um dos tratadores jogou no cercado um monte úmido de alface e tomates maduros demais e cinco delas atravessaram a pilha de comida em grupo, mastigando e pisoteando, os pés parecendo as patas empoeiradas de elefantes e as caras idiotas e inocentes concentradas em algo que estava além da visão ou da comida.

Enquanto ela estava parada junto à cerca, apareceu um vendedor com um carrinho de cerveja gelada, e praticamente sem pensar ela disse:

– *Cerveza Corona, por favor.* – E estendeu uma nota de cinco pesos. O homem tirou a tampinha da garrafa e serviu a bebida num copo de papel com um logotipo da águia asteca. – *Muchísimas gracias* – disse ela.

Era sua primeira cerveja desde a época do colégio; ao sol quente do México, o gosto era maravilhoso. Bebeu rapidamente. Alguns minutos depois viu outro vendedor perto de um círculo de flores vermelhas; comprou outra cerveja. Sabia que não deveria estar fazendo isso; o torneio começava no dia seguinte. Não precisava de álcool. Nem de tranquilizantes. Fazia muitos meses que não tomava nem um comprimido verde. Mas bebeu a cerveja. Eram três da tarde, com um sol feroz. O zoológico estava repleto de mulheres, a maioria usando xales, com pequenas crianças de olhos escuros. Os poucos homens lançavam olhares significativos para Beth, mas ela os ignorou e nenhum tentou falar com ela. Apesar da reputação de alegria e despreocupação dos mexicanos, aquele era um lugar calmo e as pessoas mais pareciam frequentadores de museu. Havia flores por toda parte.

Beth terminou a cerveja, comprou outra e continuou andando. Estava começando a ficar meio tonta. Passou por mais árvores, mais flores, jaulas com chimpanzés dormindo. Depois de virar uma esquina ficou cara a cara com uma família de gorilas. Dentro da jaula, o macho enorme e o bebê estavam dormindo, cabeça contra cabeça, os corpos pretos comprimidos contra as grades na frente.

No meio da jaula, a fêmea se encostava filosoficamente num enorme pneu de caminhão, fazendo careta e roendo uma unha. No asfalto do lado de fora da jaula havia uma família humana, também formada de mãe, pai e um filho, olhando os gorilas com atenção. Não eram mexicanos. Foi o homem que atraiu a atenção de Beth. Ela reconheceu seu rosto.

Era um homem baixo, atarracado, não muito diferente de um gorila, com sobrolhos protuberantes, sobrancelhas fartas, cabelo preto e grosso e expressão impassível. Beth se enrijeceu com o copo de papel na mão. Sentiu as bochechas enrubescendo. O homem era Vasily Borgov, Campeão Mundial de Xadrez. O sério rosto russo e a carranca autoritária eram inconfundíveis. Tinha-o visto várias vezes na capa da *Revista do Xadrez*, uma vez com o mesmo terno preto e a espalhafatosa gravata verde e dourada.

Beth ficou olhando fixamente para ele por um minuto inteiro. Não sabia que Borgov estaria nesse torneio. Já havia recebido pelo correio a designação do seu tabuleiro: era o Nove. Borgov estaria no Tabuleiro Um. Sentiu um calafrio súbito na nuca e olhou para a cerveja em sua mão. Levou-a à boca e terminou de beber, decidindo que seria a última até o torneio terminar. Olhando de novo para o russo, entrou em pânico; será que ele iria reconhecê-la? Não devia vê-la bebendo. Ele estava olhando para a jaula como se esperasse que a gorila movesse um peão. A gorila estava obviamente perdida em seus próprios pensamentos, ignorando todo mundo. Beth a invejou.

Naquele dia, Beth não tomou mais nenhuma cerveja e foi para a cama cedo, mas acordou com a chegada da Sra. Wheatley em algum momento no meio da noite. A Sra. Wheatley tossiu um bocado enquanto estava se despindo no quarto escuro.

– Pode acender a luz – disse Beth. – Estou acordada.

– Desculpe. – A Sra. Wheatley ofegou entre as tosses. – Parece que estou com um vírus.

Ela acendeu a luz do banheiro e fechou parcialmente a porta. Beth olhou o pequeno relógio japonês na mesinha de cabeceira. Eram quatro e dez. Os sons que ela fazia se despindo – o farfalhar dos tecidos e a tosse meio suprimida – eram enfurecedores. O primeiro jogo de Beth começaria dali a seis horas. Ela ficou lá deitada, furiosa e tensa, esperando a Sra. Wheatley ficar em silêncio.

• • •

Marenco era um homenzinho sério de pele escura, com uma camisa chamativa amarelo canário. Praticamente não falava inglês e Beth não falava português; começaram a jogar sem conversas preliminares. De qualquer modo, Beth não estava com vontade de conversar. Seus olhos ardiam e o corpo inteiro estava desconfortável. Tinha se sentido meio mal desde a aterrissagem no México, como se estivesse prestes a desenvolver uma doença que nunca chegava a contrair, e na noite anterior não tinha voltado a dormir. A Sra. Wheatley havia tossido, murmurado e arfado no sono, enquanto Beth tentava se obrigar a relaxar para ignorar as distrações. Não tinha nenhum comprimido verde. Restavam três, mas estavam no Kentucky. Ficou deitada de barriga para cima, com os braços esticados junto ao corpo, como fazia aos 8 anos, tentando dormir perto da porta que dava para o corredor do Lar Methuen. Agora, sentada numa cadeira reta diante de uma longa mesa cheia de tabuleiros de xadrez no salão de baile de um hotel mexicano, sentia-se irritada e meio tonta. Marenco abrira com peão quatro do rei. O relógio de Beth estava tiquetaqueando. Ela deu de ombros e jogou o peão na casa quatro do bispo da dama, confiando que as manobras habituais da Siciliana a manteriam firme até conseguir entrar no jogo. Marenco avançou o cavalo do rei com ortodoxia civilizada. Ela empurrou o peão da dama para a quarta fileira; ele trocou peões. Ela começou a relaxar à medida que sua mente se afastava do corpo e se concentrava no quadro de forças à sua frente.

Às onze e meia Beth já tinha uma vantagem de dois peões, e logo depois do meio-dia ele desistiu. Não tinham nem chegado perto do final; quando Marenco se levantou e estendeu a mão, o tabuleiro ainda estava lotado de peças não capturadas.

Os três tabuleiros principais ficavam numa sala separada, do outro lado do corredor, em frente ao salão de baile. Beth tinha espiado lá para dentro de manhã, enquanto passava com pressa, cinco minutos atrasada para sua partida, mas não parou para olhar. Agora voltara lá, atravessando o salão atapetado com fileiras de jogadores curvados sobre os tabuleiros – jogadores das Filipinas e da Alemanha Ocidental, da Islândia, da Noruega e do Chile, na maioria jovens, quase todos do sexo masculino. Havia outras duas mulheres: a sobrinha de uma autoridade mexicana, no Tabuleiro Vinte e Dois, e uma dona de casa jovem e

enérgica de Buenos Aires no Tabuleiro Dezessete. Beth não parou para olhar nenhuma posição.

Várias pessoas estavam de pé no corredor do lado de fora da sala menor. Ela passou por elas e foi até a porta. Ali, do outro lado da sala, no Tabuleiro Um, usando o mesmo terno escuro, com a mesma carranca séria, estava Vasily Borgov, os olhos inexpressivos no jogo à sua frente. Uma multidão em respeitoso silêncio a separava da mesa, mas os jogadores estavam sentados numa espécie de palco de madeira cerca de um metro acima do piso, e Beth podia vê-lo nitidamente. Atrás dele, na parede, havia um tabuleiro de exibição com peças de papelão; um mexicano estava acabando de mover um cavalo branco para a nova posição quando Beth entrou. Ela examinou a posição por um momento. A partida estava muito apertada, mas Borgov parecia ter uma vantagem.

Olhou para Borgov e desviou o olhar rapidamente. O rosto dele transmitia uma concentração assustadora. Ela se virou e saiu, andando devagar pelo corredor.

A Sra. Wheatley estava na cama, mas acordada. Piscou para Beth, puxando as cobertas até o queixo.

– Oi, querida.

– Achei que a gente podia almoçar – disse Beth. – Só jogo de novo amanhã.

– Almoçar. Ah, meu Deus! – exclamou a Sra. Wheatley, e depois falou: – Como você se saiu?

– Ele desistiu depois de trinta lances.

– Você é um assombro. – A Sra. Wheatley se levantou cuidadosamente na cama até ficar sentada. – Estou me sentindo esquisita, mas provavelmente preciso pôr alguma coisa no estômago. Manuel e eu jantamos cabrito. Isso vai acabar me matando. – Ela estava muito pálida. Saiu da cama lentamente e foi para o banheiro. – Acho que eu poderia comer um sanduíche, ou um daqueles tacos menos apimentados.

• • •

Os concorrentes nesse torneio eram os mais consistentes, vigorosos e profissionais que Beth já vira e, no entanto, assim que passou pela primeira partida, depois de uma noite quase insone, isso não teve qualquer efeito

perturbador sobre ela. Era um evento bem organizado e todos os anúncios eram feitos em espanhol e inglês. Tudo era silencioso. Em sua partida no dia seguinte jogou o Gambito da Dama Recusado contra um austríaco chamado Diedrich, um rapaz pálido, de bom gosto, vestindo um suéter sem mangas. Ela o obrigou a desistir no meio-jogo com uma pressão implacável no centro do tabuleiro. Fez isso principalmente com peões. E ela própria ficou impressionada com as complexidades que pareciam fluir das pontas de seus dedos à medida que ia ocupando o centro do tabuleiro e começava a esmagar a posição dele como alguém esmagaria um ovo. Ele tinha jogado bem, não cometera nenhuma gafe ou algo que pudesse ser considerado um erro, mas Beth jogava com uma precisão tão mortal, com um controle tão calculado, que a posição dele ficou insustentável no 23º lance.

• • •

A Sra. Wheatley a havia convidado para jantar com ela e Manuel; Beth recusara. Ainda que no México ninguém jantasse antes das dez horas, ela não esperava encontrar a Sra. Wheatley no quarto quando voltou das compras às sete.

Ela estava vestida, mas na cama, com a cabeça apoiada num travesseiro. Havia uma bebida pela metade na mesinha de cabeceira. A Sra. Wheatley tinha 40 e poucos anos, mas a palidez do rosto e as rugas de preocupação na testa a faziam parecer muito mais velha.

– Oi, querida – disse ela com voz fraca.

– A senhora está doente?

– Um pouco indisposta.

– Posso arranjar um médico.

A palavra "médico" pareceu pairar no ar entre as duas até que a Sra. Wheatley disse:

– Não é tão ruim. Só preciso descansar.

Beth assentiu e entrou no banheiro. A aparência e o comportamento da Sra. Wheatley eram perturbadores. Mas quando Beth voltou ao quarto ela já estava fora da cama, parecendo bastante animada, alisando as cobertas. Ela deu um sorriso irônico.

– Manuel não vem.

Beth a encarou, inquisitiva.

– Ele tinha negócios em Oaxaca.

Beth hesitou por um momento.

– Quanto tempo ele vai ficar longe?

A Sra. Wheatley suspirou.

– Pelo menos até irmos embora.

– Sinto muito.

– Bom. Eu nunca fui a Oaxaca, mas acho que deve lembrar Denver.

Beth a encarou por um momento, depois riu.

– Podemos jantar juntas – disse. – A senhora pode me levar a um dos lugares que conhece.

– Claro. – A Sra. Wheatley deu um sorriso pesaroso. – Foi divertido enquanto durou. Ele tinha um senso de humor realmente agradável.

– Isso é bom. O Sr. Wheatley não parecia muito divertido.

– Meu Deus. Allston nunca achou nada engraçado, a não ser, talvez, Eleanor Roosevelt.

• • •

Nesse torneio, cada competidor tinha uma partida por dia. Iria durar seis dias. Os dois primeiros jogos de Beth foram bastante simples, mas o terceiro foi um choque.

Ela chegou cinco minutos antes da hora e estava diante do tabuleiro quando o oponente veio andando meio desajeitado. Parecia ter uns 12 anos. Beth o tinha visto pelo salão, havia passado por tabuleiros nos quais ele jogava, mas estava distraída e não assimilara quão jovem aquele garoto era. Tinha cabelo preto encaracolado e usava uma camisa esporte antiquada, tão bem passada que os vincos se destacavam dos braços finos. Era muito estranho e ela se sentiu desconfortável. Era *ela* que deveria ser o prodígio. Ele parecia *sério* demais.

Ela estendeu a mão.

– Sou Beth Harmon.

Ele se levantou, fez uma ligeira reverência, apertou sua mão com firmeza e disse:

– Sou Georgi Petrovitch Girev. – Depois deu um sorriso tímido, um

sorrisinho furtivo. – É uma honra.

Ela ficou sem graça.

– Obrigada.

Os dois se sentaram e ele apertou o botão do relógio dela. Beth jogou peão quatro da dama, satisfeita por ter o primeiro lance contra aquela criança irritante.

A partida começou como um típico Gambito da Dama Aceito; ele tomou o peão do bispo oferecido e os dois desenvolveram as peças em direção ao centro. Mas, quando chegaram ao meio-jogo, a partida começou a ficar mais complexa do que o normal, e ela percebeu que ele estava jogando uma defesa muito sofisticada. Ele fazia os lances depressa – tão depressa que era enlouquecedor – e parecia saber exatamente o que iria fazer. Beth tentou algumas ameaças, mas ele não se abalou com isso. Uma hora se passou, depois outra. Agora o número de lances passava de trinta e o tabuleiro estava repleto de combatentes. Ela olhou para o garoto enquanto ele movia uma peça – o bracinho magricela se projetando da camisa enorme – e o odiou. Era como se ele fosse uma máquina. Sua aberraçãozinha, pensou, subitamente percebendo que os adultos com quem havia jogado na infância deviam pensar a mesma coisa dela.

Agora já era de tarde e a maior parte dos jogos havia terminado. Eles estavam no lance 34. Beth queria acabar logo com aquilo e voltar para a Sra. Wheatley. Estava preocupada com ela. Sentia-se velha e exausta jogando com aquela criança incansável de olhos escuros e brilhantes e movimentos pequenos e rápidos; sabia que, se cometesse um erro, por menor que fosse, ele logo estaria na sua garganta. Olhou seu relógio. Restavam 25 minutos. Precisaria jogar mais rápido para conseguir chegar aos quarenta lances antes que a seta caísse. Se não prestasse atenção, ele iria deixá-la num sério apuro de tempo. Era algo que ela estava acostumada a fazer com os outros; e isso a deixou inquieta. Nunca estivera atrás no relógio.

Nos últimos lances, estivera avaliando uma série de trocas no centro – cavalo e bispo por cavalo e bispo, e uma troca de torres alguns lances adiante. Isso simplificaria um bocado, mas o problema era que levaria a um final, e ela tentava evitar finais. Agora, vendo que estava 45 minutos atrás dele no relógio, ficou desconfortável. Precisaria se livrar desse bloqueio no centro. Pegou seu cavalo e tomou com ele o bispo do rei do garoto. Ele respondeu imediatamente, sem ao

menos olhar para ela. Tomou seu bispo da dama. Os dois continuaram com os lances como se tivessem sido predeterminados. E quando isso acabou, o tabuleiro estava cheio de espaços vazios. Cada jogador tinha uma torre, um cavalo, quatro peões e o rei. Ela tirou seu rei da primeira fileira e ele fez o mesmo. Nesse estágio da partida, o poder do rei como atacante de repente ficava evidente; não era mais necessário escondê-lo. A questão agora era levar um peão à oitava fileira e promovê-lo. Estavam no final.

Ela respirou fundo, balançou a cabeça para clareá-la e começou a se concentrar na posição. O importante era ter um plano.

– Talvez devêssemos adiar agora. – Era a voz de Girev, quase um sussurro. Ela olhou para o rosto dele, pálido e sério, depois olhou de volta para o relógio. As duas setas haviam caído. Isso nunca lhe havia acontecido. Beth ficou perplexa e permaneceu estupidamente ali por um momento. – Você deve selar o lance.

O diretor olhou para o relógio.

– Vou pegar um envelope.

Ela olhou de novo para o tabuleiro. Parecia bastante claro. Deveria avançar o peão da torre, algo que já havia decidido, colocando-o na quarta fileira. O diretor lhe entregou um envelope e recuou alguns passos discretamente. Girev se levantou e virou as costas com educação. Beth escreveu "P4TD" em sua planilha, dobrou-a, colocou-a no envelope e o entregou ao diretor do torneio.

Ela se levantou com o corpo rígido e olhou em volta. Não havia mais jogos acontecendo, mas alguns jogadores permaneciam por ali, alguns sentados, outros de pé, olhando posições nos tabuleiros. Alguns estavam amontoados sobre tabuleiros, analisando partidas que tinham terminado.

Girev voltou à mesa. Seu rosto estava muito sério.

– Posso perguntar uma coisa? – questionou ele.

– Pode.

– Disseram que nos Estados Unidos as pessoas assistem a filmes dentro do carro. É verdade?

– Drive-ins? Quer dizer, cinemas drive-in?

– É. Filmes de Elvis Presley que a gente assiste dentro de um carro. Debbie Reynolds e Elizabeth Taylor. Isso acontece?

– Acontece, sim.

Ele a encarou, e de repente seu rosto sério se abriu num largo sorriso.

– Eu ia adorar isso. Com certeza.

• • •

A Sra. Wheatley dormiu a noite toda e ainda estava dormindo quando Beth acordou. Beth se sentia revigorada e alerta; tinha ido para a cama preocupada com o jogo adiado com Girev, mas de manhã sentia que havia feito a jogada certa. O lance do peão tinha sido forte o bastante. Foi descalça do sofá, onde estivera dormindo, até a cama da Sra. Wheatley e pôs a mão na testa dela. Não estava quente. Beth beijou-a de leve no rosto, entrou no banheiro e tomou um banho. Quando saiu para o café da manhã, a Sra. Wheatley ainda estava dormindo.

Seu jogo da manhã era com um mexicano de 20 e poucos anos. Beth ficou com as peças pretas, jogou a Siciliana e o pegou desprevenido no 19º lance. Depois começou a cansá-lo. Sua mente estava muito aguçada e ela conseguiu mantê-lo tão ocupado, tentando reagir às suas ameaças, que acabou conseguindo trocar um bispo por dois peões e colocar o rei dele numa posição exposta, dando um xeque com o cavalo. Quando ela avançou a dama, o mexicano se levantou, deu um sorriso frio e disse:

– Chega. Chega. – E balançou a cabeça com raiva. – Desisto do jogo.

Por um momento ela ficou furiosa, querendo terminar, fazer o rei dele atravessar o tabuleiro e dar xeque-mate.

– O seu jogo é... incrível – disse o mexicano. – Você faz um homem se sentir indefeso.

Ele fez uma ligeira reverência, virou-se e se afastou da mesa.

• • •

Na continuação do jogo com Girev, naquela tarde, ela se pegou fazendo as jogadas com velocidade e força espantosas. Dessa vez Girev estava usando uma camisa azul-clara que se projetava dos cotovelos como as bordas de uma pipa de criança. Beth ficou sentada junto ao tabuleiro, impaciente, enquanto o diretor do torneio abria o envelope e fazia o lance do peão que ela havia selado no dia

anterior. Ela se levantou e andou pelo salão de baile quase vazio onde aconteciam outras duas partidas adiadas, esperando Girev fazer seu lance. Olhou várias vezes para trás, na direção dele, e o viu curvado sobre o tabuleiro, os pequenos punhos apoiados nas bochechas pálidas, a camisa azul parecendo brilhar sob as luzes. Odiou-o: odiou sua seriedade e sua juventude. Queria acabar com ele.

Ouviu de longe o clique do botão do relógio quando estava no meio do salão, e voltou rapidamente para a mesa. Não ocupou a cadeira, ficou de pé olhando a posição. Girev tinha posto a torre na coluna do bispo da dama, como ela havia pensado que ele faria. Estava preparada para isso e avançou o peão de novo, virou-se e voltou para o outro lado do salão. Ali havia uma mesa com uma jarra d'água e alguns copos de papel. Encheu um copo, surpresa ao ver que sua mão tremia. Quando voltou ao tabuleiro, Girev tinha jogado de novo. Ela jogou imediatamente, sem trazer a torre para defender, abandonando o peão e avançando o rei. Pegou a peça de leve, com as pontas dos dedos, como tinha visto aquele homem com cara de pirata fazer em Cincinnati dois anos antes, e a largou na casa quatro da dama, virou-se e se afastou de novo.

Continuou assim, sem se sentar. Em 45 minutos ela tinha garantido sua vitória. Na verdade foi simples – quase fácil demais. Apenas uma questão de trocar as torres na hora certa. A troca puxou o rei dele uma casa para trás na recaptura, apenas o suficiente para seu peão passar e ser promovido a dama. Mas Girev não esperou isso; desistiu imediatamente depois da troca das torres. Foi na direção de Beth como se quisesse dizer alguma coisa, mas ao ver o rosto dela parou. Por um momento ela se suavizou, lembrando-se da criança que tinha sido apenas alguns anos antes e como ficava arrasada ao perder um jogo de xadrez.

Beth estendeu a mão, e quando ele a apertou ela forçou um sorriso, dizendo:

– Também nunca fui a um drive-in.

Ele balançou a cabeça.

– Eu não deveria ter deixado você fazer aquilo. Com a torre.

– É. Quantos anos você tinha quando começou a jogar xadrez?

– Tinha 4. Fui campeão distrital aos 7 anos. Espero ser campeão mundial um dia.

– Quando?

– Daqui a três anos.

– Daqui a três anos você vai estar com 16.

Ele assentiu, sério.

– Se você ganhar, o que vai fazer depois?

Ele parecia confuso.

– Não entendo.

– Se você for campeão mundial aos 16, o que vai fazer com o resto da sua vida?

Ele continuou parecendo confuso.

– Não entendo.

• • •

A Sra. Wheatley foi para a cama cedo e na manhã seguinte parecia sentir-se melhor. Levantou-se antes de Beth, e quando as duas desceram para o café da manhã na Cámara de Toreros, a Sra. Wheatley pediu uma omelete espanhola e duas xícaras de café e devorou tudo. Beth ficou aliviada.

• • •

No quadro de avisos perto da mesa de inscrição havia uma lista de jogadores; Beth não olhava o quadro há vários dias. Agora, entrando no salão dez minutos antes da hora do jogo, parou e verificou a classificação. Os nomes estavam listados na ordem da pontuação internacional de cada jogador, e Borgov estava no topo, com 2715. Harmon era a 17ª, com 2370. Depois do nome de cada jogador havia uma série de quadrados mostrando sua pontuação nas partidas. "0" significava derrota, "½" um empate e "1" uma vitória. Havia muitos "½". Três nomes tinham uma série ininterrupta de "1"; Borgov e Harmon eram dois desses.

Os pares estavam indicados à direita. No topo da lista estava BORGOV – RAND, e embaixo disso HARMON – SOLOMON. Se ela e Borgov vencessem hoje não necessariamente disputariam a partida final no dia seguinte. Ela não tinha certeza se queria jogar com ele. O jogo com Girev a havia abalado. Sentia uma leve insegurança com relação à Sra. Wheatley, apesar da recuperação aparente; a imagem da pele branca, das bochechas com ruge e dos sorrisos forçados deixavam Beth inquieta. Um burburinho de vozes tinha começado no salão

enquanto os jogadores encontravam seus tabuleiros, posicionavam os relógios e se acomodavam fazendo os preparativos para jogar. Beth afastou a inquietação do melhor modo que pôde, encontrou o Tabuleiro Quatro – o primeiro do salão – e esperou Solomon.

Solomon não foi nem um pouco fácil, e o jogo durou quatro horas até ele ser obrigado a desistir. Mas em nenhum momento ela chegou a perder a superioridade – a minúscula vantagem que o lance de abertura dá ao jogador com as peças brancas. Solomon não disse nada, mas, pelo modo como ele se afastou pisando firme, ela soube que ele estava furioso por ter sido derrotado por uma mulher. Beth tinha visto esse tipo de coisa com frequência e sabia reconhecê-la. Em geral isso a deixava com raiva, mas nesse momento não importava. Tinha outra coisa em mente.

Quando ele saiu, ela foi olhar na sala menor, onde Borgov jogava, mas o lugar estava vazio. A posição vitoriosa – de Borgov – continuava no grande tabuleiro de exibição da parede; era tão devastadora quanto havia sido a vitória de Beth sobre Salomon.

No salão de baile olhou o quadro de avisos. Alguns pares do dia seguinte já estavam decididos. Isso era uma surpresa. Chegou mais perto para olhar e seu coração ficou preso na garganta. No topo da lista das finais, em letras pretas, estava escrito BORGOV – HARMON. Beth piscou e leu de novo, perdendo o fôlego.

Beth havia levado três livros para a Cidade do México. Ela e a Sra. Wheatley jantaram no quarto, e depois Beth pegou o *Jogos dos Grandes Mestres*. Havia cinco de Borgov. Abriu o livro no primeiro e começou a jogá-lo, usando seu tabuleiro e suas peças. Raramente fazia isso, em geral contava com a capacidade de visualizar o jogo ao analisá-lo, mas queria ter Borgov à sua frente do modo mais palpável possível. A Sra. Wheatley estava na cama lendo enquanto Beth repassava as partidas, procurando fraquezas. Não encontrou nenhuma. Jogou-as de novo, parando em determinadas posições em que as possibilidades pareciam quase infinitas e trabalhando em todas. Ficou sentada olhando o tabuleiro, afastando a atenção de tudo que acontecia em sua vida atual à medida que as combinações se desenvolviam na cabeça. De vez em quando, um som produzido pela Sra. Wheatley, ou um nervosismo no ar do quarto, a retirava do jogo por um momento e ela olhava ao redor, atordoada, sentindo a tensão dolorida dos músculos e a ponta fina e intrometida do medo no estômago.

Tinha se sentido assim algumas vezes no ano anterior, com a mente não somente atordoada mas quase aterrorizada pela infinitude do xadrez. À meia-noite a Sra. Wheatley pôs o livro de lado e dormiu silenciosamente. Beth ficou sentada na poltrona verde durante horas, sem ouvir os roncos suaves da Sra. Wheatley, sem sentir o cheiro estranho do hotel mexicano, sentindo, de algum modo, que poderia cair de um precipício, que, diante do tabuleiro que tinha comprado na Purcell's, no Kentucky, estava na verdade sobre um abismo, sustentada apenas pelo bizarro equipamento mental que a tornava adequada para esse jogo elegante e mortal. No tabuleiro havia perigo em toda parte. Não se podia relaxar.

Só foi para a cama depois das quatro e, dormindo, sonhou que se afogava.

• • •

Algumas pessoas tinham se reunido no salão de baile. Ela reconheceu Marenco, agora vestindo terno e gravata; ele acenou quando ela entrou, e Beth se obrigou a sorrir na direção dele. Dava medo ver até mesmo esse jogador que ela já havia derrotado. Estava sobressaltada, sabia que estava, e não sabia o que fazer a respeito.

Tinha tomado banho às sete da manhã, incapaz de se livrar da tensão com a qual havia acordado. Mal conseguiu engolir o café na cafeteria quase vazia e depois lavou o rosto com cuidado, tentando se concentrar. Agora havia atravessado o tapete vermelho do salão de baile e ido até o banheiro feminino, onde lavou o rosto de novo. Enxugou-o cuidadosamente com toalhas de papel e penteou o cabelo, olhando-se no espelho grande. Seus movimentos pareciam forçados e o corpo tinha uma aparência insuportavelmente frágil. O conjunto caro de saia e blusa não lhe caía bem. Seu medo era pungente como uma dor de dente.

Ao sair para o corredor, avistou-o. Borgov estava parado, sólido, com dois homens que ela não reconheceu. Todos usavam ternos escuros. Estavam juntos, falando baixinho, em tom confidencial. Ela baixou os olhos e passou por eles, entrando na sala pequena. Alguns homens esperavam ali com máquinas fotográficas. Repórteres. Beth sentou-se diante das peças pretas do Tabuleiro

Um. Olhou-o por um momento, escutou a voz do diretor do torneio dizendo "O jogo começará daqui a três minutos" e levantou os olhos.

Borgov estava atravessando a sala na direção dela. Seu terno era bem cortado, as pernas da calça caindo num drapejado perfeito sobre os sapatos pretos bem engraxados. Beth voltou os olhos para o tabuleiro, sem graça, sentindo-se constrangida. Borgov se sentou. Ela escutou a voz do diretor como se viesse de uma grande distância.

– Pode acionar o relógio do oponente.

Ela estendeu a mão, apertou o botão do relógio e levantou os olhos. Borgov estava ali, sólido, sombrio e pesado, olhando fixamente para o tabuleiro, e Beth assistiu, como num sonho, enquanto ele levantava a mão com dedos gorduchos, pegava o peão do rei e o colocava na quarta horizontal. Peão quatro do rei.

Beth encarou o peão por um momento. Sempre jogava a Siciliana contra esse lance inicial – o mais comum para as brancas no jogo de xadrez. Mas hesitou. Borgov tinha sido chamado de "Mestre da Siciliana" em alguma revista. Quase por impulso, jogou peão quatro do rei também, esperando enfrentá-lo num terreno novo para os dois, que não daria a ele a vantagem do conhecimento superior. Ele levou seu cavalo do rei para a casa três do bispo e ela levou seu cavalo para a casa três do bispo da dama, protegendo o peão. Então, sem hesitar, ele moveu seu bispo para a casa cinco do cavalo, e o coração de Beth ficou apertado. A Ruy López. Tinha-a jogado bastante, mas nesse jogo essa abertura a amedrontava. Era tão complexa e tão meticulosamente analisada quanto a Siciliana, e havia dezenas de linhas que ela mal conhecia, a não ser por tê-las memorizado de livros.

Alguém espocou outro flash para uma foto e ela ouviu o diretor do torneio sussurrar, com raiva, para não incomodarem os jogadores. Beth moveu seu peão para a casa três da torre, atacando o bispo. Borgov puxou-o de volta para quatro da torre. Ela se obrigou a se concentrar, desenvolveu seu outro cavalo e Borgov fez roque. Tudo isso era familiar, mas não aliviava nada. Agora ela precisava decidir se jogaria a variante aberta ou a fechada. Olhou para o rosto de Borgov de relance e depois de volta para o tabuleiro. Então tomou o peão dele com seu cavalo, dando início à variante aberta. Ele jogou peão quatro da dama, como Beth sabia que ele faria, e ela jogou peão quatro cavalo da dama porque precisava, pois assim estaria preparada quando ele movesse a torre. A luz do

lustre estava forte demais. E ela começou a sentir um desânimo, como se o restante da partida fosse inevitável – como se estivesse presa numa coreografia de golpes e contra-ameaças em que sua derrota era uma necessidade fixa, como um jogo de um dos livros, em que você conhecia o resultado e o repassava só para saber como tinha acontecido.

Beth balançou a cabeça para clareá-la. O jogo não tinha ido tão longe assim. Ainda estavam fazendo jogadas velhas e gastas e a única vantagem das brancas era a que sempre tinham: o primeiro lance. Alguém tinha dito que, quando os computadores realmente aprendessem a jogar xadrez e enfrentassem uns aos outros, as brancas sempre venceriam por causa do primeiro lance. Como no jogo da velha. Mas o xadrez não tinha chegado a esse ponto. Ela não estava jogando contra uma máquina perfeita.

Borgov levou seu bispo de volta para a casa três do cavalo, recuando. Ela jogou peão quatro da dama, ele tomou seu peão do rei e ela moveu seu bispo para a casa três do rei. Conhecia isso desde a época do Lar Methuen, pelas linhas que havia memorizado do *Aberturas modernas do xadrez*. Mas agora a partida estava prestes a entrar numa fase aberta, na qual poderiam acontecer reviravoltas inesperadas. Ela levantou os olhos justo quando Borgov, com o rosto tranquilo e impassível, pegou sua dama e a colocou na casa dois do rei. Beth piscou por um momento. O que ele estava fazendo? Indo atrás do seu cavalo na casa cinco do rei? Ele poderia facilmente usar a torre para cravar o peão que protegia o cavalo. Mas o lance parecia suspeito. Ela sentiu de novo a tensão no estômago, uma leve tontura.

Cruzou os braços e começou a examinar a posição. Com o canto do olho podia ver o rapaz que movia as peças no tabuleiro de exibição, colocando a grande dama de papelão na casa dois do rei. Beth olhou de relance a sala ao redor. Havia umas quinze pessoas de pé, assistindo. Virou-se de volta para o tabuleiro. Precisaria se livrar do bispo dele. Cavalo quatro da torre parecia uma boa jogada para isso. Outras opções eram cavalo quatro do bispo ou bispo dois do rei, mas isso era complicado demais. Estudou as possibilidades por um momento e descartou a ideia. Não confiava em si mesma contra Borgov para lidar com essas complicações. Colocar um cavalo na coluna da torre reduz o alcance dele pela metade; mas Beth fez isso. Precisava se livrar do bispo. O bispo estava tramando alguma coisa.

Borgov estendeu a mão sem hesitar e jogou cavalo quatro da dama. Beth olhou; tinha esperado que ele movesse a torre. Mas ainda não parecia haver mal nisso. Avançar seu peão do bispo da dama para a quarta casa parecia bom. Forçaria o cavalo de Borgov a tomar seu bispo. Depois disso ela poderia tomar o bispo dele com o cavalo e acabar com a pressão irritante contra seu outro cavalo, que estava muito avançado no tabuleiro, na casa cinco do rei, e não tinha casas de fuga suficientes para ficar em paz. Contra Borgov a perda de um cavalo seria fatal. Avançou o peão do bispo da dama, segurando a peça por um momento entre os dedos antes de soltá-la. Então recostou-se um pouco mais na cadeira e respirou fundo. A posição parecia boa.

Sem hesitar, Borgov tomou o bispo com seu cavalo e Beth retomou com o peão. Depois ele avançou o peão do bispo da dama para a terceira fileira, como ela achava que ele poderia fazer, criando um lugar para o bispo incômodo se esconder. Ela tomou o bispo, aliviada, livrando-se dele e tirando seu cavalo da embaraçosa coluna da torre. Borgov permaneceu impassível, tomando o cavalo com seu peão. Seus olhos cruzaram rapidamente com os dela e logo voltaram à posição.

Beth olhou para baixo, nervosa. A posição tinha parecido boa alguns lances antes; agora não parecia tão boa. O problema era seu cavalo na casa cinco do rei. Borgov poderia mover a dama dele para a casa quatro do cavalo, ameaçando tomar seu peão do rei com xeque. Quando ela se protegesse contra isso, ele poderia atacar o cavalo com seu peão do bispo do rei, e ele não teria para onde ir. A dama de Borgov estaria ali, para tomá-lo. Havia outro incômodo na sua ala da dama: ele poderia jogar torre toma peão, entregando a torre para a torre dela apenas para retomá-la com um xeque da dama, ficando com um peão de vantagem e uma posição melhor. Não. Dois peões de vantagem. Ela teria que colocar sua dama na casa três do cavalo. Dama dois da dama não adiantava, por causa do maldito peão do bispo dele, que poderia atacar seu cavalo. Beth não gostou dessa postura defensiva e estudou o tabuleiro por um longo tempo antes de fazer o lance, tentando encontrar alguma coisa que servisse como contra-ataque. Não havia nada. Precisava mover a dama e proteger o cavalo. Sentiu as bochechas queimando e estudou a posição outra vez. Nada. Moveu sua dama para a casa três do cavalo e não olhou para Borgov.

Sem nenhuma hesitação, Borgov levou seu bispo para três do rei, protegendo

seu rei. *Como ela não tinha visto isso?* Tinha olhado por tempo suficiente. Agora, se avançasse o peão como havia planejado, perderia sua dama. *Como podia ter deixado aquilo passar?* Tinha planejado a ameaça do xeque descoberto com a nova posição da sua dama, e ele neutralizou o golpe instantaneamente com uma jogada arrepiante de tão óbvia. Beth olhou para ele, para o rosto russo bem barbeado, imperturbável, o nó perfeito da gravata abaixo do queixo pesado. O medo que sentiu quase congelou seus músculos.

Examinou o tabuleiro com toda a intensidade que conseguiu reunir, sentada rigidamente por vinte minutos, olhando a posição. Seu estômago se apertou mais ainda enquanto testava e rejeitava uma dezena de continuações. Não poderia salvar o cavalo. Por fim jogou seu bispo para a casa dois do rei e, previsivelmente, Borgov colocou sua dama na casa quatro do cavalo, ameaçando de novo tomar o cavalo ao avançar seu peão do bispo do rei. Agora Beth tinha a opção de mover o rei para a casa dois da dama ou rocar. De qualquer modo o cavalo estava perdido. Fez roque.

Borgov moveu imediatamente o peão do bispo para atacar seu cavalo. Beth poderia muito bem ter gritado. Tudo que ele estava fazendo era óbvio, sem imaginação, burocrático. Beth ficou rígida e jogou peão cinco da dama, atacando o bispo de Borgov. Então viu o lance inevitável dele, levando o bispo para a casa seis da torre, ameaçando xeque-mate. Ela precisaria avançar sua torre para proteger. Ele tomaria o cavalo com a dama. E, se ela tomasse o bispo, a dama capturaria a torre no canto com xeque, e a coisa toda iria desmoronar. Contra um campeão do mundo cuja camisa era impecavelmente branca, cuja gravata tinha um nó perfeito, cujo rosto russo com papadas escuras não admitia dúvida nem fraqueza.

Viu sua própria mão avançar e, pegando o rei preto pela cabeça, tombá-lo no tabuleiro.

Ficou sentada por um momento, ouvindo os aplausos. Depois, sem olhar para ninguém, saiu do salão.



NOVE

– Me dê um tequila sunrise – pediu.

O relógio acima do balcão marcava meio-dia e meia e havia um grupo de quatro americanas numa das mesas na outra ponta do salão, almoçando. Beth não tinha tomado café da manhã, mas não queria almoçar.

– *Con mucho gusto* – respondeu o barman.

A cerimônia de premiação era às duas e meia. Beth ficou no bar o tempo todo, bebendo. Ficaria em quarto lugar, talvez quinto. Os dois Grandes Mestres que tinham chegado a um empate estariam à frente dela com cinco pontos e meio cada. Borgov tinha seis. A pontuação de Beth era cinco. Tomou três tequilas sunrise, comeu dois ovos cozidos e passou para a cerveja. *Dos Equis*. Foram necessárias quatro para fazer a dor no estômago ir embora, para nublar a fúria e a vergonha. Mesmo quando tudo começou a aliviar, ela ainda podia ver o rosto moreno e pesado de Borgov e sentir a frustração que havia experimentado durante a partida. Tinha jogado como uma novata, como uma tola passiva, inibida.

Bebeu muito, mas não ficou tonta nem sua fala ficou engrolada quando fazia o pedido. Parecia haver uma espécie de isolamento ao seu redor, que mantinha tudo à distância. Permaneceu sentada a uma mesa numa extremidade do salão de coquetel, com seu copo de cerveja, e não ficou bêbada.

Às três horas, dois jogadores do torneio entraram no bar, falando baixo. Beth se levantou e foi direto para o quarto.

A Sra. Wheatley estava deitada na cama, com a mão na cabeça e os dedos enfiados nos cabelos, como se estivesse com dor de cabeça. Beth foi até a cama. Ela não parecia bem. Beth segurou o braço dela. A Sra. Wheatley estava morta.

Parecia que Beth não estava sentindo nada, mas cinco minutos se passaram antes que ela fosse capaz de soltar o braço frio da Sra. Wheatley e pegar o telefone.

O gerente sabia exatamente o que fazer. Beth sentou-se na poltrona, tomando *café con leche* do serviço de quarto, enquanto dois homens com uma maca entravam, orientados pelo gerente. Ela o ouviu, mas não olhou. Ficou com os olhos virados para a janela. Em algum momento, mais tarde, virou-se e viu uma mulher de meia-idade vestida com um conjunto cinza usando um estetoscópio para examinar a Sra. Wheatley. A mãe estava na cama, com a maca por baixo. Os dois homens de uniforme verde estavam parados junto à beira do leito, parecendo constrangidos. A mulher pegou o estetoscópio, assentiu para o gerente e foi até Beth. Seu rosto estava tenso.

– Sinto muito – disse.

Beth virou o rosto.

– O que foi?

– Hepatite, possivelmente. Saberemos amanhã.

– Amanhã. A senhora poderia me dar um tranquilizante?

– Tenho um sedativo...

– Não quero sedativo – disse Beth. – Será que a senhora poderia me dar uma receita de Librium?

A médica a encarou por um momento e deu de ombros.

– No México não é preciso receita para comprar Librium. Sugiro meprobamato. Há uma farmácia no hotel.

• • •

Usando um mapa que havia na frente do *Guia de Viagens Mobil* da Sra. Wheatley, Beth anotou o nome das cidades entre Denver, Colorado, e Butte, Montana. O gerente dissera que seu secretário lhe daria qualquer ajuda necessária para telefonar, assinar documentos, lidar com as autoridades. Dez minutos depois de levarem a Sra. Wheatley, Beth ligou para o secretário, leu a lista de cidades e deu o nome. Ele disse que ligaria de volta. Beth pediu uma Coca-Cola grande e mais café pelo serviço de quarto. Depois se despiu rapidamente e tomou um banho de chuveiro. Havia um telefone no banheiro, mas o telefonema não veio. Ela continuava não sentindo nada.

Vestiu jeans limpos e uma camiseta branca. Na mesinha perto da cama estava o maço de Chesterfields, vazio, amassado pelas mãos da Sra. Wheatley. O cinzeiro ao lado estava cheio de guimbas. Um cigarro, o último que a Sra. Wheatley havia fumado, permanecia na beirada, com uma cinza longa e fria. Beth olhou para ele durante um minuto; depois foi ao banheiro e secou o cabelo.

O rapaz que trouxe a garrafa grande de Coca e o bule de café foi muito respeitoso e descartou sua tentativa de assinar a conta. O telefone tocou. Era o gerente.

– Estou com o seu telefonema – disse ele. – De Denver.

Houve uma série de cliques no aparelho e em seguida uma voz masculina, surpreendentemente alta e clara, disse:

– Aqui é Allston Wheatley.

– É a Beth, Sr. Wheatley.

Houve uma pausa.

– Beth?

– Sua filha. Elizabeth Harmon.

– Você está no *México*? Está telefonando do México?

– É sobre a Sra. Wheatley.

Beth estava olhando o cigarro no cinzeiro, que não fora fumado de verdade.

– Como está a Alma? – disse a voz. – Está aí com você? No México?

O interesse parecia forçado. Ela podia vê-lo como no Lar Methuen, desejando estar em outro lugar, tudo nele dizendo que não queria fazer nenhuma conexão, que queria sempre estar em outro lugar.

– Ela morreu, Sr. Wheatley. Morreu hoje de manhã.

Houve um silêncio do outro lado da linha. Por fim Beth disse:

– Sr. Wheatley...

– Você não pode cuidar disso para mim? Não posso ir ao México.

– Vão fazer uma autópsia amanhã e eu preciso comprar passagens novas de avião. Quer dizer, comprar uma passagem nova para mim... – De repente sua voz ficou fraca e vaga. Ela pegou a xícara de café e tomou um gole. – Não sei onde enterrá-la.

A voz do Sr. Wheatley voltou com uma nitidez surpreendente.

– Ligue para os Irmãos Durgin, em Lexington. Há um jazigo no nome de solteira dela. Benson.

– E a casa?

– Escute – agora a voz estava mais alta. – Não quero ter nada a ver com isso. Já tenho problemas suficientes aqui em Denver. Leve-a para o Kentucky, a enterre, e a casa é sua. Só faça os pagamentos da hipoteca. Você precisa de dinheiro?

– Não sei. Não sei quanto vai custar.

– Ouvi dizer que você está se saindo bem. O negócio da criança prodígio. Você não pode pedir para o hotel resolver, ou algo assim?

– Posso falar com o gerente.

– Ótimo. Faça isso. No momento estou sem dinheiro, mas você pode ficar com a casa e com o patrimônio. Ligue para o Second National Bank e peça para falar com o Sr. Erlich. E-r-l-i-c-h. Diga que eu quero que você fique com a casa. Ele sabe como entrar em contato comigo.

Houve um silêncio de novo. Então ela disse, o mais alto que pôde:

– O senhor não quer saber de que ela morreu?

– De que foi?

– Hepatite, acho. Eles vão saber amanhã.

– Ah. Ela vivia doente.

• • •

O gerente e a médica cuidaram de tudo – até do reembolso da passagem de avião da Sra. Wheatley. Beth precisou assinar alguns documentos oficiais, eximir o hotel de responsabilidade e preencher formulários do governo. Um deles tinha o título de "Alfândega dos Estados Unidos – Transferência de Restos Mortais". O

gerente falou com os Irmãos Durgin em Lexington. O secretário levou Beth até o aeroporto no dia seguinte, com o carro da funerária seguindo-os discretamente pelas ruas da Cidade do México e pela estrada. Ela só viu o caixão de metal uma vez, pela janela da sala de espera da TWA. O carro se aproximara do 707 junto ao portão de embarque e alguns homens o descarregaram à luz forte do sol. Puseram o caixão numa empilhadeira e, pelo vidro, Beth escutou o zumbido fraco do motor levantando-o até o compartimento de carga. Por um momento o caixão tremeu ao sol e Beth teve uma visão horrível em que ele despencava da empilhadeira, derrubando o cadáver de meia-idade e embalsamado da Sra. Wheatley no asfalto quente e cinza. Mas isso não aconteceu. O caixão foi colocado no compartimento de carga.

A bordo, Beth recusou a bebida que a aeromoça ofereceu. Quando ela já havia retornado pelo corredor, Beth abriu a bolsa e pegou um dos seus novos frascos de pílulas verdes. Depois de assinar os papéis, tinha passado três horas do dia anterior indo de farmácia em farmácia, comprando o limite máximo de cem comprimidos em cada uma.

• • •

O velório foi simples e rápido. Meia hora antes de ele começar, Beth tomou quatro comprimidos verdes. Sentou-se na igreja sozinha, num estupor silencioso, enquanto o pastor dizia as coisas que os pastores dizem. Havia flores no altar e ela ficou um tanto surpresa ao ver dois homens da funerária as levarem embora assim que o pastor terminou. Havia seis outras pessoas lá, mas Beth não conhecia nenhuma delas. Uma senhora idosa a abraçou depois e disse:

– Coitadinha.

Naquela tarde terminou de desfazer as malas e desceu do quarto para fazer café. Enquanto a água fervia, entrou no pequeno banheiro do andar de baixo para lavar o rosto. E de repente, parada ali, cercada de azul, pelo tapete azul da Sra. Wheatley, pelas toalhas azuis, o sabonete azul e as toalhinhas de rosto azul, algo explodiu em sua barriga e seu rosto se encharcou de lágrimas. Beth pegou uma toalha no suporte, apertou-a contra o rosto e disse:

– Ah, meu Deus.

E se encostou na pia e chorou por um longo tempo.

Ainda estava enxugando o rosto quando o telefone tocou.

Era uma voz masculina.

– Beth Harmon?

– Sim.

– Aqui é Harry Beltik. Do torneio estadual.

– Eu me lembro.

– É. Ouvi dizer que você perdeu uma para o Borgov. Queria lhe dar minhas condolências.

Enquanto punha a toalha no encosto do sofá estofado demais, Beth notou um maço dos cigarros da Sra. Wheatley pela metade no braço do móvel.

– Obrigada – disse, pegando o maço e segurando-o com força.

– De que você estava jogando? De brancas?

– Pretas.

– É. – Houve uma pausa. – Há algo errado?

– Não.

– É melhor assim.

– O que é melhor?

– Se a gente vai perder, é melhor que seja de pretas.

– É, acho que sim.

– O que você jogou? A Siciliana?

Ela pôs o maço de cigarros suavemente no braço da poltrona.

– Ruy López. Deixei ele fazer isso comigo.

– Um erro. Olha, eu estou passando o verão em Lexington. Gostaria de treinar um pouco?

– Treinar?

– Eu sei. Você é melhor do que eu. Mas se vai jogar contra os russos, vai precisar de ajuda.

– Onde você está?

– No hotel Phoenix. Na quinta-feira vou me mudar para um apartamento.

Ela olhou ao redor por um momento, para a pilha de revistas femininas da Sra. Wheatley na banqueta, para as cortinas azul-claras nas janelas, os enormes abajures de cerâmica com o celofane ainda envolvendo as cúpulas amareladas. Respirou fundo e soltou o ar em silêncio.

– Venha me visitar – disse.

Vinte minutos depois ele chegou num Chevrolet 1955 com chamas vermelhas e pretas pintadas nos para-lamas e um farol quebrado, parando junto ao meio-fio no final da entrada de tijolos. Beth o estivera esperando na janela e estava na varanda da frente quando ele saiu do carro. Ele acenou e foi até o porta-malas. Estava usando uma camisa vermelho vivo e calça de veludo cotelê cinza com um par de tênis combinando com a camisa. Havia algo sombrio e rápido nele, e Beth, lembrando-se dos dentes ruins e de seu modo passional de jogar xadrez, sentiu-se enrijecer um pouco ao vê-lo.

Beltik se curvou sobre o porta-malas e pegou uma caixa de papelão, obviamente pesada, jogou a cabeça para tirar o cabelo de cima dos olhos e subiu pela entrada. A caixa dizia KETCHUP HEINZ em letras vermelhas; estava aberta em cima e cheia de livros.

Ele a colocou no tapete da sala e, sem cerimônia, tirou as revistas da Sra. Wheatley da mesinha de centro e as enfiou no suporte de revistas. Começou a tirar os livros de dentro da caixa, um de cada vez, lendo os títulos e empilhando-os na mesa.

– A. L. Deinkopf, *Estratégia de meio-jogo*; J. R. Capablanca, *Minha carreira no xadrez*; Fornault, *Jogos de Alekhine 1938-1945*; Meyer, *Finais de torres e peões.*

Alguns eram livros que Beth já vira; alguns ela possuía. Mas a maior parte era nova para ela; pesados e deprimentes de olhar. Sabia que havia um monte de coisas que precisava saber. Mas Capablanca quase nunca estudava, jogava apenas com a intuição e seus dons naturais, ao passo que jogadores inferiores como Bogolubov e Grünfeld memorizavam linhas de jogo como alemães pedantes. Tinha visto jogadores em torneios depois de terminar as partidas, sentados imóveis em cadeiras desconfortáveis, alheios ao mundo ao redor, estudando variantes de aberturas, estratégias de meio-jogo ou teoria de finais. Era interminável. Ao ver Beltik removendo metodicamente um livro após o outro, sentiu-se cansada e desorientada. Olhou de relance para a TV: parte dela queria ligá-la e esquecer o xadrez para sempre.

– Minha leitura de verão – disse Beltik.

Ela balançou a cabeça, irritada.

– Eu estudo livros. Mas sempre tentei jogar de ouvido.

Ele parou, segurando três exemplares do *Shakhmatni Byulleten*, as capas gastas de tanto uso, fazendo cara feia para ela.

– Como Morphy – falou. – Ou Capablanca?

Ela ficou sem graça.

– É.

Ele assentiu, sério, e pôs a pilha de revistas no chão, perto da mesa de centro.

– Capablanca derrotaria Borgov.

– Não em todos os jogos – retorquiu ele.

– Em todos os jogos que importassem.

Beth observou o rosto dele. Beltik era mais jovem do que ela lembrava. Mas agora ela estava mais velha. Ele era um rapaz intransigente; cada parte dele era intransigente.

– Você acha que eu sou uma diva, não acha?

Ele se permitiu um pequeno sorriso.

– Somos todos divas. Isso é o xadrez.

Naquela noite, quando ela colocou as refeições prontas no forno, eles montaram dois tabuleiros com posições de final de jogo: o dele com quadrados verdes e creme e pesadas peças de plástico; o dela de madeira com casas de jacarandá e bordo. Ambos os conjuntos de peças tinham o padrão Staunton, que todos os jogadores sérios usavam; ambos com reis de 10 centímetros. Ela não precisou convidá-lo para ficar para o almoço e o jantar; ficou subentendido. Ele foi à mercearia a alguns quarteirões dali comprar comida, enquanto ela ficou refletindo sobre um punhado de possíveis lances de torre, tentando evitar um empate numa partida teórica. Enquanto Beth preparava o almoço, ele lhe deu um sermão sobre se manter em boa forma física e dormir o suficiente. Ele também comprou duas refeições congeladas para o jantar.

– Você precisa permanecer *aberta* – disse Beltik. – Ficar trancada em uma ideia, como esse peão do cavalo do rei, por exemplo, é a morte. Olhe isso...

Ela se virou para o tabuleiro dele, na mesa da cozinha. Beltik estava segurando uma xícara de café, de pé, franzindo a testa para o tabuleiro, apoiando o queixo na outra mão.

– Olhar o quê? – perguntou ela, irritada.

Ele baixou a mão, pegou a torre branca, moveu-a para o outro lado do tabuleiro até a casa um da torre do rei: o canto direito inferior.

– Agora o peão da torre dele está cravado.

– E daí?

– Ele precisa mover o rei agora, ou vai ficar preso mais tarde.

– Dá para ver isso – disse ela, com a voz um pouco mais suave. – Mas não vejo...

– Olhe os peões na ala da dama, aqui.

Ele apontou para o outro lado do tabuleiro, para os três peões brancos interligados. Beth foi até a mesa para olhar melhor.

– Ele pode fazer isso – disse ela, e moveu a torre preta duas casas.

Beltik olhou para ela.

– Tente.

– Está bem.

Ela se sentou diante das peças.

Em meia dúzia de lances, Beltik tinha levado seu peão do bispo da dama até a sétima horizontal e era inevitável promovê-lo a dama. Impedi-lo custaria a torre e o jogo. Ele estava certo; era necessário mover o rei quando a torre atravessou o tabuleiro.

– Você estava certo – disse ela. – Descobriu isso sozinho?

– É do Alekhine, em algum lugar. Vi num livro.

Beltik voltou para o hotel depois da meia-noite e Beth ficou acordada durante várias horas, lendo o livro sobre meio-jogo, sem montar as posições num tabuleiro, repassando-as na imaginação. Uma coisa a incomodava, mas ela não se permitiu pensar muito nisso. Não conseguia visualizar as peças com tanta facilidade como quando tinha 8, 9 anos. Ainda era capaz, mas isso exigia mais esforço e às vezes ela não tinha certeza do lugar de um peão ou um de bispo e precisava refazer os lances na mente, para ter certeza. Jogou obstinadamente noite adentro, usando apenas a mente e o livro, de camiseta e jeans sentada na poltrona em que a Sra. Wheatley assistia à TV. De vez em quando piscava e olhava ao redor, meio esperando ver a Sra. Wheatley sentada ali perto, com as meias enroladas nos tornozelos e os sapatos pretos no chão ao lado da poltrona.

Beltik voltou às nove da manhã com mais meia dúzia de livros. Os dois tomaram café e jogaram algumas partidas de cinco minutos na mesa da cozinha. Beth venceu todas, decisivamente, e quando terminaram o quinto jogo Beltik olhou para ela e balançou a cabeça.

– Harmon, você é mesmo muito boa. Mas é improvisação.

Ela o encarou.

– Tenha dó! Eu acabei com você cinco vezes.

Ele olhou friamente para ela, por cima da mesa, e tomou um gole de café.

– Eu sou um Mestre e nunca joguei tão bem na minha vida. Mas não é contra mim que você vai jogar se for a Paris.

– Posso vencer o Borgov com um pouco mais de trabalho.

– Você pode vencer o Borgov com muito trabalho. Anos de trabalho. O que você acha que ele é, afinal? Outro ex-campeão do Kentucky, como eu?

– Ele é campeão mundial. Mas...

– Ah, cale a boca! Borgov poderia vencer nós dois quando tinha 10 anos. Você conhece a carreira dele?

Beth o encarou.

– Não, não conheço.

Beltik se levantou da mesa e caminhou decidido até a sala de estar. Pegou um livro com capa verde na pilha ao lado do tabuleiro de xadrez de Beth e o levou para a cozinha, jogando-o na mesa à frente dela. *Vasily Borgov: Minha vida no xadrez.*

– Leia hoje à noite – disse. – Leia os jogos de Leningrado, 1962, e veja como ele joga os finais de torres e peões. Veja os jogos com Luchenko e Spassky. – Ele pegou sua xícara quase vazia. – Talvez você aprenda alguma coisa.

• • •

Era a primeira semana de junho e as camélias flamejavam num tom luminoso de coral do lado de fora da janela da cozinha. As azaleias da Sra. Wheatley tinham começado a florir e a grama precisava ser cortada. Havia pássaros. Era uma semana linda, do melhor tipo de primavera no Kentucky. Às vezes, tarde da noite, depois de Beltik sair, Beth ia ao quintal dos fundos sentir o calor no rosto e respirar o ar quente e limpo, mas no restante do tempo ignorava o mundo lá fora. Havia se envolvido com o xadrez de um jeito novo. Seus frascos de tranquilizantes comprados no México permaneciam intocados na mesinha de cabeceira; as latas de cerveja na geladeira continuavam na geladeira. Depois de ficar cinco minutos no quintal dos fundos, ela voltava para casa e lia durante horas os livros de xadrez levados por Beltik, depois subia e caía na cama, exausta.

Na tarde de quinta-feira, Beltik disse:

– Vou me mudar para um apartamento amanhã. A conta do hotel está me matando.

Estavam no meio da Defesa Benoni. Ela havia acabado de jogar P5R, que ele tinha lhe ensinado, na oitava jogada – um lance que, segundo Beltik, vinha de um jogador chamado Mikenas. Ela levantou os olhos.

– Onde fica? O apartamento.

– Na New Circle Road. Não poderei continuar vindo sempre.

– Não é tão longe assim.

– Talvez não. Mas vou ter aulas e preciso pegar um trabalho de meio expediente.

– Você poderia se mudar para cá. De graça.

Ele a encarou por um momento e sorriu. Na verdade seus dentes não eram tão ruins.

– Achei que você nunca iria me convidar.

• • •

Beth não ficava tão imersa no xadrez desde criança. Durante a semana, Beltik tinha aulas três tardes e duas manhãs, e ela passava esse tempo estudando os livros dele. Jogava mentalmente partidas e mais partidas, aprendendo novas variantes, vendo diferenças estilísticas em ataque e defesa, às vezes mordendo os lábios, empolgada com um lance impressionante ou com a sutileza de uma posição, outras vezes sentindo-se exaurida diante da profundidade inexorável do xadrez, de sua infinitude, lance após lance, ameaça após ameaça, complicação após complicação. Tinha ouvido falar do código genético capaz de dar forma ao olho ou à mão passando proteínas adiante. Ácido desoxirribonucleico. Ele continha todo o conjunto de instruções para construir um sistema respiratório ou digestivo, para dar força à mão de um bebê. O xadrez era assim. A geometria de uma posição podia ser lida e relida, e suas possibilidades não se esgotavam. A gente via a profundidade de uma determinada camada, mas havia outra além daquela, e mais outra.

O sexo, com sua reputação de complexidade, era de uma simplicidade revigorante. Pelo menos para Beth e Harry. Os dois foram para a cama na segunda noite que ele passou na casa. A coisa demorou dez minutos e foi

pontuada por algumas inspirações intensas. Ela não alcançou o orgasmo, e o dele foi contido. Depois ele foi para a cama no antigo quarto dela e Beth dormiu facilmente, caindo no sono com imagens não do amor, mas de peças de madeira num tabuleiro de madeira. No dia seguinte, jogou com ele durante o café da manhã e as combinações brotavam das pontas dos seus dedos e se espalhavam pelo tabuleiro, lindas como flores. Ela o derrotou em quatro jogos rápidos, deixando-o jogar com as brancas todas as vezes e praticamente não olhando para o tabuleiro.

Enquanto lavava a louça, ele falou sobre Philidor, um de seus heróis. Philidor era um músico francês que jogava às cegas em Paris e Londres.

– Às vezes eu leio sobre esses jogadores antigos e tudo é muito estranho – disse ela. – Não acredito que era realmente xadrez.

– Não fale mal dele. Bent Larsen joga a Defesa Philidor.

– É atulhada demais. O bispo do rei fica preso.

– É sólida. O que eu queria dizer sobre Philidor é que Diderot escreveu uma carta para ele. Sabe quem foi Diderot?

– Da Revolução Francesa?

– É. Philidor estava fazendo exibições às cegas e queimando o cérebro, ou o que quer que eles achavam que as pessoas faziam no século XVIII. Diderot escreveu para ele: "É tolice correr o risco de enlouquecer só por vaidade." Às vezes penso nisso quando estou quebrando a cabeça para analisar um tabuleiro de xadrez. – Ele a encarou em silêncio por um momento. – Ontem à noite foi legal.

Ela sentiu que, para ele, era uma concessão falar sobre isso, e seus sentimentos ficaram confusos.

– Koltanowski não joga às cegas o tempo todo? – perguntou. – Ele não é maluco.

– Eu sei. Foi Morphy que enlouqueceu. E Steinitz. Morphy achava que as pessoas estavam tentando roubar os sapatos dele.

– Talvez ele achasse que os sapatos eram bispos.

– É. Vamos jogar xadrez.

• • •

No fim da terceira semana, Beth já havia lido todos os boletins *Shakhmatni* e a maioria dos outros livros dele. Um dia, depois de ele ter passado a manhã inteira numa aula de engenharia, os dois estavam estudando uma posição juntos. Ela estava tentando mostrar por que um lance específico com o cavalo era mais forte do que parecia.

– Olhe aqui – disse, e começou a mover as peças rapidamente. – Cavalo toma, e depois esse peão avança. Se não avançar, o bispo fica preso. Quando ele faz isso, o outro peão cai.

Ela tirou o peão do tabuleiro.

– E o outro bispo? Esse aqui?

– Ah, pelo amor de Deus – disse ela. – Ele dará xeque assim que o peão avançar e o cavalo for trocado. Não consegue ver?

De repente ele ficou paralisado e olhou para ela.

– Não, não consigo. Não consigo encontrar tão depressa assim.

Ela o encarou de volta.

– Queria que você conseguisse – falou em tom inexpressivo.

– Você é inteligente demais para mim.

Beth conseguiu ver a mágoa por trás da raiva dele, e se suavizou.

– Também deixo passar às vezes – confessou.

Ele balançou a cabeça.

– Não deixa, não. Não mais.

• • •

No sábado, ela começou a jogar com ele dando-lhe a vantagem de um cavalo. Beltik tentou fazer parecer que não se importava, mas Beth podia ver que ele odiava aquilo. Não havia outro modo de jogarem uma partida justa. Mesmo com a vantagem e ele jogando de brancas, ela venceu as duas primeiras e empatou a terceira.

Naquela noite ele não foi à cama dela, nem na noite seguinte. Beth não sentia falta do sexo, que significava muito pouco para ela, mas sentia falta de alguma coisa. Na segunda noite teve dificuldade para dormir e acabou levantando-se às duas da madrugada. Foi até a geladeira e pegou uma lata de cerveja da Sra. Wheatley. Depois sentou-se diante do tabuleiro e começou a mover as peças

preguiçosamente, bebericando na lata. Repassou alguns jogos de Gambito da Dama: Alekhine–Yates; Tarrasch–Von Scheve; Lasker–Tarrasch. O primeiro ela havia memorizado anos antes na livraria Morris's; os outros dois tinha analisado com Beltik na primeira semana que passaram juntos. No último havia uma linda jogada de peão quatro torre da dama no 15º lance, a jogada mais docemente mortal que um peão pode fazer. Deixou a posição no tabuleiro pelo tempo que levou para beber duas cervejas, só olhando. Era uma noite quente e a janela da cozinha estava aberta; mariposas batiam na tela e um cachorro latia em algum lugar, ao longe. Beth ficou sentada à mesa usando o roupão de chenile cor-de-rosa da Sra. Wheatley, relaxada e tranquila. Sentia-se bem, sozinha. Havia mais três cervejas na geladeira e ela terminou com todas. Depois voltou para a cama e dormiu profundamente até as nove da manhã.

• • •

Na segunda-feira, durante o café da manhã, Beltik disse:

– Olhe, eu lhe ensinei tudo que eu sei.

Ela ia dizer alguma coisa, mas ficou calada.

– Preciso começar a estudar. Eu vou ser um engenheiro eletricista, e não um vagabundo do xadrez.

– Está bem. Você me ensinou muita coisa.

Os dois ficaram em silêncio por alguns minutos. Ela terminou de comer seus ovos e levou o prato à pia.

– Vou me mudar para aquele apartamento – disse Beltik. – É mais perto da universidade.

– Está bem – respondeu Beth sem se virar.

Ao meio-dia ele já tinha ido embora. Ela pegou uma refeição congelada para almoçar, mas não ligou o forno. Estava sozinha em casa, com um nó no estômago, e não sabia aonde ir. Não havia filmes aos quais quisesse assistir nem pessoas para quem quisesse telefonar; não havia nada que quisesse ler. Subiu a escada e passou pelos dois quartos. Os vestidos da Sra. Wheatley continuavam pendurados nos armários e meio frasco dos tranquilizantes dela continuava na mesinha de cabeceira, ao lado da cama desfeita. A tensão que Beth sentia não ia embora. A Sra. Wheatley tinha morrido, o corpo dela estava enterrado num

cemitério na periferia da cidade, e Harry Beltik tinha ido embora com seu tabuleiro de xadrez e seus livros, sem ao menos acenar enquanto partia. Por um momento, Beth sentira vontade de gritar para ele ficar, mas não disse nada ao vê-lo descer os degraus e entrar no carro. Pegou os comprimidos na mesinha e derramou três na mão. Depois um quarto. Odiava estar sozinha. Engoliu os quatro comprimidos sem água, como fazia quando era criança.

À tarde comprou no Kroger's um bife e uma grande batata para assar. Antes de empurrar o carrinho até o caixa, foi à sessão de vinhos e cervejas e pegou uma garrafa de vinho tinto. Naquela noite assistiu à televisão e ficou bêbada. Dormiu no sofá, mal conseguindo ir até o aparelho para desligá-lo.

A certa altura da noite, acordou sentindo que a sala estava girando. Precisava vomitar. Depois, quando subiu para o quarto, descobriu que estava totalmente acordada e com a mente clara. Havia uma queimação no estômago e seus olhos estavam totalmente abertos no cômodo escuro, como se procurassem luz. Sentia uma dor intensa na nuca. Estendeu a mão, pegou o frasco e tomou mais tranquilizantes. Depois de um tempo dormiu de novo.

Acordou na manhã seguinte com uma dor de cabeça esmagadora e a determinação de seguir com sua carreira. A Sra. Wheatley estava morta. Harry Beltik tinha ido embora. O Campeonato dos Estados Unidos era dali a três semanas; tinha sido convidada antes de ir ao México, e se quisesse vencer precisaria derrotar Benny Watts. Enquanto passava o café na cozinha, despejou na pia o que restava do vinho tinto da noite anterior, jogou a garrafa vazia fora e encontrou dois livros que tinha encomendado na Morris's no dia em que o convite chegou. Um era o registro de jogos do último Campeonato dos Estados Unidos e o outro se chamava *Benny Watts: Meus cinquenta melhores jogos de xadrez*. Na sobrecapa havia um close de Benny com cara de Huckleberry Finn. Vendo-o agora, ela se encolheu lembrando da derrota e da sua tola tentativa de dobrar os peões dele. Serviu uma xícara de café e abriu o livro, esquecendo a ressaca.

Ao meio-dia já tinha analisado seis partidas e estava ficando com fome. Havia um pequeno restaurante a dois quarteirões dali, o tipo de lugar que tem fígado acebolado no cardápio e cartelas de isqueiros junto ao caixa. Levou o livro e examinou mais dois jogos enquanto comia um hambúrguer com batata frita. Quando a torta de limão chegou e estava grossa e doce demais para comer, ela

sentiu uma saudade súbita da Sra. Wheatley e das sobremesas francesas que as duas comiam em lugares como Cincinnati e Houston. Afastou a lembrança, pediu uma última xícara de café e terminou o jogo que estava repassando: a Defesa Índia do Rei, com o bispo preto fianquetado no canto superior direito do tabuleiro, espiando pela grande diagonal, só esperando a chance de dar o bote. Muito civilizado. Jogando de pretas, Benny venceu com facilidade.

Beth pagou a conta e saiu. Pelo resto do dia e durante a noite, até uma hora da manhã, repassou todas as partidas do livro. Quando terminou, sabia muito mais sobre Benny Watts e sobre o xadrez de precisão do que antes. Tomou dois tranquilizantes do México e foi para a cama, caindo no sono instantaneamente. Acordou de bom humor às nove e meia do dia seguinte. Enquanto os ovos do café da manhã cozinhavam, escolheu um livro para o estudo matinal: *Paul Morphy e a era de ouro do xadrez*. Era um livro antigo, de certa forma ultrapassado. Os diagramas eram acinzentados e atulhados, era difícil dizer quais peças eram pretas ou brancas. Mas algo nela ainda vibrava diante do nome Paul Morphy e da ideia daquele estranho prodígio de Nova Orleans, bem nascido, advogado, filho de um juiz do superior tribunal, que quando jovem impressionou o mundo com seu xadrez e depois parou totalmente de jogar, caindo numa paranoia murmurante e morrendo cedo. Quando jogava o Gambito do Rei, Morphy sacrificava cavalos e bispos com total despreocupação e depois investia contra o rei preto com velocidade atordoante. Nunca houvera nada igual, nem depois. Ela sentia um calafrio na espinha só de abrir o livro e ver a lista de jogos: Morphy–Lowenthal; Morphy–Harrwitz; Morphy–Anderssen, seguidos pelas datas na década de 1850. Antes dos jogos em Paris, Morphy passava a noite em claro, bebendo em cafés e conversando com estranhos, e no dia seguinte jogava como um tubarão – com boas maneiras, bem vestido, sorrindo, movendo as peças grandes com as mãos pequenas e femininas de veias azuis, esmagando um Mestre europeu após o outro. Alguém o havia chamado de "orgulho e tristeza do xadrez". Se ao menos ele e Capablanca tivessem vivido na mesma época e jogado um contra o outro! Beth começou a repassar uma partida entre Morphy e alguém chamado Paulsen, disputada em 1857. O Campeonato dos Estados Unidos seria dali a três semanas; estava na hora de ser vencido por uma mulher. Estava na hora de ela vencê-lo.



DEZ

Quando ela entrou na sala, viu um rapaz magro usando jeans desbotados e uma camisa de brim combinando, sentado a uma das mesas. Seu cabelo louro chegava quase aos ombros. Só quando ele se levantou e disse "Olá, Beth", ela viu que era Benny Watts. Na foto de capa da *Revista do Xadrez*, alguns meses antes, o cabelo estava comprido, mas não tanto. Ele estava pálido, magro e muito calmo. Enfim... Benny sempre havia sido calmo.

– Olá – disse ela.

– Li sobre o jogo com Borgov. – Benny sorriu. – Deve ter sido terrível.

Ela o encarou com suspeita, mas o rosto dele era franco e solidário. E Beth deixou de odiá-lo por tê-la vencido; agora só havia um jogador que ela odiava, e ele estava na Rússia.

– Me senti uma boba.

– Eu sei. – Benny balançou a cabeça. – Impotente. A coisa degringola e a gente só fica empurrando pedaços de madeira.

Ela o encarou. Jogadores de xadrez não falavam com tanta tranquilidade

sobre humilhações, não admitiam fraquezas. Beth ia dizer alguma coisa, quando o diretor do torneio falou alto:

– As partidas começarão em cinco minutos.

Ela assentiu para Benny, tentou sorrir e encontrou sua mesa.

Não havia um rosto sobre um tabuleiro de xadrez que ela não conhecesse dos salões de hotel onde os torneios aconteciam ou de fotos na *Revista do Xadrez*. Ela própria havia saído na capa seis meses depois de Townes tirar sua foto em Las Vegas. Metade dos outros jogadores nesse campus da pequena cidade de Ohio também tinha saído na capa em uma ou outra ocasião. O homem com quem ela estava disputando sua primeira partida, um Mestre de meia-idade chamado Phillip Resnais, estava na capa do número atual. Havia catorze jogadores, muitos deles Grandes Mestres. Ela era a única mulher.

Jogavam numa espécie de auditório com quadros-negros verde-escuros ao longo de uma parede e luzes fluorescentes embutidas no teto. Havia uma fileira de janelas grandes ao longo de uma parede azul, com arbustos, árvores e um amplo trecho do campus visíveis do outro lado. Numa extremidade da sala tinham sido postas cinco fileiras de cadeiras dobráveis, e no corredor uma placa anunciava o preço de quatro dólares para espectadores em cada sessão. Durante sua primeira partida, cerca de 25 pessoas estavam assistindo. Havia um tabuleiro de exibição acima de cada uma das sete mesas, e dois diretores circulavam silenciosamente entre elas, movendo as peças nos quadros depois de os lances serem feitos nos tabuleiros de verdade. As cadeiras dos espectadores estavam numa plataforma de madeira para lhes dar uma visão das superfícies de jogo.

Mas era tudo de segunda, até a universidade onde jogavam. Eram os jogadores no topo do ranking do país, reunidos numa única sala, mas dava a sensação de um torneio escolar. Se fosse golfe ou tênis, Benny Watts e ela estariam cercados por repórteres, jogando sob algo diferente daquelas luzes fluorescentes, com tabuleiros de plástico e peças de plástico baratas, assistidos por umas poucas pessoas educadas de meia-idade que não tinham nada melhor para fazer.

Phillip Resnais parecia levar tudo muito a sério, mas Beth sentiu vontade de se levantar e ir embora. No entanto, não foi. Quando ele jogou peão quatro do rei, ela avançou seu peão do bispo da dama e começou a Defesa Siciliana. Agora estava no meio do Ataque Rossolimo-Nimzowitsch, alcançando a igualdade no

11º lance com peão três da dama. Era um lance que Beth tinha estudado com Beltik e funcionou como Beltik disse que funcionaria.

Na 14ª jogada, ele já estava em fuga, e na 20ª a coisa já estava decidida. Ele desistiu na 26ª. Beth olhou os outros jogos em volta, todos ainda acontecendo, e se sentiu melhor com aquilo tudo. Seria bom ser a campeã dos Estados Unidos. Isso se conseguisse derrotar Benny Watts.

• • •

Beth tinha um pequeno quarto particular num dormitório com banheiro no fim do corredor. Era mobiliado com austeridade, mas não parecia que alguém já tivesse morado ali, e ela gostou disso. Nos primeiros dias, comeu sozinha no refeitório e passou as noites no quarto, junto à escrivaninha ou na cama, estudando. Tinha levado uma mala cheia de livros de xadrez. Estavam bem enfileirados na parte de trás da escrivaninha. Também tinha levado tranquilizantes, só para garantir, mas durante a primeira semana nem abriu o frasco. Jogava uma partida por dia, e estava indo muito bem. Ainda que algumas durassem três ou quatro horas e fossem extenuantes, Beth jamais estivera correndo o risco de perder. À medida que o tempo passava, os outros jogadores a olhavam com cada vez mais respeito. Ela se sentia séria, profissional, autossuficiente.

Benny Watts estava se saindo tão bem quanto ela. As partidas eram xerocadas na biblioteca da faculdade todas as noites, e as cópias eram distribuídas aos jogadores e espectadores. Ela as examinava à noite e pela manhã, jogando algumas em seu tabuleiro, mas repassando a maioria de cabeça. Sempre se dava ao trabalho de montar e mover as peças das partidas que Benny tivesse jogado, estudando cuidadosamente o que ele havia feito. Nesse torneio todos os jogadores enfrentavam todos os outros; ela jogaria com Benny na 11ª rodada.

Como seriam treze jogos e o torneio durava duas semanas, havia um dia de folga: o primeiro domingo. Naquela manhã Beth dormiu até tarde, ficou um bocado de tempo no chuveiro e depois fez uma longa caminhada pelo campus. Era um lugar muito tranquilo, com gramados bem aparados, olmos e jardins floridos ocasionais: uma manhã serena no Meio-Oeste, mas ela sentia falta da competição. Pensou momentaneamente em andar até a cidade; ouvira dizer que

lá existiam dezenas de lugares onde beber cerveja, mas pensou melhor. Não queria destruir mais neurônios. Olhou para o relógio: onze horas. Foi para o Prédio da União Estudantil, onde ficava o refeitório. Tomaria um café.

Havia uma agradável sala forrada de lambri no térreo. Quando Beth entrou, Benny Watts estava sentado num sofá de veludo cotelê bege na outra extremidade, com um tabuleiro e um relógio na mesa à sua frente. Dois outros jogadores estavam de pé, e Benny sorria para eles, explicando algo sobre o jogo à sua frente.

Ela havia começado a descer para o refeitório quando a voz de Benny a chamou:

– Venha cá.

Beth hesitou, se virou e foi até lá. Reconheceu imediatamente os outros dois jogadores; tinha derrotado um deles dois dias antes, com o Gambito da Dama.

– Veja isso, Beth. – Benny apontou para o tabuleiro. – Jogam as brancas. O que você faria?

Ela olhou por um momento.

– A López?

– Isso mesmo.

Beth ficou meio irritada. Queria uma xícara de café. A posição era delicada e exigia concentração. Os outros jogadores permaneceram em silêncio. Por fim ela viu o que era necessário. Curvou-se sem dizer nada, pegou o cavalo na casa três do rei e o colocou na casa cinco da dama.

– *Estão vendo?* – disse Benny aos outros, rindo.

– Talvez você esteja certo – admitiu um deles.

– Eu sei que estou certo. E Beth, aqui, pensa o mesmo. O lance com o peão é fraco demais.

– O peão só funciona se ele mover o bispo – disse Beth, sentindo-se melhor.

– Exatamente! – Benny estava usando jeans e uma espécie de blusão branco e largo. – Que tal jogar *skittles*, Beth?

– Eu estava indo tomar um café.

– Barnes vai pegar o café para você. Não vai, Barnes?

O rapaz gordo e de aparência delicada que era Grande Mestre assentiu.

– Açúcar e leite?

– É.

Benny estava tirando uma nota de um dólar do bolso dos jeans. Entregou-a a Barnes.

– Traga um suco de maçã para mim. Mas não num daqueles copos de plástico. Consiga um copo de vidro.

Benny ajustou o relógio junto ao tabuleiro. Estendeu as mãos com dois peões escondidos, e a mão em que Beth bateu estava com o branco. Depois de arrumarem as peças, Benny disse:

– Quer apostar?

– Apostar?

– Podemos jogar por cinco dólares a partida.

– Ainda não tomei meu café.

– Aí vem ele.

Beth viu Barnes atravessando o salão rapidamente com um copo de vidro com suco e um de isopor branco.

– Está bem – falou. – Cinco dólares.

– Tome um gole de café e eu aciono o seu relógio.

Ela pegou o café com Barnes, tomou um longo gole e pôs o copo na mesa.

– Vá em frente – disse a Benny.

Sentia-se muito bem. A manhã de primavera lá fora estava bonita, mas era aquilo que ela amava.

Benny venceu com apenas três minutos no relógio dele. Beth jogou bem, mas ele foi brilhante, movendo as peças quase imediatamente a cada jogada, enxergando de longe qualquer coisa que ela planejasse fazer. Beth lhe entregou uma nota de cinco dólares da carteira que estava em seu bolso e arrumou as peças de novo, dessa vez pegando as pretas. Agora havia quatro outros jogadores de pé, assistindo.

Beth tentou a Siciliana contra peão quatro do rei, mas ele a destruiu com o gambito de um peão e a colocou numa abertura irregular. Era incrivelmente rápido. Beth o deixou em dificuldade no meio-jogo com torres dobradas numa coluna aberta, mas ele as ignorou e atacou pelo centro, deixando que ela desse xeque duas vezes com as torres, expondo seu rei. Mas quando ela tentou trazer um cavalo para o xeque-mate, ele se livrou e ameaçou a dama dela e depois seu rei, pegando-a finalmente numa rede de mate. Beth desistiu antes que ele

pudesse arrematar a partida. Dessa vez lhe deu uma nota de dez e ele devolveu a de cinco. Beth tinha sessenta dólares no bolso e mais algum dinheiro no quarto.

Ao meio-dia havia cerca de quarenta pessoas assistindo. A maioria dos jogadores do torneio estava ali, junto com alguns espectadores que assistiam regularmente às partidas, estudantes universitários e um grupo de homens que deviam ser professores. Ela e Benny continuaram jogando, agora sem ao menos falar entre as partidas. Beth ganhou a terceira com uma jogada linda, no último segundo antes de sua seta cair, mas perdeu as quatro seguintes e empatou a quinta. Algumas posições eram brilhantemente complexas, mas não havia tempo para analisá-las. Era empolgante, mas frustrante. Nunca, na vida, tinha sido derrotada com tamanha consistência. E, ainda que fosse apenas xadrez de cinco minutos e não a sério, era a imersão numa humilhação silenciosa. Nunca havia se sentido assim. Jogava lindamente, acompanhava o jogo com precisão e reagia de modo adequado a todas as ameaças, montava ameaças poderosas também, mas tudo isso não significava nada. Benny parecia ter algum recurso que estava além da compreensão dela e ganhava um jogo após o outro. Beth sentia-se impotente, e por dentro dela crescia uma silenciosa indignação.

Por fim entregou seus últimos cinco dólares. Eram cinco e meia da tarde. Havia uma fileira de copos de isopor vazios ao lado do tabuleiro. Quando se levantou para sair, os espectadores aplaudiram e Benny apertou sua mão. Beth queria bater nele, mas não disse nada. Houve aplausos esparsos das pessoas no salão.

Enquanto ela estava saindo, o homem com quem tinha jogado a primeira partida da semana, Phillip Resnais, a deteve.

– Eu não me preocuparia com isso – disse ele. – Benny joga xadrez rápido melhor do que qualquer pessoa no mundo. Isso realmente não significa muita coisa.

Ela assentiu rapidamente e agradeceu. Quando saiu ao sol da tarde, sentia-se uma boba.

Naquela noite, ficou no quarto e tomou tranquilizantes. Quatro.

De manhã sentia-se descansada mas idiota. Uma vez a Sra. Wheatley tinha dito que as coisas pareciam tortas; era assim que elas ficavam para Beth quando ela acordava de seu sono profundo à base de tranquilizantes. Mas não sentia mais a humilhação de ter sido derrotada por Benny. Pegou o frasco de comprimidos

na gaveta da mesinha de cabeceira e fechou a tampa com força. Não adiantaria tomar mais. Pelo menos até o fim do torneio. De repente pensou na quinta-feira, o dia em que jogaria contra Benny, e ficou tensa. Mas colocou os comprimidos de volta na gaveta e se vestiu. Tomou o desjejum cedo, com três xícaras de café. Depois deu uma caminhada rápida pela parte principal do campus, repassando um dos jogos do livro de Benny Watts. Ele era brilhante, disse a si mesma, mas não imbatível. De qualquer modo, só jogaria contra ele dali a três dias.

As partidas começavam à uma da tarde e iam até quatro ou cinco. As adiadas eram terminadas à noite ou na manhã do dia seguinte. Ao meio-dia sua cabeça estava limpa, e quando começou a partida contra um californiano alto e caladão com uma camiseta que dizia "Black Power", estava preparada para ele. Apesar de usar o cabelo numa espécie de penteado afro, ele era branco – assim como todos os outros jogadores. Beth respondeu à Abertura Inglesa com os dois cavalos, transformando-a num jogo de quatro cavalos, e decidiu não jogar como costumava, mas fazer trocas e levá-lo para um final. Isso deu maravilhosamente certo e ela ficou satisfeita com o modo como usou os peões. Estava com um peão na sexta e um na sétima quando ele desistiu. Foi mais fácil do que esperava; seu estudo de finais com Beltik havia dado frutos.

Naquela noite Benny Watts se juntou a Beth à mesa do refeitório, onde ela estava comendo a sobremesa.

– Beth – disse ele. – Vai ser você ou eu.

Ela levantou o olhar do pudim de arroz.

– Está tentando me abalar psicologicamente?

Ele riu.

– Não. Posso derrotar você sem isso.

Ela continuou comendo e não disse nada.

– Olhe – falou ele –, desculpe por ontem. Eu não estava tentando crescer em cima de você.

Ela tomou um gole de café.

– Não?

– Só queria um pouco de ação.

– E dinheiro – completou Beth.

Ainda que esse não fosse o ponto.

– Você é a melhor jogadora aqui. Andei lendo os seus jogos. Você ataca como

o Alekhine.

– Ontem você me conteve muito bem.

– Aquilo não conta. Eu jogo xadrez rápido melhor do que você. Jogo um bocado em Nova York.

– Você me venceu em Las Vegas.

– Isso foi há muito tempo. Você estava preocupada demais em dobrar meus peões. Não posso me fiar nisso dessa vez.

Beth terminou seu café em silêncio enquanto Benny jantava e tomava leite. Quando ele terminou, ela perguntou:

– Você repassa os jogos na cabeça quando está sozinho? Quer dizer, joga as partidas inteiras, até o final?

Ele sorriu.

– Não é todo mundo que faz isso?

• • •

Naquela noite, Beth se permitiu ver TV no salão de estar do Prédio da União Estudantil. Benny não estava lá, mas alguns outros jogadores estavam. Depois ela voltou para o quarto, sentindo-se solitária. Era seu primeiro torneio desde a morte da Sra. Wheatley e sentia saudade dela agora. Pegou o livro de finais na escrivaninha e começou a estudar. Benny era legal. Tinha sido gentil em falar com ela daquele jeito. E ela havia se acostumado com o cabelo dele; gostava do cabelo comprido como estava. Ele tinha um cabelo realmente muito bonito.

Beth ganhou o jogo de terça-feira e o de quarta. Benny ainda estava jogando quando ela terminou o da quarta e foi até a mesa dele, e num instante viu que ele estava praticamente ganho. Ele olhou para ela e sorriu. Depois articulou a palavra em silêncio, apenas mexendo os lábios:

– Amanhã.

Havia um parquinho bem ao lado do campus. Beth foi até lá, à luz do luar, e se sentou num balanço. O que realmente queria era uma bebida, mas isso estava fora de questão. Uma garrafa de vinho tinto, com um pouco de queijo. Depois alguns comprimidos e ir para a cama. Mas não podia. Precisava da mente limpa de manhã, precisava estar preparada para o jogo contra Benny Watts à uma da tarde. Talvez pudesse tomar um comprimido e ir para a cama. Ou dois. Tomaria

dois. Balançou-se algumas vezes, ouvindo os guinchos da corrente do balanço, antes de voltar decidida ao dormitório. Tomou os dois comprimidos, mas ainda teve que esperar uma hora até conseguir dormir.

• • •

Algo na deferência com que os diretores do torneio e os outros jogadores a olhavam dizia que todas as atenções haviam se concentrado nessa partida. Ela e Benny eram os únicos que tinham chegado até ali sem ao menos um empate. Num torneio em que jogavam todos contra todos não havia tabuleiros mais importantes; eles jogariam na terceira mesa da fileira que começava junto à porta da sala. Mas a atenção estava focada nessa mesa, e os espectadores, uma dezena de pessoas em pé e o restante ocupando todas as cadeiras, ficaram em silêncio enquanto Beth se sentava. Benny chegou um minuto depois; houve sussurros quando ele veio à mesa e se sentou. Ela olhou para a plateia. E um pensamento que estivera presente na sua cabeça de repente se consolidou: os dois eram os melhores jogadores dos Estados Unidos.

Benny estava usando sua camisa de brim desbotado com um medalhão de prata numa corrente. As mangas estavam dobradas, como as de um trabalhador braçal. Ele não sorria e parecia ter muito mais do que 24 anos. Olhou de relance para a plateia, assentiu quase imperceptivelmente para Beth e voltou o olhar para o tabuleiro enquanto o diretor do torneio sinalizava o início das partidas. Benny ia jogar de brancas. Beth acionou o relógio dele.

Ele jogou peão quatro do rei e ela não hesitou; respondeu com peão quatro bispo da dama: a Siciliana. Ele avançou com o cavalo do rei e ela jogou peão três do rei. Não havia sentido em usar aberturas obscuras contra Benny. Ele as conhecia melhor do que ela. O lugar para pegá-lo seria no meio-jogo, se conseguisse montar um ataque antes dele. Mas primeiro precisaria alcançar a igualdade.

Beth sentiu algo que só havia experimentado uma vez, na Cidade do México, jogando contra Borgov: sentia-se uma criança tentando ser mais esperta do que um adulto. Quando fez seu segundo lance, olhou por cima do tabuleiro, viu a seriedade silenciosa no rosto de Benny e achou que não estava preparada para esse jogo contra ele. Mas não era verdade. Em alguma parte de si mesma sabia

que não era, que na Cidade do México havia desbancado uma fiada de profissionais antes de esmorecer na partida contra Borgov, que tinha derrotado um Grande Mestre após o outro nesse torneio, que mesmo quando enfrentava o zelador no Lar Methuen, aos 8 anos, jogava com uma solidez totalmente notável, totalmente profissional. No entanto, agora, por mais que fosse ilógico, sentia-se inexperiente.

Benny pensou durante vários minutos e fez um lance incomum. Em vez de avançar o peão da dama, moveu o peão do bispo da dama até a quarta fileira. A peça ficou ali, bem na frente do peão dela, sem apoio. Beth olhou o peão durante um minuto, imaginando o que Benny teria em mente. Ele podia estar partindo para a formação Maróczy, mas sem seguir a sequência normal. Era novidade: algo que ele devia ter planejando especialmente para esse jogo. De repente ela ficou envergonhada, sabendo que, apesar de ter estudado o livro de jogos de Benny, não tinha preparado nada especial para hoje e havia abordado a partida como sempre encarava o xadrez, pronta para jogar pela intuição e atacar.

Mas então começou a ver que não existia nada de sinistro no lance de Benny, nada com que ela não pudesse lidar. Ficou claro que não precisaria morder a isca. Poderia recusar o convite. Se jogasse seu cavalo na casa três bispo da dama, o lance dele teria sido um desperdício. Talvez ele só estivesse tentando jogar verde para conseguir uma vantagem rápida – como se fosse uma partida de xadrez rápido. Ela avançou com o cavalo. Que se dane, como diria Alma Wheatley.

Benny jogou peão quatro da dama; Beth tomou o peão e ele retomou com seu cavalo. Ela desenvolveu o outro cavalo e esperou que ele fizesse o mesmo. Quando isso acontecesse, ela iria cravá-lo e depois tomá-lo, deixando-o com peões dobrados. O lance do peão do bispo da dama estava saindo caro para ele, e a vantagem, ainda que não fosse grande, era garantida.

Mas ele não avançou o cavalo. Em vez disso tomou o dela. Obviamente não queria ficar com os peões dobrados. Beth assimilou o fato por um momento, antes de retomar. Era espantoso; ele já estava na defensiva. Alguns minutos antes Beth havia se sentido uma amadora, e agora Benny Watts havia tentado confundi-la no terceiro lance e acabou se colocando em apuros.

O óbvio seria tomar o cavalo dele com seu peão do cavalo, capturando em direção ao centro. Se tomasse na outra direção, com o peão da dama, ele trocaria damas. Isso iria impedi-la de fazer o roque e lhe tomaria a dama que ela tanto

adorava para ataques rápidos. Beth estendeu a mão para tomar o cavalo com o peão do cavalo, mas a recolheu. De algum modo a ideia de abrir a coluna da dama, por mais chocante que fosse, parecia atraente. Começou a estudá-la. E aos poucos isso começou a fazer sentido. Com uma troca precoce de damas, rocar seria irrelevante. Ela poderia avançar o rei, como era feito nos finais. Olhou de novo para Benny e viu que ele estava se perguntando por que ela demorava tanto com essa recaptura rotineira. De algum modo ele lhe pareceu menor. Que se dane, pensou de novo, e tomou com o peão da dama, expondo sua dama.

Benny não hesitou; tomou a dama com a dele e apertou o relógio num gesto elegante. Nem disse "xeque". Beth tomou com o rei, como tinha que fazer, e ele avançou o peão do outro bispo para proteger seu peão do rei. Era uma jogada simples de defesa, mas algo em Beth exultou ao vê-lo fazer isso. Sentia-se nua, sem dama tão cedo na partida, mas começava a se sentir forte sem ela. Já estava com a iniciativa – e sabia disso. Avançou seu peão para a casa quatro do rei. Não era um lance óbvio nesse estágio, e a solidez dele a aqueceu. Ele abria a diagonal para seu bispo da dama e bloqueava o peão do rei dele na quarta fileira. Ela levantou o olhar do tabuleiro e espiou em volta. Todos os outros jogos estavam acontecendo; os espectadores permaneciam em silêncio, observando. Havia mais pessoas de pé, e estavam onde pudessem ver a partida que ela jogava com Benny. O diretor se aproximou e fez o lance no tabuleiro de exibição diante da mesa dos dois, avançando o peão para a quarta casa do rei. Os espectadores começaram a assimilar o lance. Beth olhou para o outro lado da sala e através da janela. Era um dia lindo, com folhas novas nas árvores e um céu impecavelmente azul. Sentiu-se expandir, relaxar, abrir-se. Ia derrotá-lo. Ia derrotá-lo de um modo consistente.

A continuação que ela encontrou no 19º lance foi uma maravilha linda e sutil. Ela saltou à sua mente totalmente formada, com meia dúzia de jogadas claras como se estivessem projetadas numa tela à sua frente: sua torre, seu bispo e seu cavalo dançando juntos na ala do rei dele. No entanto, não havia xeque-mate ou mesmo uma vantagem material. Depois de seu cavalo chegar à casa cinco da dama no 25º lance e Benny ser obrigado a meramente avançar um peão, porque não havia nada que pudesse fazer para se defender, ela trocou torre e cavalo por torre e cavalo e levou seu rei à casa três da dama. Ainda que as peças e os peões estivessem em número igual, era apenas uma questão de contar as jogadas. Ele

levaria doze lances para levar um peão à oitava horizontal e promovê-lo a dama, ao passo que ela poderia fazer isso com dez.

Benny fez alguns lances, expondo seu rei numa tentativa desesperada de tomar os peões dela antes que ela tomasse os dele, mas até mesmo seu braço, movendo o rei, estava letárgico. E quando ela tomou seu peão do bispo da dama, ele estendeu a mão e tombou seu rei. Houve silêncio e em seguida aplausos discretos. Beth tinha vencido em trinta lances.

Enquanto saíam da sala, Benny lhe disse:

– Nunca pensei que você me deixaria trocar damas.

– Nem eu.



ONZE

Depois da cerimônia na noite de sábado, Benny a levou a um bar na cidade. Os dois se sentaram num reservado dos fundos. Beth tomou sua primeira cerveja e pediu outra. As duas estavam deliciosas.

– Vá com calma – disse Benny. – Vá com calma.

Ele não tinha terminado sua primeira.

– Você está certo – respondeu ela, e bebeu mais devagar.

Já se sentia suficientemente inebriada. Nenhuma derrota. Nenhum empate. Seus últimos dois oponentes tinham oferecido empate no meio-jogo e ela havia recusado.

– Pontuação perfeita – disse Benny.

– É gostoso. – Beth falava da vitória, mas a cerveja também estava gostosa. Olhou para ele com mais atenção. – Gosto de como você está lidando com isso.

– É uma máscara. Por dentro estou furioso.

– Não parece.

– Eu não deveria ter jogado aquele maldito peão do bispo.

Ficaram em silêncio por um tempo. Ele tomou um gole de cerveja, pensativo, e perguntou:

– O que você vai fazer com o Borgov?

– Quando eu for a Paris? Eu nem tenho passaporte.

– Quando você for a Moscou.

– Não sei do que você está falando.

– Eles não entregam correspondências no Kentucky?

– Claro que entregam.

– O Moscow Invitational. O campeão dos Estados Unidos é convidado.

– Quero outra cerveja.

– Você não sabia?

Benny parecia chocado.

– Eu mesma vou pegar a cerveja.

– Pode ir.

Beth foi até o balcão e pediu mais uma garrafa. Tinha ouvido falar do Moscow Invitational, mas não sabia nada a respeito do torneio. O barman lhe entregou a bebida e ela pediu mais uma. Quando voltou à mesa, Benny disse:

– É cerveja demais.

– Provavelmente. – Ela esperou a espuma se assentar e tomou um gole. – Como se vai a Moscou, se eu for?

– Quando eu fui, a federação pagou minha passagem e um grupo de igreja contribuiu com o resto.

– Você tinha alguém como segundo?

– Barnes.

– *Barnes?*

Ela o encarou.

– Seria duro estar sozinho na Rússia. – Ele franziu a testa. – Você não deveria beber tanta cerveja assim. Vai estar um trapo aos 21.

Ela pousou o copo.

– Quem mais vai jogar em Moscou?

– Quatro outros países e os quatro melhores da Rússia.

Isso incluía Luchenko e Borgov. Possivelmente Shapkin. Beth não quis pensar. Olhou para Benny em silêncio por um minuto.

– Benny, gosto do seu cabelo.

Ele a encarou.

– Claro que gosta. E a Rússia?

Ela tomou outro gole. *Gostava* do cabelo e dos olhos azuis de Benny. Jamais havia pensado nele em termos sexuais, mas agora estava pensando.

– Quatro jogadores de xadrez russos – disse. – É um bocado de jogadores de xadrez russos.

– Uma violência. – Ele levantou seu copo e terminou sua cerveja. Tinha bebido apenas uma. – Beth, você é a única pessoa dos Estados Unidos que eu acho que pode conseguir.

– Eu desmoronei diante do Borgov na Cidade do México...

– Quando você vai a Paris?

– Daqui a cinco semanas.

– Então organize a vida ao redor disso e estude. Arrume um treinador.

– Que tal você?

Ele pensou por um momento.

– Você pode ir a Nova York?

– Não sei.

– Você pode dormir na minha sala e ir de lá para Paris.

A ideia a deixou chocada.

– Eu tenho uma casa da qual preciso cuidar, no Kentucky.

– Deixe a porra da casa cair.

– Não estou preparada...

– Quando vai estar? Ano que vem? Daqui a dez anos?

– Não sei.

Ele se inclinou para a frente e disse lentamente:

– Se você não fizer isso, vai desperdiçar todo o seu talento bebendo. Vai jogá-lo pelo ralo.

– Borgov me fez parecer uma boba.

– *Você não estava pronta.*

– Não sei até que ponto sou boa.

– *Eu* sei. Você é a melhor que existe.

Beth respirou fundo.

– Certo. Vou a Nova York.

– Pode ir direto daqui comigo. A gente vai de carro.

– Quando?

Tudo estava acontecendo depressa demais. Beth ficou apavorada.

– Amanhã à tarde, quando tudo aqui estiver terminado. Assim que a gente puder ir. – Ele se levantou. – E quanto ao sexo...

Ela levantou os olhos para ele.

– Pode esquecer.

• • •

– Essa primavera está de primeira – disse Benny. – Absolutamente de primeira.

– Como você sabe?

Estavam viajando de carro por uma parte de asfalto cinza da Pennsylvania Turnpike, seguindo pela estrada áspera junto com caminhões e carros sujos.

– Ela está em algum lugar por lá. Nas montanhas. Até em Nova York.

– Ohio estava agradável – falou Beth.

Mas não gostava dessa discussão. O clima não a interessava. Não tinha tomado nenhuma providência em relação à casa em Lexington, não conseguira falar com o advogado pelo telefone nem sabia o que esperar em Nova York. Não gostava da displicência de Benny diante da sua incerteza, da espécie de vazio ensolarado que preenchia o rosto dele de vez em quando. Ele estivera assim durante a cerimônia de premiação e enquanto ela dava entrevistas, assinava autógrafos e agradecia às autoridades e ao pessoal da federação que tinha vindo do estado de Nova York falar sobre a importância do xadrez. Agora o rosto dele estava vazio. Beth voltou os olhos para a estrada.

Depois de um tempo, ele falou:

– Quando você for à Rússia, quero ir junto.

Foi uma surpresa. Eles não tinham falado sobre a Rússia nem sobre xadrez desde que tinham entrado no carro.

– Como meu segundo?

– Não importa como. Não tenho como pagar as despesas.

– Você quer que eu pague?

– Alguma coisa vai aparecer. Enquanto você estava sendo entrevistada para aquela revista, eu conversei com o Johanssen. Ele disse que a federação não vai liberar nenhum dinheiro para os segundos.

– Só estou pensando em Paris. Ainda não decidi se vou a Moscou.

– Você vai.

– Nem sei se vou ficar mais do que alguns dias com você. Preciso tirar meu passaporte.

– Podemos fazer isso em Nova York.

Beth ia dizer alguma coisa, mas parou. Olhou para Benny. Agora que aquele vazio tinha abandonado o rosto dele, sentiu-se mais afeiçoada a ele. Tinha feito amor com dois homens na vida e aquilo não tinha sido exatamente fazer amor; se ela e Benny fossem para a cama, haveria algo mais. Ela via que haveria mais. À meia-noite os dois estariam no apartamento dele, talvez acontecesse alguma coisa. Talvez ele mudasse de ideia em casa.

– Vamos jogar xadrez – disse Benny. – Eu jogo de brancas. Peão quatro do rei.

Beth deu de ombros.

– Peão quatro bispo do rei.

– C3BR.

– Peão três da dama.

Beth não tinha certeza se gostava daquilo. Nunca havia compartilhado seu tabuleiro de xadrez interior e sentia-se meio violada ao abri-lo para os lances de Benny.

– P4D – disse Benny.

– Peão toma peão.

– Cavalo toma.

– Cavalo. Três bispo do rei.

Na verdade era fácil. Ela conseguia olhar a estrada à frente e ao mesmo tempo enxergar sem dificuldade o tabuleiro imaginário e as peças.

– C3BD – falou Benny.

– Peão três cavalo do rei.

– P4B. A Levenfish – disse Benny secamente. – Nunca gostei dela.

– Cavalo três do bispo. Capture com o cavalo.

De repente a voz dele ficou gelada.

– Não me diga o que jogar.

Beth recuou como se tivesse levado uma ferroada.

Seguiram em silêncio por alguns quilômetros. Beth foi observando a mureta

de aço que os separava das pistas em sentido contrário. Então, quando estavam se aproximando de um túnel, Benny disse:

– Você estava certa. Cavalo toma cavalo.

Ela hesitou um momento antes de falar.

– Está bem. Eu tomo o cavalo.

– P5R.

– Peão toma de novo.

– Sabe o que Scharz diz sobre essa jogada? Na nota de rodapé?

– Não leio notas de rodapé.

– Está na hora de começar a ler.

– Não gosto do Scharz.

– Nem eu. Mas leio o que ele escreve.

– Qual é o seu lance?

– Dama toma dama. Xeque – disse Benny, agora relaxando ao volante.

Beth podia ouvir o tom emburrado na própria voz.

– Rei toma.

A Pennsylvania ia passando. Beth o obrigou a desistir no 27º lance e se sentiu um pouco melhor. Sempre gostara da Siciliana.

• • •

Havia sacos plásticos cheios de lixo na entrada do prédio de Benny, iluminada por apenas uma lâmpada solitária e suja. O corredor era de ladrilhos brancos e, à meia-noite, era deprimente como um banheiro de rodoviária. Havia três trancas na porta de Benny, que estava pintada de vermelho com uma palavra insondável como *"Bezbo"* escrita em tinta spray preta.

Dentro havia uma sala pequena e atulhada com pilhas de livros em toda parte. Mas a iluminação era agradável depois que ele acendeu as luminárias. Uma extremidade do cômodo era uma cozinha, e perto dela uma porta dava para o quarto. Havia um tapete de grama sintética e nenhum sofá ou poltrona – apenas almofadas pretas onde sentar-se, com abajures ao lado.

O banheiro era bastante ortodoxo, com piso de ladrilhos pretos e brancos e uma torneira de água quente com a alça quebrada. Havia uma banheira com chuveiro e uma cortina de plástico preto. Beth lavou as mãos e o rosto e voltou

para a sala. Benny tinha entrado no quarto para desfazer as malas. A dela ainda estava no chão da sala, perto de uma estante. Beth foi até lá e olhou os livros, cansada. Eram todos sobre xadrez – todas as cinco prateleiras. Alguns eram em russo e alemão, mas todos sobre xadrez. Ela atravessou o pequeno tapete até o outro lado da sala onde havia outra estante, esta feita de tábuas apoiadas em tijolos. Mais xadrez. Uma prateleira inteira dedicada ao *Shakhmatni Byulleten* remontando até a década de 1950.

– Tem espaço nesse armário! – gritou Benny do quarto. – Pode pendurar suas coisas quando quiser.

– Está bem. – Na estrada ela havia pensado que os dois poderiam fazer amor quando chegassem. Agora só queria dormir. E onde dormiria? – Achei que eu teria um sofá.

Benny chegou à porta.

– Eu falei "dormir na sala".

Ele voltou ao quarto e retornou com um negócio volumoso e alguma espécie de bomba. Abriu aquilo no meio do cômodo e começou a pisar na bomba. Depois de um tempo a coisa inflou e virou um colchão de ar.

– Vou pegar lençóis.

Benny os trouxe do quarto.

– Deixe que eu faço isso – disse Beth, e pegou os lençóis.

Não gostou da aparência do colchão, mas sabia onde estavam seus comprimidos. Se precisasse poderia tomá-los depois de Benny dormir. Não haveria nada para beber nesse apartamento. Benny não tinha dito nada sobre isso, mas ela sabia.

Beth deve ter caído no sono antes de Benny, já que se esqueceu dos comprimidos na mala. Acordou com o som de uma sirene lá fora: uma ambulância ou um caminhão de bombeiros. Quando tentou se sentar, não conseguiu; não havia beira da cama para pendurar as pernas. Fez força para cima e se levantou, vestindo seu pijama, e olhou em volta. Benny estava perto da bancada da pia, de costas para ela. Beth soube onde estava, mas à luz do dia o lugar parecia diferente. A sirene foi sumindo, substituída pelos sons do trânsito de Nova York. Uma persiana estava aberta e ela viu a cabine de um caminhão grande, tão perto quanto Benny, e atrás dele táxis serpenteando. Um cachorro latia intermitentemente.

Benny se virou e veio até ela. Estava segurando um grande copo de papel.

No copo estava escrito "Chock Full O' Nuts". Algo era muito estranho. Ninguém nunca havia lhe dado nada de manhã – certamente não a Sra. Wheatley, que jamais acordava antes de Beth ter tomado seu café. Tirou a tampa de plástico do copo e provou o café.

– Obrigada.

– Vista-se no quarto – disse Benny.

– Preciso de um banho.

– É todo seu.

• • •

Benny havia montado uma mesa dobrável com um tabuleiro de xadrez verde e bege em cima. Estava arrumando as peças quando ela voltou para a sala.

– Certo – disse ele. – Vamos começar com isso.

Em seguida lhe entregou um rolo de panfletos e revistas presos com um elástico. Em cima havia um pequeno panfleto com uma capa de papel barata onde estava escrito "Congresso de Xadrez Natalino de Hastings – Falaise Hall, White Rock Gardens", e embaixo "Registro de Partidas". As páginas dentro eram densas de letras borradas. Havia duas partidas por página, com títulos em negrito: Luchenko–Uhlmann; Borgov–Penrose. Depois ele entregou outro, intitulado simplesmente *Xadrez de Grande Mestre*. Era parecido com o livreto de Hastings. Três revistas eram alemãs e uma era russa.

– Vamos jogar as partidas de Hastings. – Benny entrou no quarto e voltou com duas cadeiras de madeira simples, colocando uma de cada lado da mesa dobrável perto da janela da frente. O caminhão ainda estava parado lá fora e a rua continuava cheia de carros andando devagar. – Você joga de brancas e eu de pretas.

– Ainda não comi nada...

– Ovos na geladeira. Vamos começar pelas partidas do Borgov.

– Todas?

– Ele vai estar em Paris quando você for.

Beth olhou para a revista em sua mão e depois de novo para a mesa perto da janela, em seguida para seu relógio. Eram oito e dez.

– Primeiro vou comer os ovos.

Para o almoço compraram sanduíches numa lanchonete e comeram em cima do tabuleiro. O jantar veio de um restaurante chinês na First Avenue. Benny não deixava que ela jogasse as aberturas rapidamente; fazia-a parar sempre que um lance era obscuro e perguntava por que ela o havia jogado. Fazia com que ela analisasse tudo que fosse fora do comum. Às vezes impedia fisicamente que sua mão movesse uma peça, para fazer perguntas. "Por que não avançar o cavalo?", "Por que ele não está se defendendo da torre?" ou "O que vai acontecer com o peão atrasado?". Era rigoroso e intenso, e não lhe dava colher de chá. Fazia anos que Beth conhecia essas perguntas, mas nunca tinha se permitido respondê-las com esse tipo de rigor. Frequentemente seu pensamento disparava com as possibilidades de ataque nas posições que se abriam diante dela, querendo impelir Luchenko, Mecking ou Czerniak em ataques-relâmpago contra Borgov, mas Benny a interrompia com uma pergunta sobre defesa, sobre abrir casas claras ou escuras ou disputar uma coluna com uma torre. Às vezes isso a enfurecia, no entanto Beth conseguia ver que as perguntas eram justificadas. Vinha jogando partidas de Grandes Mestres na cabeça desde quando havia descoberto a *Revista do Xadrez*, mas não tinha sido disciplinada com relação a isso. Jogava-as para exultar com a vitória – sentir a pontada de entusiasmo com um sacrifício ou um mate forçado, especialmente nos jogos impressos em livros exatamente porque incorporavam esse tipo de drama –, como os livros de jogos de Fred Reinfeld, cheios de sacrifícios de damas e melodramas.

Por sua experiência nos torneios sabia que não era possível contar que o oponente se dispusesse a ficar vulnerável a um sacrifício da dama ou um mate surpresa com cavalo e torre; mesmo assim adorava a vibração de jogos desse tipo. Era o que adorava em Morphy: não seus jogos rotineiros e certamente não os que ele havia perdido – e Morphy, como todo mundo, tinha perdido jogos. Mas ela sempre ficava entediada com o xadrez comum, mesmo quando era jogado por Grandes Mestres. O mesmo tédio que sentia com as análises de finais feitas por Reuben Fine e as contra-análises em lugares como a *Revista do Xadrez*, que apontavam os erros em Reuben Fine. Nunca tinha feito nada parecido com o que Benny a obrigava a fazer agora.

As partidas que estava jogando eram sérias, xadrez profissional dos melhores jogadores do mundo, e a quantidade de energia mental latente em cada lance era

espantosa. Mas com frequência os resultados eram monumentalmente chatos e inconclusivos. Uma capacidade mental enorme podia estar implícita num único lance com um peão branco, por exemplo, abrindo uma ameaça de longo prazo que poderia se manifestar só depois de meia dúzia de jogadas; mas aí as pretas previam a ameaça e encontravam o lance que a neutralizava, e o plano brilhante era abortado. Era frustrante e anticlimático. No entanto – porque Benny a obrigava a parar e ver o que estava acontecendo –, era fascinante. Continuaram assim durante seis dias, só saindo do apartamento quando era necessário e uma vez, na noite de quarta-feira, para ir ao cinema. Benny não tinha TV nem aparelho de som; seu apartamento era para comer, dormir e jogar xadrez. Jogaram todo o livreto de Hastings e todo o russo, sem deixar de lado nenhum jogo, a não ser os empates dos Grandes Mestres.

Na terça-feira, Beth ligou para seu advogado no Kentucky e pediu para ele ver se estava tudo certo em casa. Foi à agência de Benny do Chemical Bank e abriu uma conta com o cheque da premiação em Ohio. A compensação demoraria cinco dias. Tinha cheques de viagem suficientes para pagar sua parte nas despesas até lá.

Na primeira semana, os dois conversaram notavelmente pouco. Nada sexual aconteceu. Beth não tinha esquecido isso, mas estava ocupada demais estudando jogos de xadrez. Quando terminavam, às vezes à meia-noite, ela ficava sentada um tempo numa almofada no chão ou caminhava pela Second ou Third Avenue e comprava um sorvete ou uma barra de chocolate numa lanchonete. Não entrava em nenhum bar e raramente ficava muito tempo fora. Nova York podia ser sombria e parecer perigosa à noite, mas o motivo não era esse. Ela ficava cansada demais para fazer algo diferente de voltar ao apartamento, bombear o colchão e dormir.

Às vezes estar com Benny era como não estar com ninguém. Durante horas seguidas ele ficava totalmente impessoal. Algo nela reagia a isso, e Beth se tornava também impessoal e fria, comunicando-se apenas através do xadrez.

Mas às vezes a coisa mudava. Uma vez, quando estava estudando uma posição especialmente complexa entre dois russos, uma posição que terminava em empate, viu algo, seguiu o raciocínio e gritou:

– Olhe isso, Benny! – E começou a mover as peças. – Ele deixou passar essa. As pretas têm o lance com o cavalo...

E ela mostrou como o jogador de pretas poderia ter vencido. E, com um sorriso largo, Benny foi até onde ela estava sentada, diante do tabuleiro, e a abraçou envolvendo seus ombros.

Na maior parte do tempo o xadrez era a única linguagem entre os dois. Numa tarde, quando tinham passado três ou quatro horas fazendo análise de finais, ela disse cansada:

– Você não fica entediado às vezes?

Ele a encarou com expressão impassível e disse:

– O que mais existe?

• • •

Estavam praticando finais de torres e peões quando houve uma batida à porta. Benny se levantou e a abriu, e lá estavam três pessoas. Uma era uma mulher. Beth reconheceu um dos homens de uma matéria na *Revista do Xadrez* alguns meses antes e o outro parecia familiar, mas ela não sabia de onde o conhecia. A mulher era deslumbrante. Tinha uns 25 anos, cabelo preto e pele clara, e estava usando uma saia cinza muito curta e algum tipo de camisa militar com dragonas.

– Esta é Beth Harmon – disse Benny. – Hilton Wexler, o Grande Mestre Arthur Levertov e Jenny Baynes.

– Nossa nova campeã – falou Levertov, fazendo uma pequena reverência para Beth.

Ele tinha 30 e poucos anos e estava ficando careca.

– Oi.

Beth se levantou da mesa.

– Parabéns! – disse Wexler. – Benny precisava de uma lição de humildade.

– Já sou o maioral em humildade – brincou Benny.

A mulher estendeu a mão.

– É um prazer conhecê-la.

Beth se sentiu estranha com todas aquelas pessoas na salinha de Benny. Parecia que ela havia passado metade da vida nesse apartamento com ele, estudando jogos de xadrez, e era chocante que houvesse outra pessoa ali. Fazia nove dias que estava em Nova York. Sem saber exatamente o que fazer, sentou-se de novo diante do tabuleiro. Wexler se aproximou e parou do outro lado.

– Você gosta de problemas?

– Não.

Beth havia feito alguns quando era criança, mas não a interessavam. As posições não pareciam naturais. *Brancas jogam, mate em dois.* Era irrelevante, como diria a Sra. Wheatley.

– Deixe-me mostrar um – disse Wexler. Sua voz era amistosa e tranquila. – Posso mexer aqui?

– Pode.

– Hilton. – Jenny foi até eles. – Ela não é viciada em problemas, como você e a sua turma. É a campeã dos Estados Unidos.

– Tudo bem – falou Beth.

Mas ficou feliz com o que Jenny havia dito.

Wexler arrumou peças no tabuleiro numa posição esquisita com as duas damas nos cantos e todas as quatro torres na mesma coluna. Os reis estavam quase no centro, o que seria improvável num jogo de verdade. Quando terminou, ele cruzou os braços.

– Este é o meu preferido – disse. – Brancas jogam e vencem em três.

Beth olhou aquilo, irritada. Parecia idiota lidar com algo assim. Aquilo jamais poderia acontecer num jogo. Avançar o peão, xeque com o cavalo e o rei ia para o canto. Mas então o peão era promovido a dama e era empate por afogamento. Talvez o peão fosse promovido a cavalo, para dar o próximo xeque. Funcionava. Então, se o rei não se movesse para lá depois do primeiro xeque... Ela voltou a isso por um momento e viu o que fazer. Era como um problema de Álgebra, e Beth sempre havia sido boa em Álgebra. Olhou para Wexler.

– Peão sete da dama.

Ele ficou atônito.

– Meu Deus. Isso foi rápido.

Jenny estava sorrindo.

– Está vendo, Hilton?

Benny olhava tudo isso em silêncio.

– Vamos fazer uma simultânea – falou de repente a Beth. – Jogue contra todos nós.

– Eu, não – reagiu Jenny. – Eu nem conheço as regras.

– Temos tabuleiros e peças suficientes? – perguntou Beth.

– Na prateleira do armário. – Benny foi até o quarto e voltou com uma caixa de papelão. – Vamos arrumar no chão.

– Controle de tempo? – perguntou Levertov.

De repente Beth pensou em uma coisa.

– Vamos jogar xadrez rápido.

– Isso nos dá vantagem. Podemos pensar no seu tempo.

– Quero tentar.

– Não adianta. – O tom de Benny foi severo. – De qualquer modo você não é muito boa no xadrez rápido. Lembra?

Algo nela reagiu com intensidade ao que ele estava dizendo.

– Aposto dez dólares que venço você.

– E se você abandonasse os outros jogos e usasse todo o tempo contra mim?

Ela sentiu vontade de chutá-lo.

– Aposto dez contra cada um de vocês, também.

Beth se surpreendeu com a firmeza da própria voz. Parecia a Sra. Deardorff.

Benny deu de ombros.

– Está bem. O dinheiro é seu.

– Vamos colocar os três tabuleiros no chão. Eu me sento no meio.

Fizeram isso, usando três relógios. Beth estava muito afiada nos últimos dias e jogou com precisão sem hesitar, atacando em todos os tabuleiros ao mesmo tempo. Derrotou os três com tempo de sobra.

Quando acabou, Benny não disse nada. Foi até o quarto, pegou sua carteira, tirou três notas de dez dólares e entregou a Beth.

– Vamos fazer de novo – disse Beth.

Havia certa amargura em sua voz. Ao ouvir as palavras, ela soube que poderiam significar sexo: *Vamos fazer de novo*. Se era isso que Benny queria, era isso que ele iria receber. Começou a arrumar as peças.

Posicionaram-se no chão e Beth jogou de novo com as brancas contra os três. Os tabuleiros estavam arrumados em leque diante dela, de forma que não precisasse se virar para jogar. Mas de qualquer modo praticamente não olhava para eles, a não ser para mover as peças. Jogava nos tabuleiros dentro de sua cabeça. Não precisava se esforçar nem para executar a parte mecânica de fazer os lances e apertar os relógios. A posição de Benny estava perdida quando a seta do

relógio dele caiu; ainda restava tempo no dela. Ele lhe deu mais trinta dólares, e quando ela sugeriu jogarem de novo, ele disse:

– Não.

Havia tensão no ar e ninguém sabia como lidar com aquilo. Jenny tentou rir da situação, dizendo:

– É puro machismo.

Mas isso não ajudou. Beth estava furiosa com Benny: furiosa por ele ser derrotado facilmente e com o modo como ele recebia as derrotas, tentando parecer inabalado, como se nada o afetasse.

Então Benny fez algo surpreendente. Ele estivera sentado com as costas eretas. De repente se encostou na parede, esticando as pernas no chão, relaxando.

– Bom, garota – falou. – Acho que você conseguiu.

E todo mundo riu. Beth olhou para Jenny, sentada no chão ao lado de Wexler. Jenny, que era linda e inteligente, estava olhando para ela com admiração.

• • •

Beth e Benny passaram os dias seguintes estudando os *Shakhmatni Byulletens* que remontavam até a década de 1950. De vez em quando jogavam uma partida e Beth sempre vencia. Ela podia sentir como estava ultrapassando Benny de um modo quase físico. Isso era espantoso para os dois. Numa partida, ela descobriu um ataque contra a dama dele no 13º lance e o fez tombar seu rei no 16º.

– Bom – disse ele baixinho. – Ninguém faz isso comigo há uns quinze anos.

– Nem o Borgov?

– Nem o Borgov.

Às vezes o xadrez a mantinha acordada durante horas, à noite. Era como no Lar Methuen, só que ela estava mais relaxada e não tinha medo da insônia. Depois da meia-noite ficava deitada em seu colchão no chão da sala, com os barulhos das ruas de Nova York entrando pela janela aberta, e estudava mentalmente as posições. Estavam mais nítidas do que nunca. Não tomava tranquilizantes, e isso ajudava a clareza. Não eram jogos inteiros, e sim situações particulares – posições "teoricamente importantes", que exigiam "um estudo atento". Ficava ali, ouvindo os gritos de bêbados na rua, dominando as

complexidades de posições do xadrez que eram clássicas em sua dificuldade. Uma vez, durante uma briga de amantes em que a mulher ficava gritando: "Estou ficando maluca, porra. Estou ficando *maluca*, porra!", e o homem dizia "Igual à porra da sua irmã", Beth permaneceu deitada no colchão e conseguiu enxergar um modo de promover um peão a dama que nunca tinha visto antes. Era lindo. Funcionaria. Poderia usá-la. "Enfia no cu!", gritou a mulher, e Beth permaneceu deitada, exultante, e caiu no sono, satisfeita.

• • •

Passaram a terceira semana repetindo os jogos de Borgov e terminaram o último depois da meia-noite na quinta-feira. Quando Beth estava analisando a desistência, destacando como Borgov poderia evitar um empate, ela levantou os olhos e viu Benny bocejando. Era uma noite quente e as janelas estavam abertas.

– Shapkin errou no meio do jogo – disse Beth. – Ele deveria ter protegido a ala da dama.

Benny olhou-a sonolento.

– Até eu me canso do xadrez às vezes.

Ela se levantou.

– Está na hora de ir pra cama.

– Não tão depressa. – Benny olhou para ela por um momento e sorriu. – Ainda gosta do meu cabelo?

– Venho tentando aprender a vencer Vasily Borgov. O seu cabelo não tem nenhum papel nisso.

– Gostaria que você fosse para a cama comigo.

Fazia três semanas que estavam juntos e Beth quase havia se esquecido do sexo.

– Estou *cansada* – disse com exasperação.

– Eu também. Mas gostaria que você dormisse comigo.

Ele parecia muito relaxado e agradável. De repente Beth se sentiu afeiçoada a ele.

– Está bem.

De manhã tomou um susto ao acordar com alguém ao seu lado na cama. Benny tinha se virado e ela só conseguia ver as costas pálidas e nuas e um pouco

do cabelo. A princípio ficou tímida e com medo de acordá-lo; sentou-se com cuidado, apoiando as costas na parede. Estar na cama com um homem era mesmo razoável. Fazer amor tinha sido razoável também, embora não tão empolgante quanto havia esperado. Benny não dissera muita coisa. Foi gentil e delicado com ela, mas ainda havia aquela distância. Beth se lembrou de uma expressão dita pelo primeiro homem com quem tinha feito amor: "Cerebral demais." Virou-se para Benny. A pele dele estava bonita com aquela luz; era quase luminosa. Por um momento ela sentiu vontade de abraçá-lo com seu corpo nu, mas se conteve.

Depois de um tempo Benny acordou, rolou até ficar de barriga para cima e piscou para ela. Beth estava com o lençol puxado até em cima, cobrindo seus seios. Depois de um momento, ela disse:

– Bom dia.

Ele piscou de novo.

– Você não deveria tentar a Siciliana contra o Borgov – afirmou. – Ele é bom demais nela.

Passaram a manhã com dois jogos de Luchenko; Benny enfatizou a estratégia no lugar da tática. Estava animado, mas Beth se sentia ressentida de certa forma. Queria algo mais, talvez mais intimidade, e Benny estava lhe passando sermão.

– Você é naturalmente tática – disse. – Mas seu planejamento é capenga.

Beth não disse nada e lidou com o próprio incômodo do melhor modo que pôde. O que ele estava dizendo era verdade, mas o prazer que sentia em apontar o erro era irritante.

Ao meio-dia ele falou:

– Preciso ir a um jogo de pôquer.

Ela levantou os olhos da posição que tinha acabado de analisar.

– Um jogo de pôquer?

– Preciso pagar o aluguel.

Era espantoso. Beth não tinha pensado nele como um apostador. Quando perguntou sobre isso, Benny disse que ganhava mais dinheiro com pôquer e gamão do que com xadrez.

– Você deveria aprender – disse sorrindo. – Você é boa em jogos.

– Então me leve junto.

– São só homens.

Ela franziu a testa.

– Já ouvi isso sobre o xadrez.

– Aposto que sim. Você pode ir e assistir, se quiser. Mas vai ter de ficar calada.

– Quanto tempo vai demorar?

– A noite toda, talvez.

Beth ia perguntar desde quando Benny sabia sobre esse jogo, mas desistiu. Sem dúvida ele sabia desde antes da noite passada. Foram de ônibus pela Quinta Avenida até a 44th Street e andaram até o hotel Algonquin. Benny parecia estar pensando em alguma coisa sobre a qual não estava interessado em falar, e os dois caminharam em silêncio. Beth começou a ficar com raiva de novo; não tinha vindo a Nova York para isso e estava irritada porque Benny não dava explicações nem avisava as coisas antes. O comportamento dele era como sua forma de jogar xadrez: superficialmente fácil e tranquilo, mas complicado e irritante por baixo. Ela não gostava ir atrás dele, mas não queria voltar ao apartamento e estudar sozinha.

O jogo acontecia numa pequena suíte no sexto andar e, como ele havia dito, havia apenas homens. Quatro estavam sentados em volta de uma mesa com xícaras de café, fichas e cartas. Um ar condicionado zumbia ruidoso. Havia outros dois homens que pareciam estar ali à toa. Os jogadores levantaram os olhos quando Benny entrou e o cumprimentaram de modo brincalhão. Benny estava tranquilo e agradável.

– Beth Harmon – disse ele, e os homens assentiram sem reconhecer.

Ele pegou sua carteira e tirou um maço de notas, colocou-as na frente de um lugar vazio à mesa e se sentou, ignorando Beth. Sem saber qual era seu papel em tudo isso, ela foi para o quarto, onde tinha visto um bule de café e xícaras. Pegou uma xícara de café e voltou para a sala. Benny estava com uma pilha de fichas, segurando cartas. O homem à esquerda dele falou em tom monocórdio:

– Aumento.

E jogou uma ficha azul no centro da mesa. Os outros o acompanharam, Benny por último.

Beth ficou longe da mesa, observando. Lembrava-se de quando ficava parada no porão olhando o Sr. Shaibel e da intensidade do seu interesse pelo que ele estava fazendo, mas agora não sentiu nada do tipo. Não queria saber como era o

pôquer, mesmo tendo certeza de que seria boa nisso. Estava furiosa com Benny. Ele continuou jogando sem olhar para ela. Distribuía cartas com habilidade e jogava fichas no centro da mesa com uma elegância silenciosa, às vezes dizendo coisas como "Eu fico" ou "De volta para você". Por fim, quando um dos homens estava distribuindo as cartas, ela deu um tapinha no ombro de Benny e disse baixinho:

– Estou indo.

Ele assentiu.

– Tudo bem.

E dirigiu a atenção de volta para as cartas.

Enquanto descia pelo elevador, ela sentiu vontade de lhe dar uma paulada na cabeça. O filho da puta insensível. Era sexo rápido com ela e depois sair com os rapazes. Benny provavelmente havia planejado isso durante uma semana. Tática e estratégia. Quis matá-lo.

Mas a caminhada pela cidade aliviou sua raiva, e quando chegou ao ônibus na Third Avenue para voltar ao apartamento na 78th Street, estava calma. Sentiu-se até satisfeita por ficar um pouco sozinha. Passou o tempo com o *Chess Informants*, uma nova série de livros da Iugoslávia, repassando as partidas mentalmente.

Benny chegou em algum momento no meio da noite; Beth acordou quando ele se deitou na cama. Achou bom ele ter voltado, mas não queria fazer amor. Felizmente ele não estava interessado. Ela perguntou como havia sido.

– Ganhei quase seiscentos – respondeu ele, satisfeito consigo mesmo.

Ela se virou para o outro lado e tornou a dormir.

Fizeram amor de manhã e ela não gostou muito. Sabia que ainda estava com raiva por causa do jogo de pôquer – não pelo jogo em si, mas pelo modo como ele o havia usado justo quando tinham se tornado amantes. Quando terminaram, ele se sentou na cama e a encarou por um minuto.

– Você está aborrecida comigo, não é?

– Estou.

– É o jogo de pôquer?

– O fato de você não ter me falado sobre ele.

Benny assentiu.

– Desculpe. Eu sou muito distante.

Ela ficou aliviada por ele ter dito isso.

– Acho que eu também.

– Já notei.

Depois do café da manhã ela sugeriu um jogo entre os dois e ele concordou, relutante. Ajustaram o relógio para meia hora, cada um, para mantê-lo curto, e Beth partiu para derrotá-lo com sua Siciliana Levenfish, repelindo suas ameaças com facilidade e atacando o rei dele de maneira implacável. Quando a partida terminou, Benny balançou a cabeça, irônico, e disse:

– Eu precisava daqueles seiscentos dólares.

– Talvez. Mas não teve sensibilidade para escolher o melhor momento de falar.

– Não vale a pena irritar você, não é?

– Quer jogar outra?

Benny deu de ombros e se virou.

– Guarde para o Borgov.

Mas dava para ver que ele teria aceitado se achasse que poderia vencer. Beth se sentiu muitíssimo melhor.

• • •

Continuaram amantes e não jogaram mais, a não ser as partidas dos livros. Alguns dias depois, ele saiu para outro jogo de pôquer, voltou com duzentos dólares e os dois tiveram uma das melhores noites juntos na cama, com o dinheiro ao lado, na mesinha de cabeceira. Beth gostava dele, mas só isso. E na última semana antes de Paris começou a sentir que restava pouca coisa que ele pudesse lhe ensinar.



DOZE

A Sra. Wheatley sempre levava os documentos de adoção e a certidão de nascimento de Beth nas viagens, e Beth continuou com essa prática, se bem que até agora os papéis nunca haviam sido necessários. Na primeira semana em Nova York, Benny a levou ao Rockefeller Center e ela usou os documentos para dar entrada em seu passaporte. O México só exigia um cartão de turista, e a Sra. Wheatley tinha cuidado disso. A caderneta de capa verde e com sua foto de lábios franzidos chegou duas semanas depois. Mesmo não tendo certeza se iria, ela havia mandado a confirmação para Paris alguns dias antes de ir do Kentucky para Ohio.

Quando chegou a hora, Benny a levou de carro até o aeroporto Kennedy e a deixou no terminal da Air France.

– Ele não é invencível – disse Benny. – Você consegue derrotá-lo.

– Veremos. Obrigada pela ajuda.

Beth havia tirado a mala do carro e estava parada junto à janela do motorista. Naquela área era proibido estacionar e ele não podia sair do carro para levá-la.

– Vejo você semana que vem – despediu-se Benny.

Por um momento ela sentiu vontade de se inclinar na janela e beijá-lo, mas se conteve.

– Até lá, então.

Em seguida, pegou a mala e entrou no terminal.

• • •

Dessa vez já esperava sentir a hostilidade sombria provocada pelo simples fato de vê-lo do outro lado da sala, mas estar preparada para isso não a impediu de inspirar com força ao avistá-lo. Ele estava de pé, de costas para ela, conversando com repórteres. Beth desviou o olhar, nervosa, como havia feito na primeira vez, no zoológico da Cidade do México. Ele era apenas mais um homem de terno escuro, mais um russo que jogava xadrez, disse a si mesma. Um dos homens estava fotografando-o enquanto o outro conversava com ele. Beth olhou os três por um tempo e sua tensão se aliviou. Poderia derrotá-lo. Virou-se e foi à mesa se registrar. As partidas começariam dali a vinte minutos.

Era o menor torneio que já tinha visto, nesse edifício antigo e elegante perto da École Militaire. Seis jogadores e cinco partidas – uma por dia durante cinco dias. Se ela ou Borgov perdesse uma partida nas primeiras rodadas, não jogariam um contra o outro, e a concorrência era forte. Mas, por mais forte que fosse, Beth não achava que qualquer um dos dois perderia para algum dos outros jogadores. Passou pela porta do salão do torneio, sem qualquer ansiedade com relação à partida que jogaria nessa manhã ou às dos próximos dias. Só jogaria contra Borgov numa das rodadas finais. Enfrentaria um Grande Mestre holandês dali a dez minutos, jogando de pretas, mas não estava apreensiva.

A França não era conhecida pelo xadrez, mas o salão em que jogariam era lindo. Dois lustres de cristal pendiam do alto teto azul e o tapete com estampa de flores azuis era grosso e luxuoso. Havia três mesas de nogueira polida, cada uma com um cravo cor-de-rosa em um vaso pequeno ao lado do tabuleiro. As cadeiras de antiquário tinham o espaldar alto forrado de veludo azul, combinando com o chão e o teto. Era como um restaurante caro, e os diretores do torneio pareciam garçons bem treinados usando smokings. Tudo era silencioso e tranquilo. Beth havia chegado de Nova York na noite anterior e ainda

não tinha visto quase nada de Paris, mas sentia-se à vontade. Tinha dormido bem no avião e depois de novo no hotel; antes disso tivera cinco sólidas semanas de treino. Nunca se sentira mais preparada.

O holandês jogou a Abertura Réti e ela a tratou como havia feito com Benny, alcançando a igualdade no 9º lance. Começou a atacar antes que ele tivesse chance de fazer roque, a princípio com um sacrifício de bispo e depois obrigando-o a entregar um cavalo e dois peões para defender o rei. No 26º lance, estava ameaçando combinações por todo o tabuleiro, e apesar de jamais conseguir colocar nenhuma delas em prática, a ameaça bastava. Ele foi obrigado a ceder um pouco a cada vez até que, encurralado e irrecuperavelmente em desvantagem, desistiu.

Ao meio-dia Beth estava andando animada pela Rue de Rivoli, aproveitando o sol. Olhou blusas e sapatos nas vitrines e, mesmo não comprando nada, foi prazeroso. Paris era um pouco como Nova York, porém mais civilizada. As ruas eram limpas e as vitrines luminosas; havia verdadeiros cafés de calçada e pessoas sentadas neles, se divertindo, falando francês. Ela estivera tão envolvida no xadrez que só agora percebia: estava mesmo em Paris! Isso era Paris, essa avenida onde estava andando; aquelas mulheres lindamente vestidas que vinham na sua direção eram francesas, *parisiennes*, e ela própria tinha 18 anos e era campeã de xadrez dos Estados Unidos. Por um momento, sentiu uma pressão jubilosa no peito e diminuiu o passo. Dois homens estavam passando por ela, as cabeças inclinadas, conversando, e ela ouviu um deles dizer: "... *avec deux parties seulement*." Eram franceses, e ela entendia as palavras! Parou de andar e se deteve um momento, olhado os belos prédios cinzentos do outro lado da avenida, a luz nas árvores, os cheiros estranhos dessa cidade humana. Um dia poderia ter um apartamento aqui, no Boulevard Raspail ou na Rue des Capucines. Quando tivesse 20 e poucos anos poderia ser campeã mundial e morar onde quisesse. Poderia ter um *pied à terre* em Paris e ir a concertos e peças de teatro, almoçar todo dia num café diferente e se vestir como aquelas mulheres que passavam por ela, tão seguras de si, tão elegantes em suas roupas bem-feitas, de cabeça erguida e com o cabelo impecavelmente cortado, penteado e arrumado. Beth tinha algo que nenhuma delas tinha, e isso poderia lhe dar uma vida invejável. Benny estivera certo em instigá-la a jogar aqui e depois, no próximo verão, em Moscou.

Não havia nada para segurá-la no Kentucky, em sua casa; tinha possibilidades infinitas.

Caminhou durante horas pelos bulevares, sem parar para comprar nada, só olhando as pessoas, os prédios, as lojas, os restaurantes, as árvores e as flores. Esbarrou acidentalmente numa senhora idosa enquanto atravessava a Rue de la Paix e se pegou dizendo "*Excusez-moi, madame*" com tanta facilidade como se tivesse falado francês a vida toda.

Às quatro e meia haveria uma recepção no local do torneio. Beth teve dificuldade para encontrar o caminho de volta e chegou dez minutos atrasada, sem fôlego. Todas as mesas de jogo tinham sido empurradas para as laterais do salão e as cadeiras foram postas junto às paredes. Ela foi levada até um lugar perto da porta e recebeu uma pequena xícara de *café filtre*. Um carrinho de bolinhos e doces foi trazido, com os doces mais bonitos que ela já vira. Sentiu uma tristeza momentânea, desejando que Alma Wheatley pudesse estar ali para vê-los. No momento em que ia pegar um mil-folhas no carrinho, Beth ouviu uma gargalhada do outro lado da sala e levantou os olhos. Ali estava Vasily Borgov, segurando uma xícara de café. As pessoas dos dois lados se inclinavam na direção dele, cheias de expectativa, compartilhando sua diversão. O rosto dele estava distorcido com uma alegria vistosa. Beth sentiu a barriga congelar.

Naquela noite, voltou andando para o hotel e, soturna, jogou uma dezena de partidas de Borgov – partidas que ela já conhecia detalhadamente por tê-las estudado com Benny. Foi para a cama às onze horas; não tomou nenhum comprimido e dormiu maravilhosamente bem. Fazia onze anos que Borgov era Grande Mestre internacional e cinco que era campeão mundial, mas dessa vez ela não seria passiva contra ele. Não importava o que acontecesse, não seria humilhada. E teria uma vantagem nítida: ele não estaria tão preparado para ela quanto ela estava para ele.

• • •

Continuou com as vitórias, derrotando um francês no dia seguinte e um inglês no outro. Borgov também venceu as partidas dele. No penúltimo dia, quando estava jogando com outro holandês – mais velho e mais experiente –, Beth pegou-se na mesa perto da de Borgov. Vê-lo tão próximo a distraiu por alguns

instantes, mas ela conseguiu ignorar a sensação. O holandês era um jogador forte e ela se concentrou na partida. Quando terminou, forçando uma desistência depois de quase quatro horas, levantou os olhos e viu que as peças tinham sumido da mesa ao lado e Borgov havia ido embora.

Ao sair, parou junto à mesa da entrada e perguntou com quem jogaria na manhã seguinte. O diretor folheou os papéis e deu um sorriso amarelo.

– Com o Grande Mestre Borgov, *mademoiselle*.

Ela tinha esperado por isso, mas ficou sem fôlego ao escutar.

Naquela noite tomou três tranquilizantes e foi para a cama cedo, sem saber se conseguiria relaxar o suficiente para dormir. Mas dormiu maravilhosamente bem e acordou revigorada às oito horas, sentindo-se confiante, inteligente e preparada.

• • •

Quando Beth entrou e o viu sentado à mesa, ele não pareceu tão desafiador. Estava usando o terno escuro de sempre, com o cabelo preto e grosso bem penteado para trás. O rosto, como sempre, era impassível, mas não parecia ameaçador. Ele se levantou educadamente, e quando Beth estendeu a mão ele a apertou, mas não sorriu. Beth iria jogar de brancas. Quando os dois se sentaram ele apertou o botão do relógio dela.

Beth já tinha decidido o que fazer. Apesar do conselho de Benny, jogaria peão quatro do rei e torceria pela Siciliana. Tinha estudado todos os jogos publicados em que Borgov jogara essa defesa. Fez isso, pegando o peão e colocando-o na quarta casa. E quando ele avançou seu peão do bispo da dama, ela sentiu uma vibração agradável. Estava preparada. Jogou seu cavalo na casa três do bispo do rei; ele levou o dele para a três do bispo da dama, e na sexta jogada os dois entraram na variante Boleslavski. Ela conhecia, lance a lance, oito partidas em que Borgov tinha jogado essa variante, tinha estudado cada uma delas com Benny, analisando-as de um modo implacável. Ele começou a variante com peão quatro do rei no 6º lance; ela jogou cavalo três do cavalo com a certeza de que estava certa, depois olhou para ele do outro lado do tabuleiro. Borgov estava com uma das bochechas apoiada no punho, olhando o tabuleiro como qualquer outro jogador de xadrez. Ele era forte, imperturbável e ardiloso, mas

não havia feitiçaria em seu jogo. Ele pôs o bispo na casa dois do rei sem olhá-la. Beth rocou. Ele rocou. Ela olhou em volta, o salão luminoso e lindamente mobiliado em que estava, com dois outros jogos de xadrez acontecendo silenciosamente.

No 15º lance, ela começou a ver combinações se abrindo dos dois lados, e no 20º ficou pasma com sua própria clareza. Sua mente se movia com facilidade, escolhendo o caminho delicadamente através da combinação de jogadas. Começou a pressioná-lo ao longo da coluna do bispo da dama, ameaçando um ataque duplo. Ele se esquivou e ela reforçou seus peões centrais. Sua posição foi se abrindo cada vez mais, e as possibilidades de ataque aumentavam, embora Borgov parecesse sempre se esquivar deles na última hora. Ela sabia que isso poderia acontecer e não se desanimou; sentia possuir uma capacidade inesgotável de encontrar lances fortes e ameaçadores. Nunca havia jogado melhor. Iria forçá-lo com uma série de ameaças para comprometer sua posição, depois montaria ameaças duplas e triplas, que ele não poderia evitar. O bispo da dama dele já estava trancado por lances que Beth havia forçado, e a dama dele estava atada à proteção de uma torre. As peças de Beth se libertavam cada vez mais a cada lance. Sua capacidade de encontrar ameaças parecia não ter fim.

Olhou ao redor de novo. As outras partidas tinham terminado. Isso era uma surpresa. Beth olhou seu relógio. Passava da uma da tarde. Os dois estavam jogando havia mais de três horas. Voltou a atenção para o tabuleiro, estudou-o por alguns minutos e levou sua dama para o centro. Estava na hora de aplicar mais pressão. Olhou para Borgov do outro lado da mesa.

Ele estava inabalável como sempre. Não cruzava seu olhar com o dela, continuava fixo no tabuleiro, examinando seu lance com a dama. Então ele deu de ombros quase imperceptivelmente e atacou a dama com uma torre. Beth sabia que ele poderia fazer isso e sua resposta já estava preparada. Interpôs um cavalo, ameaçando um xeque que tomaria a torre. Agora ele precisaria mover o rei e ela levaria a dama para a coluna da torre. Podia ver meia dúzia de maneiras de ameaçá-lo a partir dali, com ameaças mais urgentes do que as que vinha criando.

Borgov jogou imediatamente e não moveu seu rei. Apenas avançou um peão da torre. Beth precisou examinar o lance por cinco minutos antes de ver o que ele estava tramando. Se desse xeque, ele deixaria que ela tomasse a torre e depois posicionaria o bispo à frente do peão que tinha acabado de avançar, e ela teria

que mover sua dama. Prendeu o fôlego, alarmada. Sua torre na primeira fileira cairia, e junto com ela dois peões. Seria desastroso. Precisava recuar a dama para um lugar de onde ela pudesse escapar. Trincou os dentes e moveu-a.

Mesmo assim Borgov trouxe o bispo para a casa em que o peão o protegia. Beth olhou para o bispo por um momento antes que o significado daquilo ficasse claro; qualquer um dos vários lances que ela poderia fazer para deslocá-lo iria lhe custar de algum modo, e se o deixasse ali ele reforçaria tudo na posição de Borgov. Olhou para o rosto dele. Agora ele estava encarando-a com uma sugestão de um sorriso. Ela olhou rapidamente de volta para o tabuleiro.

Tentou contrapor um de seus bispos, mas ele o neutralizou com um lance de peão que bloqueava a diagonal. Beth havia jogado lindamente, ainda estava jogando lindamente, mas ele estava jogando melhor. Ela precisaria atacar com mais força.

Atacou com mais força e encontrou lances excelentes, os melhores que já havia encontrado na vida, mas não eram suficientes. No 35º lance, sua garganta estava seca, e o que via à frente no tabuleiro era a desorganização de sua posição e a força crescente da de Borgov. Era incrível. Ela estava jogando seu melhor xadrez e ele a estava derrotando.

No 38º lance, ele colocou a torre na segunda horizontal dela, para a primeira ameaça de mate. Beth podia ver com clareza suficiente como neutralizar o golpe, mas por trás dele havia mais e mais ameaças que iriam levá-la ao xeque-mate, tomar sua dama ou dar a ele uma segunda dama. Ficou nauseada. Por um momento ficou tonta só de olhar o tabuleiro, a manifestação visível da sua própria impotência.

Não tombou seu rei. Levantou-se e, olhando o rosto sem emoção de Borgov, disse:

– Desisto.

Borgov assentiu. Ela se virou e saiu da sala, sentindo-se fisicamente doente.

• • •

O avião de volta para Nova York parecia uma armadilha; em sua poltrona na janela, Beth não conseguia escapar da lembrança do jogo, não conseguia parar de repassá-lo na mente. Várias vezes a aeromoça lhe ofereceu uma bebida, mas ela se

obrigou a recusar. Queria demais aceitar; era assustador. Tomou tranquilizantes, mas o nó no estômago não foi embora. Não tinha cometido nenhum erro. Tinha jogado extraordinariamente bem. Mas no final sua posição estava uma bagunça e Borgov se comportava como se aquilo não fosse nada.

Não queria ver Benny. Tinham combinado que ela telefonaria para ele ir pegá-la, mas não queria voltar ao apartamento dele. Fazia oito semanas desde que tinha saído de casa em Lexington; voltaria e lamberia as feridas por um tempo. O valor do terceiro lugar em Paris era surpreendentemente bom; poderia se dar ao luxo de uma passagem rápida por Lexington. E ainda havia documentos a assinar com o advogado. Ficaria uma semana e voltaria para continuar estudando com Benny. Mas o que mais tinha a aprender com ele? Lembrando por um momento todo o trabalho que fizera preparando-se para Paris, ficou nauseada outra vez. Afastou a sensação com certo esforço. O principal era se preparar para Moscou. Ainda havia tempo.

Ligou para Benny do aeroporto Kennedy e contou que tinha perdido o último jogo, que Borgov havia jogado melhor que ela. Benny foi solidário, mas um tanto distante, e quando ela disse que ia passar um tempo em casa ele pareceu irritado.

– Não desista – disse. – Um jogo perdido não significa nada.

– Não estou desistindo.

• • •

Na pilha de correspondências que a esperava em casa estavam várias cartas de Michael Chennault, o advogado que deveria cuidar da escritura da casa. Parecia haver algum tipo de problema; ela ainda não tinha o título de posse ou algo assim. Allston Wheatley estava criando dificuldades. Sem abrir o restante da correspondência, foi ao telefone e ligou para o escritório de Chennault.

A primeira coisa que ele disse ao atender foi:

– Tentei falar com você três vezes ontem. Onde você estava?

– Em Paris. Jogando xadrez.

– Que ótimo deve ser. – Ele fez uma pausa. – É o Wheatley. Ele não quer assinar.

– Assinar o quê?

– A escritura. Você pode vir até aqui? Precisamos dar um jeito.

– Não vejo por que você precisa de mim. Você é o advogado. Ele me disse que assinaria o que fosse necessário.

– Ele mudou de ideia. Talvez você possa falar com ele.

– Ele está *aí*?

– Não no escritório. Mas na cidade. Acho que você poderia olhá-lo nos olhos e fazê-lo lembrar que é filha legal dele...

– Por que ele não quer assinar?

– Dinheiro. Ele quer vender a casa.

– Vocês dois podem vir aqui amanhã?

– Verei o que posso fazer – disse o advogado.

Beth olhou a sala ao redor antes de desligar. A casa ainda pertencia a Wheatley. Era um choque. Ela mal o vira ali e, no entanto, era *dele*. Beth não queria que ele ficasse com a casa.

Apesar de ser uma tarde quente de julho, Allston Wheatley estava usando terno, um terno de tweed cinza, e quando se sentou no sofá puxou os vincos das pernas da calça, mostrando a brancura das canelas finas acima das meias bege. Ele havia morado naquela casa durante dezesseis anos, mas não demonstrava nenhum interesse por nada que houvesse nela. Entrou como um estranho, com uma expressão que poderia ser de raiva ou desculpas, sentou-se numa extremidade do sofá, puxou as pernas da calça um pouquinho para cima e ficou calado.

Alguma coisa nele deixou Beth nauseada. Sua aparência era exatamente a mesma de quando ela o vira pela primeira vez, quando ele fora à sala da Sra. Deardorff com a Sra. Wheatley para vê-la.

– O Sr. Wheatley tem uma proposta, Beth – estava dizendo o advogado. Ela olhou o rosto de Wheatley, virado ligeiramente para o outro lado. – Você pode morar aqui enquanto estiver procurando algum lugar permanente.

Por que não era Wheatley que estava dizendo isso?

O embaraço de Wheatley a deixou com vergonha por ele, como se ela própria estivesse sem graça.

– Achei que eu poderia ficar com a casa se fizesse os pagamentos – disse ela.

– O Sr. Wheatley diz que você o interpretou mal.

Por que o advogado *dela* estava falando por ele? Por que ele não podia

arrumar seu próprio advogado, pelo amor de Deus? Beth olhou-o e viu que ele estava acendendo um cigarro, o rosto ainda inclinado para o outro lado, com uma expressão de dor.

– Ele diz que só estava permitindo que você ficasse na casa até se estabelecer em algum lugar.

– Não é verdade. Ele disse que eu podia *ficar* com ela... – De repente foi como se algo a acertasse com força total, e ela se virou para Wheatley. – Eu sou sua *filha*. O senhor me adotou. Por que não quer falar comigo?

Ele a olhou como um coelho assustado.

– Alma – respondeu. – Alma queria um filho...

– O senhor assinou os documentos – interrompeu Beth. – O senhor assumiu a responsabilidade. Não consegue nem olhar para mim?

Allston Wheatley se levantou e atravessou a sala indo até a janela. Quando se virou, de algum modo tinha se recomposto e parecia furioso.

– Alma quis adotar você. Eu não. Você não tem o direito de ficar com tudo que eu tenho só porque eu assinei umas porcarias de papéis para calar a boca de Alma. – Ele se virou de volta para a janela. – Não que isso tenha dado certo.

– O senhor me adotou. Eu não pedi isso. – Ela teve uma sensação de engasgo na garganta. – Legalmente o senhor é meu pai.

Quando Wheatley se virou e olhou para ela, Beth ficou chocada ao ver como o rosto dele estava contorcido.

– O dinheiro dessa casa é meu, e nenhuma órfã espertinha vai tirá-lo de mim.

– Não sou órfã. Sou sua filha.

– Para mim, não é, não. Estou cagando para o que a porcaria do seu advogado diz. Estou cagando para o que Alma dizia também. Aquela mulher não conseguia ficar de boca *calada*.

Durante um tempo ninguém falou nada. Por fim Chennault perguntou em voz baixa:

– O que o senhor quer de Beth, Sr. Wheatley?

– Quero ela fora daqui. Vou vender a casa.

Beth olhou para ele por um momento antes de falar.

– Então venda para mim.

– O que você está dizendo? – perguntou Wheatley.

– Eu compro. Pago o valor da hipoteca.

– Ela vale mais do que isso atualmente.

– Quanto mais?

– Preciso de 7 mil.

Beth sabia que a hipoteca valia menos de cinco.

– Está bem – disse.

– Você tem esse dinheiro?

– Tenho. Mas vou descontar o que paguei pelo enterro da minha mãe. Vou lhe mostrar os recibos.

Allston Wheatley suspirou como um mártir.

– Está bem – respondeu. – Vocês dois podem preparar os papéis. Vou voltar para o hotel. – Ele foi até a porta. – Está quente aqui dentro.

– O senhor podia ter tirado o paletó – disse Beth.

• • •

Com isso lhe restavam 2 mil no banco. Beth não gostava de ter tão pouco, mas tudo bem. Haviam chegado pelo correio convites para jogar em dois torneios fortes, com prêmios bons em dinheiro. Mil e quinhentos em um e 2 mil no outro. E havia o grosso envelope da Rússia, convidando-a para Moscou em julho.

Quando voltou com sua cópia dos documentos assinados, andou várias vezes pela sala, passando a mão de leve sobre os móveis. Wheatley não tinha dito nada sobre os móveis, mas eram dela. Tinha perguntado ao advogado. Wheatley nem havia aparecido, e Chennault levara os documentos ao hotel Phoenix para ele assinar enquanto ela esperava no escritório, lendo a *National Geographic*. A casa estava diferente, agora que era dela. Compraria alguns móveis novos: um sofá bom, baixo, e duas poltronas pequenas e modernas. Podia vê-las, com estofado de linho azul-claro e debruns de um azul mais escuro. Não o azul da Sra. Wheatley, mas o dela. Azul da Beth. Queria cores mais claras na sala de estar, mais alegres. Queria apagar a presença meio irreal da Sra. Wheatley. Compraria um tapete claro e mandaria lavar as janelas. Compraria um aparelho de som e alguns discos, uma colcha e fronhas novas para a cama no andar de cima. Na Purcell's. A Sra. Wheatley tinha sido uma boa mãe; não tinha pretendido morrer e deixá-la sozinha.

• • •

Dormiu bem e acordou sentindo raiva. Vestiu o roupão de chenile, desceu calçando chinelos – os chinelos da Sra. Wheatley – e se pegou pensando furiosamente nos 7 mil dólares pagos a Allston Wheatley. Beth amava seu dinheiro; ela e a Sra. Wheatley sentiam um prazer imenso em acumulá-lo de torneio em torneio, vendo-o render juros. Sempre abriam juntas os extratos bancários de Beth para ver quantos juros tinham sido creditados na conta. E depois da morte da Sra. Wheatley, ela havia se consolado ao saber que continuaria morando na casa, fazendo compras no supermercado e indo ao cinema quando quisesse sem sentir que estava sem dinheiro ou precisando pensar em trabalhar, cursar faculdade ou encontrar torneios para vencer.

Tinha trazido de Nova York três livretos de Benny; enquanto os ovos cozinhavam, arrumou o tabuleiro na mesa da cozinha e pegou o livreto com jogos do último Moscow Invitational. Os livretos russos eram impressos em papel caro, com tipologia boa, nítida. Beth não havia dominado bem o russo com o curso noturno na faculdade, mas conseguia ler com facilidade os nomes e as notações. Mas os caracteres cirílicos eram irritantes. Sentiu raiva ao pensar que o governo soviético investia muito dinheiro no xadrez e que eles até mesmo usavam um alfabeto diferente do dela. Quando os ovos ficaram prontos, descascou-os numa tigela com manteiga e começou a jogar uma partida entre Petrosian e Tal. Defesa Grünfeld. Variante semieslava. Levou-a até o 8º lance das pretas, cavalo do rei na casa dois da dama, e ficou entediada. Estivera movendo as peças depressa demais para analisar as jogadas, sem parar, como Benny a obrigaria a fazer, para investigar tudo que estava acontecendo no tabuleiro. Terminou a última colherada de ovo e saiu para o quintal pela porta de trás.

Era uma manhã quente. A grama estava alta demais, quase cobrindo o pequeno caminho de tijolos que ia até algumas roseiras desenxabidas. Voltou para a casa e jogou a torre branca na casa um da dama e ficou olhando. Não queria estudar xadrez. Isso era assustador; havia uma quantidade gigantesca de estudo pela frente se quisesse evitar a humilhação em Moscou. Empurrou o medo para longe e subiu para tomar banho. Enquanto enxugava o cabelo, viu com uma espécie de alívio que precisava cortá-lo. Seria algo para fazer hoje. Depois poderia ir à Purcell's olhar os sofás para a sala. Mas não seria sensato

comprar nada agora – pelo menos não até ter mais dinheiro. E como poderia dar um jeito para cortar a grama? Um garoto fazia isso para a Sra. Wheatley, mas ela não sabia seu número de telefone nem seu endereço.

Precisava limpar a casa. Havia teias de aranha, lençóis e fronhas velhas. Seria bom ter roupa de cama nova. Algumas roupas novas, também. Harry Beltik tinha deixado o aparelho de barbear no banheiro; será que deveria mandá-lo pelo correio? O leite tinha azedado e a manteiga estava velha. O congelador estava cheio de gelo com uma pilha de antigas refeições de frango congeladas, presas no fundo. O tapete do quarto estava empoeirado e as janelas tinham marcas de dedos no vidro e sujeira nos parapeitos.

Beth afastou a confusão da cabeça do melhor modo que pôde e marcou um corte de cabelo com Roberta para as duas horas. Perguntaria onde arranjar uma faxineira por algumas semanas. Iria à Morris's encomendar alguns livros e almoçaria no Toby's.

Mas, naquele dia, o vendedor que sempre a atendia não estava na Morris's, e a mulher que o substituíra não sabia nada sobre encomendar livros de xadrez. Beth conseguiu fazer com que ela encontrasse um catálogo e encomendou três sobre a Defesa Siciliana. Precisava de livros sobre jogos de Grandes Mestres e dos *Chess Informants*. Mas não sabia que editora iugoslava publicava o *Chess Informant*; a nova funcionária também não sabia. Era irritante. Precisava ter uma biblioteca tão boa quanto a de Benny. Melhor até. Pensando nisso, finalmente percebeu, com raiva, que poderia voltar a Nova York, esquecer toda essa confusão e continuar com Benny a partir de onde haviam parado. Mas o que Benny poderia lhe ensinar agora? O que qualquer americano poderia lhe ensinar? Tinha superado todos eles. Estava sozinha. Precisaria atravessar sozinha o desfiladeiro que separava o xadrez americano do russo.

No Toby's, o maître a conhecia e a colocou numa mesa boa perto da frente. Beth pediu *asperges vinaigrette* como entrada e disse ao garçom que depois pediria escolheria o prato principal.

– Gostaria de um coquetel? – perguntou ele, afável.

Ela olhou o restaurante silencioso ao redor, as pessoas almoçando, a mesa com sobremesas perto do cordão de veludo junto à entrada do salão de jantar.

– Um Gibson – pediu. – Com gelo.

A bebida chegou quase imediatamente. Era maravilhosa de olhar. A taça era

transparente e limpa; o gim dentro estava cristalino; as cebolas brancas eram como duas pérolas. Quando a provou, seu lábio superior ardeu, depois sua garganta, com uma provocação doce enquanto descia. O efeito em seu estômago tenso foi notável; tudo nela era recompensador. Beth terminou a bebida devagar, e a fúria profunda dentro dela começou a diminuir. Pediu outro. Nas sombras da outra extremidade do salão alguém estava tocando um piano. Beth olhou seu relógio. Faltavam quinze para o meio-dia. Era bom estar viva.

Não chegou a pedir o prato principal. Saiu do Toby's às duas horas, franzindo os olhos ao sol, e atravessou a Main passando entre os carros até a loja de vinhos David Manly's. Usando dois cheques de viagem de Ohio, comprou uma caixa de Paul Masson tinto, quatro de gim Gordon's e uma garrafa de vermute Martini & Rossi e pediu para o Sr. Manly chamar um táxi. Sua fala estava clara e afiada; o passo era firme. Tinha comido seis aspargos e bebido quatro Gibsons. Tinha flertado com o álcool durante anos. Estava na hora de consumar o relacionamento.

O telefone tocava quando Beth entrou, mas ela não atendeu. O chofer a ajudou com a caixa de vinho e ela lhe deu um dólar de gorjeta. Quando ele se foi, ela pegou as garrafas, uma de cada vez, e as arrumou no armário acima da torradeira, na frente das velhas latas de macarrão e molho da Sra. Wheatley. Depois abriu uma garrafa de gim e torceu a tampa da de vermute. Nunca tinha feito um coquetel. Serviu gim no copo e acrescentou um pouco de vermute, mexendo com uma colher da Sra. Wheatley. Levou a bebida cuidadosamente para a sala de estar, sentou-se e tomou um longo gole.

• • •

As manhãs eram terríveis, mas ela dava um jeito. No terceiro dia, foi ao Kroger's e comprou três dúzias de ovos e um suprimento de refeições congeladas. Depois disso sempre comia dois ovos antes da primeira taça de vinho. Ao meio-dia geralmente já estava apagada. Acordava no sofá ou numa poltrona com os membros rígidos e a nuca úmida de suor quente. Às vezes, com a cabeça rodando, sentia no fundo do estômago uma raiva intensa como a dor de um abscesso no maxilar: uma dor de dente tão forte que nada além da bebida era capaz de aliviar. Às vezes a bebida precisava ser forçada contra uma rejeição do

corpo, mas ela bebia. Engolia e esperava, e os sentimentos diminuíam um pouco. Era como diminuir o volume.

Na manhã de sábado, derramou vinho no tabuleiro de xadrez na cozinha e na segunda-feira esbarrou na mesa por acaso e derrubou algumas peças no chão. Deixou-as ali e só as pegou na quinta-feira, quando finalmente o rapaz foi cortar a grama. Ficou deitada no sofá bebendo a última garrafa da caixa e ouvindo o ruído do cortador, sentindo o cheiro da grama aparada. Depois de pagar a ele, saiu para o cheiro de grama recém-cortada e olhou o quintal com os montes de aparas. Sentiu-se tocada ao vê-lo tão mudado, tão diferente do que estava antes. Voltou para dentro, pegou a bolsa e chamou um táxi. A lei não permitia entregas de vinho ou destilados. Ela mesma precisaria comprar outra caixa. Seria mais inteligente pegar duas. E experimentaria Almadén. Alguém tinha dito que o Almadén tinto era melhor do que o Paul Masson. Iria experimentar. Talvez algumas garrafas de vinho branco também. E precisava de comida.

Os almoços saíam de uma lata. O chili era razoável se você colocasse pimenta e comesse com uma taça de vinho tinto. O Almadén era melhor do que o Paul Masson, menos adstringente na língua. Mas os Gibsons eram capazes de acertá-la como um porrete, e Beth passou a ter cuidado com eles, guardando-os para logo antes de apagar ou, às vezes, para bebê-los de manhã. Na terceira semana, começou a levar um Gibson para a cama nas noites em que conseguia subir. Colocava-o na mesinha de cabeceira com um exemplar do *Chess Informant* em cima, para impedir o álcool de evaporar, e o bebia quando acordava no meio da noite. Ou, se isso não acontecesse, tomava o drinque de manhã, antes de descer.

Às vezes o telefone tocava, mas ela só atendia quando sua cabeça e a voz estavam claras. Sempre falava em voz alta, para verificar o nível de sobriedade, antes de atender. Dizia:

– O princípio principal do príncipe principiava principalmente no princípio principesco da princesa.

Se o trava-língua saísse direito, ela atendia ao telefone. Uma mulher ligou de Nova York, querendo que ela aparecesse no *Tonight Show*. Beth recusou.

Só na terceira semana bebendo ela examinou a pilha de revistas que tinham chegado enquanto estava em Nova York, e encontrou a *Newsweek* com sua foto. Tinham lhe dado uma página inteira na seção de "Esportes". A foto a mostrava jogando contra Benny, e Beth se lembrou do momento em que ela havia sido

tirada, durante a abertura da partida. A posição das peças no tabuleiro de exibição era visível na foto, e Beth viu que sua memória estava certa, tinha acabado de fazer seu 4º lance. Benny parecia pensativo e distante, como sempre. A matéria dizia que ela era a mulher mais talentosa desde Vera Menchik. Lendo aquilo meio bêbada, Beth ficou chateada com o espaço dado a Menchik, falando da morte dela em 1944 num bombardeio em Londres, antes de dizer que Beth jogava melhor. E o que o fato de serem mulheres tinha a ver com isso? Ela era melhor do que qualquer jogador homem nos Estados Unidos. Lembrou-se da entrevistadora da *Life* e das perguntas sobre ela ser mulher num mundo masculino. Para o diabo; aquele mundo não *seria* masculino quando ela terminasse. Era meio-dia e Beth pôs uma panela de espaguete enlatado para esquentar antes de ler o resto da matéria. O último parágrafo era o mais forte.

Aos 18 anos, Beth Harmon se estabeleceu como a rainha do xadrez nos Estados Unidos. Ela pode ser a jogadora mais talentosa desde Morphy ou Capablanca; ninguém sabe ao certo quão talentosa ela é – qual é o potencial guardado naquele corpo jovem com um cérebro brilhante. Para descobrir, para mostrar ao mundo se os Estados Unidos superaram seu status inferior no mundo do xadrez, ela precisará ir aonde estão os maiores. Precisará ir à União Soviética.

Beth fechou a revista e serviu uma taça de Almadén Mountain Chablis para beber com o espaguete. Eram três da tarde e fazia um calor furioso. E o vinho estava acabando; só restavam duas garrafas na prateleira acima da torradeira.

• • •

Uma semana depois de ler a matéria na *Newsweek*, Beth acordou na quinta-feira enjoada demais para sair da cama. Quanto tentou se sentar, não conseguiu. Sua cabeça e seu estômago latejavam. Ainda estava com os jeans e a camiseta da noite anterior e se sentia sufocada com eles. Mas não conseguia tirá-los. A camisa estava grudada na parte de cima do corpo e ela se sentia fraca demais para puxá-la pela cabeça. Havia um Gibson na mesinha de cabeceira. Conseguiu rolar e pegá-lo com as duas mãos. Tomou metade antes de começar a ter ânsias de vômito. Por um momento pensou que estava sufocando, mas a respiração retornou e ela terminou de tomar a bebida.

Estava aterrorizada. Sozinha naquela fornalha de quarto e com medo de

morrer. Seu estômago parecia em carne viva e todos os órgãos doíam. Será que tinha se envenenado com vinho e gim? Tentou se levantar de novo e, com o gim no corpo, conseguiu. Ficou sentada por alguns instantes, se acalmando, antes de ir cambaleando até o banheiro e vomitar. Isso pareceu limpá-la. Conseguiu tirar a roupa, e, com medo de escorregar no chuveiro e quebrar o quadril como acontecia com as velhas sem firmeza, encheu a banheira com água morna e entrou. Deveria ligar para McAndrews, o antigo médico da Sra. Wheatley, e marcar uma consulta por volta do meio-dia. Se conseguisse chegar ao consultório. Isso era mais do que uma ressaca. Ela estava doente.

Mas no andar de baixo, depois do banho, sentiu-se mais firme e comeu dois ovos sem dificuldade. Agora a ideia de pegar o telefone e ligar para alguém parecia distante. Havia uma barreira entre ela e qualquer mundo ao qual o telefone pudesse conectá-la; não conseguia penetrar essa barreira. Ficaria bem. Beberia menos, diminuiria o ritmo. Talvez sentisse vontade de ligar para McAndrews depois de uma bebida. Serviu-se de uma taça de chablis e começou a beber. O vinho a curou como o remédio mágico que era.

• • •

Na manhã seguinte, enquanto tomava o café da manhã, o telefone tocou e ela atendeu sem pensar. Alguém chamado Ed Spencer estava do outro lado da linha; Beth demorou um momento para lembrar que ele era o diretor do torneio local.

– É sobre amanhã – disse ele.

– Amanhã?

– O torneio. Nós estivemos pensando se você poderia chegar uma hora antes. O jornal de Louisville vai mandar um fotógrafo e nós achamos que a WLEX mandará alguém. Será que você poderia chegar às nove?

O coração de Beth ficou apertado. Ele estava falando do campeonato estadual do Kentucky. Ela havia esquecido completamente. Deveria defender seu título. Deveria ir na manhã do dia seguinte ao Colégio Henry Clay, quando começaria o torneio de dois dias. Sua cabeça latejava, e a mão segurando a xícara de café estava trêmula.

– Não sei – respondeu. – Posso ligar de volta daqui a uma hora?

– Claro, Srta. Harmon.

Beth estava apavorada e não queria jogar xadrez. Não olhava um livro de xadrez nem tocava em suas peças desde que tinha comprado a casa de Allston Wheatley. Não queria nem pensar em xadrez. A garrafa da noite anterior ainda estava na bancada junto da torradeira. Serviu meia taça, mas, quando bebeu, o vinho ardeu na boca, com um gosto horrível. Deixou a taça na pia e pegou suco de laranja na geladeira. Se não clareasse a cabeça e jogasse o torneio, no dia seguinte estaria apenas mais bêbada e mais doente. Terminou o suco de laranja e subiu a escada, pensando em todo o vinho que estivera bebendo, lembrando-se dele na boca do estômago. Suas entranhas pareciam imundas e violadas. Precisava de um banho quente e de roupas limpas.

Seria um desperdício. Beltik não estaria lá e não havia ninguém tão bom quanto ele. O Kentucky não era nada no xadrez. Parada nua no banheiro, começou a repassar a variante Levenfish da Siciliana, franzindo os olhos e visualizando as peças num tabuleiro imaginário. Fez os primeiros doze lances sem um único erro, ainda que não visse as peças com a mesma nitidez de um ano atrás. Hesitou depois do 18º lance, em que as pretas jogavam peão quatro do cavalo e alcançavam a igualdade. Smyslov-Botvinnik, 1958. Tentou jogar o restante da partida, mas sua cabeça estava doendo. E depois de parar para tomar duas aspirinas não tinha certeza de onde os peões deveriam estar. Mas tinha acertado as primeiras dezoito jogadas. Ficaria sóbria hoje e jogaria amanhã. Quando vencera o campeonato estadual pela segunda vez, dois anos antes, tinha sido simples. Depois de ela própria, e talvez de Harry, não havia nenhum jogador forte realmente no Kentucky. Goldmann e Sizemore não eram problema.

Quando o telefone tocou de novo, ela disse a Ed Spencer que estaria lá às nove e meia. Meia hora seria tempo suficiente para as fotos.

• • •

No fundo da mente, Beth tinha torcido para que Townes aparecesse com sua máquina fotográfica, mas não havia sinal dele. O homem de Louisville também não estava lá. Ela posou junto ao Tabuleiro Um para uma fotógrafa do *Herald-Leader*, deu uma entrevista de três minutos para um homem da uma estação de TV local e pediu licença para dar uma caminhada no quarteirão antes do início do torneio. Tinha conseguido passar o dia anterior sem beber e dormido bastante

bem com a ajuda de três comprimidos verdes, mas seu estômago estava embrulhado. Ainda era de manhã, mas o sol estava quente demais. Pegou-se começando a suar depois de uma volta no quarteirão. Seus pés doíam. Aos 18 anos, sentia-se com 40. Teria que parar de beber. Seu primeiro oponente era alguém chamado Foster, com pontuação na casa dos 1800. Beth jogaria de pretas, mas deveria ser fácil – especialmente se ele tentasse jogar peão quatro do rei e a deixasse entrar na Siciliana.

Foster parecia bastante calmo, considerando que estava jogando contra a campeã dos Estados Unidos em sua primeira partida. Teve o bom senso de não abrir com o peão do rei contra ela. Jogou peão quatro da dama e ela decidiu evitar o Gambito da Dama e tentar levá-lo para um território desconhecido com a Defesa Holandesa. Isso significava peão quatro bispo do rei. Seguiram com os lances tradicionais por um tempo até que, de algum modo, ela se pegou entrando na formação Stonewall, o muro de pedra. Era uma posição da qual não gostava particularmente, e depois de considerar o aspecto do tabuleiro começou a sentir-se irritada consigo mesma. A coisa certa a fazer era abrir a posição e partir para a garganta de Foster. Estivera apenas embromando e queria terminar logo com aquilo. Sua cabeça ainda doía e ela estava desconfortável, mesmo na boa cadeira giratória. Havia espectadores demais no salão. Foster era um louro pálido de 20 e poucos anos; fazia seus lances com um cuidado meticuloso enlouquecedor. Depois do 12º lance, ela olhou a posição fechada no tabuleiro e rapidamente avançou um peão central para o sacrifício; iria abrir o jogo e começar a ameaçar. Devia ter uns bons 600 pontos a mais do que aquele sujeito esquisito; podia acabar com ele, comer um bom almoço, tomar um café e estar pronta para Goldmann ou Sizemore à tarde.

De algum modo o sacrifício do peão foi precipitado. Depois de Foster tomá-lo com um cavalo, e não com o peão que ela havia planejado, Beth descobriu que precisaria se defender ou perderia outro peão. Mordeu o lábio, irritada, e procurou algo para aterrorizá-lo. Mas não encontrou nada. Sua mente estava funcionando com uma lentidão insuportável. Recuou um bispo para proteger o peão.

Diante disso, Foster levantou ligeiramente as sobrancelhas e levou uma torre até a coluna da dama, a que ela havia aberto com o sacrifício do peão. Beth piscou. Não gostava do rumo que a partida estava tomando. Sua dor de cabeça

começou a piorar. Levantou-se, foi até o diretor e pediu uma aspirina. Ele encontrou algumas em algum lugar e ela tomou três, ajudando a descer com água num copo de papel, antes de voltar para Foster. Enquanto caminhava pelo salão principal do torneio, as pessoas levantavam os olhos do próprio jogo para encará-la. De repente ela ficou com raiva por ter concordado em jogar naquele torneio de terceira, com raiva de precisar voltar e enfrentar Foster. Odiava a situação: se o derrotasse, isso seria insignificante para ela. E se ele vencesse seria péssimo para a reputação dela. Mas ele não iria vencer. Se Benny Watts não podia vencê-la, não seria um estudante almofadinha de Louisville que iria encurralá-la. Encontraria uma combinação em algum lugar e iria destroçá-lo.

Mas não havia combinação a encontrar. Beth continuou olhando a posição se alterar gradualmente, jogada a jogada, sem se abrir para ela. Foster era bom – obviamente melhor do que sua pontuação indicava –, mas não era tão bom assim. As pessoas que ocupavam a salinha olhavam em silêncio, vendo-a ficar cada vez mais na defensiva, tentando impedir que o rosto demonstrasse o alarme que começava a dominar seus lances. E o que havia de errado com sua *mente*? Fazia um dia e duas noites que não bebia nada. O que havia de *errado*? Começou a sentir um terror na boca do estômago. Se de algum modo tivesse danificado seu talento...

E então, no 23º lance, Foster começou uma série de trocas no centro do tabuleiro e ela se viu incapaz de impedi-lo, olhando suas peças desaparecerem com uma sensação nauseante no estômago, vendo sua posição se deteriorar com uma nitidez cada vez maior. Pegou-se disputando um jogo perdido, dominada pela vantagem de dois peões de um jogador com pontuação de 1800. Não poderia fazer nada. Ele promoveria um peão a dama e iria humilhá-la.

Levantou o rei do tabuleiro antes que ele pudesse fazer isso e saiu da sala sem olhá-lo, abrindo caminho pela multidão, evitando os olhares, quase prendendo o fôlego, saindo para o salão principal e indo até a mesa de recepção.

– Estou me sentindo mal – disse ao diretor. – Preciso abandonar o torneio.

Caminhou pela Main, com os pés pesados e numa confusão interior, tentando não pensar no jogo. Era horrível. Tinha permitido que esse torneio fosse um teste para ela – o tipo de teste com cartas marcadas que um alcoólatra faz consigo mesmo – e ainda assim havia fracassado. Não deveria beber quando chegasse em casa. Deveria ler, jogar xadrez e se recompor. Mas a ideia de ir para

a casa vazia lhe dava medo. O que mais poderia fazer? Não existia nada que quisesse fazer e ninguém para quem ligar. A partida que havia perdido não tinha importância e o torneio não significava nada, mas a humilhação era esmagadora. Não queria ouvir discussões sobre como tinha perdido de Foster, não queria ver o próprio Foster de novo. *Não podia beber.* Tinha um torneio de verdade na Califórnia dali a cinco meses. *E se já tivesse acabado com o próprio talento?* E se tivesse raspado da superfície do cérebro qualquer entrelaçamento de sinapses que haviam formado seu dom? Lembrou-se de ter lido em algum lugar que um artista pop comprou um desenho original de Michelangelo depois pegou uma borracha e o *apagou*, deixando o papel em branco. O desperdício a chocou. Agora Beth sentiu um choque semelhante ao imaginar a superfície de seu próprio cérebro com o talento para o xadrez apagado.

Em casa tentou ler um livro de jogos russos, mas não conseguia se concentrar. Começou a analisar seu jogo com Foster, arrumando o tabuleiro na cozinha, mas os lances eram dolorosos demais. Aquela maldita Stonewall e o peão avançado antes da hora. Um erro grosseiro. Xadrez ruim. Xadrez de ressaca. O telefone tocou, mas ela não atendeu. Sentou-se diante do tabuleiro e por um momento desejou dolorosamente ter alguém para quem ligar. Harry Beltik devia estar de volta em Louisville. E ela não queria contar a ele sobre o jogo com Foster. Ele logo ficaria sabendo. Poderia ligar para Benny. Mas Benny estava um gelo depois de Paris e ela não queria falar com ele. Não havia mais ninguém. Levantou-se, cansada, e abriu o armário perto da geladeira, pegou uma garrafa de vinho branco e encheu uma taça. Uma voz dentro dela gritou diante daquela afronta, mas Beth a ignorou. Bebeu metade num longo gole e ficou parada esperando, até sentir. Depois terminou a taça e serviu outra. Era possível viver sem xadrez. A maior parte das pessoas vivia assim.

Quando acordou no sofá na manhã seguinte, ainda com as roupas de Paris que tinha usado ao perder o jogo contra Foster, ficou apavorada de um jeito novo. Podia perceber o próprio cérebro tornando-se fisicamente confuso devido ao álcool, sua capacidade posicional ficando desajeitada, a compreensão enevoada. Mas depois do café da manhã tomou um banho, trocou de roupa e se serviu de uma taça de vinho. Foi quase mecânico; tinha aprendido a interromper os pensamentos ao fazer isso. O principal era comer uma torrada primeiro, para o vinho não queimar o estômago.

Continuou bebendo durante dias, mas a lembrança do jogo que tinha perdido e o medo de que estivesse arruinando seu dom não iam embora, a não ser quando estava tão bêbada que nem conseguia pensar. No jornal de domingo havia uma matéria sobre ela, com uma foto tirada naquela manhã na escola, e uma manchete dizendo CAMPEÃ DO XADREZ ABANDONA TORNEIO. Jogou o jornal fora sem ler a matéria.

Até que numa manhã, depois de uma noite de sonhos sombrios e confusos, acordou com uma clareza inesperada: se não parasse de beber imediatamente, arruinaria o que tinha. Havia se permitido afundar naquele pântano aterrorizante. Precisava encontrar um ponto de apoio em algum lugar para se libertar. Precisaria conseguir ajuda. Com uma enorme sensação de alívio, de repente soube de quem era a ajuda que desejava.



TREZE

O nome de Jolene não estava no catálogo telefônico de Lexington. Beth ligou para o serviço de informações em Louisville e Frankfort. Não havia nenhuma Jolene DeWitt. Ela podia ter se casado e mudado de sobrenome. Podia muito bem estar em Chicago ou até no Alasca; Beth não a tinha visto nem falado com ela desde o dia em que saíra do Lar Methuen. E só havia uma coisa a fazer se quisesse ir em frente com isso. Os documentos de adoção estavam numa gaveta na mesa da Sra. Wheatley. Pegou a pasta e encontrou uma carta com o nome e o logotipo do Lar Methuen na parte de cima, em vermelho. O número do telefone estava ali. Segurou o papel, nervosa, durante um tempão. Na parte de baixo estava assinado, em letras pequenas e bem-feitas: Helen Deardorff, Superintendente.

Era quase meio-dia e ela ainda não tinha bebido nada. Por um momento, pensou em se firmar com um Gibson, mas não conseguiu esconder de si mesma a idiotice dessa ideia. Um Gibson acabaria com toda a sua motivação. Podia ser alcoólatra, mas não era boba. Subiu para o andar de cima, pegou seu frasco de

Librium do México e tomou dois. Esperando a tensão aliviar um pouco, foi para o quintal cuja grama o garoto havia aparado no dia anterior. As rosas-chá tinham finalmente florescido. As pétalas da maioria delas haviam caído, e nas extremidades de alguns galhos havia bolotas de aparência grávida onde as flores tinham estado. Beth nunca havia percebido isso quando elas estavam florescendo em junho e julho.

De volta à cozinha, sentiu-se mais firme. Os tranquilizantes estavam funcionando. Quantos neurônios será que *eles* matavam a cada miligrama? Não podia ser tão ruim quanto o álcool. Entrou na sala e discou o número do Lar Methuen.

A telefonista do lugar a deixou na espera. Beth estendeu a mão para o frasco, tirou um comprimido verde e o engoliu. Por fim a voz chegou com uma nitidez chocante através do aparelho.

– Helen Deardorff.

Por um momento Beth não conseguiu falar e quis desligar, mas respirou fundo e disse:

– Sra. Deardorff, aqui é Beth Harmon.

– Verdade?

A entonação foi de surpresa.

– É.

– *Ora.* – Na pausa que se seguiu ocorreu a Beth que a Sra. Deardorff poderia não ter nada a dizer. Poderia achar tão difícil falar com Beth quanto era difícil para Beth falar com ela. – Ora, nós andamos lendo sobre você.

– Como está o Sr. Shaibel?

– O Sr. Shaibel ainda está conosco. Foi por isso que você ligou?

– Liguei para saber sobre Jolene DeWitt. Preciso entrar em contato com ela.

– Sinto muito – disse a Sra. Deardorff. – O Lar Methuen não pode dar o endereço nem o número de telefone das crianças que passaram por seus cuidados.

– Sra. Deardorff – insistiu Beth, com a voz subitamente tomada pela emoção. – Sra. Deardorff, faça isso por mim. Eu preciso falar com Jolene.

– Há leis...

– Sra. Deardorff, *por favor.*

A voz da Sra. Deardorff assumiu um tom diferente.

– Está bem, Elizabeth. DeWitt mora em Lexington. Vou passar o telefone dela.

• • •

– Puta que pariu! – disse Jolene ao telefone. – Puta que pariu!

– Como você está, Jolene?

Beth sentiu vontade de chorar, mas não deixou a voz engasgar.

– Ah, meu Deus, criança. – Jolene riu. – É tão bom escutar a sua voz! Você ainda é feia?

– E você ainda é preta?

– Eu sou uma preta e tanto! E você perdeu a feiura. Você está em mais revistas que a Barbra Streisand. Minha amiga famosa.

– Por que não telefonou?

– Inveja.

– Jolene, você foi adotada?

– Porra nenhuma. Eu *me formei* naquele lugar. Por que você não me mandou um cartão ou uma caixa de chocolates?

– Pago o seu jantar hoje à noite. Você pode ir ao Toby's, na Main Street, às sete?

– Vou matar aula. Quem diria! A campeã dos Estados Unidos no histórico jogo de xadrez. Uma verdadeira vencedora.

Quando se encontraram no Toby's, a espontaneidade já tinha sumido. Beth havia passado o dia sem beber, cortara o cabelo com a Roberta e limpara a cozinha, quase tomada pela empolgação de falar com Jolene outra vez. Chegou ao Toby's quinze minutos antes da hora e recusou, nervosa, quando o garçom lhe ofereceu uma bebida. Tinha uma Coca à sua frente quando Jolene chegou.

A princípio Beth não a reconheceu. A mulher que veio em direção à sua mesa com o que parecia um conjunto Coco Chanel e um penteado black power cheio e farto era tão alta que Beth não conseguiu acreditar que fosse Jolene. Parecia uma estrela de cinema ou uma princesa do rock – mais curvilínea do que Diana Ross e descolada como Lena Horne. Mas quando Beth viu que era mesmo Jolene, que os sorrisos e os olhos eram os da Jolene de que ela se lembrava, se levantou sem jeito

e as duas se abraçaram. O perfume de Jolene era forte. Beth ficou tímida. Jolene lhe deu tapinhas nas costas enquanto se abraçavam, e disse:

– Beth Harmon. A velha Beth.

As duas se sentaram e se olharam, constrangidas. Beth decidiu que precisava de uma bebida para enfrentar aquilo. Mas quando o garçom chegou, felizmente quebrando o silêncio, Jolene pediu uma água com gás e Beth, outra Coca.

Jolene chegou segurando alguma coisa num envelope de papel pardo, que colocou na mesa diante de Beth. Beth pegou o embrulho. Era um livro, e ela soube imediatamente qual era. Tirou-o do envelope. *Aberturas modernas do xadrez*. Seu exemplar velho, quase totalmente gasto.

– Fui eu, sim – confessou Jolene. – Puta da vida porque você tinha sido adotada.

Beth fez uma careta, abrindo o livro na folha de rosto, onde a letra infantil dizia: "Elizabeth Harmon, Lar Methuen".

– E porque eu era branca?

– Quem poderia esquecer? – disse Jolene.

Beth olhou o rosto bom e lindo de Jolene, com aquele cabelo notável, os cílios compridos e pretos e os lábios grossos. E toda a timidez foi embora com um alívio quase físico, de tão simples. Abriu um sorriso largo.

– É bom ver você.

O que queria dizer era: "Eu te amo."

Na primeira metade do jantar, Jolene falou sobre o Lar Methuen – sobre dormir durante a catequese, odiar a comida, o Sr. Schell, a Srta. Graham e os filmes cristãos do sábado. Foi hilária falando da Sra. Deardorff, imitando a voz tensa e o modo de jogar a cabeça. Comeu devagar e riu muito, e Beth se pegou rindo com ela. Fazia muito tempo que não gargalhava, e nunca tinha se sentido tão à vontade com ninguém – nem com a Sra. Wheatley. Jolene pediu uma taça de vinho branco para acompanhar a vitela e Beth hesitou antes de pedir água gelada ao garçom.

– Não tem idade suficiente? – perguntou Jolene.

– Não é isso. Estou com 18 anos.

Jolene levantou as sobrancelhas e voltou à vitela. Depois de alguns instantes começou a falar de novo.

– Quando você foi para o seu lar feliz, eu comecei a jogar vôlei a sério. Me

formei na faculdade e depois a universidade me deu uma bolsa para fazer licenciatura em Educação Física.

– O que você está achando?

– É legal – respondeu Jolene, um pouco rápido demais. E depois: – Não, não é. É uma tremenda bosta. Não quero ser professora de Educação Física.

– Você poderia fazer outra coisa.

Jolene balançou a cabeça.

– Só quando peguei meu diploma do bacharelado ano passado eu me dei conta – disse ela de boca cheia. Depois engoliu a comida e se inclinou para a frente, com os cotovelos na mesa. – Eu deveria estar fazendo Direito ou Administração. Esta é a época certa para os meus talentos, e eu os desperdicei aprendendo a fazer polichinelo e quais são os principais músculos do abdômen. – Sua voz ficou mais grave e mais alta. – Sou uma mulher negra, sou *órfã*. Eu tinha que ir para Harvard. Eu tinha que sair na revista *Time*, como você.

– Você ficaria ótima no programa da Barbara Walters. Poderia falar sobre a privação emocional dos órfãos.

– Não é? Eu gostaria de contar a eles sobre Helen Deardorff e as porcarias dos tranquilizantes dela.

Beth hesitou um momento. Depois perguntou:

– Você ainda toma tranquilizantes?

– Não. Deus me livre. – Jolene riu. – Nunca me esqueci de você quebrando aquele vidro enorme. Bem ali, na sala de uso geral, na frente da porra do orfanato *inteiro*, com a velha Helen a ponto de virar uma estátua de sal e o resto de nós com o queixo no chão. – Ela riu de novo. – Isso transformou você numa heroína, com certeza. Depois que você foi embora eu contava isso às novatas.

Jolene terminou de comer; afastou o corpo da mesa e empurrou o prato para o centro. Depois se recostou na cadeira, tirou um maço de Kent do bolso do blazer e olhou para ele por um momento.

– Quando sua foto saiu na *Life*, fui eu que a coloquei no quadro de avisos da biblioteca. Até onde eu sei, ainda está lá. – Ela acendeu um cigarro usando um pequeno isqueiro preto e deu uma longa tragada. – "Uma pequena Mozart surpreende o mundo do xadrez". Que coisa.

– Ainda tomo tranquilizantes – confessou Beth. – Demais.

– Ah, coitadinha – disse Jolene com ironia, olhando para o cigarro.

Beth ficou calada por um tempo. O silêncio entre as duas era palpável. Depois mudou de assunto:

– Vamos pedir a sobremesa.

– Mousse de chocolate – disse Jolene.

Durante a sobremesa, ela parou de comer e olhou para a amiga no outro lado da mesa.

– Você *não* está bem, Beth. Está inchada.

Beth assentiu e terminou sua mousse.

Jolene a levou para casa em seu fusca prateado. Quando chegaram à Janwell, Beth disse:

– Eu gostaria que você entrasse um pouco, Jolene. Quero que você conheça a minha casa.

– Claro.

Beth mostrou onde estacionar, e quando elas saíram do carro Jolene perguntou:

– Essa casa inteira é sua?

– É.

Jolene gargalhou.

– Você não é órfã coisa nenhuma. Não mais.

Mas quando chegaram ao pequeno hall ao atravessar a porta da frente, o cheiro rançoso e intenso foi um choque. Beth não o havia notado antes. Houve um silêncio constrangedor quando ela acendeu as luminárias da sala e olhou em volta. Não tinha visto a poeira na tela da TV nem as manchas na banqueta. No canto do teto da sala, perto da escada, havia uma grossa teia de aranha. O lugar inteiro estava escuro e sujo.

Jolene andou pela sala, olhando, e disse:

– Não são só comprimidos que você está tomando, querida.

– Tenho bebido vinho.

– Acredito.

Beth fez café para elas na cozinha. Pelo menos o piso ali estava limpo. Abriu a janela que dava para o quintal, deixando o ar puro entrar.

Seu tabuleiro de xadrez ainda estava na mesa. Jolene pegou a dama branca e a segurou por um momento.

– Jogos me cansam – disse. – Nunca aprendi esse.

– Quer que eu ensine?

Jolene gargalhou.

– Daria uma boa história. – Ela pôs a dama de volta no tabuleiro. – Eles me ensinaram handebol, raquetebol e paddleball. Eu jogo tênis, golfe, queimada e pratico luta livre. Não preciso de xadrez. O que quero saber, disso tudo, é sobre o vinho.

Beth lhe entregou uma caneca de café.

Jolene a apoiou na mesa e pegou um cigarro. Sentada na cozinha sem graça, com seu conjunto azul-marinho e o cabelo black power, era como um novo centro do cômodo.

– Começou com os comprimidos? – perguntou Jolene.

– Eu adorava eles. Adorava de verdade.

Jolene balançou a cabeça duas vezes.

– Hoje não bebi nada – disse Beth abruptamente. – Devo jogar na Rússia ano que vem.

– Luchenko. Borgov.

Beth ficou surpresa por ela conhecer os nomes.

– Estou morrendo de medo.

– Então não vá.

– Se eu não for, não vai me restar mais nada. Só beber.

– Parece que você já faz isso de qualquer forma.

– Só preciso parar de beber, largar esses comprimidos e dar um jeito neste lugar. – Ela apontou para a casa. – Preciso estudar xadrez oito horas por dia e participar de alguns torneios. Querem que eu jogue em São Francisco e que vá ao *Tonight Show*. Eu deveria fazer tudo isso.

Jolene ficou olhando para ela.

– O que eu quero é uma bebida – continuou Beth. – Se você não estivesse aqui, eu estaria com uma garrafa de vinho.

Jolene franziu a testa.

– Você está parecendo a Susan Hayward naqueles filmes.

– Isso não é filme.

– Então pare de falar como se estivesse em um. Vou dizer o que fazer. Amanhã às dez da manhã você vai ao ginásio dos ex-alunos na Euclid Avenue. É

onde eu malho. Leve seus tênis de ginástica e um short. Você precisa dar um jeito nessa cara inchada antes de fazer outros planos.

Beth a encarou.

– Sempre odiei ginástica...

– Eu lembro.

Beth pensou no assunto. Havia garrafas de vinho tinto e branco no armário atrás dela, e por um momento ficou impaciente querendo que Jolene fosse embora para pegar uma, tirar a rolha e encher uma taça. Dava para sentir o vinho no fundo da garganta.

– Não é tão ruim – disse Jolene. – Eu lhe arranjo duas toalhas limpas e você pode usar meu secador de cabelo.

– Não sei chegar lá.

– Pegue um táxi. Vá *andando*, ora.

Beth a encarou, desanimada.

– Você precisa mexer esse rabo, garota – disse Jolene. – Precisa parar de ficar sentada no seu próprio fedor.

– Está bem. Eu vou.

Quando Jolene saiu, Beth tomou uma taça de vinho, mas não tomou a segunda. Abriu todas as janelas da casa e bebeu o vinho no quintal dos fundos, com a lua quase cheia diretamente acima do pequeno barracão dos fundos. Havia uma brisa fresca. Demorou um bocado com a bebida, deixando a brisa soprar pela janela da cozinha, agitando as cortinas, atravessando a cozinha e a sala, limpando o ar lá dentro.

• • •

O ginásio era um salão de pé-direito alto com paredes brancas. A luz entrava por janelas enormes na lateral, onde havia uma fileira de aparelhos estranhos. Jolene estava usando calça legging amarela e tênis. A manhã estava quente e Beth tinha ido de táxi, com um short branco. Na extremidade oposta da sala de ginástica havia um rapaz de short cinza fazendo cara de dor, deitado de barriga para cima num banco, levantando peso e gemendo. Tirando ele, as duas estavam sozinhas.

Começaram em duas bicicletas ergométricas. Jolene ajustou a resistência da

de Beth no dez e a dela no sessenta. Depois de dez minutos pedalando, Beth já estava coberta de suor e suas panturrilhas doíam.

– Vai piorar – disse Jolene.

Beth trincou os dentes e continuou pedalando.

Não conseguiu acertar o ritmo no aparelho de extensão de costas e quadris, e sua bunda escorregava no banco de couro sintético onde precisava ficar deitada para empurrar os pesos para baixo com as pernas. Jolene tinha ajustado para vinte quilos, mas até mesmo isso parecia demais. E havia o aparelho em que ela levantava os pesos com os tornozelos, fazendo os tendões da parte de cima das pernas se projetarem e doerem. Depois disso precisou sentar-se empertigada em um que a fazia lembrar uma cadeira elétrica e puxar pesos com os cotovelos.

– É para firmar os peitorais – disse Jolene.

– Eu achava que isso era algum tipo de peixe.

Jolene gargalhou.

– Acredite, querida. É disso que você precisa.

Beth fez todos os exercícios – furiosa e terrivelmente sem fôlego. Sua fúria ficava pior ao ver que Jolene usava pesos muito maiores que os dela. Mas, afinal de contas, o corpo de Jolene era perfeito.

A chuveirada, depois, foi incrível. Havia jatos fortes de água e Beth deixou a água bater com força, tirando todo o suor. Ensaboou-se meticulosamente e viu a espuma fazer redemoinho nos ladrilhos brancos do piso enquanto se enxaguava com um jato de água quente tão forte que ardia.

No refeitório, a mulher já ia entregando a Beth um prato com bife ao molho quando Jolene empurrou sua bandeja para perto da dela.

– Nada disso – falou Jolene. Em seguida pegou o prato de Beth e o devolveu. – Nada de molho. Nem batata.

– Não estou com sobrepeso. Não tem mal nenhum em comer batata.

Jolene não disse nada. Quando elas empurraram as bandejas passando direto pela gelatina e pela torta alemã, Jolene balançou a cabeça.

– Você comeu mousse de chocolate ontem à noite – disse Beth.

– Ontem à noite foi especial. Isso aqui é hoje.

Almoçaram às onze e meia porque Jolene tinha aula ao meio-dia. Quando Beth perguntou sobre o que seria, Jolene respondeu:

– Leste Europeu no século XX.

– Isso faz parte do curso de Educação Física?

– Ontem eu não contei tudo. Estou fazendo mestrado em Ciência Política.

Beth a encarou.

– *Honi soit qui mal y pense* – completou Jolene.

Quando Beth se levantou na manhã seguinte, estava com as costas e as panturrilhas tão doloridas que decidiu não ir malhar. Mas quando abriu a geladeira à procura de alguma coisa para o café da manhã, viu pilhas de comida congelada e de repente pensou na aparência das pernas pálidas da Sra. Wheatley quando ela enrolava as meias. Balançou a cabeça com repulsa e começou a soltar as caixas do gelo. A ideia de comer frango frito, rosbife e peru congelados a deixou nauseada. Jogou tudo numa sacola plástica. Quando abriu o armário para olhar a comida enlatada, havia três garrafas de vinho na frente das latas. Hesitou e fechou a porta. Pensaria nisso depois. Comeu torrada com café puro. A caminho do ginásio, jogou o saco de comida congelada no lixo.

Durante o almoço, Jolene falou sobre um quadro de avisos que havia no Diretório Estudantil com uma lista de alunos que faziam trabalho não especializado por dois dólares a hora. Jolene mostrou a ela enquanto ia para a aula, e Beth anotou dois números de telefone. Às três horas daquela mesma tarde, havia um estudante de Administração batendo os tapetes no quintal dos fundos e uma de História da Arte esfregando a geladeira e os armários; Beth não os supervisionou; passou aquele tempo trabalhando em variantes da Defesa Nimzo-Índia.

Na segunda-feira seguinte já usava todos os sete aparelhos de musculação e terminava fazendo abdominais. Na quarta-feira Jolene acrescentou cinco quilos em cada um e a fez segurar um peso de dois quilos no peito quando fazia os abdominais. Na semana seguinte, as duas começaram a jogar handebol. Beth era desajeitada e ficava rapidamente sem fôlego. Jolene a derrotava todas as vezes. Beth continuava, teimosa, ofegando, suando e às vezes ralando a palma da mão na bola. Demorou dez dias e alguns golpes de sorte para ganhar seu primeiro jogo.

– Eu sabia que você ia começar a ganhar logo – disse Jolene.

As duas estavam no centro da quadra, suando.

– Detesto perder.

Naquele dia havia uma carta esperando-a. Era de uma coisa chamada

Cruzada Cristã. O papel timbrado tinha uns vinte nomes na lateral, sob uma cruz em relevo. A carta dizia:

> Cara Srta. Harmon:
>
> Como não conseguimos contatá-la por telefone, estamos escrevendo para saber sobre seu interesse em receber o apoio da Cruzada Cristã em sua próxima competição na URSS.
>
> A Cruzada Cristã é uma organização sem fins lucrativos dedicada à abertura de Portas Fechadas para a Mensagem de Cristo. Descobrimos que sua carreira iniciada numa instituição cristã, o Lar Methuen, é digna de nota. Gostaríamos de ajudar em sua luta próxima, já que compartilhamos seus ideais e suas aspirações cristãs. Se estiver interessada no nosso apoio, por favor, entre em contato com nossos escritórios em Houston.
>
> Unidos em Cristo.
> Crawford Walker (Diretor)
> Cruzada Cristã – Divisão Estrangeira

Beth quase jogou a carta no lixo, mas se lembrou de Benny dizendo que tinha recebido dinheiro de um grupo de igreja para sua viagem à Rússia. Tinha o número de telefone de Benny num pedaço de papel dobrado na caixa de seu relógio de xadrez; pegou-o e ligou. Benny atendeu depois do terceiro toque.

– Oi – disse ela. – É a Beth.

Benny foi meio frio, mas quando ela falou sobre a carta, ele disse imediatamente:

– Aceite. Eles são cheios da grana.

– Será que vão pagar minha passagem para a Rússia?

– Mais do que isso. Se você pedir, eles me mandam junto. Quartos separados, considerando os pontos de vista deles.

– Por que eles gastariam tanto dinheiro?

– Querem que a gente derrote os comunistas em nome de Jesus. Foram eles que pagaram parte da minha ida há dois anos. – Benny fez uma pausa. – Você vai voltar a Nova York? – perguntou, sua voz cuidadosamente neutra.

– Preciso ficar um pouco mais no Kentucky. Estou malhando numa academia e me inscrevi num torneio da Califórnia.

– Claro. Por mim, tudo bem.

Naquela tarde Beth escreveu para a Cruzada Cristã dizendo que estava muito interessada na oferta deles e que gostaria de levar Benjamin Watts como seu segundo. Usou o papel timbrado azul-claro, riscando o "Sra. Allston Wheatley"

no topo e escrevendo “Elizabeth Harmon”. Quando foi até a esquina colocar a carta na caixa de correio, decidiu continuar andando até o centro e comprar lençóis e fronhas para a cama e uma nova toalha de mesa para a cozinha.

• • •

A luz de São Francisco no inverno era espetacular; Beth nunca tinha visto algo assim, que dava aos prédios uma clareza de contornos sobrenatural. Quando ela chegou ao topo do Telegraph Hill e olhou para trás, ficou sem fôlego diante do foco nítido das casas e hotéis que ladeavam a rua íngreme e, abaixo deles, o azul perfeito da baía. Havia uma barraca de flores na esquina e ela comprou um buquê de calêndulas. Olhando de volta para a baía, viu um jovem casal a um quarteirão de distância, subindo na sua direção. Estavam obviamente sem fôlego e pararam para descansar. Beth percebeu, surpresa, que para ela a subida tinha sido fácil. Decidiu fazer longas caminhadas durante a semana que passaria ali. Talvez conseguisse encontrar uma academia de ginástica em algum lugar.

Quando subiu a ladeira até o torneio, de manhã, o ar continuava esplêndido e as cores luminosas, mas ela se sentia tensa. O elevador do grande hotel estava lotado. Várias pessoas dentro dele olharam para ela, que desviou os olhos, nervosa. O homem junto à mesa parou o que estava fazendo no minuto em que Beth se aproximou.

– Eu me inscrevo aqui?

– Não precisa, Srta. Harmon. Basta entrar.

– Qual tabuleiro?

Ele levantou as sobrancelhas.

– Tabuleiro Um.

O Tabuleiro Um ficava numa sala separada. A mesa estava numa plataforma de um metro de altura e atrás dela havia um tabuleiro de exibição grande como uma tela de cinema doméstico. De cada lado da mesa havia uma grande cadeira giratória, cromada e estofada com couro marrom. Faltavam cinco minutos para o início e a sala estava lotada; Beth precisou abrir caminho pela multidão até o local do jogo. Quando fez isso, o burburinho de conversas diminuiu. Todo mundo olhou para ela. Quando subiu os degraus da plataforma, começaram a aplaudir. Beth tentou não deixar transparecer em seu rosto, mas estava

morrendo de medo. Seu último jogo de xadrez tinha sido cinco meses antes, e ela havia perdido.

Nem sabia quem era seu oponente; não tinha pensado em perguntar. Ficou sentada um momento, com a mente quase vazia, e então um rapaz de aparência arrogante atravessou rapidamente a multidão e subiu os degraus. Tinha cabelo preto e comprido e bigode grande, caído. Beth o reconheceu de algum lugar, e quando ele se apresentou como Andy Levitt, ela se lembrou de ter visto esse nome na *Revista do Xadrez*. Ele se sentou rigidamente. Um diretor do torneio chegou à mesa e falou baixinho com Levitt:

– Pode acionar o relógio dela.

Levitt estendeu a mão, parecendo despreocupado, e apertou o botão do relógio de Beth. Ela se concentrou e jogou seu peão da dama, mantendo os olhos voltados para o tabuleiro.

Quando chegaram ao meio-jogo, havia pessoas espremidas na porta e alguém estava pedindo à multidão que falassem baixo, tentando manter a ordem. Beth nunca tinha visto tantos espectadores numa partida. Voltou a atenção para o tabuleiro e levou cuidadosamente uma torre para uma coluna aberta. Se Levitt não encontrasse um modo de impedir, ela poderia tentar atacar dali a três lances. Isso se não estivesse deixando passar nada na posição. Começou a partir para cima cautelosamente, atacando os peões do roque dele. Então respirou fundo e levou uma torre até a sétima horizontal. Podia ouvir no fundo da mente a voz do andarilho conhecedor de xadrez em Cincinnati, anos antes: "Espinha na garganta, uma torre na sétima horizontal." Olhou Levitt do outro lado do tabuleiro. Ele parecia de fato estar com uma espinha de peixe cravada no fundo da garganta. Algo em Beth exultou ao vê-lo tentar esconder sua confusão. E quando ela levou a dama para se juntar à terrível torre na sétima horizontal, ele desistiu na mesma hora. Os aplausos na sala foram altos e entusiasmados. Quando Beth desceu da plataforma, estava sorrindo. Havia pessoas esperando com exemplares antigos da *Revista do Xadrez*, querendo que ela autografasse a foto na capa. Outras queriam que ela autografasse programas ou simplesmente pedaços de papel.

Enquanto estava autografando uma revista, Beth olhou por um momento sua foto em preto e branco segurando o grande troféu em Ohio, com Benny, Barnes e alguns outros fora de foco ao fundo. Seu rosto estava cansado e sem graça, e ela

se lembrou, com uma vergonha súbita, de que a revista tinha ficado um mês inteiro no envelope marrom numa pilha sobre a banqueta da sala antes que ela abrisse e encontrasse a foto. Alguém lhe deu outro exemplar para autografar, e Beth afastou a lembrança. Saiu da sala ainda autografando e passou por outra multidão que esperava do lado de fora, preenchendo o espaço entre a área de jogo e o salão de baile onde o restante do torneio continuava acontecendo. Dois diretores tentavam silenciar a multidão para não atrapalhar as outras partidas, enquanto ela passava. Alguns jogadores levantaram os olhos com raiva e franziram a testa na sua direção. Era revigorante e amedrontador ver todas aquelas pessoas comprimindo-a, abrindo caminho até ela, com admiração. Uma mulher que tinha recebido seu autógrafo disse:

– Não sei absolutamente nada de xadrez, querida, mas estou vibrando por você.

Um homem de meia-idade insistiu em apertar sua mão, dizendo:

– Você é a melhor coisa que aconteceu ao jogo desde o Capablanca.

– Obrigada – disse Beth. – Eu gostaria que fosse tão fácil para mim.

Talvez seja, pensou. Seu cérebro parecia bem. Talvez ela não o tivesse arruinado.

Andou confiante pela rua até seu hotel, sob o sol forte. Dali a seis meses iria à Rússia. A Cruzada Cristã tinha concordado em comprar passagens aéreas na Aeroflot para ela, Benny e uma mulher da federação de xadrez, e também pagaria as contas de hotel. O torneio de Moscou forneceria as refeições. Beth estava estudando xadrez seis horas por dia e conseguia manter o ritmo.

Parou para comprar mais flores: cravos, dessa vez. A mulher da recepção tinha pedido seu autógrafo na noite anterior, quando Beth chegara do jantar. Ela teria o maior prazer em lhe arranjar outro vaso. Antes de partir para a Califórnia, Beth havia mandado cheques para assinar todas as revistas que Benny lia. Iria receber a *Deutsche Schachzeitung* – a revista de xadrez mais antiga do mundo –, a *British Chess Magazine* e, da Rússia, a *Shakhmati v USSR*. Também receberia a *Échecs Europe* e o *American Chess Bulletin*. Planejava repassar todas as partidas dos Grandes Mestres publicadas nelas, e quando encontrasse jogos importantes iria memorizá-los e analisar cada jogada que fosse decisiva ou desenvolvesse alguma ideia com a qual não estivesse familiarizada. No início da primavera poderia ir a Nova York jogar no Aberto dos Estados Unidos e ficar algumas

semanas com Benny. As flores em sua mão reluziam, vermelhas, seus jeans novos e o suéter de algodão estavam agradáveis na pele ao ar fresco de São Francisco. Lá embaixo o oceano azul parecia um sonho de possibilidades. Sua alma cantava em silêncio junto com ele, estendendo-se em direção ao Pacífico.

• • •

Quando chegou em casa com o troféu e o cheque do primeiro prêmio, encontrou dois envelopes na pilha de correspondência: um era da federação e continha um cheque de quatrocentos dólares e um breve pedido de desculpas por não poderem mandar mais dinheiro. O segundo era da Cruzada Cristã. Uma carta de três páginas falava da necessidade de promover o entendimento internacional através dos princípios cristãos e de aniquilar o comunismo para o avanço desses mesmos princípios. A palavra "d'Ele" era sempre escrita assim, com apóstrofo e maiúscula, e deixava Beth incomodada. A carta era assinada com "Unidos em Cristo" por quatro pessoas. Dentro havia um cheque de 4 mil dólares. Ela segurou o cheque por um longo tempo. Seu prêmio de São Francisco era de 2 mil e ela precisaria tirar daí as despesas da viagem. Nos últimos seis meses sua conta bancária vinha encolhendo. Tinha esperado receber no máximo 2 mil dólares do pessoal no Texas. Independentemente das ideias malucas que eles tinham, o dinheiro era um presente dos céus. Ligou para Benny para dar a boa notícia.

• • •

Na quarta-feira, quando chegou de seu jogo de squash matinal, o telefone estava tocando. Tirou a capa de chuva rapidamente, jogou-a no sofá e pegou o telefone. Era uma voz de mulher.

– É Elizabeth Harmon?

– Sim.

– Aqui é Helen Deardorff, do Lar Methuen. – Beth ficou pasma demais para falar. – Preciso lhe dizer uma coisa, Elizabeth. O Sr. Shaibel morreu ontem à noite. Achei que talvez você quisesse saber.

De repente Beth viu o zelador velho e gordo curvado sobre o tabuleiro de xadrez no porão, com a lâmpada solitária acima da cabeça, e ela parada ao lado,

olhando aquele jeito deliberado dele, aquela *estranheza*, ele sozinho perto da fornalha.

– Ontem à noite? – perguntou.

– Ataque cardíaco. Ele tinha mais de 60 anos.

O que Beth disse em seguida a surpreendeu. Saiu quase sem passar por um pensamento consciente.

– Eu gostaria de ir ao enterro.

– O enterro? – disse a Sra. Deardorff. – Não sei quando... Ele tinha uma irmã solteira, Hilda Shaibel. Você pode ligar para ela.

• • •

Quando o casal Wheatley levou Beth para Lexington, seis anos antes, tinham viajado por estradas estreitas de asfalto, passando por cidades onde ela ficou olhando os semáforos pela janela do carro enquanto pessoas bem vestidas atravessavam as ruas e caminhavam em calçadas apinhadas de lojas. Agora, voltando com Jolene, a maior parte do trajeto tinha quatro pistas de concreto e as cidades só eram visíveis como nomes em placas verdes.

– Ele parecia um cara malvado – disse Jolene.

– E também não era fácil jogar xadrez com ele. Acho que eu morria de medo dele.

– Eu morria de medo de todos eles. Filhos da puta.

Isso surpreendeu Beth. Sempre imaginara Jolene como uma pessoa destemida.

– E o Fergussen?

– O Fergussen era um oásis no deserto. Mas ele me deu medo quando chegou. Por acaso ele era legal. – Ela sorriu. – O velho Fergussen.

Beth hesitou um momento.

– Houve alguma coisa entre vocês dois?

Ela se lembrava daqueles comprimidos verdes extras.

Jolene riu.

– Quem me dera.

– Quantos anos você tinha quando chegou?

– Tinha 6.

– Você sabe alguma coisa dos seus pais?

– Só da minha avó, e ela morreu. Em algum lugar perto de Louisville. Não quero saber deles. Não me importo se sou bastarda, não quero saber por que quiseram me deixar com minha avó nem por que ela quis me enfiar no Lar Methuen. Só fico feliz porque estou livre de tudo isso. Vou pegar meu diploma de mestrado em agosto e vou embora desse estado de vez.

– Ainda me lembro da minha mãe – disse Beth. – Papai não é tão nítido.

– É melhor esquecer. Se puder.

Jolene passou para a pista da esquerda e ultrapassou um caminhão de carvão e dois trailers. À frente, uma placa verde mostrava a quilometragem até Mount Sterling. Era primavera, quase exatamente um ano desde a última viagem de carro de Beth, com Benny. Pensou na imundície da Pennsylvania Turnpike. Essa estrada de concreto branco era novinha em folha, com os campos do Kentucky, cercas brancas e casas de fazenda nos dois lados.

Depois de um tempo Jolene acendeu um cigarro e Beth perguntou:

– Para onde você vai quando se formar?

Estava começando a pensar que Jolene não tinha ouvido, quando ela respondeu:

– Recebi uma oferta de uma firma de advogados brancos em Atlanta que parece promissora. – Ela ficou de novo em silêncio. – O que eles querem é uma crioula importada, para acompanhar os novos tempos.

Beth a encarou.

– Se eu fosse negra acho que não iria ainda mais para o sul.

– Bom, com certeza você não é. Esse pessoal de Atlanta vai me pagar o dobro do que eu ganharia em Nova York. Vou trabalhar com relações públicas, que é o tipo de bosta que eu conheço como a palma da mão, e de cara me ofereceram um escritório com duas janelas e uma garota branca para datilografar minhas cartas.

– Mas você não cursou Direito.

Jolene gargalhou.

– Acho que eles gostam disso. A Fine, Slocum and Livingston não quer nenhuma mulher negra revisando processos. O que querem é uma negra limpa, com bunda boa e bom vocabulário. Quando fiz a entrevista soltei um bocado de palavras como "repreensível" e "dicotomia", e eles engoliram na hora.

– Jolene, você é inteligente demais para isso. Poderia dar aulas na

universidade. E você é uma ótima atleta...

– Sei o que estou fazendo. Jogo um bom tênis e um bom golfe e sou ambiciosa. – Ela deu uma longa tragada no cigarro. – Talvez você não tenha ideia de como sou ambiciosa. Trabalhei duro nos esportes e tive treinadores prometendo que eu seria profissional se continuasse me esforçando.

– Isso não parece ruim.

Jolene soltou a fumaça lentamente.

– Beth, o que eu quero é o que *você* tem. Não quero treinar meu *backhand* durante dois anos para ser uma profissional de segunda. Você é a melhor no que faz há tanto tempo que não sabe como é para o resto de nós.

– Eu gostaria de ter metade da sua beleza.

– Ah, corta essa. Você não pode passar a vida na frente de um espelho. De qualquer modo você não é mais feia. O que estou falando é do seu talento. Eu daria qualquer coisa para jogar tênis como você joga xadrez.

A convicção na voz de Jolene era extraordinária. Beth olhou o rosto dela de perfil, o cabelo black power roçando no teto do carro, os braços com a pele lisa e marrom até onde as mãos firmes seguravam o volante, a raiva que nublava o rosto dela, e não falou nada.

Um momento depois Jolene disse:

– Bom. Aí está.

A cerca de um quilômetro e meio, no lado direito da estrada, havia três construções de tijolos escuros com telhado preto e cortinas pretas nas janelas. O Lar Methuen para Crianças Órfãs.

• • •

Uma escada de madeira pintada de amarelo no final de um caminho de concreto levava ao prédio. Antigamente os degraus eram largos e imponentes e a placa de latão azinhavrado parecia um alerta sério. Agora ela via apenas a entrada de uma instituição provinciana e sem graça. A tinta da escada estava descascando. Os arbustos que a ladeavam estavam sujos, as folhas cobertas de poeira. Jolene tinha ido até o parquinho e olhava os balanços enferrujados e o velho escorregador que elas só podiam usar quando Fergussen estivesse por perto supervisionando. Beth parou no caminho, ao sol, examinando a familiar porta dupla de madeira.

Dentro ficava a grande sala da Sra. Deardorff, as outras salas e, ocupando uma ala inteira, a biblioteca e a capela. Havia mais duas salas de aula na outra ala, e depois delas ficava a porta no fim do corredor, que levava ao porão.

Beth havia passado a aceitar os jogos de xadrez nas manhãs de domingo como um direito seu. Até aquele dia. Sua garganta ainda se apertava ao se lembrar da cena silenciosa depois da voz da Sra. Deardorff gritando "Elizabeth!" e a cascata de comprimidos e cacos de vidro. Depois, nada de xadrez. Em vez disso era uma hora e meia de catequese e Beth ajudando a Sra. Lonsdale com as cadeiras e ouvindo-a fazer suas "palestras". Depois de guardar as cadeiras levava mais uma hora para escrever a redação exigida pela Sra. Deardorff. Fez isso em todos os domingos durante um ano, e todas as segundas-feiras a Sra. Deardorff devolvia o texto com marcas vermelhas e alguma exortação séria, do tipo "Reescreva. Falha de organização." Beth precisou pesquisar o que era "Comunismo" na biblioteca, para a primeira redação. Em algum lugar, por dentro, sentia que o cristianismo deveria ser mais que aquilo.

Jolene tinha se aproximado e estava parada junto dela, franzindo os olhos ao sol.

– Foi onde você aprendeu a jogar?

– No porão.

– Porra. Eles deveriam ter incentivado você. Mandado você a mais exibições depois daquela. Eles gostam de publicidade, como todo mundo.

– Publicidade?

Beth estava meio tonta.

– Traz dinheiro.

Beth nunca havia pensado que alguém ali pudesse encorajá-la. Agora, parada diante do prédio, isso começou a penetrar na sua mente. Podia ter jogado em torneios aos 9 ou 10 anos, como Benny. Era inteligente e disposta, sua mente possuía um apetite voraz pelo xadrez. Poderia ter jogado contra Grandes Mestres e aprendido coisas que pessoas como Shaibel e Ganz jamais poderiam lhe ensinar. Aos 13 anos, Girev planejava ser campeão mundial. Se ela tivesse tido metade das oportunidades dele, seria igualmente boa aos 10. Por um momento toda a instituição autocrática do xadrez russo se fundiu em sua mente com a autocracia do lugar onde estava agora. Instituições. No xadrez não havia nenhuma violação do cristianismo, assim como não havia nenhuma violação do

marxismo. Não era algo ideológico. Não faria mal a Deardorff se ela a deixasse jogar – se a *incentivasse*. Seria algo para o Lar Methuen alardear. Beth podia ver em sua mente o rosto de Deardorff: as bochechas magras pintadas de ruge, o sorriso tenso e reprovador, o pequeno brilho sádico nos olhos. A mulher havia sentido prazer em tirar de Beth o jogo que ela amava. Tinha sentido *prazer*.

– Quer entrar? – perguntou Jolene.

– Não. Vamos procurar aquele hotel.

O hotel de beira de estrada tinha uma piscina pequena a apenas alguns metros da rodovia, com algumas árvores de aparência cansada ao lado. O fim de tarde estava suficientemente quente para um rápido mergulho depois do jantar. Jolene era uma nadadora fantástica, atravessando a extensão da piscina praticamente sem causar ondulações, enquanto Beth balançava as pernas parada embaixo do trampolim. Jolene chegou perto dela.

– A gente amarelou – disse. – A gente deveria ter entrado no prédio da administração. Deveria ter entrado na sala dela.

O velório aconteceu na manhã seguinte, na igreja luterana. Havia uma dezena de pessoas e um caixão fechado. Era um caixão de tamanho comum, e Beth imaginou brevemente como tinham conseguido colocar dentro um homem do tamanho de Shaibel. Apesar de a igreja ser menor, o velório foi bem parecido com o da Sra. Wheatley em Lexington. Depois dos primeiros minutos ela ficou entediada e inquieta e Jolene cochilou. Depois da cerimônia as duas acompanharam o pequeno cortejo até a sepultura.

– Eu lembro – disse Jolene. – Uma vez ele me matou de medo, berrando para eu sair da biblioteca. Ele tinha acabado de passar pano no chão e o Sr. Schell me mandou pegar um livro. O filho da puta odiava as crianças.

– A Sra. Deardorff não estava na igreja.

– Nenhum deles estava.

O enterro foi um anticlímax. Baixaram o caixão e o pastor fez uma prece. Ninguém chorou. Pareciam pessoas esperando na fila de um caixa de banco. Beth e Jolene eram as únicas pessoas jovens, e ninguém falou com elas. As duas saíram imediatamente depois do enterro, seguindo por um caminho estreito no velho cemitério, passando por lápides desbotadas e canteiros de dentes-de-leão. Beth não sentiu nenhum pesar pelo morto, nenhuma tristeza por ele ter partido.

A única coisa que sentiu foi culpa por jamais ter lhe enviado os dez dólares. Deveria ter mandado um cheque para ele anos antes.

Precisaram passar pelo Methuen na volta para Lexington. Logo antes da bifurcação da estrada, Beth disse:

– Vamos entrar. Preciso ver uma coisa.

Jolene virou o carro para a entrada do orfanato.

Ela ficou esperando no carro. Beth saiu e entrou pela porta lateral do prédio da administração. Dentro estava escuro e fresco. Logo à sua frente havia uma porta onde estava escrito HELEN DEARDORFF – SUPERINTENDENTE. Caminhou pelo corredor vazio até a porta nos fundos. Quando a abriu, havia uma luz acesa lá embaixo. Desceu lentamente a escada.

O tabuleiro e as peças não estavam ali, mas a mesa onde ele havia jogado continuava perto da fornalha, e a cadeira sem pintura continuava na mesma posição. A lâmpada solitária estava acesa. Beth ficou parada olhando a mesa. Depois sentou-se pensativa na cadeira do Sr. Shaibel, mas levantou os olhos e viu algo que não havia notado antes.

Atrás do lugar onde ela costumava se sentar havia uma espécie de divisória grosseira feita de tábuas irregulares pregadas em caibros. Um calendário com cenas da Baviera costumava ficar pendurado ali. Agora o calendário havia sumido e toda a divisória estava coberta com fotos, recortes e capas da *Revista do Xadrez*, cada uma delas colada na madeira e coberta com plástico transparente para se manter limpa e sem poeira – era a única coisa bem cuidada no porão sujo. Eram fotos dela. Havia jogos impressos da *Revista do Xadrez* e matérias de jornal, do *Herald-Leader* de Lexington, do *New York Times* e de algumas revistas da Alemanha. A antiga matéria da *Life* estava ali, e ao lado a capa da *Revista do Xadrez* com ela segurando o troféu do campeonato americano. Preenchendo os espaços menores havia fotos de jornais, algumas em duplicatas. Devia haver umas vinte fotos.

• • •

– Achou o que estava procurando? – perguntou Jolene quando ela voltou ao carro.

– Mais até.

Beth ia dizer alguma outra coisa, mas desistiu. Jolene deu marcha a ré, saiu do estacionamento e voltou para a estrada que levava à via expressa.

Quando subiram a rampa e entraram na interestadual, Jolene acelerou o fusca, que saltou adiante. Nenhuma das duas olhou para trás. A essa altura Beth já tinha parado de chorar e estava enxugando o rosto com um lenço.

– Será que não foi demais para você? – perguntou Jolene.

– Não. – Beth assoou o nariz. – Estou bem.

• • •

A mais alta das duas era parecida com Helen Deardorff. Ou melhor, não era exatamente parecida com ela, mas dava todas as indicações de certa irmandade espiritual. Usava um conjunto bege e escarpins e sorria um bocado, de um modo totalmente desprovido de sentimento. Seu nome era Sra. Blocker. A outra era gorducha e ligeiramente tímida, usava um vestido de estampa floral e sapatos simples. Era a Srta. Dodge. Estavam indo de Houston para Cincinnati e pararam para bater papo. Sentaram-se lado a lado no sofá de Beth e conversaram sobre o balé em Houston e o modo como a cultura na cidade estava crescendo. Obviamente queriam que Beth soubesse que a Cruzada Cristã não era meramente uma organização fundamentalista de visão estreita. E, de modo igualmente claro, tinham vindo investigá-la. Tinham escrito avisando sobre a visita.

Beth ouviu educadamente enquanto elas falavam sobre Houston e a agência que estavam ajudando a montar em Cincinnati – uma agência que tinha algo a ver com a proteção do ambiente cristão. A certa altura a conversa foi morrendo, e a Srta. Dodge disse:

– O que realmente buscamos, Elizabeth, seria algum tipo de declaração.

– Declaração?

Beth estava sentada na poltrona da Sra. Wheatley, virada para as duas no sofá.

A Sra. Blocker explicou:

– A Cruzada Cristã gostaria que você tornasse seu posicionamento público. Num mundo em que tantos permanecem em silêncio...

Ela não terminou.

– Que posicionamento?

– Como sabemos – disse a Sra. Dodge –, a disseminação do comunismo também é a disseminação do ateísmo.

– Acho que sim – concordou Beth.

– Não é uma questão de achar – disse a Sra. Blocker rapidamente. – É fato. Fato marxista-leninista. A Palavra de Deus é rejeitada pelo Kremlin, e um dos principais objetivos da Cruzada Cristã é contestar o Kremlin e os ateus que estão lá.

– Não tenho nenhum problema com isso.

– Ótimo. O que desejamos é uma declaração.

O modo como a Sra. Blocker disse isso ressoou em algo que Beth havia reconhecido anos antes na voz da Sra. Deardorff. Era o tom do autoritarismo ensaiado. Beth experimentou o mesmo sentimento de quando um jogador avançava com a dama depressa demais contra ela.

– As senhoras querem que eu faça uma declaração à imprensa?

– Exato! – disse a Sra. Blocker. – Se a Cruzada Cristã vai... – Ela parou e tateou o envelope pardo em seu colo, como se estivesse avaliando o peso. – Nós já preparamos algo.

Beth a encarou, odiando-a sem dizer nada.

A Sra. Blocker abriu o fecho do envelope e tirou um papel datilografado. Entregou-o a Beth.

Era o mesmo papel timbrado da primeira carta, com sua lista de nomes descendo pela lateral. Beth olhou a lista e viu "Telsa R. Blocker, Secretária Executiva" logo acima de uma dezena de nomes de homens com a abreviação "Rev." na frente. Leu rapidamente a declaração. Algumas expressões estavam sublinhadas, como "*o nexo ateísmo/comunismo*" e "*um empreendimento cristão militante*". Ela levantou o olhar para a Sra. Blocker, sentada com os joelhos unidos, espiando a sala ao redor com uma aversão contida.

– Eu sou enxadrista – disse Beth baixinho.

– Claro que é, minha cara – concordou a Sra. Blocker. – E é cristã.

– Não tenho certeza disso.

A Sra. Blocker a encarou.

– Veja bem – disse Beth –, não tenho a menor intenção de dizer coisas desse tipo.

A Sra. Blocker se inclinou para a frente e pegou a declaração.

– A Cruzada Cristã já investiu uma boa quantia em dinheiro...

Havia nos olhos dela um brilho que Beth tinha visto antes.

Ela se levantou.

– Eu devolvo.

Em seguida foi até a mesa e encontrou seu talão de cheques. Por um momento se sentiu pedante e tola. Era o dinheiro da passagem aérea dela, de Benny e da mulher da federação, que ia como acompanhante. Pagaria sua conta de hotel e as despesas extras da viagem. Mas na parte de baixo do cheque que haviam lhe mandado um mês antes, no lugar onde você normalmente escreveria "aluguel" ou "conta de luz", indicando a finalidade do dinheiro, alguém – provavelmente a Sra. Blocker – tinha escrito "Para o Serviço Cristão". Beth fez um cheque de 4 mil dólares para a Cruzada Cristã, e no espaço embaixo escreveu "Reembolso integral".

A voz da Srta. Dodge foi surpreendentemente gentil.

– Espero que você saiba o que está fazendo, minha cara.

Ela parecia genuinamente preocupada.

– Também espero – disse Beth.

Seu avião para Moscou partiria dali a cinco semanas.

• • •

Benny atendeu ao telefone na primeira tentativa.

– Você é maluca – disse, quando ela contou.

– De qualquer modo, é tarde demais para voltar atrás.

– As passagens estão pagas?

– Não. Nada está pago.

– Você precisa pagar adiantado à Intourist, pelo hotel.

Beth não gostou do tom de voz de Benny.

– Eu sei. Tenho 2 mil dólares no banco. Teria mais, mas precisei cuidar dessa casa. Vamos precisar de mais 3 mil. Pelo menos.

– Eu não tenho.

– Como assim? Você tem dinheiro.

– *Eu não tenho.* – Houve um longo silêncio. – Você pode ligar para a

federação. Ou para o Departamento de Estado.

– A federação não gosta de mim – disse Beth. – Eles acham que eu não fiz tanto pelo xadrez quanto poderia.

– Você deveria ter ido ao *Tonight* e ao *Phil Donahue*.

– Que merda, Benny. Corta essa!

– Você é maluca. O que importa no que aqueles imbecis acreditam? O que você está tentando provar?

– *Benny*. Eu não quero ir sozinha à Rússia.

De repente a voz de Benny ficou mais alta. Ele gritou:

– Sua *babaca*. Sua maluca!

– Benny...

– Primeiro você não volta para Nova York, depois arruma essa merda. Pode muito bem ir sozinha, porra.

– Talvez eu não devesse ter feito isso. – Ela estava começando a sentir um calafrio por dentro. – Talvez eu não devesse devolver o cheque a eles.

– "Talvez" é coisa de perdedor.

A voz de Benny soava gélida.

– Benny, sinto muito.

– Vou desligar – avisou Benny. – Você era um pé no saco quando eu te conheci, e está sendo um pé no saco agora. Não quero mais falar com você.

O telefone na mão dela fez um clique. Ela o colocou de volta no gancho. Tinha estragado tudo. Tinha perdido Benny.

Ligou para a federação e precisou esperar dez minutos até que o diretor atendesse. Ele foi agradável e simpático, desejou sorte em Moscou, mas disse que não tinham dinheiro.

– O que temos vem principalmente da revista. Tudo que podemos dar são os quatrocentos dólares.

Só na manhã seguinte ligaram de volta de Washington. Era alguém chamado O'Malley, da divisão de assuntos culturais. Quando ela contou sobre o problema, ele ficou dizendo que o pessoal no Departamento de Estado estava entusiasmado por ela "dar um solavanco nos russos no jogo deles". Perguntou como poderia ajudar.

– Preciso de 3 mil dólares imediatamente.

– Verei o que podemos fazer. Ligo de volta daqui a uma hora.

Mas se passaram quatro horas até ele telefonar. Beth ficou andando de um lado para outro na cozinha, depois no quintal, e fez uma ligação rápida para Anne Reardon, que seria a acompanhante exigida pela Cruzada Cristã. Anne Reardon tinha uma pontuação feminina de cerca de 1900 e pelo menos conhecia o jogo. Uma vez Beth havia acabado com ela em algum lugar no oeste, praticamente explodindo as peças dela no tabuleiro. Ninguém atendeu. Beth fez café e folheou alguns exemplares da *Deutsche Schachzeitung*, esperando o telefonema. Sentia-se quase nauseada com o modo como tinha deixado o dinheiro da Cruzada Cristã escapar. Quatro mil dólares – por uma declaração. Finalmente o telefone tocou.

Era O'Malley de novo. Não tinha jeito. Ele lamentava terrivelmente, mas não havia como alocar verbas governamentais para ela sem mais tempo para análise e aprovação.

– Mas vamos mandar um dos nossos homens com você.

– Vocês não têm nem uns trocados? Não preciso de verba para derrubar o governo de Moscou. Só preciso levar algumas pessoas para me ajudar.

– Sinto mundo – disse O'Malley. – Sinto muito, realmente.

Depois de desligar, Beth foi para o quintal. De manhã mandaria o cheque para o escritório da Intourist. Iria sozinha ou com qualquer um que o Departamento de Estado encontrasse para mandar junto. Tinha estudado russo, e não ficaria completamente perdida. De qualquer modo, os jogadores russos falavam inglês. Poderia treinar sozinha. Fazia meses que treinava sozinha. Terminou de tomar o café. Tinha treinado sozinha praticamente a vida toda.



CATORZE

Precisaram ficar sete horas numa sala de espera do aeroporto de Orly, e quando chegou a hora de pegar o avião da Aeroflot, uma mulher jovem com uniforme verde-oliva precisou carimbar a passagem de todo mundo e examinar todos os passaportes enquanto Beth e o Sr. Booth esperavam no fim da fila por mais uma hora. Mas ela se animou um pouco quando finalmente chegou a sua vez e a mulher disse "A campeã de xadrez!" e deu um sorriso largo, com as feições se iluminando de modo surpreendente. Quando Beth sorriu de volta, a mulher disse "Boa sorte!", como se realmente desejasse isso. Claro, a mulher era russa. Nenhum funcionário nos Estados Unidos teria reconhecido seu nome.

Sua poltrona na janela, na traseira do avião, tinha estofamento de plástico marrom grosso e uma pequena sobrecapa branca em cada braço. Beth se sentou, com o Sr. Booth ao lado. Olhou o céu cinza de Paris pela janela, com a água em manchas amplas nas pistas e os aviões brilhando na escuridão úmida do fim de tarde. Era como se já estivesse em Moscou. Depois de alguns minutos uma aeromoça começou a distribuir copos d'água. O Sr. Booth bebeu mais ou menos

metade do dele e em seguida enfiou a mão no bolso do paletó. Depois de remexer um pouco, pegou um pequeno frasco de prata e tirou a tampa com os dentes. Encheu o copo com uísque, recolocou a tampinha e pôs o frasco no bolso. Depois estendeu o copo para Beth de um modo automático e ela balançou a cabeça. Não foi fácil. Seria bom tomar uma bebida. Não gostava daquele avião estranho e não gostava do homem ao seu lado.

Tinha sentido aversão pelo Sr. Booth no instante em que ele a encontrou no aeroporto Kennedy e se apresentou. Assistente do Subsecretário. Assuntos Culturais. Iria orientá-la em Moscou. Ela não queria ser orientada – especialmente por esse velho de voz grave e terno escuro, sobrancelhas arqueadas e riso teatral frequente. Quando ele informou que tinha jogado xadrez em Yale na década de 1940, ela não respondeu; ele falou como se fosse uma espécie de perversão compartilhada. O que Beth queria era estar viajando com Benny Watts. Nem pudera falar com ele na noite anterior; a linha dele estava ocupada nas duas primeiras tentativas e depois ninguém atendeu. Beth recebeu uma carta do diretor da federação, desejando sorte, e nada mais.

Recostou-se na poltrona, fechou os olhos e tentou relaxar, se desligando das vozes – russas, alemãs e francesas – que a cercavam. Num dos bolsos da bagagem de mão havia um frasco com trinta comprimidos verdes; fazia mais de seis meses que não tomava nenhum, mas tomaria um nesse avião se fosse necessário. Certamente seria melhor do que beber. Precisava descansar. A longa espera no aeroporto tinha deixado seus nervos à flor da pele. Tinha tentado falar com Jolene pelo telefone duas vezes, mas ninguém atendeu.

O que realmente precisava era de Benny Watts. Se não tivesse sido tão idiota, devolvendo aquele dinheiro, tomando um posicionamento com relação a uma coisa com a qual não se importava realmente! Mas não era bem assim. Não tinha sido babaquice não se deixar intimidar, pagar para ver o blefe daquela mulher. Mas precisava de Benny. Por um momento se permitiu imaginar-se viajando com D. L. Townes, os dois se hospedando juntos em Moscou. Mas não adiantava. Era de Benny que sentia falta, e não de Townes. Sentia falta da mente rápida e sóbria de Benny, de seu julgamento e de sua tenacidade, do seu conhecimento do xadrez e do conhecimento que ele tinha de Beth. Ele estaria na poltrona ao lado e os dois poderiam falar sobre xadrez. Em Moscou, depois de cada jogo, analisariam a partida e planejariam o que fazer com o próximo oponente. Fariam

as refeições juntos no hotel, como fazia com a Sra. Wheatley. Poderiam andar por Moscou juntos. Mas Benny estava em Nova York e ela num avião escuro indo em direção ao Leste Europeu.

Quando atravessaram as nuvens densas e Beth teve sua primeira visão da Rússia – que de cima parecia o Kentucky ou qualquer outro lugar –, ela havia tomado três comprimidos, dormido um sono entrecortado durante algumas horas e estava sentindo o entorpecimento de olhos vítreos que costumava ter depois de uma viagem longa num ônibus Greyhound. Lembrava-se de ter tomado os comprimidos no meio da noite. Tinha ido até o banheiro, pelo corredor cheio de pessoas adormecidas, e pegado água num copinho de aparência engraçada.

O Sr. Booth acabou sendo útil na alfândega. Seu russo era bom e ele a colocou na cabine certa para a inspeção. O surpreendente foi a facilidade da coisa toda; um velho uniformizado examinou descuidadamente sua bagagem, abriu suas duas malas, remexeu dentro um pouco e depois fechou. Só isso.

Quando passaram pelo portão, havia uma limusine da embaixada esperando. Percorreram campos onde homens e mulheres trabalhavam sob o sol da manhã. Num determinado lugar, na estrada, ela viu três tratores enormes, muito maiores do que qualquer coisa que já vira nos Estados Unidos, andando lentamente num campo que se estendia até onde a vista alcançava. Havia pouco tráfego na estrada. O carro começou a passar por fileiras de prédios de seis e oito andares com janelas minúsculas. E como era uma manhã quente de junho, mesmo sob o céu cinzento havia pessoas sentadas nos degraus da frente. Então a estrada começou a ficar mais larga e eles passaram por um pequeno parque verde e outro grande, e em seguida por alguns prédios enormes, mais novos, que pareciam construídos para durar para sempre. O tráfego tinha ficado mais pesado e havia pessoas de bicicleta de um lado da rua e muitos pedestres nas calçadas.

O Sr. Booth tinha se recostado no banco com seu terno amarrotado e estava com os olhos meio fechados. Beth estava sentada rigidamente na parte de trás do carro comprido, olhando pela janela. Não havia nada ameaçador na aparência de Moscou; era como entrar em qualquer outra cidade grande. Mas não conseguia relaxar por dentro. O torneio começaria na manhã seguinte. Sentia-se totalmente sozinha e amedrontada.

• • •

Seu professor na universidade tinha contado que os russos bebiam chá em copos, fazendo-o passar por um torrão de açúcar preso entre os dentes, mas o chá servido naquela sala grande e escura vinha em finas xícaras de porcelana com uma borda grega em dourado. Beth estava sentada em sua poltrona vitoriana de espaldar alto com os joelhos unidos, segurando o pires com a xícara e um bolinho duro, tentando ouvir com atenção o que o diretor dizia. Ele falou algumas frases, primeiro em inglês, depois em francês. Depois em inglês de novo: os visitantes eram bem-vindos à União Soviética; os jogos começariam pontualmente às dez horas da manhã; um árbitro seria designado para cada tabuleiro e deveria ser consultado no caso de alguma irregularidade. Não seria permitido fumar nem comer durante a partida. Um auxiliar acompanharia os jogadores ao banheiro se fosse necessário. Nesse caso, seria adequado levantar a mão direita.

As poltronas tinham sido dispostas em círculo e o diretor estava à direita de Beth. De frente para ela estavam sentados Dimitri Luchenko, Viktor Laev e Leonid Shapkin, todos usando ternos bem cortados, camisas brancas e gravatas escuras. O Sr. Booth tinha dito que os russos se vestiam como se suas roupas tivessem saído de um catálogo da Montgomery Ward na década de 1930, mas esses homens estavam tremendamente elegantes com ternos caros de gabardine e lã penteada. Só aqueles três – Luchenko, Laev e Shapkin – já eram um pequeno panteão diante do qual toda a elite do xadrez americano gaguejaria, humilhada. À esquerda dela estava Vasily Borgov. Beth não conseguia se obrigar a olhar para ele, mas sentia o cheiro da sua colônia. Entre ele e os outros três russos estava um panteão apenas ligeiramente inferior – Jorge Flento, do Brasil, Bernt Hellström, da Finlândia, e Jean-Paul Duhamel, da Bélgica, também usando trajes conservadores. Beth bebericou seu chá e tentou parecer calma. Havia pesadas cortinas marrons nas janelas altas e as poltronas eram estofadas em veludo marrom com acabamento dourado. Eram nove e meia da manhã e o dia de verão lá fora estava esplêndido, mas as cortinas permaneciam totalmente fechadas. O tapete oriental parecia vindo de um museu. As paredes eram revestidas de lambri de jacarandá.

Uma escolta de duas mulheres tinha levado Beth do hotel. Ela havia apertado

a mão dos outros jogadores e todos ficaram sentados assim durante meia hora. Em seu quarto de hotel gigantesco e estranho, na noite anterior, havia uma torneira pingando em algum lugar e ela mal conseguiu dormir. Estava vestida com seu caro vestido azul-marinho, feito sob medida, desde as sete e meia, e se sentia transpirando; as meias de náilon envolviam suas pernas com um aperto quente. Beth se sentia completamente deslocada. Toda vez que olhava para os homens ao redor eles sorriam levemente. Ela se sentia como uma criança num evento para adultos. Sua cabeça doía. Precisaria pedir uma aspirina ao diretor.

Então, bem de repente, o diretor terminou o discurso e os homens se levantaram. Beth se pôs de pé num salto, fazendo a xícara chacoalhar no pires. O garçom que havia servido o chá, com uma blusa de cossaco branca, veio correndo pegá-lo. Borgov, que a havia ignorado a não ser por um aperto de mão superficial no início, ignorou-a agora passando à sua frente e atravessando uma porta aberta pelo diretor. Os outros foram em seguida, com Beth atrás de Shapkin e na frente de Hellström. Enquanto saíam para um corredor atapetado, Luchenko parou um momento e se virou para ela.

– É um prazer enorme tê-la aqui – disse ele. – Aguardo ansiosamente a chance de jogar com você.

Luchenko tinha cabelos brancos, compridos como os de um maestro, e usava uma gravata prateada impecável, com um nó perfeito sob o colarinho branco engomado. A cordialidade no seu rosto era inquestionável.

– Obrigada.

Beth tinha lido sobre Luchenko quando ainda estava no colégio; a *Revista do Xadrez* escrevia sobre ele com a mesma fascinação reverente que ela sentia agora. Na época ele era o campeão mundial, tendo perdido para Borgov numa longa disputa, muitos anos atrás.

Andaram uma boa distância pelo corredor antes de o diretor parar diante de outra porta e abri-la. Borgov entrou primeiro e os outros foram atrás.

Estavam numa espécie de antessala com uma porta fechada do lado oposto. Beth ouvia uma onda de som distante, mas, quando o diretor abriu a porta, o ruído ficou mais alto. Não dava para ver nada, a não ser uma cortina escura, mas quando Beth conseguiu olhar em volta, ficou sem fôlego. Estava diante de um enorme auditório lotado de pessoas. Parecia a plateia do Radio City Music hall vista do palco, com todos os lugares ocupados. A multidão se estendia por

centenas de metros e os corredores entre as poltronas tinham cadeiras dobráveis com pequenos grupos conversando. Quando os jogadores atravessaram o grande palco atapetado, o som foi diminuindo. Todo mundo olhava para eles. Acima da plateia principal havia um balcão largo com um enorme estandarte vermelho dobrado no parapeito, e acima disso fileiras e mais fileiras de rostos.

No palco havia quatro mesas grandes, cada uma do tamanho de uma escrivaninha, cada uma obviamente nova e incrustada com um grande tabuleiro de xadrez com as peças já arrumadas. À direita de cada posição das pretas havia um enorme relógio de xadrez em madeira, e à direita das brancas uma grande jarra d'água e dois copos. As cadeiras giratórias de espaldar alto estavam dispostas de modo que os jogadores fossem vistos de perfil pela plateia. Atrás de cada uma delas ficava um árbitro com camisa branca e gravata-borboleta preta, e atrás de cada árbitro um tabuleiro de exibição com as peças na posição inicial. A iluminação era clara mas indireta, vinda de um teto luminoso acima da área de jogo.

O diretor sorriu para Beth, pegou-a pela mão e a levou ao centro do palco. Não havia nem um pio no auditório. Ele parou diante de um microfone antiquado. Apesar de estar falando em russo, Beth entendeu as palavras "xadrez", "Estados Unidos" e finalmente seu nome: Elizabeth Harmon. Os aplausos foram súbitos, calorosos e estrondosos; ela os recebeu com uma sensação física. O diretor a acompanhou até a cadeira na extremidade oposta e a fez se sentar diante das peças pretas. Beth ficou olhando enquanto ele levava cada um dos outros jogadores estrangeiros para uma rápida apresentação e aplausos. Depois vieram os russos, começando com Laev. Os aplausos foram ensurdecedores, e para o último, Vasily Borgov, pareceram intermináveis.

Seu oponente para a primeira partida era Laev. Ele estava sentado diante dela durante a ovação para Borgov, e Beth o observou enquanto aquilo continuava. Laev tinha 20 e poucos anos. Havia um sorriso tenso em seu rosto magro e jovem, a testa estava pesada de irritação e ele tamborilava na mesa com os dedos de uma das mãos magras.

Quando os aplausos cessaram, o diretor, enrubescendo de entusiasmo, foi até a mesa onde Borgov jogaria com as peças brancas e apertou o relógio com um gesto elegante. Depois foi até a mesa seguinte e fez a mesma coisa, e na seguinte.

Na de Beth ele deu um sorriso cheio de importância para os dois e apertou rapidamente o botão do lado de Beth, acionando o relógio de Laev.

Laev soltou um suspiro baixinho e moveu seu peão do rei para a quarta casa. Sem hesitar, Beth moveu seu peão do bispo da dama, aliviada por estar simplesmente jogando xadrez. As peças eram grandes e sólidas; destacavam-se com uma clareza reconfortante no tabuleiro, cada uma exatamente no centro de sua casa inicial, cada uma nitidamente delineada, muito bem torneada, finamente polida. O tabuleiro tinha acabamento semifosco com uma incrustação de latão na borda externa. Sua cadeira era robusta e macia, mas firme. Ela se acomodou, sentindo o conforto, e observou Laev jogar cavalo três bispo do rei. Ela pegou o cavalo da sua dama, adorando o peso da peça, e o colocou na casa três do bispo da dama. Laev jogou peão quatro da dama; ela o tomou com seu peão, colocando o dele à direita do relógio. O árbitro, de costas para os dois, repetia cada movimento no grande tabuleiro de exibição. Ainda havia uma tensão nos ombros de Beth, mas ela começou a relaxar. Era a Rússia e era estranho, mas ainda era xadrez.

Conhecia o estilo de Laev pelos boletins que vinha estudando e tinha certeza de que, se jogasse peão quatro do rei no 6º lance, ele seguiria com a variante Boleslavski, com cavalo três do bispo, e depois faria roque na ala do rei. Ele tinha feito isso contra Petrosian e Tal, em 1965. Às vezes os jogadores partiam para linhas estranhas e novas em torneios importantes, linhas que podiam levar semanas para serem preparadas antecipadamente, mas Beth achava que os russos não se dariam a esse trabalho com relação a ela. Pelo que eles sabiam, seu nível de jogo seria parecido com o de Benny Watts, e homens como Laev não dedicariam muito tempo de preparação para jogar contra Benny. Pelos padrões deles, ela não era uma jogadora importante; a única coisa incomum era seu gênero, e nem mesmo isso era especial na Rússia. Havia Nona Gaprindashvili, que não estava no nível desse torneio, mas era uma jogadora que havia enfrentado todos esses Grandes Mestres russos muitas vezes. Laev estaria esperando uma vitória fácil. Ele moveu o cavalo e rocou, como ela esperava. Beth ficou animada com sua dedicação à leitura nos últimos seis meses; era bom saber o que esperar. Fez roque.

A partida começou a ficar gradualmente mais lenta à medida que eles passaram da abertura sem nenhum erro para um meio-jogo controlado, cada um

agora sem um dos cavalos e um dos bispos, com os reis bem protegidos e sem nenhum buraco em nenhuma das duas posições. No 18º lance, o tabuleiro mostrava um equilíbrio perigoso. Não era o xadrez de ataque com que ela conquistara sua reputação nos Estados Unidos; era xadrez música de câmara, sutil e intricado.

Jogando com as brancas, Laev ainda tinha vantagem. Fazia lances que continham ameaças astutamente enganosas, mas Beth as neutralizava sem perder tempos nem piorar sua posição. Na 24ª jogada, ela encontrou oportunidade para uma finesse, abrindo uma coluna para sua torre da dama ao mesmo tempo que o obrigava a recuar um bispo. E quando Beth fez isso, Laev examinou a posição por um longo tempo, depois olhou para ela de uma maneira nova, como se a estivesse vendo pela primeira vez. Um arrepio de prazer atravessou seu corpo. Ele estudou o tabuleiro de novo antes de recuar o bispo. Beth avançou a torre. Agora tinha igualdade.

Cinco lances depois, encontrou um modo de melhorar ainda mais sua posição. Avançou um peão para a quinta horizontal, oferecendo-o em sacrifício. Com o lance, um dos mais lindamente discretos que já havia feito, Laev ficou na defensiva. Não tomou o peão, mas foi obrigado a mover o cavalo atacado de volta para a casa na frente da dama. Beth levou sua torre para a terceira horizontal e ele precisava reagir a isso. Ela não estava exatamente pressionando, apenas forçando delicadamente. E aos poucos ele começou a ceder, tentando parecer despreocupado. Mas devia estar atônito. Garotas americanas não faziam isso com Grandes Mestres russos. Beth continuou indo para cima dele, e finalmente chegou ao ponto em que pôde colocar seu cavalo que restava na casa cinco da dama, de onde ele não poderia desalojá-lo. Colocou-o ali e, dois lances depois, levou sua torre até a coluna do cavalo, diretamente apontada para o rei dele. Laev examinou a posição por um longo tempo enquanto seu relógio tiquetaqueava alto, e então fez o que ela havia esperado com fervor: avançou o peão do bispo do rei para atacar a torre. Quando ele apertou o relógio, não olhou para Beth.

Sem hesitar, ela pegou seu bispo e o usou para tomar o peão dele, oferecendo-o em sacrifício. Quando o árbitro reproduziu o lance no tabuleiro de exibição, ela ouviu uma reação audível e sussurros dos espectadores. Laev precisaria fazer alguma coisa; não poderia ignorar o bispo. Ele começou a passar

os dedos de uma das mãos pelo cabelo, tamborilando com os da outra na mesa. Beth se recostou na cadeira e se espreguiçou. Ela o deixara sem saída.

Laev estudou o lance durante vinte minutos do relógio antes de se levantar de repente e lhe estender a mão. Beth se levantou e a apertou. A plateia ficou em silêncio. O diretor do torneio se aproximou e também apertou a mão dela, e os dois saíram do palco sob aplausos súbitos e estarrecedores.

• • •

Beth deveria almoçar com o Sr. Booth e algumas pessoas que vinham da embaixada. Mas quando entrou no enorme saguão do hotel, que mais parecia um ginásio acarpetado com poltronas vitorianas junto às paredes, ele não estava ali. A mulher da recepção tinha um recado para ela numa folha de papel: "Lamento terrivelmente, mas surgiu um trabalho para fazer aqui e não poderemos sair. Farei contato." O bilhete era datilografado, com o nome do Sr. Booth também datilografado na parte de baixo. Beth encontrou um dos restaurantes do hotel – outro salão com cara de ginásio acarpetado – e conseguiu falar o suficiente em russo para pedir *blinchiki* e chá com geleia de amora. Seu garçom era um rapaz de rosto sério, com cerca de 14 anos. Ele serviu os bolinhos de trigo sarraceno em seu prato e espalhou a manteiga derretida, o caviar e o creme azedo para ela com uma colherinha de prata. A não ser por um grupo de homens mais velhos usando uniformes de oficiais do exército e dois homens de aparência autoritária usando ternos com coletes, não havia mais ninguém no restaurante. Depois de um momento, outro garçom jovem chegou com uma jarra de algo que parecia água, numa bandeja de prata, e um copinho ao lado. Ele deu um sorriso agradável.

– *Vodka*?

Ela balançou a cabeça rapidamente.

– *Nyet* – disse, e encheu um copo com água da jarra de cristal no centro da mesa.

Tinha a tarde livre e poderia fazer um passeio pela praça Sverdlov, por Bely Gorod e o museu da catedral de São Basílio. Mas, apesar de ser um lindo dia de verão, não estava com vontade. Talvez dali a um ou dois dias. Estava cansada e precisava de um cochilo. Tinha ganhado a primeira partida contra um Grande

Mestre russo, e isso era mais importante do que qualquer coisa que pudesse ver do lado de fora, na cidade imensa que a cercava. Ficaria oito dias ali. Poderia ver Moscou em outra ocasião. Eram duas da tarde quando terminou de almoçar. Pegaria o elevador para o quarto e tentaria tirar um cochilo.

Descobriu que estava agitada demais por ter vencido Laev e não conseguiria dormir. Deitou-se na cama enorme e macia olhando o teto durante quase uma hora, repassando a partida repetidamente, às vezes procurando fraquezas em seu jogo, às vezes exultando com um ou outro lance. Quando chegava ao ponto em que tinha oferecido o bispo, dizia em voz alta: *Zap!* ou *Pou!* Era maravilhoso. Não tinha cometido nenhum erro – ou pelo menos não conseguia encontrar nenhum. Não havia fraquezas. Laev tinha aquele jeito nervoso de tamborilar os dedos na mesa e fazer cara feia, mas quando desistiu só parecia distante e exausto.

Por fim, um pouco descansada, saiu da cama, vestiu jeans e a camiseta branca e abriu a cortina pesada da janela. Oito andares abaixo havia uma espécie de convergência de bulevares com alguns carros salpicando o vazio, e para além dos bulevares ficava um parque cheio de árvores. Decidiu dar uma volta.

Mas quando estava calçando as meias e os tênis começou a pensar em Duhamel, contra quem jogaria de brancas no dia seguinte. Só conhecia dois jogos dele, e eram de alguns anos antes. Havia outros mais recentes nas revistas que tinha levado consigo; iria estudá-los agora. E havia o jogo dele com Luchenko, que ainda estava acontecendo quando Beth tinha saído. Ele seria impresso junto com os outros três e entregue a ela à noite, quando os jogadores se reuniriam para um jantar oficial ali no hotel. Era melhor fazer algumas abdominais e alguns agachamentos e deixar a caminhada para outra hora.

O jantar foi uma chatice. Porém, mais do que isso, foi enfurecedor. Beth foi posta numa extremidade da mesa comprida com Duhamel, Flento e Hellström; os jogadores russos estavam na outra ponta com suas esposas. Borgov ocupava a cabeceira com a mulher com quem Beth o tinha visto no zoológico da Cidade do México. Os russos gargalharam durante todo o jantar, tomando quantidades enormes de chá e fazendo gestos amplos enquanto as esposas os olhavam com adoração silenciosa. Até Laev, que tinha sido tão contido no torneio de manhã, estava efusivo. Todos pareciam ignorar de propósito a extremidade da mesa onde Beth estava sentada. Assim ela tentou conversar com Flento durante um tempo,

mas o inglês dele era ruim e seu sorriso fixo a deixou desconfortável. Depois de alguns minutos de tentativa, ela se concentrou no jantar e fez o possível para se desligar do barulho na outra ponta da mesa.

Depois do jantar, o diretor do torneio entregou as folhas impressas com os jogos do dia. No elevador ela começou a examiná-los, começando com o de Borgov. Os outros dois tinham sido empate, mas Borgov tinha ganhado o dele. Decisivamente.

• • •

Na manhã seguinte o chofer a levou para o auditório por um trajeto diferente, e dessa vez ela pôde ver a enorme quantidade de pessoas na rua, esperando para entrar, algumas segurando guarda-chuvas pretos por causa da garoa matinal. Ele a levou pela mesma entrada lateral que Beth havia usado no dia anterior. Umas vinte pessoas estavam paradas ali. Quando ela saiu do carro e passou rapidamente em direção ao prédio, elas aplaudiram. Alguém gritou "Lisabeta Harmon!" logo antes de o porteiro fechar a porta.

No 9º lance, Duhamel cometeu um erro de avaliação e Beth deu o bote, cravando o cavalo dele na frente de uma torre. Isso iria deixar a posição dele atravancada por um momento enquanto ela desenvolvia seu outro bispo. Depois de ter estudado os jogos dele, Beth sabia que ele era cauteloso e forte na defesa. Por isso, na noite anterior decidira esperar até ter uma oportunidade para partir com tudo para cima dele. No 14º lance estava com os dois bispos apontados para o rei dele, e no 18º havia aberto as diagonais deles. Duhamel se escondeu, usando os cavalos com habilidade para contê-la, mas ela avançou com a dama, e isso foi demais para ele. A 20ª jogada de Duhamel foi uma tentativa desesperada de afastá-la. Na 22ª, ele desistiu. O jogo mal tinha demorado uma hora.

Haviam jogado na extremidade do palco; Borgov, jogando contra Flento, estava na frente. Na hora que ela passou, sob os aplausos discretos que a plateia dava enquanto havia partidas acontecendo, ele a olhou por um instante. Era a primeira vez, desde a Cidade do México, que ele a olhava diretamente, e aquele olhar a amedrontou.

Num impulso, Beth esperou por um momento, fora da visão da área de jogo,

e depois voltou para a beirada da cortina e olhou. A cadeira de Borgov estava vazia. Na outra ponta, ele estava de pé, olhando o tabuleiro de exibição com o jogo que Beth havia acabado de disputar. Uma das suas mãos grandes envolvia o maxilar e a outra estava no bolso do paletó. Ele estudava a posição com a testa franzida. Beth se virou rapidamente e saiu.

Depois do almoço, ela atravessou o bulevar e foi por uma rua estreita até o parque. Por acaso o bulevar era a rua Sokolniki e havia bastante tráfego quando ela a atravessou junto a um grande grupo de pedestres. Algumas pessoas a olharam e algumas sorriram, mas ninguém disse nada. A chuva havia parado e era um dia agradável; com o sol alto no céu, os prédios enormes que ladeavam a rua tinham menos cara de prisão.

Parte do parque era uma floresta, com caminhos ladeados de bancos de ferro fundido com pessoas idosas sentadas. Beth caminhou, ignorando os olhares o melhor que pôde, passando por alguns lugares escuros devido às árvores, e de repente se viu numa praça grande com flores crescendo em pequenos triângulos salpicados aqui e ali. Sob uma espécie de pavilhão coberto no centro havia pessoas sentadas em longas fileiras. Estavam jogando xadrez. Devia haver uns quarenta tabuleiros. Beth vira idosos jogando no Central Park e na Washington Square em Nova York, mas apenas uns poucos, de vez em quando. Aqui havia uma grande multidão de homens preenchendo o pavilhão do tamanho de um celeiro e se derramando pelos degraus.

Ela hesitou um momento junto à escada de mármore gasto que levava ao pavilhão. Dois homens idosos jogavam num velho tabuleiro de pano, sentados nos degraus. O mais velho, desdentado e careca, jogava o Gambito do Rei. O outro estava usando o Contragambito Falkbeer contra ele. Pareceu algo antiquado para Beth, mas sem dúvida era um jogo sofisticado. Os homens a ignoraram. Ela subiu a escada e entrou na sombra do pavilhão.

Havia quatro fileiras de mesas de concreto com tabuleiros pintados na superfície, e em cada um deles um par de jogadores, todos homens. Alguns curiosos assistiam de pé. Falava-se muito pouco. De trás dela vinham gritos ocasionais de crianças, que em russo soavam exatamente do mesmo jeito que em qualquer outra língua. Beth caminhou lentamente entre duas fileiras de jogos, sentindo o cheiro forte de fumaça dos cachimbos dos jogadores. Alguns a olhavam enquanto ela passava, e no rosto de um ou outro Beth percebeu um ar

de reconhecimento, mas ninguém falou com ela. Eram todos velhos – muito velhos. Muitos deviam ter visto a revolução quando crianças. Em geral as roupas eram escuras, até as camisas de algodão que eles usavam no tempo quente eram cinza; eles tinham a mesma aparência dos velhos de qualquer outro lugar, como uma infinidade de encarnações do Sr. Shaibel, jogando partidas nas quais ninguém nunca prestaria atenção. Em várias mesas havia exemplares da *Shakhmati v URSS*.

Beth parou um momento ao lado de uma mesa onde a posição parecia interessante. Era a Richter-Rauzer, da Siciliana. Alguns anos antes, quando tinha 16 anos, ela tinha escrito uma pequena matéria a respeito dessa variante para a *Revista do Xadrez*. Os homens a estavam jogando corretamente, e as pretas mostravam uma ligeira variação nos peões que ela nunca tinha visto, mas era claramente sólida. Era xadrez de qualidade. Xadrez de primeira, jogado por dois idosos vestindo roupas baratas de trabalhador. O homem que jogava de brancas moveu o bispo do rei, levantou os olhos para ela e fez uma cara feia. Por um momento Beth se sentiu tremendamente acanhada no meio de todos aqueles velhos russos, com suas meias de náilon, a saia azul-clara e o suéter de caxemira cinza, o cabelo cortado e penteado no estilo de uma jovem americana, os pés calçando sapatos que provavelmente custaram o que esses homens costumavam ganhar num mês.

Então o rosto enrugado do homem que a encarava se abriu num sorriso largo, faltando dentes, e ele disse:

– Harmon? Elisabeta Harmon?

E, surpresa, ela disse:

– *Da*.

Antes que Beth pudesse reagir, ele se levantou, envolveu-a em seus braços, apertou-a e gargalhou, repetindo:

–Harmon! Harmon!

E logo havia uma multidão de idosos com roupas cinza ao redor dela, sorrindo e estendendo a mão para ela apertar, ansiosos, oito ou dez deles falando com ela em russo, todos ao mesmo tempo.

• • •

Suas partidas contra Hellström e Shapkin foram rigorosas, duras e exaustivas, mas ela jamais esteve em apuros. O treinamento que tinha feito nos seis meses anteriores deu aos seus lances de abertura uma solidez que ela conseguiu manter ao longo do meio-jogo e em diante, até o ponto em que cada um deles desistiu. Hellström obviamente reagiu mal e não falou com ela depois, mas Shapkin foi muito civilizado, muito decente, e desistiu com elegância, ainda que a vitória dela tivesse sido decisiva e implacável.

Seriam sete jogos no total. Os jogadores tinham recebido a programação no longo discurso de orientação no primeiro dia; Beth deixou a sua na mesinha de cabeceira, ao lado da cama, na gaveta junto com o frasco de comprimidos verdes. No último dia, jogaria de brancas contra Borgov. Hoje era contra Luchenko, de pretas.

Luchenko era o jogador mais velho; tinha sido campeão mundial antes de Beth nascer, havia jogado e derrotado o grande Alekhine numa exibição quando era menino, empatado com Botvinnik e esmagado Bronstein em Havana. Não era mais o tigre que já havia sido, mas Beth sabia que ele era um jogador perigoso quando o deixavam atacar. Tinha estudado dezenas de jogos dele na *Chess Informant*, alguns durante o mês que havia passado com Benny em Nova York, e seu poder de ataque era chocante até mesmo para ela. Era um jogador formidável e um homem formidável. Ela precisaria ter muito cuidado.

Estavam na primeira mesa – onde Borgov tinha jogado no dia anterior. Luchenko fez uma ligeira reverência, levantando-se quando ela ocupou a cadeira. O terno dele era de um cinza sedoso, e quando ele foi até a mesa Beth notou os sapatos – pretos bem engraxados e aparentemente macios, provavelmente importados da Itália.

Beth estava usando um vestido de algodão verde-escuro com debruns brancos no pescoço e nas mangas. Tinha dormido bem na noite anterior. Estava preparada para ele.

Mas, no 12º lance, ele começou a atacar: a princípio muito sutilmente, com peão três torre da dama. Meia hora depois já preparava uma tempestade de peões pela ala da dama, e Beth precisou atrasar o que estava preparando para lidar com isso. Estudou o tabuleiro por um longo tempo antes de levar um cavalo para a defesa. Não ficou feliz com isso, mas era o que precisava ser feito. Olhou para Luchenko do outro lado do tabuleiro. Ele balançou levemente a cabeça – de um

jeito teatral – e um sorriso minúsculo brotou em seus lábios. Então ele estendeu a mão e continuou com o avanço de seu peão do cavalo, como se não se importasse com o lugar onde Beth posicionara o cavalo dela. *O que ele estava fazendo?* Beth examinou a posição de novo e então, chocada, viu. Se não encontrasse uma saída, precisaria tomar o peão da torre com seu cavalo, e quatro lances depois ele poderia levar o bispo de aparência inocente da primeira fileira para a casa cinco do cavalo, ali, na sua ala fraturada da dama, e trocá-lo por sua torre da dama. Isso aconteceria sete lances à frente e ela não tinha visto.

Firmou os cotovelos na mesa e apoiou as bochechas nos punhos fechados. Precisava encontrar um jeito. Afastou da mente Luchenko, o auditório lotado, o tique-taque do relógio e todo o resto, e examinou a posição, repassando cuidadosamente dezenas de continuações. Mas não havia nada. O melhor que poderia fazer era abrir mão da qualidade e tomar o peão da torre dele, como prêmio de consolação. E ele ainda continuaria o ataque pela ala da dama. Beth odiou isso, mas precisava ser feito. *Devia ter visto antes.* Ela avançou seu peão da torre da dama, como precisava fazer, e assistiu enquanto os lances se desenrolavam. Sete jogadas depois, ele tomou a torre com seu bispo e ela ficou com um nó no estômago ao vê-lo pegar a peça e colocá-la ao lado do tabuleiro. Quando ela tomou o peão da torre, dois lances depois, isso quase não fez diferença. Ela estava em desvantagem, e todo o seu corpo se retesou.

A simples tarefa de impedir o avanço dos peões dele pela ala da dama era um esforço enorme. Para conseguir isso, ela precisou devolver o peão, e logo depois ele já estava dobrando suas torres na coluna do rei. Ele não iria ceder. Beth fez uma ameaça ao rei dele e conseguiu trocar uma das torres dele pela sua que restava. Não era bom fazer trocas quando se estava por baixo, porque a vantagem dele aumentava, mas ela tinha que fazer. Luchenko entregou casualmente a peça trocada e ela olhou para o cabelo branco-neve dele enquanto ele pegava a sua, odiando-o por isso. Odiando-o pelo cabelo teatral, odiando-o pela qualidade a mais. Se continuassem as trocas, ela ficaria reduzida a nada. Precisava encontrar um modo de fazê-lo parar.

O meio-jogo foi complicadíssimo. Os dois estavam entrincheirados, com cada peça defendida pelo menos uma vez e muitas duas vezes. Ela lutou para evitar as trocas e encontrar um recurso que pudesse levá-la de volta à igualdade; ele neutralizava tudo que ela tentava, movendo as peças de um jeito confiante,

com sua mão de unhas lindamente bem-feitas. Os intervalos entre os lances eram longos. De vez em quando Beth vislumbrava uma possibilidade muito adiante, oito ou dez lances à frente, mas jamais conseguia materializá-la. Ele tinha levado a torre à terceira horizontal e a colocado à frente de seu rei em roque; o movimento dela ali estava limitado a três casas. Se ela ao menos conseguisse encontrar um modo de encurralá-la antes de ele tirar o cavalo que a restringia! Concentrou-se nisso com todas as suas forças, sentindo por um momento que sua intensidade poderia queimar a torre no tabuleiro como um raio laser. Atacou-a mentalmente com cavalos, peões, a dama, até com o rei. Forçou-o mentalmente a avançar um peão de modo a cortar duas casas de fuga da torre, mas não conseguiu encontrar nada.

Tonta pelo esforço, afastou os cotovelos da mesa, pôs os braços no colo, balançou a cabeça e olhou seu relógio. Tinha menos de 15 minutos. Alarmada, olhou sua planilha. Precisava fazer mais três lances antes que sua seta caísse, caso contrário seria eliminada. Luchenko ainda tinha 40 minutos no relógio. Não havia nada a fazer, a não ser jogar. Já havia considerado cavalo para cinco do cavalo e sabia que era um lance bom, ainda que não fosse particularmente útil. Moveu-o. A resposta dele foi a que ela esperava, obrigando-a a levar o cavalo de volta para quatro do rei, onde ela havia mesmo planejado que ele ficasse. Restavam sete minutos. Estudou cuidadosamente a posição e colocou seu bispo na diagonal em que a torre dele estava. Luchenko moveu a torre, como ela sabia que faria. Beth sinalizou para o diretor do torneio, anotou seu próximo lance na planilha, mantendo a outra mão por cima, para escondê-lo de Luchenko, e dobrou a folha para lacrá-la. Quando o diretor veio, ela disse "Adiamento", e esperou que ele fosse buscar o envelope. Estava exausta. Não houve aplausos quando se levantou e saiu cansada do palco.

• • •

Era uma noite quente e a janela do quarto estava aberta enquanto ela permanecia sentada à mesa ornamentada com seu tabuleiro de xadrez, estudando a posição adiada, procurando maneiras de restringir a torre de Luchenko ou usar sua vulnerabilidade como disfarce para atacá-lo em outro ponto. Depois de duas horas, o calor do quarto se tornou insuportável. Beth pensou em descer e dar

uma volta pelo quarteirão – se isso fosse seguro e legal. Estava tonta com tanto xadrez e tão pouca comida. Seria bom comer um cheeseburger. Riu de si mesma com ironia; jamais imaginara se tornar o tipo de americano que deseja um cheeseburger quando viaja para fora do país. Meu Deus, estava cansada! Daria uma volta rápida e iria para a cama. A partida adiada só continuaria na noite do dia seguinte; haveria mais tempo para estudá-la depois do jogo contra Flento.

O elevador ficava no final do corredor. Por causa do calor, vários quartos estavam abertos, e ao se aproximar de um deles Beth escutou vozes masculinas graves em algum tipo de discussão. Quando chegou perto da porta, olhou para dentro. O cômodo devia fazer parte de uma suíte, porque o que viu foi uma sala imponente com lustre de cristal pendendo de um teto com relevos elaborados, um par de sofás verdes com estofados volumosos e grandes quadros a óleo escuros na parede mais distante, onde uma porta aberta dava para um quarto. Havia três homens em mangas de camisa, de pé em volta de uma mesa entre os sofás. Na mesa havia uma jarra de cristal e três copinhos. No centro da mesa havia um tabuleiro de xadrez; dois homens olhavam e comentavam enquanto o terceiro movia peças especulativamente, com as pontas dos dedos. Os dois homens que observavam eram Tigran Petrosian e Mikhail Tal. O que movia as peças era Vasily Borgov. Eram três dos melhores enxadristas do mundo e estavam analisando o que devia ser a posição adiada de Borgov em seu jogo com Duhamel.

Uma vez, quando era criança, Beth estava passando pelo corredor do prédio da administração e parou um momento junto à porta da sala da Sra. Deardorff, que, de modo pouco característico, estava aberta. Olhando furtivamente para dentro, viu a Sra. Deardorff de pé, na sala externa, conversando com um homem mais velho e uma mulher, as cabeças próximas numa intimidade que ela jamais esperaria por parte da superintendente. Tinha sido um choque espiar aquele mundo adulto. A Sra. Deardorff estendeu o dedo indicador e estava batendo de leve na lapela do homem enquanto falava com ele, olhos nos olhos. Beth nunca tornou a ver o casal e não tinha ideia do que eles estariam conversando, mas jamais esqueceu a cena. Ao ver Borgov na sala de sua suíte planejando o próximo lance com a ajuda de Tal e Petrosian, sentiu a mesma coisa. Sentiu-se irrelevante: uma criança espiando o mundo dos adultos. Quem ela pensava que era?

Precisava de ajuda. Passou rapidamente pelo quarto e foi até o elevador, sentindo-se constrangida e terrivelmente sozinha.

• • •

A multidão esperando junto à porta lateral tinha aumentado. Quando saiu da limusine de manhã as pessoas começaram a gritar "Harmon! Harmon!" em uníssono, acenando e sorrindo. Algumas estenderam a mão para tocá-la, e Beth foi passando com dificuldade entre elas, nervosa, tentando sorrir de volta. Tivera um sono entrecortado, levantando-se de vez em quando para estudar a posição de seu jogo adiado com Luchenko ou andar para cá e para lá descalça pelo quarto, pensando em Borgov e nos outros dois, de gravatas afrouxadas e em mangas de camisa, analisando o tabuleiro como se fossem Roosevelt, Churchill e Stalin com um mapa da última campanha da Segunda Guerra Mundial. Não importava quanto dissesse a si mesma que era tão boa quanto qualquer um deles. Sentia, tomada pelo desânimo, que aqueles homens com seus sapatos pretos pesados sabiam algo que ela não sabia e não saberia jamais. Tentou se concentrar em sua própria carreira, na rápida ascensão ao topo do xadrez americano e mais além, no modo como havia se tornado uma jogadora mais forte do que Benny Watts, como tinha vencido Laev sem um momento de dúvida sequer, como, mesmo na infância, tinha encontrado um erro no jogo do grande Morphy. Mas tudo isso era sem sentido e trivial diante de seu vislumbre da elite do xadrez russo, do quarto onde os homens conversavam com suas vozes graves e estudavam o tabuleiro com uma segurança que parecia totalmente fora do seu alcance.

A única coisa boa era que seu oponente era Flento, o jogador mais fraco do torneio. Ele já estava fora da corrida, com uma derrota clara e dois empates. Apenas Beth, Borgov e Luchenko não tinham perdido nem empatado nenhuma partida. Ela tomou uma xícara de chá antes do início dos jogos e isso a ajudou um pouco. Mais importante: simplesmente estar naquela sala com os outros jogadores afastou parte do que havia sentido durante a noite. Borgov estava tomando chá quando ela entrou. Ele a ignorou, como sempre, e ela o ignorou. Mas, com uma xícara de chá na mão e uma expressão silenciosa de indiferença no rosto pesado, ele não era tão apavorante quanto em sua imaginação na noite

anterior. Quando o diretor veio acompanhá-los até o palco, Borgov olhou para ela logo antes de sair da sala e levantou as sobrancelhas ligeiramente como se dissesse: "Lá vamos nós outra vez!" e ela se pegou sorrindo levemente para ele. Beth pousou sua xícara e foi atrás.

Conhecia bastante bem a carreira irregular de Flento e tinha memorizado uma dezena de jogos dele. Antes mesmo de sair de Lexington, tinha decidido que se jogasse com as peças brancas contra ele, usaria a Abertura Inglesa. Começou a partida assim, portanto, avançando o peão do bispo da dama para a quarta casa. Era como uma Siciliana ao contrário. Sentia-se confortável com ela.

Venceu, mas demorou quatro horas e meia, num jogo muito mais difícil do que esperava. Ele lutou bravamente ao longo das duas principais diagonais e jogou a variante de quatro cavalos com uma sofisticação que, por um tempo, foi muito maior do que a dela. Mas quando chegaram ao meio-jogo, Beth viu uma oportunidade de fazer trocas para sair dessa posição e a aproveitou. Acabou fazendo algo que raramente fazia: escoltar um peão ao longo do tabuleiro até ele chegar à sétima horizontal. Removê-lo custaria a Flento sua única peça restante. Ele desistiu. Desta vez os aplausos foram mais fortes do que nunca. Eram duas e meia. Ela não havia tomado o café da manhã e estava exausta. Precisava almoçar e tirar um cochilo. Precisava descansar antes da partida adiada, à noite.

No restaurante almoçou rapidamente uma quiche de espinafre e uma espécie de *pommes frites* eslava. Mas quando subiu para o quarto às três e meia e se deitou na cama, descobriu que seria impossível dormir. Havia marteladas intermitentes acima da sua cabeça, como se estivessem instalando um carpete novo. Beth podia ouvir o som de botas, e de vez em quando parecia que alguém largava uma bola de boliche da altura do quadril. Ficou deitada na cama por uns vinte minutos, mas não adiantou nada.

Quando terminou o jantar e chegou ao auditório do jogo, estava mais cansada do que jamais se lembrava de ter estado. Sua cabeça doía, e o corpo estava dolorido de ficar curvado sobre um tabuleiro. Desejou fervorosamente ter tomado alguma injeção para apagar durante a tarde, para poder encarar Luchenko após algumas horas de sono sem sonhos. Desejou ter se arriscado e tomado um Librium. Um pouco de névoa mental seria melhor do que isso.

Quando Luchenko chegou à sala onde aconteceria a partida adiada, parecia calmo e descansado. Seu terno, desta vez escuro, de lã penteada, estava

impecavelmente passado e se ajustava lindamente nos ombros. Beth pensou que ele devia comprar todas as roupas fora do país. Ele sorriu para ela com uma formalidade contida; ela conseguiu assentir e dizer "Boa noite".

Havia duas mesas arrumadas para os jogos adiados. Numa delas havia um final clássico de torres e peões, esperando Borgov e Duhamel. A posição dela com Luchenko tinha sido arrumada na outra. Quando Beth se sentou, Borgov e Duhamel entraram juntos e foram até o tabuleiro do outro lado da sala, num silêncio sério. Havia um árbitro para cada partida, e os relógios já estavam ajustados. Beth tinha seus noventa minutos de tempo extra e Luchenko tinha a mesma coisa, além dos 35 minutos que tinham sobrado do dia anterior. Beth havia se esquecido do tempo extra dele. Isso colocava três coisas contra ela: o fato de ele estar de brancas, o ataque dele que ela ainda precisava deter e o tempo extra.

O árbitro trouxe o envelope, abriu-o, mostrou a planilha para os dois jogadores e fez o lance de Beth. Apertou o botão que acionava o relógio de Luchenko, e sem hesitação Luchenko avançou o peão que Beth esperava. Houve certo alívio em vê-lo fazer essa jogada. Ela fora obrigada a pensar em várias outras réplicas possíveis; agora as linhas que partiam delas podiam ser tiradas de sua mente. Do outro lado da sala ouviu Borgov tossir alto e assoar o nariz. Tentou afastá-lo do pensamento. Jogaria com ele no dia seguinte, mas agora era hora de trabalhar neste jogo, de dar tudo de si. Borgov quase certamente venceria Duhamel e começaria o dia seguinte invicto. Se ela quisesse vencer esse torneio precisava virar este jogo. Luchenko estava com a qualidade a mais, e isso era ruim. Mas ele precisava cuidar daquela torre ineficaz, e depois de várias horas de estudo Beth havia encontrado três modos de usar isso contra ele. Se conseguisse, poderia trocar um bispo por ela e igualar a partida.

Esqueceu quanto estava cansada e começou a trabalhar. Era uma batalha complicada, morro acima. E Luchenko tinha aquele tempo extra. Beth se decidiu por um plano que havia elaborado no meio da noite e recuou seu cavalo na ala da dama com o intuito de levá-lo por um passeio até a casa cinco do rei. Obviamente Luchenko estava preparado para isso – também tinha analisado a partida em algum momento desde a manhã do dia anterior. Provavelmente com ajuda. Mas havia algo que ele podia não ter analisado, por melhor que fosse, e que ele talvez não enxergasse agora. Beth tirou seu bispo da diagonal onde estava

a torre dele e esperou que Luchenko não percebesse o que ela estava planejando. Pareceria que estava atacando a formação de peões dele, forçando-o a fazer um avanço instável. Mas ela não estava preocupada com a posição dos peões dele. Queria tanto aquela torre fora do tabuleiro que seria capaz de matar por isso.

Luchenko meramente avançou o peão. Ele poderia ter pensado mais tempo – *deveria* ter pensado mais tempo –, mas não pensou. Moveu o peão. Beth sentiu uma pequena vibração. Ela tirou o cavalo da diagonal e o colocou não na cinco do rei, mas na casa cinco do bispo da dama, oferecendo-o à dama dele. Se a dama o tomasse, ela tomaria a torre com seu bispo. Isso, em si, não seria bom para ela – pagar pela torre com o cavalo e o bispo –, mas o que Luchenko não tinha visto era que em troca ela tomaria o cavalo dele por causa do lance da dama. Era doce. Muito doce. Ela levantou o olhar para ele, hesitante.

Não tinha olhado para Luchenko durante quase uma hora, e a aparência dele foi uma surpresa. Ele havia afrouxado a gravata, que estava torcida para um lado do colarinho. O cabelo estava desgrenhado. Ele mordia o polegar e seu rosto estava contraído de um modo chocante.

Luchenko demorou meia hora e não encontrou nada. Por fim tomou o cavalo. Ela tomou a torre, querendo gritar de alegria ao tirá-la do tabuleiro, e ele tomou seu bispo. Então ela deu xeque, ele interpôs e ela avançou o peão para ameaçar o cavalo. Olhou para ele de novo. O jogo estaria igualado agora. O ar de elegância havia sumido. Ele havia se tornado um velho amarrotado num terno caro, e de repente Beth pensou que não era a única exausta com os jogos dos últimos seis dias. Luchenko tinha 57 anos. Ela estava com 19. E tinha malhado com Jolene durante cinco meses em Lexington.

A partir desse ponto, ele abandonou toda a resistência. Não havia um motivo posicional claro para ela ser capaz de apressá-lo a uma desistência depois de tomar seu cavalo; era uma posição teoricamente equilibrada. Os peões na ala da dama dele estavam fortes. Mas agora ela foi desbastando os peões, lançando ameaças sutis contra eles ao mesmo tempo que atacava o bispo restante e o forçava a proteger o peão mais importante com sua dama. Quando ele fez isso, levando a dama para apoiar os peões, Beth soube que o deixara sem saída. Concentrou a mente no rei dele, voltando toda a sua atenção ao ataque.

Restavam 25 minutos no seu relógio e Luchenko ainda tinha quase uma hora, mas ela dedicou vinte minutos a calcular tudo, e então atacou, levando o peão da

torre do rei para a quarta horizontal. Era um anúncio claro das suas intenções, e ele pensou longa e intensamente antes de jogar. Beth usou o tempo em que o relógio dele tiquetaqueava para pensar em tudo: cada variante de cada jogada que ele poderia fazer. Encontrou uma resposta para tudo, e quando ele finalmente fez o lance, levando a dama inutilmente para a defesa, ela ignorou a chance de tomar um dos peões do ataque dele e avançou seu peão da torre do rei. Era um lance esplêndido, e ela sabia. Seu coração exultou. Beth olhou para Luchenko sobre o tabuleiro.

Ele parecia perdido em pensamentos, como se estivesse lendo filosofia e tivesse acabado de pousar o livro para pensar numa proposição difícil. Agora seu rosto estava cinzento, com minúsculas rugas reticulando a pele seca. Ele mordeu o polegar de novo e ela viu, em choque, que a unha lindamente bem-feita do dia anterior tinha sido totalmente roída e estava em frangalhos. Ele olhou para ela de relance, cansado – um olhar com o grande peso da experiência e toda uma longa carreira no xadrez –, e olhou de volta uma última vez para o peão da torre de Beth, agora na quinta fileira. Então se levantou.

– Excelente! – disse em inglês. – Uma recuperação linda!

As palavras eram tão conciliatórias que Beth ficou perplexa. Não sabia o que dizer.

– Excelente! – repetiu ele. Em seguida, pegou seu rei, segurou-o deliberadamente por um momento e o pousou de lado no tabuleiro. Deu um sorriso cansado. – É com alívio que desisto.

Sua naturalidade e a falta de rancor deixaram Beth subitamente envergonhada. Ela estendeu a mão, que ele apertou calorosamente.

– Eu estudei partidas suas desde pequena – contou ela. – Sempre admirei o senhor.

Ela a olhou pensativo por um momento.

– Você está com 19 anos?

– É.

– Examinei os seus jogos neste torneio. – Ele fez uma pausa. – Você é um fenômeno, minha querida. Acho que acabei de enfrentar o melhor jogador de xadrez em toda a minha vida.

Ela não conseguia falar e o encarava, incrédula.

Ele sorriu para ela.

– Você vai se acostumar.

O jogo entre Borgov e Duhamel havia terminado antes e os dois já tinham ido embora. Quando Luchenko saiu, Beth foi até o outro tabuleiro e olhou as peças ainda posicionadas. As pretas se encontravam amontoadas em volta do rei, numa tentativa inútil de protegê-lo, e a artilharia das brancas estava chegando ao canto dele, vinda de todas as partes do tabuleiro. O rei preto estava caído. Borgov havia jogado de brancas.

No saguão do hotel, um homem saltou de uma poltrona junto à parede e foi sorrindo até ela. Era o Sr. Booth.

– Parabéns! – disse ele.

– Onde o senhor se meteu?

Ele balançou a cabeça, desculpando-se.

– Exigências de Washington...

Beth ia dizer alguma coisa, mas deixou para lá. Achava ótimo não tê-lo por perto para incomodá-la.

Booth estava com um jornal dobrado embaixo do braço. Pegou-o e entregou a ela. Era o *Pravda*. Beth não conseguia decifrar as letras cirílicas em negrito das manchetes, mas, quando virou o jornal, na parte de baixo da primeira página havia uma foto sua jogando contra Flento. A imagem ocupava três colunas. Ela examinou a legenda por um tempo e conseguiu traduzir: "Força surpreendente dos Estados Unidos."

– Legal, não é? – perguntou Booth.

– Espere até amanhã a esta hora.

• • •

Luchenko estava com 57 anos, mas Borgov tinha 38. Borgov também era conhecido como jogador de futebol amador e já batera um recorde universitário no lançamento de dardos. Diziam que se exercitava com pesos durante os torneios, usando uma academia que o governo mantinha aberta até tarde especialmente para ele. Não fumava nem bebia. Era Mestre desde os 11 anos. O espantoso, Beth viu ao repassar os jogos dele publicados na *Chess Informant* e na *Shakhmati v USSR,* era que ele perdia muito poucos.

Mas Beth jogaria com as peças brancas. Precisava se agarrar a essa vantagem

com todas as forças. Jogaria o Gambito da Dama. Benny e ela haviam discutido isso durante horas, meses antes, e finalmente concordaram que era o modo de agir se ela estivesse de brancas. Não queria jogar contra a Siciliana de Borgov, por mais que conhecesse bem essa defesa, e o Gambito da Dama era o melhor modo de evitá-la. Poderia segurá-lo se não perdesse a cabeça. O problema era que ele não cometia erros.

Quando atravessou o palco, vendo o auditório mais lotado do que imaginaria ser possível – com cada centímetro dos corredores apinhado de gente e pessoas de pé atrás da última fila de poltronas –, um silêncio baixou sobre a multidão enorme e ela avistou Borgov, já sentado, esperando-a. Percebeu que não era apenas o xadrez implacável de Borgov que precisaria enfrentar. Morria de medo do sujeito. Tinha ficado aterrorizada por ele desde que o vira junto à jaula dos gorilas na Cidade do México. Agora ele estava meramente olhando as peças pretas intocadas, mas o coração e a respiração de Beth pararam quando ela olhou para ele. Não havia nenhum sinal de fraqueza naquela figura imóvel diante do tabuleiro, sem vê-la, sem ver os milhares de outras pessoas que deviam estar olhando para ele. Era como um ícone ameaçador. Era como se estivesse pintado na parede de uma caverna. Beth andou lentamente e se sentou diante das peças brancas. Aplausos baixos e contidos soaram na plateia.

O árbitro apertou o botão e Beth ouviu seu relógio começando a tiquetaquear. Jogou peão quatro da dama, olhando para as peças. Ela não estava preparada para olhar para o rosto dele. Ao longo do palco, os outros três jogos tinham começado. Ouviu o movimento dos jogadores atrás de si, acomodando-se para o trabalho matinal, o clique dos botões dos relógios sendo acionados. Então tudo ficou silencioso. Olhando o tabuleiro, só via as costas da mão dele, os dedos grossos com pelos ásperos e pretos acima dos nós, enquanto ele movia o peão para a casa quatro da dama. Ela jogou peão quatro bispo da dama, oferecendo o peão do gambito. A mão o recusou, jogando peão quatro do rei. O Contragambito Albin. Ele estava ressuscitando uma resposta antiga, mas ela conhecia o Albin. Tomou o peão, olhou de relance para o rosto dele e desviou os olhos. Ele jogou peão cinco da dama. Seu rosto estava impassível e não tão amedrontador quanto ela temia. Jogou o cavalo do rei e ele jogou o da dama. A dança estava acontecendo. Beth sentia-se pequena e leve. Sentia-se uma menininha. Mas sua mente estava clara e ela conhecia as jogadas.

O 7º lance dele foi uma surpresa, e imediatamente ficou claro que era algo que Borgov havia preparado para disparar contra ela. Beth pensou durante vinte minutos, penetrou o lance do melhor modo que pôde e respondeu com um desvio completo do Albin. Ficou feliz por sair dele e ir para o espaço aberto. A partir dali os dois lutariam com a própria inteligência.

A inteligência de Borgov era formidável, aliás. No 14º lance ele tinha alcançado a igualdade e talvez certa vantagem. Beth respirou fundo e continuou sem olhar para o rosto dele, observando cada oportunidade para uma coluna ou diagonal aberta, um peão dobrado, um potencial garfo, uma cravada, um raio X ou um espeto. Dessa vez, via o tabuleiro inteiro na própria mente e captava qualquer mudança no equilíbrio de poder que se alterava em sua superfície. Cada partícula desse poder era neutralizada por sua partícula contrária, mas cada uma delas estava pronta para se disparar se tivesse essa chance e romper a estrutura. Se ela permitisse a saída da torre dele, isso iria acabar com ela. Se Borgov permitisse que a dama de Beth fosse até a coluna do bispo, a proteção do rei dele desmoronaria. Ela não podia permitir que o bispo dele desse xeque. Ele não podia permitir que ela avançasse o peão da torre. Durante horas, Beth não olhou para ele, para a plateia ou mesmo para o árbitro. Na totalidade de sua mente, na totalidade de sua atenção, via apenas essas materializações do perigo: cavalo, bispo, torre, peão, rei e dama.

Foi Borgov quem disse a palavra "Adiamento". Disse em inglês. Beth olhou para seu relógio, sem compreender, antes de perceber que nenhuma das duas setas havia caído e que a de Borgov estava mais perto disso do que a dela. Ele tinha sete minutos. Ela tinha quinze. O último lance tinha sido o 40º. Borgov queria adiar o jogo. Beth olhou para trás; o restante do palco estava vazio, os outros jogos haviam terminado.

Então olhou para Borgov. Ele não havia afrouxado a gravata nem tirado o paletó ou desgrenhado o cabelo. Não parecia cansado. Ela desviou o olhar. No momento em que viu aquele rosto inexpressivo, silenciosamente hostil, ficou aterrorizada.

• • •

Booth estava no saguão. Dessa vez acompanhado por meia dúzia de repórteres.

Havia o homem do *New York Times* e a mulher do *Daily Observer*, o homem da Reuters e o da UPI. Havia dois rostos novos entre eles, quando se aproximaram no saguão.

– Estou morta de cansaço – disse ela a Booth.

– Aposto que sim. Mas eu prometi a essas pessoas...

Ele apresentou os novatos. O primeiro era da *Paris-Match* e o segundo, da *Time*. Ela olhou para este último e perguntou:

– Eu vou sair na capa?

– Você vai vencê-lo?

E ela não sabia a resposta. Estava morrendo de medo. No entanto, a posição no tabuleiro estava equilibrada e Beth tinha um pouco de vantagem no tempo. Não havia cometido nenhum erro. Mas Borgov também não.

Havia dois fotógrafos e ela posou para fotos, e quando um deles perguntou se poderia tirar uma foto na frente de um tabuleiro de xadrez, ela os levou até seu quarto, onde seu tabuleiro ainda estava arrumado com a posição do jogo com Luchenko. Aquilo parecia ter acontecido há muito tempo. Beth sentou-se diante do tabuleiro, para eles, realmente não se incomodando com isso – na verdade achando ótimo –, enquanto eles disparavam um rolo de filme atrás do outro, de todos os lados do quarto. Era como uma festa. Enquanto os fotógrafos a estudavam, ajustavam as câmeras e trocavam as lentes, os repórteres faziam perguntas. Ela sabia que deveria estar arrumando a posição de seu jogo adiado e se concentrando nele, buscando uma estratégia para o dia seguinte, mas gostava dessa distração ruidosa.

Nesse momento Borgov devia estar naquela suíte dele, provavelmente com Petrosian e Tal – e talvez com Luchenko, Laev e o resto da elite russa. Teriam tirado os paletós caros, estariam com as mangas das camisas dobradas, explorando a posição dela, procurando fraquezas que já estivessem ali ou que surgiriam dez lances mais tarde, sondando o arranjo das peças brancas como se fossem o corpo dela e eles fossem cirurgiões prontos para dissecá-la. Havia algo obsceno nessa imagem. Eles continuariam assim até tarde da noite, jantando diante do tabuleiro naquela mesa enorme da sala de Borgov, preparando-o para a manhã seguinte. Mas ela gostava do que estava fazendo agora. Não queria pensar na posição. Também sabia que o problema não era a posição. Ela poderia calcular

todas as possibilidades em algumas horas, depois do jantar. O problema era como se sentia com relação a Borgov. Era bom esquecer isso por um tempo.

Eles perguntaram sobre o Lar Methuen. E, como sempre, Beth se conteve. Mas um deles pressionou um pouco e ela se pegou dizendo:

– Eles me impediram de jogar. Foi um castigo.

E ele aproveitou isso imediatamente. Disse que parecia algo saído de Dickens.

– Por que eles castigariam você desse jeito?

– Acho que eles eram cruéis por princípio. Pelo menos a diretora, a Sra. Helen Deardorff, era. Você vai publicar isso?

Ela estava falando com o homem da *Time*. Ele deu de ombros.

– Isso é com o departamento jurídico. Se você vencer amanhã, talvez publiquem.

– Nem todos eram cruéis – disse ela. – Havia um homem chamado Fergussen, uma espécie de auxiliar. Ele nos amava, acho.

O homem da UPI, que a havia entrevistado no primeiro dia na Rússia, perguntou:

– Quem ensinou você a jogar, se eles não queriam que você jogasse?

– O nome dele era Shaibel – respondeu Beth, pensando naquela parede com fotos no porão. – William Shaibel. Era o zelador.

– Fale sobre isso – pediu a mulher do *Observer*.

– Depois que ele me ensinou, nós jogávamos xadrez no porão.

Eles obviamente adoraram isso. O homem da *Paris-Match* balançou a cabeça, sorrindo.

– O *zelador* ensinou você a jogar xadrez?

– Isso mesmo – respondeu Beth, sentindo a voz vacilar de leve. – O Sr. William Shaibel. Era um jogador muito bom. Dedicava muito tempo ao jogo, e era bom.

Depois de irem embora ela tomou um banho quente, espreguiçando-se na enorme banheira de ferro fundido. Depois vestiu os jeans e começou a arrumar as peças. Mas no minuto em que colocou todas no tabuleiro e começou a examiná-las, a tensão voltou. Em Paris sua posição a essa altura parecia mais forte do que a dele, e ela havia perdido. Deu as costas para a mesa e foi até a janela, abrindo as cortinas e olhando para Moscou. O sol ainda estava alto e a cidade lá embaixo estava mais clara e mais alegre do que Moscou deveria ser. O

parque distante, onde os velhos jogavam xadrez, tinha um verde luminoso, mas ela sentiu medo. Não achava que tivesse a força necessária para seguir em frente e vencer Vasily Borgov. Não queria pensar em xadrez. Se houvesse um aparelho de TV no quarto, teria ligado. Se tivesse uma garrafa de qualquer coisa, teria bebido. Pensou brevemente em ligar para o serviço de quarto, mas se conteve a tempo.

Suspirou e voltou ao tabuleiro. Ele precisava ser estudado. Ela precisava de um plano para o dia seguinte às dez horas.

• • •

Acordou antes do amanhecer e ficou deitada um tempo na cama antes de olhar o relógio. Eram cinco e meia. Duas horas e meia. Tinha dormido duas horas e meia. Fechou os olhos, contrariada, e tentou voltar a dormir, mas isso não funcionou. A posição do jogo adiado surgiu de volta em seu cérebro. Ali estavam seus peões e ali estava sua dama. Tinha olhado para ela durante horas na noite anterior tentando criar algum plano para o restante do jogo, movendo as peças, às vezes no tabuleiro real e às vezes na cabeça, mas não adiantava. Podia avançar o peão do bispo da dama, levar o cavalo até a ala do rei ou colocar a dama na casa dois do bispo. Ou na dois do rei. Se o lance de Borgov lacrado no envelope fosse cavalo para cinco do bispo. Se ele tivesse movido a dama, as respostas seriam diferentes. Se ele estivesse tentando jogar toda a análise dela no lixo, poderia ter movido o bispo do rei. Cinco e meia. Faltavam quatro horas e meia para a continuação da partida. A essa altura Borgov já devia estar com os lances prontos, com um plano de jogo a que teria chegado com a ajuda de seus consultores; devia estar dormindo feito uma pedra. Do lado de fora da janela veio um ruído súbito parecido com um alarme distante, e ela deu um pulo. Era só algum teste contra incêndio ou algo do tipo, mas as mãos de Beth tremeram por um momento.

Pediu *kasha* e ovos no café da manhã e sentou-se de novo diante do tabuleiro. Eram 7h45. Mas mesmo com três xícaras de chá, de algum modo não conseguia penetrar no jogo. Tentou teimosamente obrigar a mente a se abrir, deixar a imaginação trabalhar para ela, como acontecia frequentemente diante de um tabuleiro de xadrez. Mas não vinha nada. Não conseguia ver nada a não ser

suas respostas às futuras ameaças de Borgov. Era um jogo passivo, e ela sabia que era passivo. Isso a havia derrotado no México e poderia derrotá-la de novo. Levantou-se para abrir as cortinas. Quando se virou de volta para o tabuleiro, o telefone tocou.

Olhou para o aparelho. Durante toda a semana em que estivera nesse quarto ele não havia tocado nenhuma vez. Nem mesmo o Sr. Booth tinha ligado para ela. Agora estava tocando em espasmos curtos, muito alto. Beth foi até ele e atendeu. Uma voz de mulher disse algo em russo. Ela não conseguiu entender nenhuma palavra.

– Aqui é Beth Harmon – disse.

A voz disse alguma outra coisa em russo. Houve um estalo no aparelho e uma voz masculina surgiu, clara como se viesse do quarto ao lado:

– Se ele mover o cavalo, ameace com o peão da torre do rei. Se ele escolher o bispo do rei, faça o mesmo. Depois abra a coluna da dama. Isso está me custando uma grana preta.

– *Benny!* – disse ela. – Benny! Como você sabe...

– Está no *Times*. Já está de tarde aqui. Estamos trabalhando nela há três horas. O Levertov está aqui comigo. E o Wexler.

– Benny... é bom ouvir a sua voz.

– *Você precisa abrir aquela coluna*. Há quatro maneiras, dependendo do que ele fizer. Você está com tudo aí à mão?

Ela olhou para a mesa.

– Estou.

– Certo. Vamos começar com o cavalo dele para 5B, e aí você avança o peão da torre do rei. Entendeu?

– Entendi.

– Certo. Agora ele pode fazer três coisas. B para quatro B é a primeira. Se ele fizer isso, sua dama vai direto para a quatro do rei. Ele vai esperar isso, mas talvez não espere o seguinte: peão cinco da dama.

– Não vejo...

– Olhe a torre da dama dele.

Beth fechou os olhos e viu. Apenas um dos seus peões estava entre seu bispo e a torre. E se ele tentasse bloquear o peão, abriria um buraco para o cavalo dela. Mas Borgov e os outros não poderiam ter deixado isso passar.

– Tal e Petrosian estão ajudando a ele.

Benny assobiou.

– É, imagino que sim. Mas analise mais adiante. Se ele mover a torre antes de a sua dama sair, onde vai colocar?

– Na coluna do bispo.

– Você joga peão cinco bispo da dama e sua coluna fica quase aberta.

Ele estava certo. Aquilo estava começando a parecer possível.

– E se ele não jogar B4B?

– Vou colocar o Levertov na linha.

A voz de Levertov chegou pelo aparelho.

– Ele deve jogar cavalo para cinco B. Fica muito complicado. Eu analisei até o ponto em que você ganha um tempo.

Beth não tinha gostado de Levertov quando o conheceu, mas agora seria capaz de dar um abraço nele.

– Me passe os lances.

Ele começou a recitá-los. Era complicado, mas ela não teve dificuldade para ver como a coisa funcionava.

– Isso é lindo – disse.

– Vou colocar o Benny de volta.

Os dois continuaram juntos, explorando as possibilidades, seguindo uma linha após a outra, durante quase uma hora. Benny era incrível. Tinha calculado tudo; ela começou a ver maneiras de encurralar Borgov, usar alguma sutileza, enganá-lo, ludibriá-lo, amarrar as peças dele, forçá-lo a ceder e recuar.

Por fim olhou seu relógio e disse:

– Benny, são nove e quinze aqui.

– Está bem. Vá derrotar o sujeito.

• • •

Havia uma multidão do lado de fora. Um tabuleiro de exibição tinha sido colocado acima da entrada principal, para as pessoas que não conseguissem entrar no auditório. Ao passar de carro, Beth reconheceu a posição imediatamente. Ali, ao sol da manhã, estava o peão que iria avançar, a coluna que ela abriria à força.

A multidão junto à entrada lateral era o dobro do dia anterior. As pessoas começaram a gritar "Harmon! Harmon!" antes de ela abrir a porta da limusine. Na maior parte eram mais velhas; várias estendiam as mãos, sorrindo, com os dedos estendidos para tocá-la enquanto ela passava rapidamente.

Agora havia uma mesa só, no centro do palco. Borgov estava sentado diante dela quando Beth entrou. O árbitro foi com ela até a cadeira, e quando ela se sentou ele abriu o envelope e estendeu a mão para o tabuleiro. Ele pegou o cavalo de Borgov e o moveu para a casa cinco do bispo. Era o lance que queria. Beth avançou seu peão da torre uma casa à frente.

Os cinco lances seguintes se desenrolaram conforme a linha que ela e Benny tinham repassado pelo telefone, e ela conseguiu abrir a coluna. Mas na sexta jogada, Borgov levou sua torre que restava para o centro do tabuleiro. E à medida que Beth a olhava, na cinco da dama dele, ocupando uma casa que a análise não tinha previsto, sentiu o estômago embrulhar e soube que o telefonema de Benny só havia encoberto seu medo. Tivera sorte de a ligação lhe haver rendido tantos lances. Borgov tinha entrado numa linha para a qual Beth não tinha continuação preparada. Estava sozinha de novo.

Com esforço, afastou o olhar do tabuleiro e olhou a plateia. Estava jogando ali há dias, e o tamanho daquele lugar era impressionante. Virou-se insegura de volta para o tabuleiro, para a torre no centro. Precisava fazer alguma coisa com aquela torre. Fechou os olhos. O jogo ficou imediatamente visível em sua imaginação, com a lucidez que ela possuía quando criança, na cama do orfanato. Manteve os olhos fechados e examinou a posição minuciosamente. Era mais complicada do que qualquer coisa que já tivesse visto em um livro, e não havia análise impressa para mostrar qual seria o próximo lance ou quem venceria. Não havia peões atrasados, nenhuma fraqueza, nenhuma linha nítida de ataque para nenhum dos jogadores. O material estava igualado, mas, de sua casa preta, a torre dominava o tabuleiro como um tanque de guerra diante de uma cavalaria. E o bispo de casas escuras de Beth já estava fora do tabuleiro. Seus peões não tinham como atacar aquela torre. Seriam necessários três lances para levar um cavalo para perto. Sua própria torre estava presa em seu canto original. Tinha uma peça para enfrentá-la: a dama. Mas onde poderia colocá-la com segurança?

Estava com as bochechas apoiadas nas mãos e seus olhos permaneciam fechados. A dama continuava inofensiva na primeira fileira, na casa inicial do

bispo da dama, onde estivera desde o 9º lance. Só poderia sair pela diagonal e dispunha de três casas. Todas pareciam fracas. Ignorou as fraquezas e analisou as casas separadamente, terminando com cinco cavalo do rei. Se a dama estivesse lá, ele poderia passar sua torre por baixo dela e ocupar a coluna ganhando um tempo. Seria catastrófico, a não ser que ela tivesse contrajogo: um xeque ou um ataque à dama preta. Mas não havia xeque possível, a não ser com o bispo, e isso seria um sacrifício. A dama dele simplesmente tomaria o bispo. Mas depois disso ela poderia atacar a dama com seu cavalo. E onde ele iria colocá-la? Precisaria ir para uma daquelas duas casas escuras. Beth começou a enxergar alguma coisa. Poderia empurrar a dama para um ataque duplo ao rei e à dama com o cavalo. Depois ele tomaria sua dama e ela ainda estaria com aquele bispo a menos. Mas então seu cavalo estaria pronto para outro garfo. Ela tomaria o bispo dele. Não seria sacrifício. Os dois estariam com o material igualado outra vez e seu cavalo poderia partir para ameaçar a torre.

Abriu os olhos, piscou e moveu a dama. Ele passou com a torre por baixo dela. Sem hesitar, Beth pegou seu bispo, levou-o para o xeque e esperou que a dama dele o tomasse. Ele olhou para ela e não a moveu. Por um momento Beth prendeu a respiração. *Será que tinha deixado alguma coisa passar*? Fechou os olhos de novo, apavorada, e analisou a posição. Ele poderia mover o rei em vez de tomar o bispo. Poderia interpor...

De repente Beth escutou a voz dele do outro lado da mesa, dizendo aquela palavra inacreditável:

– Empate.

Era uma afirmação, e não uma pergunta. *Ele estava lhe oferecendo empate.* Beth abriu os olhos e olhou para o rosto dele. Borgov jamais oferecia empate, mas estava lhe oferecendo. Ela poderia aceitá-lo e o torneio estaria terminado. Os dois iriam se levantar, receber os aplausos – e ela deixaria o palco empatada com o campeão do mundo. Alguma coisa se afrouxou dentro dela e Beth escutou sua própria voz silenciosa dizendo: *Aceite!*

Olhou de volta para o tabuleiro – para o tabuleiro de verdade entre os dois, e viu o final que estava para emergir quando a poeira baixasse. Borgov era mortal em finais; era famoso por isso. Ela sempre os havia odiado – tinha odiado até mesmo ler o livro de Reuben Fine sobre finais. Deveria aceitar o empate. As pessoas considerariam uma conquista e tanto.

Mas um empate não era uma vitória. E a única coisa que ela tinha certeza que amava era uma vitória. Olhou de novo para o rosto de Borgov e viu, com alguma surpresa, que ele estava cansado. Balançou a cabeça. *Não*.

Ele deu de ombros e tomou o bispo. Por um breve momento Beth sentiu-se idiota, mas afastou o pensamento e atacou a dama dele com seu cavalo, deixando sua própria *en prise*. Ele moveu sua dama para onde tinha que colocá-la e Beth levou o cavalo para o garfo. Ele moveu o rei e ela levantou a pesada dama de Borgov do tabuleiro. Ele tomou a dela em seguida. Ela atacou a torre e ele a recuou uma casa. Esse tinha sido todo o objetivo da sequência iniciada com o bispo – cortar o alcance da torre forçando-a para uma horizontal menos ameaçadora –, mas agora ela estava ali e Beth não tinha certeza do que fazer. Precisava ser cuidadosa. Estavam indo para um final de torres e peões; não havia espaço para uma imprecisão. Por um momento Beth se sentiu paralisada, sem imaginação nem propósito, com medo de errar. Fechou os olhos de novo. Restava uma hora e meia em seu relógio; tinha tempo para jogar aquele final – e para jogar direito.

Não abriu os olhos para ver o tempo que restava no relógio nem para ver Borgov do outro lado do tabuleiro ou a multidão enorme que tinha vindo a esse auditório assisti-la jogar. Deixou tudo isso fora da mente e se permitiu ver apenas o tabuleiro de sua imaginação com esse impasse complicado. Na verdade não importava quem estava jogando com as pretas nem se o tabuleiro material estava em Moscou, em Nova York ou no porão de um orfanato; essa imagem essencial era um domínio só seu.

Não ouvia sequer o tique-taque do relógio. Manteve a mente em silêncio e deixou que se movesse sobre a superfície do tabuleiro imaginado, combinando e recombinando os arranjos das peças de modo que as pretas não pudessem impedir o avanço do peão que ela escolheria. Agora via que seria seu peão do cavalo do rei, na quarta horizontal. Moveu-o mentalmente para a quinta e examinou como o rei preto avançaria para bloqueá-lo. O cavalo branco impediria o rei ameaçando um peão fundamental das pretas. Teria que preparar bem o avanço do peão para a sexta fileira. Demorou muito tempo para encontrar um jeito, mas continuou, implacável. Sua torre era a chave, com uma ameaça tática – quatro lances no total –, mas aí o peão poderia avançar mais uma casa.

Agora o peão precisaria avançar de novo. Era um esforço centímetro a centímetro, mas era o único caminho.

Por um momento, sua mente ficou entorpecida de cansaço e o tabuleiro perdeu a nitidez. Ela se ouviu suspirar e o obrigou a recuperar a clareza. Primeiro o peão precisaria ser apoiado pelo peão da torre, e para avançar o peão da torre precisava criar uma distração, sacrificando um peão do outro lado do tabuleiro. Isso daria às pretas uma dama em três lances – e as brancas pagariam com a torre para removê-la. *Só então* o peão branco, seguro por um momento, avançaria para a sétima horizontal, e quando o rei preto se esgueirasse na direção dele, o peão da torre branco avançaria para mantê-lo no lugar. E agora o lance final, o avanço até a oitava fileira para a promoção a dama.

Tinha chegado até aqui – esses doze lances a partir da posição que Borgov via no tabuleiro – seguindo pistas e palpites que tornava concretos em sua mente. Sem dúvida poderia ser feito. Mas Beth não via nenhum modo de mover o peão para aquela última casa sem que o rei preto o tomasse logo antes de ele ser promovido, como uma flor cortada imediatamente antes de brotar. O peão parecia pesado e impossível de mover. Ela não poderia avançá-lo. Chegara até aqui e não tinha como ir mais longe. Não havia esperança. Tinha feito o maior esforço mental da sua vida e fora em vão. O peão não seria coroado.

Recostou-se cansada na cadeira, com os olhos ainda fechados, e deixou a tela da mente em branco por um momento. Depois trouxe a posição de volta para uma última olhada. E dessa vez, com um susto, ela viu. Ele tinha usado o bispo para tomar a torre dela, e agora não poderia impedir o cavalo de Beth. *O cavalo obrigaria o rei a sair*. O peão branco seria promovido a dama e o xeque-mate seria em quatro lances. Mate em dezenove.

Abriu os olhos e os franziu por um momento por causa da claridade do palco antes de olhar para seu relógio. Restavam doze minutos. Seus olhos tinham ficado fechados por mais de uma hora. Se tivesse cometido algum erro não haveria tempo para uma nova estratégia. Ela estendeu a mão e moveu o peão do cavalo do rei para a quinta horizontal. Sentiu uma pontada de dor em seu ombro quando o pousou; seus músculos estavam rígidos.

Borgov avançou com seu rei para bloquear o peão. Ela avançou o cavalo, forçando-o a se proteger. Estava acontecendo como tinha visto. A tensão em seu corpo começou a diminuir e, à medida que faziam os lances seguintes, uma

agradável sensação de calma foi se espalhando por seu ser. Beth movia as peças com velocidade deliberada, apertando o relógio com firmeza depois de cada jogada, e aos poucos as reações de Borgov começaram a ficar mais lentas. Ele estava demorando mais tempo entre os lances. Beth podia ver a incerteza na mão que pegava as peças. Quando a ameaça tática da torre terminou e Beth avançou com o peão para a sexta horizontal, ela olhou para o rosto dele. A expressão de Borgov não tinha mudado, mas ele passou os dedos pelos cabelos, deixando-os bagunçados. Uma vibração atravessou o corpo de Beth.

Quando Beth avançou o peão para a sétima fileira, ouviu um grunhido fraco vindo dele, como se ela tivesse lhe dado um soco no estômago. Ele demorou um tempo enorme antes de levar o rei na direção dele para bloqueá-lo.

Ela esperou apenas um momento antes de estender a mão por cima do tabuleiro. Não olhou para Borgov.

Quando Beth pousou o cavalo, houve um silêncio completo. Depois de um momento ela ouviu um suspiro fundo do outro lado da mesa e levantou os olhos. O cabelo de Borgov estava desgrenhado e havia um sorriso triste em seu rosto. Ele disse em inglês:

– O jogo é seu.

Em seguida, empurrou a cadeira para trás, se levantou e pegou seu rei. Só que em vez de pousá-lo de lado, entregou-o a ela por cima do tabuleiro. Beth ficou olhando a peça.

– Tome – ofereceu ele.

Os aplausos começaram. Beth pegou o rei preto e se virou para o auditório, deixando todo o peso enorme daquela aclamação envolvê-la. As pessoas na plateia estavam de pé, aplaudindo cada vez mais alto. Ela recebeu as palmas com seu corpo todo, as bochechas ficando vermelhas, depois quentes, depois molhadas enquanto aquele som estrondoso varria qualquer pensamento.

E então Vasily Borgov estava ao lado dela, e um instante depois, para sua completa perplexidade, ele abriu os braços e em seguida a abraçou, apertando-a calorosamente.

• • •

Durante a festa na embaixada, um garçom se aproximou com uma bandeja de

champanhe. Ela balançou a cabeça. Todas as outras pessoas estavam bebendo e às vezes brindando a ela. Durante os cinco minutos em que o próprio embaixador estivera ali, ele lhe ofereceu champanhe e ela tomou água com gás. Comeu um pouco de pão preto com caviar e respondeu a perguntas. Havia mais de uma dezena de repórteres e vários russos. Luchenko estava lá, lindo outra vez, mas Beth ficou decepcionada por Borgov não ter ido.

Ainda estava no meio da tarde, e ela não havia almoçado. Sentia-se leve e cansada, como se não tivesse mais corpo. Nunca havia gostado de festas. E, apesar de ser a estrela desta, sentia-se deslocada. Algumas pessoas da embaixada a olhavam estranhamente, como se ela fosse uma criatura esquisita. Ficavam lhe dizendo que não tinham inteligência para jogar xadrez ou que tinham jogado na infância. Ela não aguentava mais ouvir isso. Queria fazer outra coisa. Não sabia direito o que era. Então disse ao Sr. Booth que precisava de uma carona de volta para o hotel.

– Vou pedir um carro e um chofer – disse ele.

Antes de sair, Beth encontrou Luchenko outra vez. Ele estava com os outros russos, vestido impecavelmente, parecendo à vontade. Ela estendeu a mão.

– Foi uma honra jogar com o senhor.

Ele apertou sua mão e fez uma ligeira reverência. Por um momento, Beth pensou que Luchenko iria beijar sua mão, mas ele não fez isso. Apertou-a com as duas dele.

– Tudo isso… – disse Luchenko. – Não tem nada a ver com o xadrez.

Ela sorriu.

– Verdade.

• • •

A embaixada ficava na Ulitsa Tchaikovskogo e a corrida até o hotel levava meia hora, com trechos de tráfego intenso. Beth não tinha visto quase nada de Moscou e partiria na manhã seguinte, mas não estava com vontade de olhar pelas janelas. Depois do jogo havia recebido o troféu e o dinheiro. Ela dera entrevistas e recebera os parabéns. Agora se sentia meio perdida, sem saber ao certo para onde ir ou o que fazer. Talvez pudesse dormir um pouco, jantar em silêncio e ir para a cama cedo. *Tinha derrotado todos eles.* Tinha vencido a elite russa, tinha vencido

Luchenko, Shapkin e Laev, tinha forçado Borgov a desistir. Dali a dois anos poderia jogar contra Borgov pelo Campeonato Mundial. Primeiro teria que se qualificar vencendo o Torneio de Candidatos, mas conseguiria. Um lugar neutro seria escolhido e ela enfrentaria Borgov, cara a cara, numa disputa de 24 partidas. Estaria com 21. Não queria pensar nisso agora. Fechou os olhos e adormeceu no banco de trás da limusine.

Quando abriu os olhos e olhou para fora, sonolenta, tinham parado num semáforo. Adiante, à direita, estava o parque que era visível do seu quarto. Sacudiu a cabeça para despertar e se inclinou para o chofer.

– Me deixe no parque.

A luz do sol era filtrada pelas árvores. As pessoas nos bancos pareciam as mesmas do outro dia. Não importava se soubessem quem ela era. Passou por elas, ao longo do caminho, até a clareira. Ninguém olhava para ela. Chegou ao pavilhão e subiu a escada.

Mais ou menos na metade da primeira fileira de mesas de concreto, um senhor estava sentado sozinho com as peças arrumadas. Tinha 60 e poucos anos e usava o gorro cinza e a camisa cinza usuais, com as mangas dobradas. Quando ela parou junto à mesa, ele a encarou com ar inquisitivo, mas não havia reconhecimento em seu rosto. Beth sentou-se diante das peças pretas e disse cuidadosamente, em russo:

– Gostaria de jogar xadrez?

SOBRE O AUTOR

WALTER STONE TEVIS foi um romancista e contista americano. Três de seus livros foram adaptados para filmes de sucesso: *Desafio à corrupção*, *A cor do dinheiro* e *O homem que caiu na Terra*. Suas obras foram traduzidas para mais de 18 idiomas.

Tevis faleceu em 1984, aos 56 anos.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br